AUTOR DO LIVRO "TORNAR-SE PESSOA"

CARL R. ROGERS

NOVAS FORMAS DO AMOR

O CASAMENTO E SUAS ALTERNATIVAS



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

NOVAS FORMAS DO AMOR

"EIS UM LIVRO *para as gerações mais jovens e também para as gerações mais velhas. Um livro importante para toda gente: para aqueles que estão questionando a sociedade e para os que permanecem dentro dela; para professores e estudantes de todos os níveis; para namorados, amantes, maridos e mulheres; enfim, para todos os que estão envolvidos no processo doloroso mas gratificante de crescer ao ritmo das relações íntimas com outros seres humanos.*"

HAROLD C. LYON, JR.
Diretor de Educação dos Talentosos e Superdotados, Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar dos Estados Unidos.

*

Em *Novas formas do amor* o casamento e as alternativas de vida em comum são pela primeira vez examinados do ponto de vista daqueles que estão vivendo essas experiências. Mas em momento algum CARL R. ROGERS, que expõe e comenta várias situações colhidas no cotidiano, se arvora em juiz de tais uniões. Não diz que são boas ou más. "Elas existem", escreve ele em seu estilo simples, humano e direto. "Acredito que o leitor encontre aqui relatos íntimos e significativos de relacionamentos entre um homem e uma mulher tais como são realmente vividos — com todas as suas tragédias, as suas fases de enfadonha estabilidade, os seus momentos ou períodos de êxtase, e exemplos que se multiplicam de emocionante desenvolvimento."

Rogers oferece ao leitor orientação e estímulo, sem doutrinação nem dogmatismo. Mas reconhece que desse laboratório em que se processam hoje os relacionamentos interpessoais há de surgir uma nova cultura e um mundo novo.

CARL R. ROGERS

NOVAS FORMAS DO AMOR

O CASAMENTO E SUAS ALTERNATIVAS

Tradução de
OCTAVIO MENDES CAJADO

92.334.296/0001-05
DELPHOS INSTITUTO DE PSICOLOGIA LTDA. - ME
PORTO ALEGRE - RS
22.441C 6

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
RIO DE JANEIRO
1974

Título do original norte-americano:

BECOMING PARTNERS: MARRIAGE AND ITS ALTERNATIVES

Copyright © 1972 by Carl R. Rogers

Direitos para a língua portuguesa reservados à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua Marquês de Olinda, 12
Rio de Janeiro — República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Capa
GRIT VON FRANSCKY

FICHA CATALOGRÁFICA
(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, GB)

Rogers, Carl R.

R631n Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas; tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974.
240 p. 21 cm.

Do original norte-americano: Becoming partners: marriage and its alternatives.
Bibliografia.

1. Amor. 2. Casamento. 3. Família. 4. Sexo. I. Título. II. Título: O casamento e suas alternativas.

CDD — 301.42
155.645
301.418

CDU — 392.6
159.922.1

74-0281

SUMÁRIO

92234296/0001-05
DIREITOS INSTITUTO DE PSICOLOGIA LTDA - ME
PORTO ALEGRE - RS

INTRODUÇÃO / POR QUE ESTOU ESCREVENDO ESTE LIVRO? 9

1 / DEVEMOS CASAR? 15

Por que Joan se casou, 19. A perda de si mesmo e o seu efeito sobre o casamento, 21. A salvação de um casamento, 26. O meu casamento, 28. Algumas observações finais, 36.

2 / UM CASAL "CASADO-SOLTEIRO" 38

A ligação anterior, 38. Vivendo juntos, 40. As mudanças acarretadas pelo casamento, 43. "Uma diferença no *modus operandi*", 46. Alguns problemas no relacionamento, 47. As pressões da sociedade, 49. Uma discussão, 50. O relacionamento sexual, 53. Um breve olhar para o futuro, 56.

3 / UM CASAMENTO "MODERNO" 58

O relacionamento, 59. Reações à libertação sexual, 62. O relacionamento sexual, 64. Um "momento difícil", 67. Algumas metas e alguns pensamentos profundos, 68. A qualidade mudável do relacionamento, 70. Dificuldades nas relações sexuais, 71. O sexo com outro, 72. Duas concepções do casamento, 73. Um adendo final de última hora, 74.

4 / O CASAMENTO OUTRORA 76

5 / TRÊS CASAMENTOS E UMA PESSOA QUE ESTÁ CRESCENDO 83

Os significados que encontro, 100.

6 / PRETO E BRANCO 104

As suas relações com a mãe, 105. Os antecedentes e a vizinhança, 106. Escola, 108. O primeiro casamento, 108. O esgotamento e o rompimento, 111. O período entre os casamentos, 114. O casamento com Becky, 116. As dificuldades num casamento inter-racial, 118. Os parentes, 122. As relações na família, 122.

7 / AS COMUNAS COMO EXPERIÊNCIAS DE RELAÇÕES HUMANAS E SEXUAIS 126
As relações humanas como foco, 126. Algumas observações gerais sobre as comunas, 127. Nove exemplos rápidos, 129. Problemas pessoais, 132. Relacionamentos que envolvem parceiros sexuais, 137. Ciúme dos "casos" dos parceiros, 137. O sofrimento causado pela mudança de parceiros, 138. A possibilidade de uma orgia, 139. Amor entre mulheres e ciúme, 139. Ciúme da intimidade, 140. Maneiras de lidar com tais problemas, 141. A mulher libertada, 141. Minhas reações, 142. Outro exemplo de relações experimentais, 144. Uma trinca em formação, 147. Alguns elementos significativos, 149. Que significa a comuna para as crianças?, 151. A "família Manson", 153. Algumas coisas que aprendi, 154. Por que ingressar numa comuna, 156. Uma transição, 159.

8 / QUINZE ANOS DE UM CASAMENTO QUE MUDOU RADICALMENTE 160
A mudança pioneira, 161. Três fases do casamento, 164. O esgotamento de Denise e a sua falta de personalidade, 166. O casamento salvo por suas crises, 168. O elo profundo — pontos de vista diferentes, 169. Como foi que você adquiriu personalidade, 171. O episódio de Margaret, 173. "Eu posso decidir ficar doente", 176. Eric e a "doença" de Denise, 177. As conseqüências, 178. Amantes fora do casamento, 179. O sexo é apenas brincadeira — ou não é?, 180. O ciúme de Eric, 181. O sofrimento e possessividade de Denise, 183. O paradoxo, 185. Que é possessividade?, 186. O lugar das drogas, 186. A mocidade e "depois dos trinta", 188. O casamento como processo, 189. A conclusão de Eric, 190. Comentários e lições, 191.

9 / INDÍCIOS DE PERMANÊNCIA, DE ENRIQUECIMENTO 198
Dedicação? Compromisso?, 198. Comunicação, 201. A dissolução dos papéis, 204. Tornando-se uma personalidade separada, 205. Só quatro?, 208.

10 / E ENTÃO? QUE FAZEMOS? 209
Liberdade para fazer experiências no terreno das uniões, 211. A educação para a interação humana, para a comunicação humana, 212. A educação para a união, 214. Casais e famílias como recurso, 215. Uma observação final, 217.

PARA CONTINUAR / UMA BIBLIOGRAFIA ANOTADA PARA FUTURAS PESQUISAS 219

NOVAS FORMAS DO AMOR

O CASAMENTO E SUAS ALTERNATIVAS

PARA HELEN

Uma pessoa por direito próprio
— generosa, amante, forte —
minha companheira
em nossos caminhos separados
mas entrelaçados de crescimento;
enriquecedora de minha vida;
a mulher que amo;
e — felizmente para mim —
minha esposa.

INTRODUÇÃO

POR QUE ESTOU ESCREVENDO ESTE LIVRO?

Eis aí UMA PERGUNTA que fiz muitas vezes a mim mesmo enquanto trabalhava nesses capítulos. Curiosamente, a resposta inesperada me acode de repente ao espírito:

— Porque gosto de gente moça.

Faz muitos anos que isso é verdade, e é mais do que verdade neste momento. Muita coisa do que aprendi a respeito do mundo moderno vem do meu hábito de prestar atenção aos jovens — jovens colegas, amigos e netos — e de estar disposto a aprofundar-me com eles nos elementos da vida que os emocionam, encolerizam e deixam perplexos. Considero um privilégio o fato de ser a maioria das minhas associações e amizades estabelecida com indivíduos que têm trinta e até cinqüenta anos menos do que eu. Alguns desses jovens que conheço representam para mim toda a esperança que existe para este "planeta branco azulado" em seu trajeto por um universo espacial *muito* escuro.

Por intermédio dos meus contatos com os jovens fiquei conhecendo muito bem as incertezas, os temores, a bela e sincera desenvoltura, as alegrias e frustrações que lhes assinalam as tentativas para construir entre o homem e a mulher um tipo de associação que encerre um elemento qualquer de permanência — não necessariamente uma permanência que dure a vida inteira mas, de qualquer maneira, algo muito mais significativo do que uma união transitória.

Daí que principiasse a germinar em minha mente a idéia de que eu talvez tivesse alguma coisa para oferecer-lhes na sua luta pioneira por construir novas espécies de casamentos e alternativas para o casamento. Não se trataria, evidentemente, de um estúpido livro de conselhos, mas talvez de algo *novo*.

Começou, então, a tomar forma um vago conceito do que poderia ser esse algo novo. Sei que podemos descobrir tudo o que quisermos saber sobre as *exterioridades* do casamento e das uniões em geral. Descobrir as diferenças que existem entre as necessidades e o ajustamento sexuais do homem e da mulher. Ler livros sobre a maneira de aprimorar o ato sexual. Estudar a história do casamento. Determinar a percentagem de jovens alunos de escolas superiores que vivem maritalmente sem casamento. Compulsar listas, tiradas de questionários, das principais causas de satisfação e insatisfação de pessoas casadas — e assim por diante. Vivemos mergulhados em dados. Raras vezes, porém, topamos com um retrato verdadeiro do que seja uma união, tal como é percebida, vivida e experimentada pelos que dela participam. Talvez fosse esse o novo elemento que eu poderia acrescentar.

Comecei a pensar na riqueza de experiências existentes em alguns casamentos e outras ligações que conheço. Seria eu capaz de extrair essa riqueza? Estariam os casais ou os indivíduos dispostos a revelar-se? De todas as uniões a cujo respeito sei alguma coisa, qual delas proporcionaria o maior número de ensinamentos? Seria possível apresentar um quadro vivo das lutas, dos momentos de "compreensão mútua", das horas de sofrimento e dos meses de perplexidade, ciúme, desespero, que concorrem para formar uma união — quer "funcione", quer se dissolva?

Principiei, assim, a entrevistar alguns casais, gravando em fita os nossos contatos. Pedi a outros que me escrevessem a respeito das experiências íntimas da sua vida em comum. E confesso que a resposta me surpreendeu. Nunca recebi um não, puro e simples. Em lugar disso, tanto os indivíduos quanto os casais me deram uma imagem íntima do casamento (ou das suas alternativas) tal como é percebido pelos seus participantes. Estas percepções e bosquejos representam para mim — e para este livro — os dados que conduzem ao conhecimento. O espetáculo das vicissitudes dessas uniões, visto pelo prisma da pessoa que está vivendo a experiência, alcança o que são, para mim, diversos objetivos importantes. O material não se impõe à atenção do leitor, dizendo: "É assim que você precisa ser"; nem se parece com um grito de alarma, como quem diz: "Não vá por esse caminho!"; tampouco estabelece conclusões claras, irretorquíveis; é muito simplesmente uma pessoa ou um casal que diz ao leitor:

— Eis como é e como foi para *mim* ou para *nós*... talvez você possa aprender em tudo isso alguma coisa que o ajudará a fazer as suas mudáveis e arriscadas opções.

Para mim, uma visão assim, "de dentro", altamente pessoal, não é apenas a melhor fonte de aprendizagem; talvez mostre também o caminho para uma ciência nova e mais humana do homem. Não seguiremos, porém, nessa direção, que nos afastaria muito da finalidade deste livro.

Das entrevistas e do material pessoal escrito de que disponho procurei selecionar um espectro razoavelmente amplo de pessoas e situações que, no meu entender, podem ser de maior interesse e utilidade. Organizei cuidadosamente o material a fim de disfarçar nomes, lugares e outros elementos de identificação. Mas não alterei de maneira alguma o conteúdo psicológico pessoal. Entretanto, como precisei fazer um decidido trabalho de seleção de tudo o que compõe este livro, gostaria de expor os critérios pelos quais me orientei.

Primeiro. Expressar-se-iam os indivíduos (isolada ou conjuntamente) com absoluta liberdade, espontaneidade e sinceridade a respeito das uniões em que têm vivido? Fosse falando, fosse escrevendo acerca do casamento, da vida em comum, das experiências sexuais extraconjugais, diriam eles exatamente como é (ou como foi)? Pareceu-me que o retrato "objetivo", que se limitasse aos fatos externos de uma ligação não teria nenhuma finalidade útil, por mais exata que fosse, ao passo que um vislumbre de intimidade profunda poderia trazer à tona problemas que o próprio leitor está enfrentando em seu foro íntimo. E é o leitor quem terá de ajuizar se obedeci ou não satisfatoriamente a esse critério.

Segundo. Tentei escolher pessoas cuja experiência fosse suficientemente demorada para proporcionar alguma perspectiva sobre a união ou a sua desintegração. Não se encontrará aqui nenhum relato, feito por um casal, da sua lua-de-mel, como também não se encontrarão descrições das agonias de um divórcio. Procurei escolher pessoas que tivessem passado por todos os altos e baixos e percorrido todos os desvios, penosos ou emocionantes, de uma ligação, e que fossem capazes de ver e relembrar claramente essas ocorrências, mas cuja capacidade de percepção não houvesse sido falseada por um momento de êxtase ou de trauma. Disso resulta que inúmeras uniões aqui descritas duraram de três a quinze anos, e a maioria das pessoas têm idades que vão dos vinte aos trinta e seis anos. A principal exceção nesse sentido é representada pela minha tentativa de descrever meu próprio casamento: tanto eu quanto minha mulher já passamos dos setenta.

Terceiro. Fiz questão de incluir ligações que encerrassem ampla série de experiências positivas ou negativas, ou ambas. À medida que as pessoas se apresentam neste livro, podemos ver que, avalia-

das pelos padrões da sociedade, vão do "sucesso" ao "fracasso", com muitos casos que a nossa cultura encontraria dificuldade para classificar. No meu entender, eles abrangem elementos altamente satisfatórios e outros tragicamente insatisfatórios, entremeados de alguns de caráter misto.

Quarto. Eu queria escrever este livro baseado no meu contato direto com essas pessoas de modo que, fossem quais fossem os ensinamentos mais profundos que me tivessem proporcionado, esses contatos pudessem ser intercalados entre as experiências delas como fios distintos e separados. A única exceção a isto é representada pelo capítulo sobre as experiências comunais, em que precisei depender muito dos outros para a obtenção de dados pessoais de primeira mão.

Expus os meus critérios como se fossem claros. Na realidade, porém, eles se desenvolveram aos poucos, à proporção que o livro se formou tomando uma espécie de rumo próprio, natural e irregular, que busquei seguir. Talvez este enunciado, aparentemente claro, do que escolhi devesse ser contrabalançado por alguns enunciados do que o livro *não* é, de rumos que ele não seguiu naturalmente.

Não é um estudo de enlaces nem de casamentos em todas as culturas. Refere-se à busca de ligações, feita por homens e mulheres, nos Estados Unidos durante a década de 1970. Não faz a menor tentativa de lidar com os padrões europeus ou orientais, se bem eu acredite que estamos todos caminhando para estilos semelhantes.

Não abrange uniformemente todas as classes ou linhas e níveis culturais deste país. Em razão das espécies de contatos que tenho, não incluí narrativa alguma de um casamento rico nem de alguma união de nível rigorosamente pobre. Algumas dessas pessoas têm vindo de níveis econômicos inferiores e um preto viveu num gueto, mas a maioria dos indivíduos não pode ser classificada como economicamente desamparada. Isto, para mim, não é muito ruim, pois acredito que a maioria dos leitores pertence, de certo modo, ao mesmo grupo.

Não se trata, como já frisei, de um livro de conselhos nem de uma coleção de estatísticas — embora se encontrem uns poucos algarismos no primeiro capítulo — nem de uma análise profunda de tendências sociológicas.

Na realidade, o livro é uma série de fatias, quadros, percepções — de relacionamentos, derrocadas, reestruturações — numa ampla variedade de ligações. Estes mergulhos no íntimo de cada um não são apresentados de maneira apreciativa. São "boas" ou "más" tais

mitos ou pertencem a alguma outra categoria de valor? Não sei. Elas *existem*. Acredito que o leitor encontre aqui relatos íntimos e significativos de relacionamentos entre um homem e uma mulher tais como são realmente vividos — com todas as suas tragédias, as suas fases de enfadonha estabilidade, os seus momentos ou períodos de êxtase, e exemplos que se multiplicam de emocionante desenvolvimento.

Sinto-me profundamente grato aos casais e indivíduos, necessariamente anônimos, cujas comunicações registradas constituem parte tão grande deste livro. Confesso-me agradecido às revelações que me fizeram sobre suas vidas e, sobretudo, à sua permissão para transmiti-las ao leitor.

Ainda uma palavra sobre a minha relação com este trabalho. Fui terapeuta durante quarenta anos, orientei muitos *encounter groups* e tive oportunidades insolitamente ricas de fazer amizade com jovens casais. Não obstante, quando me pus a escrever este livro, descobri que não poderia, de maneira alguma, tirar o que quer que fosse das experiências passadas. Só conseguia recordar e registrar o que era recente e imediato para mim. De outro modo, eu teria a impressão de estar escrevendo um livro de "casos". Daí que, embora nos comentários eu me valha indubitavelmente de experiências passadas e presentes, o material essencial que se segue é novo e, com poucas exceções, foi todo coligido nos últimos doze meses.

Se, de um modo ou de outro, ele assistir o leitor nesse arriscado processo a que chamamos viver, e nos riscos especiais de uma união com outra pessoa, este livro terá atingido plenamente os seus objetivos.

1

DEVEMOS CASAR?

AO TENTAR ENCONTRAR meu caminho no estudo deste problema, problema difícil para quase todos os jovens e para muitas pessoas de mais idade, eu gostaria de começar onde o livro começou. Desafiaram-me, há algum tempo, a tentar descrever as relações humanas tais como poderiam existir no ano 2000. O que então escrevi sobre as relações entre o homem e a mulher talvez nos forneça um pano de fundo diante do qual podemos colocar alguns exemplos muito mais atuais de casamentos que se dissolveram, ou que duraram, ou que foram restaurados. Assim, para começar, aqui estão as tendências que me parecem mais prováveis do casamento e das suas várias alternativas.

Que nos reservam as próximas décadas no terreno da intimidade entre o rapaz e a moça, entre o homem e a mulher? Aqui também estão em ação forças enormes e se fazem opções que, a meu ver, não serão muito modificadas por volta do ano 2000.

Em primeiro lugar, é provável que continue a tendência para uma liberdade maior nas relações sexuais, em adolescentes e adultos, quer isso nos assuste ou não. Muitos elementos conspiraram para provocar uma alteração nesse comportamento, e o advento da "Pílula" é apenas um deles. Parece provável que a intimidade sexual fará parte do "namoro sério" ou de qualquer interesse continuado e especial por um membro do sexo oposto. A atitude libertina está desaparecendo depressa e a atividade sexual está sendo encarada como parte integrante de uma ligação, capaz de oferecer prazer e progresso. A atitude de posse — a posse de outra pessoa — que historicamente tem dominado o convívio sexual — propende a diminuir consideravelmente. É evidente que haverá variações enormes na qualidade

das relações sexuais — desde aquelas em que o sexo é um mero contato físico, que tem praticamente a mesma natureza solitária da masturbação, até aquelas em que o aspecto sexual é a expressão de uma partilha cada vez maior de sentimentos, experiências e do próprio parceiro-sexual.

Por volta do ano 2000 será perfeitamente possível assegurar a inexistência de filhos numa união. Mediante qualquer um dos vários meios que hoje estão sendo estudados, todos os indivíduos terão assegurada a sua permanente esterilidade durante a adolescência. Será necessária uma ação positiva, só permissível depois de uma decisão amadurecida, para restabelecer a fecundidade. Isso inverterá a situação atual, em que só uma ação positiva impede a concepção. Nessa época, além disso, o acasalamento, feito com o auxílio de computadores, dos cônjuges em perspectiva será muito mais perfeito do que hoje e utilíssimo para um indivíduo encontrar o companheiro congenial do sexo oposto.

Algumas uniões temporárias assim formadas poderão ser legalizadas por um tipo de casamento, sem nenhum compromisso permanente, sem filhos (por acordo mútuo) e — se a união se romper — sem acusações legais, sem necessidade de processos judiciais, sem pensões alimentícias.

Está se tornando cada vez mais claro que a relação entre o homem e a mulher só terá permanência *na medida em que satisfizer às necessidades emocionais, psicológicas, intelectuais e físicas dos Parceiros. Isso quer dizer que o casamento* permanente *do futuro será até melhor do que o casamento presente, pois os seus ideais e as suas metas serão de ordem mais elevada. Os consortes exigirão mais da sua união do que exigem hoje.*

*Se um casal se sentir profundamente ligado e quiser continuar junto para ter filhos, o seu consórcio será de um tipo novo e mais solidário. Cada cônjuge aceitará as obrigações que supõem a geração e a criação de filhos. Poderá haver um assentimento mútuo quanto à necessidade ou não de fidelidade sexual no casamento. É possível que, por volta do ano 2000, tenhamos alcançado o ponto em que, através da educação e da pressão sexual, um casal só decida ter filhos quando tiver dado provas de uma afeição profunda e madura, que propenda a subsistir.**

---

* Foi submetido ao Legislativo de Massachusetts um projeto de lei que sugere a permissão formal de nascimentos e pagamentos "substanciais" a mulheres que não têm filhos durante o período reprodutivo normal, entre os 15 e os 44 anos. Sinal dos tempos?

O que estou descrevendo é todo um contínuo de relações entre o homem e a mulher, desde o encontro mais fortuito e as mais fortuitas relações sexuais, até uma união rica e satisfatória, em que a comunicação é franca e real, em que cada qual se empenha em promover o desenvolvimento pessoal do outro, e em que existe um enraizado apego mútuo, base sólida para a geração e a educação de filhos num ambiente de amor. Algumas partes desse contínuo existirão dentro de uma estrutura legal; outras, não.

*Podemos dizer, sem faltar à verdade, que grande parte desse contínuo já existe. Mas no dia em que a sociedade tiver plena consciência dele e o aceitar abertamente, toda a sua natureza se modificará. Suponhamos que se admita francamente que alguns "matrimônios" não passam de uniões mal-sorteadas e transitórias, que se romperão. Se não se permitirem filhos nesses casamentos, a proporção de um divórcio para dois casamentos (índice atual na Califórnia) já não será vista como uma tragédia. A dissolução da união, embora penosa, não será uma catástrofe social, e a experiência talvez seja um passo necessário ao desenvolvimento pessoal dos dois indivíduos em sua marcha para a plena maturidade.**

Algumas pessoas terão a impressão de que o exposto é demasiado casual em sua presunção de que o casamento convencional, tal como o conhecemos neste país, está em vias de desaparecer ou será consideravelmente modificado. Examinemos, porém, alguns fatos. Na Califórnia, em 1970, houve 173.000 enlaces e aproximadamente 114.000 "dissoluções de casamento". Em outras palavras, para cada cem casais que se uniam 66 se separavam permanentemente. Cumpre reconhecer que esta imagem é falseada, pois uma nova lei, que entrou em vigor em 1970, permitia aos casais "dissolverem" os seus casamentos sem tentar incriminar a "parte culpada", simplesmente na base de um acordo. A dissolução torna-se definitiva depois de seis meses, e não mais de um ano, como antigamente. Por isso mesmo, vejamos 1969. Naquele ano, para cada 100 casais que se desposavam, 49 se divorciavam. Haveria, sem dúvida, um número maior de divórcios se muita gente não tivesse esperado que a nova lei entrasse em vigor. No Condado de Los An-

---

* Rogers, C. R. "Interpersonal Relationships: USA 2000". Sobre esta e qualquer outra referência neste livro, assim como notas sobre outros que são importantes, veja "Para continuar", bibliografia anotada no fim do livro para os que desejam estudar melhor qualquer aspecto do assunto.

geles (essencialmente a cidade de Los Angeles), em 1969, os divórcios perfizeram 61% dos casamentos. Três casais estavam providenciando a dissolução dos seus vínculos ao mesmo tempo que quatro contraíam matrimônio! E, em 1971, no Condado de Los Angeles, foram expedidas 61.560 licenças de casamento e iniciados 48.221 processos de divórcio, a saber, 79% do número dos que estavam casando. Não se trata de *ações definitivas,* visto que os resultados finais só serão conhecidos dentro de algum tempo, mas trata-se de medidas que indicam *intenção.* Dessa maneira, em 1971, para cada cinco casais que pretendiam consorciar-se, quatro pretendiam separar-se! No espaço de três anos, o índice de casamentos desfeitos numa das maiores cidades do país subiu de *61% para 74% e para 79%.* Tenho a impressão de que esses casais e esses números estão tentando dizer-nos alguma coisa!

Dirão alguns leitores: "Sim, mas é a *Califórnia!*" Pois eu escolhi de propósito esse Estado porque, em matéria de comportamentos sociais e culturais, o que os californianos estão fazendo hoje o resto da nação — como tem sido demonstrado de inúmeras maneiras — fará amanhã. E escolhi o Condado de Los Angeles porque o comportamento atual de um centro urbano tende a converter-se em norma para o país no dia de amanhã. Nessas condições, podemos dizer, sem carregar nas tintas, que mais de um em cada dois casamentos na Califórnia acaba em separação. E nas áreas urbanas — mais instruídas e mais afinadas com tudo o que é moderno — a relação é de três para quatro e até de quatro para cinco.

Em meus contatos com os jovens compreendi, sem sombra de dúvida, que o jovem contemporâneo propende a desconfiar do casamento como instituição. Já lhe notou tantos senões! Viu-o falhar tantas vezes em seu próprio lar! Em compensação, o relacionamento entre um homem e uma mulher só é significativo, só merece ser preservado, quando é uma experiência que realça e desenvolve a experiência de ambos. São pouquíssimas as razões por que o casamento contribui para o bem-estar econômico, como acontecia nos primitivos tempos coloniais deste país, quando marido e mulher constituíam um grupo de trabalho muito necessário. Ao jovem de hoje não impressiona o fato de que o casamento, do ponto de vista religioso, deve durar "até que a morte nos separe". Ele tende antes a considerar os votos de completa permanência no matrimônio como manifestamente hipócritas. Da observação do comportamento de alguns casais se depreende obviamente que, se fossem sinceras, as pessoas envolvidas jurariam viver juntas "na doença e na saúde" enquanto o

casamento fosse uma experiência enriquecedora e satisfatória para os cônjuges.

Muita gente há que "encara alarmada" o estado atual do casamento considerando-o uma prova de que a nossa cultura perdeu os padrões morais, de que estamos num período de decadência e de que, mais dia menos dia, seremos castigados por um Deus irado por havermos criado este poço de imoralidade em que chafurdamos. Se bem eu concorde em que há muitos sinais de que a nossa cultura está realmente passando por uma crise e de que ela talvez se esteja desfazendo nas costuras, inclino-me a ver as coisas por um prisma diferente. Estes são tempos aflitivos para muitos, inclusive para inúmeros casais. E isso talvez se deva ao fato de estarmos vivendo sob a maldição contida no antigo dito chinês: "Eu te *maldigo;* possas tu viver numa era importante."

Tenho para mim que estamos vivendo numa era importante e incerta, e a instituição do casamento se encontra, sem dúvida, numa situação incerta. Se 50% ou 75% de todos os carros da Ford ou da General Motors se quebrassem na primeira parte da sua vida útil de automóveis, tomar-se-iam medidas drásticas. Falta-nos, porém, um método tão bem organizado para lidar com as nossas instituições sociais, de modo que as pessoas têm de conformar-se em tatear, mais ou menos às cegas, na busca de alternativas para o casamento (que é, sem dúvida, bem sucedido em *menos* de 50% dos casos). A vida em comum sem casamento, a vida em comunas, os centros extensos de puericultura, a monogamia em série (com um divorcio depois do outro), o movimento de liberação feminina para fazer da mulher uma pessoa por direito próprio, as novas leis sobre o divórcio, que suprimem o conceito de culpa — tudo isso são tateios na procura de um novo relacionamento entre o homem e a mulher no futuro. Seria necessário um homem mais arrojado do que eu para predizer o que sairá de tudo isso.

Em compensação, quero que este capítulo apresente certo número de vinhetas de casamentos verdadeiros, cada um dos quais assume uma forma diferente, cada um dos quais suscita questões profundas — de moral, praticidade, desejabilidade pessoal. Fio-me de que, embora não se forneçam respostas, se encontrarão muitos elementos para reflexões e tomadas pessoais de decisão.

POR QUE JOAN SE CASOU

Ouçam o que diz Joan, uma moça divorciada, ao partilhar com um *encounter group* de alguns antecedentes do seu casamento. O

seu relato tem muitas coisas significativas para mim, e mais adiante falarei de algumas. Ouçam-na:

Acho que me casei por todos os motivos errados. Na ocasião não me resta outra alternativa. "Todas as minhas amigas estão casando, o que é que eu vou fazer? Estou no último ano da faculdade, sou velha pra burro. É melhor começar a pensar em casamento. Não sei que outra coisa posso fazer. Talvez lecionar, mas isso não basta."

Casei com um homem muito popular, sendo eu uma criatura muito insegura, muito insegura mesmo; e pensei: "Bem, tenho saído com ele e todo o mundo o aprecia, por isso, se nos casarmos, todo o mundo me apreciará!" E embora o homem com quem casei não me parecesse realmente sincero, eu me sentia segura. Por isso, e por não saber o que fazer quando me formasse... acabei casando com ele.

Um pouco mais adiante ela revela, com maiores detalhes, o tipo de reflexões que lhe precederam o casamento.

A razão por que fiquei noiva foi porque uma das minhas melhores amigas tinha ficado noiva, ganhara um anel muito bonito e estava fazendo uma porção de planos de casamento. Minhas amigas viviam dizendo: "Ora, essa, Joan, por que você e Max não casam? Faz três anos que vêm saindo juntos. Não o deixe escapar! Se deixar fugir um homem como ele, será muito estúpida!" Minha mãe dizia: "Oh, Joan, onde é que você vai achar outra pessoa como Max? Ele é tão formidável, tão responsável, tão amadurecido, tão seguro!" E eu pensei: "Preciso casar com ele, porque minhas amigas íntimas, minha companheira de quarto, minha mãe, todo o mundo diz isso". E embora algumas dúvidas se agitassem dentro de mim, pensei: "Pois bem, você é tão insegura e tão estúpida que nem sabe o que está sentindo". E concluí: "Elas sabem o que é melhor para você e, como você não sabe, o certo mesmo é seguir o conselho delas."

Tive coragem suficiente para contar a Max o que eu estava fazendo e disse-lhe que me sentia meio assustada com o casamento. E ajuntei: "Não sei se é isso mesmo o que devo fazer". E ele respondeu: "Não se preocupe. Você aprenderá a amar-me." Aprendi a amá-lo, mas como se fosse um irmão, e os meus sentimentos não foram além disso.

Quando desembrulhei os presentes de casamento e toda a novidade se dissipou, e se acabou a novidade de ter um bebê, comecei realmente a pensar: "Oh sua estúpida idiota, você deveria ter ouvido os seus sentimentos". Porque eu, de fato, dissera essas coisas a mim mesma, mas não dera atenção a elas pois me achava tonta demais para saber o que me convinha. Mas, no fim das contas, era eu quem tinha razão.

Existem vários elementos que, na minha opinião, se destacam na experiência de Joan. Primeiro que tudo, ela mostra o quanto estamos sujeitos, todos nós, a ceder a pressões sociais. Uma aluna do último ano da faculdade deve estar planejando casar-se, e socialmente não lhe resta outra alternativa.

Os perigos dos conselhos avultam clarissimamente. Movidas pelo amor, pelo carinho e pelo zelo, sua mãe e as suas melhores amigas sabem o que mais lhe convém. Como é fácil dirigir a vida dos outros e como é difícil viver a própria vida!

O medo de enfrentar os próprios problemas. Joan sabia-se insegura. Sabia que tinha medo do futuro. Compreendia que não poderia influir nos próprios sentimentos. Mas, em lugar de encarar de frente e com firmeza esses problemas interiores, fez o que faz tanta gente: iludiu-se, acreditando poder encontrar a solução fora de si mesma — em outra pessoa.

Finalmente, o que me impressiona é que Joan, como acontece com muitas pessoas, não confia nos próprios sentimentos, nas próprias reações mais íntimas. Tem uma vaga noção das dúvidas que alimenta a respeito do seu relacionamento com o futuro marido, da ausência de um sentimento profundo, do seu genuíno despreparo para assumir um compromisso com esse homem. Mas isso são apenas sentimentos. *Apenas sentimentos!* E só depois de casada, só depois de ser mãe, é que ela compreende que as suas reações íntimas eram dignas de confiança. Bastaria que tivesse confiado nelas o suficiente para ouvi-las!

A PERDA DE SI MESMO E O SEU EFEITO SOBRE O CASAMENTO

Em seguida eu gostaria de apresentar o retrato de um bom casamento que se desintegrou. Creio que podemos ver em pleno funcionamento alguns elementos que lhe provocaram o malogro. Por isso aqui está a história de Jay, jovem e futuroso professor de jorna-

lismo, e Jennifer, estudante de sociologia, que se interessava por problemas internacionais e pela arte. Faz muitos anos que os conheço e os pais deles são meus amigos. Orçavam ambos pelos vinte anos quando se conheceram, e as suas relações iniciais se desenvolveram em torno do interesse mútuo que descobriram pelas questões mundiais. Acabam de entrar na casa dos quarenta. Vinham ambos de boas famílias, se bem o pai de Jay, pessoa muito culta, houvesse sido, praticamente, um autodidata. Pertenciam a fés religiosas diferentes, posto que nenhum deles desse grande valor à ortodoxia, e as suas crenças poderiam ser melhor descritas como humanísticas. Estavam casados, e o seu casamento parecia realmente felicíssimo. No correr de vários anos tiveram um menino e uma menina. Foi esse o primeiro ponto em que surgiu a possibilidade de uma rachadura. Jay procedia de um ambiente familial e cultural em que se adorava a criança. Na sua opinião, nada era suficientemente bom para os filhos e todos os caprichos das crianças deviam ser satisfeitos. Jennifer acompanhou-o nisso até certo ponto, mas aquele não era o *seu* método, e ela divergia francamente do marido nesse sentido. Jay parecia um pai admirável. À diferença de muitos homens, não havia nada que mais lhe agradasse do que passar um dia com os filhos, e ele possuía a capacidade de tornar-se também, nessas ocasiões, muito parecido com uma criança.

À proporção que Jay foi progredindo em sua profissão, era convidado a passar períodos de tempo no estrangeiro — em países europeus, latino-americanos e asiáticos. Em todas as viagens mais extensas a família o acompanhava. Conheceram pessoas interessantes, estudaram novas culturas, e Jay e Jennifer chegaram a trabalhar juntos em alguns projetos estrangeiros. Tudo indicava que se tratasse de um casamento idílico e de uma família muito unida. Havia, contudo, falhas sutis na personalidade e no comportamento de cada um deles — deficiências que pareciam alimentar-se das deficiências do outro, até que, pouco a pouco, como elas não foram abertamente enfrentadas nem mutuamente discutidas, tornaram intolerável o idílico casamento. Permitam-me fazer um relato muito condensado dessa sutil espiral descendente.

Antes do casamento, Jennifer havia sido extremamente independente, criativa e inovadora, sempre começando coisas e levando avante projetos que outros não tinham a coragem de fazer. Em seu casamento, porém, ela preferiu apoiar o marido, fazer o que ele queria que se fizesse, do jeito que ele queria. Na sua opinião, assim devia proceder uma esposa. Ela até me contou que escreveu a ele, antes

de casarem, confessando-lhe que não se sentia muito segura de si mesma e que desejava viver a sua vida através da vida dele.

Ora, Jay é uma pessoa encantadora, altamente carismática; intelectual brilhante, extraordinário conversador, não admira que os amigos convidados à casa do casal fossem os seus. Ele era o foco central da noite, ao passo que Jennifer se saía esplendidamente arrumando a comida, as bebidas, o cenário estético da recepção. Por mais que tentasse, não conseguia entrar na conversação nem introduzir nela um tópico seu. Num plano qualquer, o seu ressentimento contra essa situação começou a avolumar-se, conquanto só viesse realmente a furo doze ou catorze anos depois do casamento. Até esse momento, efetivamente, ela não se dera conta das suas mágoas. Isso talvez se devesse à vida que levara com a própria família, onde quase nunca se expressavam os sentimentos negativos.

De qualquer maneira, sem ter consciência do que estava acontecendo, interiorizou o ressentimento. Como poderia ser tão incompetente, tão incapaz, tão pouco compreensiva que não conseguia apreciar o marido como os outros o apreciavam? Renunciou, pura e simplesmente, ao próprio eu a fim de ser a esposa que Jay queria que ela fosse e de que ele precisava. A essa altura, vem-nos à mente a frase de Sören Kierkegaard (tradução de 1941): "O maior perigo, a perda do próprio eu, pode passar despercebido, como se nada fosse; qualquer outra perda, a de um braço, de uma perna, de cinco dólares, etc., é infalivelmente notada". Conquanto tivesse sido escrita há mais de um século, essa sentença era incrivelmente exata em relação a Jennifer, e ela levou anos para descobrir o que perdera.

Outra faceta importante das relações entre ambos era a dependência de Jay para com ela, evidente em muitos sentidos, mas sobretudo na tomada de decisões importantes. Se bem fosse exteriormente um profissional competentíssimo, ele parecia encontrar grande dificuldade para chegar a decisões e, muitas vezes, conseguia arrancar de Jennifer uma declaração sobre o tipo de decisão que, na opinião *dela,* ele devia tomar. Jay, então, tomava a decisão sugerida pela mulher. Mas se as coisas não corressem bem, ela era indefectivelmente responsabilizada pelo insucesso, e ele sempre encontrava meios sutis de insinuá-lo.

A dependência do marido e a sua incapacidade de ser um pai forte e decidido concorreram para avolumar a cólera reprimida dentro dela, até que Jennifer descobriu, horrorizada, que detestava ouvir o barulho do carro dele ao chegar depois do trabalho. "Aí vem o meu terceiro filho", pensava, e um sentimento de profundo desalento a envolvia, como uma nuvem.

O vezo inconsciente de interiorizar todos os sentimentos negativos tocantes às suas relações com o marido tornou-a mais e mais deprimida, até que idéias de suicídio entraram a salteá-la com freqüência cada vez maior. Um dia, ao dar acordo de si, estava tomando as providências que a conduziriam à própria morte, persuadida de ser inútil, de que nem Jay nem seus pais lhe sentiriam a falta, de que ninguém ligava para ela, e de que, portanto, o melhor era dar cabo de tudo. Nesse momento, *alguma coisa* dentro dela se rebelou. Estava, pelo menos, começando a surgir a idéia de que tinha *direito* à *vida.* Sentou-se imediatamente e escreveu a um psiquiatra, que conhecia e no qual confiava, pedindo uma consulta urgente, que lhe foi concedida. Iniciou o tratamento e continuou-o durante muito tempo.

Este foi, positivamente, o momento decisivo para ela, mas não para o casamento. À medida que ela se tornou mais franca em suas relações, parte da sua cólera e do seu ressentimento, por tanto tempo refreados, caiu sobre Jay, muitas vezes para seu total assombro. Ele dera à mulher tudo o que ela quisera. Fora um pai amante do lar, da esposa e dos filhos. Quem era aquela mulher irada, que ele não conhecia, que lhe censurava a dependência, que afirmava não ser ele, sexualmente, homem bastante para ela, que se irritava com a emoção por ele criada nas conversações sociais? Os pais dela sentiram o mesmo assombro, pois ela empilhou sobre eles os ressentimentos acumulados durante tanto tempo e que quase nunca diziam respeito às suas relações atuais.

Jay estava convencido de que não podia ser responsabilizado pela situação, de que sempre se portara como deveria fazê-lo um bom marido e de que, evidentemente, Jennifer estava "doente". Fora generoso, prestadio, estimulante e completamente fiel. Não conseguia compreender a situação e achava que não era ele quem precisava mudar. Daí que, embora fizessem várias tentativas para resolver alguns dos problemas com um conselheiro matrimonial, os seus esforços não tiveram êxito e, em certos sentidos, agravaram a situação. Jay se mostrava sempre tão fluente e tão benévolo, que até o conselheiro se deixou, de certo modo, influenciar por ele, o que aumentou ainda mais a cólera de Jennifer.

Jennifer começou a exigir que Jay fosse o marido que ela queria e esperava. Jay, do seu lado, desejava simplesmente que Jennifer voltasse a ser a companheira que ele conhecera durante quase quinze anos. Ele continuaria a ser a criatura amorosa que sempre fora se ela voltasse a ser a esposa amante que tinha sido. O casamento tor-

nou-se cada vez mais acrimonioso, a atmosfera encheu-se de hostilidade, até que o divórcio se apresentou como a única solução sensata.

Farei apenas dois comentários sobre esse casamento. Posto que Jay e Jennifer não combinassem muito bem, há todas as razões para acreditar que a união dos dois poderia ter sido satisfatória. Examinando-a agora retrospectivamente, não nos será difícil perceber que, se Jennifer houvesse, desde o princípio, insistido em ser ela mesma, o casamento teria tido uma dose muito maior de discórdia, mas também uma dose bem maior de esperança. Se ela, ao sentir-se dominada pela primeira vez na conversação, tivesse expressado o seu ressentimento, como um sentimento seu, é muitíssimo provavel que se tivesse encontrado alguma solução satisfatória para ambos. O mesmo se pode dizer do desgosto dela por se ver obrigada a orientar sozinha os filhos, do dissabor que lhe causava a dependência dele, da sua decepção diante da falta de agressividade sexual do marido. Tivesse ela dado expressão a essas atitudes à proporção que foram surgindo, antes de chegarem a uma pressão insuportável; tivesse dado expressão a elas como sentimentos que existiam em seu íntimo, e não como as acusações em que mais tarde se converteram, e teria sido muito maior a probabilidade de que a manifestação dos sentimentos dela provocasse a manifestação dos sentimentos dele e a possibilidade de chegarem a uma compreensão mútua mais profunda e à solução das dificuldades. Parece trágico que um casamento com um grande e emocionante potencial venha a malograr-se. Dele, contudo, saiu uma Jennifer forte e criativa, que nunca mais, acredito eu, se sacrificará para satisfazer às necessidades e exigências de outra pessoa.

E Jay — houvesse ele deparado com esses sentimentos quando eles ocorreram — teria necessariamente compreendido que nem sempre era o pai e o marido excelente que se supunha, que nem sempre tinha razão, que estava contribuindo com amor e carinho para o casamento (como de fato estava), mas estava também provocando cólera, melindres e sentimentos de incapacidade na esposa. Ele poderia haver-se tornado, então, mais humano, mais infantil, mais falível. Ao invés disso porém, sente confirmada a sua opinião de ter sido um ótimo marido e um ótimo pai, de que não havia tensão alguma no casamento, ao que lhe era dado ver, até que Jennifer, por motivos desconhecidos, "saiu dos trilhos". No seu entender, o desenlace foi desnecessário e, acima de tudo, um erro. Para ele, as idéias de Jennifer acerca das relações entre ambos se tornaram uma feia caricatura de algo belo, criativo e, não raro, prazenteiro.

Jay simplesmente não compreende o que aconteceu, a não ser que a culpa não foi sua. É doloroso ver tamanha falta de discernimento numa criatura tão brilhante.

A SALVAÇÃO DE UM CASAMENTO

Aprendi muita coisa, em meu trabalho de aconselhamento, com uma jovem esposa, Peg Moore. Muito embora isso tenha acontecido há alguns anos, as preocupações dela e os ensinamentos que adquiri são tão "atuais" quanto o último disco de música "pop". Eu conhecera Peg numa das minhas classes. Buliçosa, espontânea, bem-humorada, tinha a aparência sadia da moça genuinamente norte-americana. Pouco depois, entretanto, vem aconselhar-se comigo. Queixa-se de que o marido, Bill, muito formal e reservado, não fala com ela nem a deixa participar dos seus pensamentos; além disso, os dois são sexualmente incompatíveis e vão-se distanciando rapidamente um do outro. Surpreendo-me a pensar: "Como é trágico que uma moça tão viva, tão cheia de emoção, esteja casada com a imagem de madeira de um homem!" Mas à proporção que ela vai falando, descrevendo as suas atitudes, torna-se mais franca, cai-lhe a máscara e o quadro se modifica radicalmente. Ela expressa um profundo sentimento de culpa em relação à sua vida antes do casamento, quando andara com alguns homens, quase todos casados. Compreende que, embora seja alegre e espontânea com a maioria das pessoas, é fria, controlada e sem espontaneidade em suas relações com o marido. Vê-se também exigindo que ele se mostre exatamente como ela quer que ele seja.

Nesse ponto, o aconselhamento se interrompeu porque precisei ausentar-me da cidade. Ela continua a escrever-me, expressando os seus sentimentos e acrescentando: "Se eu pudesse ao menos dizer essas coisas a ele [o marido], talvez me sentisse à vontade. Mas se o fizesse, que aconteceria à confiança que ele tem nas pessoas? O senhor me acharia repulsiva se fosse meu marido e soubesse da verdade? Eu gostaria de ser uma 'boa menina' em lugar de ser uma 'garota bacana'. Armei uma embrulhada dos diabos!"

A isto se seguiu uma carta, da qual citarei longo trecho, a meu ver justificadamente. Ela conta que andara irritadiça — e que se mostrara profundamente desagradável quando, uma noite, surgiram visitas em sua casa. Depois que as visitas saíram,

Senti-me um traste por haver-me portado tão mal... Eu ainda me reconhecia intratável, culpada e com raiva de mim e de Billy — e nervosa a mais não poder.

Por isso, decidi fazer o que vinha realmente querendo fazer e adiando sempre, pois achava que era mais do que eu poderia esperar de um homem — dizer a Bill tudo o que me fazia agir daquela maneira terrível. Foi até mais difícil do que contar ao senhor — e olhe que isso não foi nada fácil! Eu não poderia repetir os detalhes com tantas minúcias, mas consegui botar para fora alguns daqueles sentimentos sórdidos a respeito de meus pais e sobretudo a respeito daqueles "malditos" homens. A coisa mais gostosa que o ouvi dizer foi, "Bem, eu talvez possa ajudá-la nisso" — quando lhe falei de meus pais. E ele se mostrou muito compreensivo com as coisas que eu tinha feito. Contei-lhe que me sentia tão incompetente em tantas situações - porque nunca me haviam permitido fazer uma porção de coisas - nem mesmo aprender a jogar baralho. Conversamos, discutimos, *e realmente chegamos ao fundo de muitos dos nossos sentimentos. Não falei tudo a ele sobre os homens — não lhe disse os nomes, mas dei-lhe uma idéia do número. Pois bem, ele se mostrou tão compreensivo e as coisas ficaram tão mais claras que agora CONFIO NELE. Já não tenho medo de contar-lhe as ideiazinhas idiotas e ilógicas que não param de passar pela minha cabeça. E se já não tenho medo, é possível que essas bobagens também parem logo de aborrecer-me. Na outra noite, quando lhe escrevi eu estava pronta para fugir — pensei até em sair da cidade. (Escapar de tudo isso.) Mas compreendi que estaria apenas fugindo de tudo e que não poderia ser feliz enquanto não enfrentasse a situação. Falamos sobre filhos e, embora decidíssemos esperar até que Bill estivesse mais próximo da sua formatura, sinto-me feliz com esse arranjo. Bill pensa como eu a respeito das coisas que desejamos fazer pelos nossos filhos — e, o que é mais importante, a respeito das coisas que* não *desejamos fazer por eles. Por isso mesmo, se o senhor não receber outras cartas desesperadas, ficará sabendo que as coisas vão indo tão bem quanto se pode esperar.*

Agora, pergunto — o senhor sempre soube que isso era a única coisa que eu poderia fazer para aproximar-nos? Pois eu lhe confesso que, no meu entender, era a única coisa injusta para Bill. Imaginei que a revelação estragaria a sua confiança em mim e nos outros. Havia uma barreira tão grande entre Bill e eu que eu tinha a impressão de que ele era quase um estranho. A única maneira que arranjei de convencer-me a fazer o que fiz foi pensar que, se não estivesse ao menos conhecer a sua resposta às coisas que me preo-

cupavam, estaria sendo injusta — estar-me-ia afastando dele sem lhe dar a oportunidade de provar que merecia a minha confiança. Pois ele me provou até mais do que isso — que também andava sofrendo como o diabo com o que sentia — em relação aos pais, e a muitas pessoas em geral. (Rogers, 1961, pp. 316-317.)

É interessante perguntar quanta energia psicológica está sendo consumida por maridos e mulheres que tentam viver em seus casamentos atrás de uma máscara. Peg sentiu claramente que só seria aceita se se refugiasse atrás de uma fachada de respeitabilidade. À diferença de Jennifer, tinha consciência dos seus sentimentos, mas cuidava que, se os revelasse, seria irrevogavelmente rejeitada.

Para mim, o significado da história não reside em haver ela contado ao marido as suas experiências sexuais anteriores. Não me parece que seja essa a lição que se deve colher. Conheci casamentos felizes em que um dos cônjuges sempre ocultou do outro certas experiências, mas conseguiu fazê-lo sem constrangimento. No caso de Peg, o ocultamento ergueu enorme barreira entre os dois, de modo que ela não poderia ser autêntica em suas relações conjugais.

Uma regra prática cuja utilidade descobri para mim resume-se no seguinte: em qualquer união continuada, todo sentimento persistente deve ser expresso. A sua repressão só pode estragar o relacionamento. A primeira parte da sentença não foi dita por acaso. Somente no caso de uma união significativa e continuada, e somente se o sentimento for recorrente ou persistente, será necessário revelá-lo. Em caso contrário, o que não se exprime acaba, aos poucos, empeçonhando o relacionamento, como aconteceu no caso de Peg. Por isso, quando ela pergunta "o senhor sempre soube que isso era a única coisa que eu poderia fazer para aproximar-nos?", a minha resposta depende do que ela quer dizer. Acredito, sem dúvida, que foi a partilha dos seus verdadeiros sentimentos que lhe salvou o casamento, mas se é necessário ou não contar a Bill os pormenores do seu comportamento é um assunto que só ela poderá decidir.

A propósito, a notícia de um nascimento e uma nota, vários anos depois, indicavam que tanto o casamento quanto a criança pareciam estar passando muito bem.

O MEU CASAMENTO

Eu gostaria de contar-lhes alguma coisa a respeito do casamento em que, até o momento de escrever este livro, estive envol-

vido por mais de quarenta e sete anos! A alguns leitores isso pode parecer incrivelmente quadrado, mas eu não concordo. Helen e eu, entretanto, ainda hoje nos maravilhamos de toda a riqueza que ainda encerra a nossa vida em comum e perguntamos como e por que temos sido tão felizes. Não posso responder a essas perguntas, mas gostaria de contar-lhes um pouco da história do nosso casamento, tão objetivamente quanto puder. A leitura talvez lhes seja proveitosa.

Morávamos a um quarteirão de distância um do outro, num subúrbio de Chicago, durante a maior parte do tempo em que freqüentamos a escola secundária. Havia outros que também faziam parte do nosso grupo, embora ela tivesse mais amigos do que eu. Mudei-me quando tinha treze anos, e não me lembro de ter sofrido muito por estar longe dela. Nem sequer nos carteamos.

Quando fui para a faculdade, fiquei surpreso ao descobrir que ela escolhera a mesma universidade, posto que os seus interesses fossem completamente diversos dos meus. Ela foi a minha primeira namorada na escola, pois eu era tão tímido que não teria a coragem de namorar uma estranha. Mas quando comecei a reqüestar outras moças, aprendi a apreciar-lhe as muitas qualidades que me atraíam — a delicadeza, a franqueza, a solicitude — nenhum fulgurante brilho acadêmico, mas uma disposição para pensar abertamente sobre questões reais, se bem eu me deixasse levar mais pelo desejo de aparentar erudição. Ainda me recordo de que cheguei a envergonhar-me dela, algumas vezes, em reuniões sociais, porque ela parecia não ter cultura geral e acadêmica.

A nossa amizade aprofundou-se. Fomos a excursões e piqueniques em que pude apresentá-la ao mundo da natureza, que eu amava. Ela ensinou-me a dançar e até, por vezes, a apreciar reuniões sociais. Os meus sentimentos por ela foram-se tornando cada vez mais sérios. Ela gostava de mim mas não estava absolutamente segura de que quisesse casar comigo. Depois, em virtude de várias circunstâncias, ausentei-me da escola durante um ano, mas continuei a escrever-lhe cartas mais e mais apaixonadas. Quando voltei, ela deixara a escola para assumir um emprego de artista comercial em Chicago, de modo que continuamos separados durante a maior parte do tempo. Afinal, porém, ela concordou. Na noite em que me disse que já tinha a certeza de amar-me e de querer casar comigo, passei o resto da noite num trem sacolejante e sujo para voltar às aulas, mas pouco me importei. Sentia-me no sétimo céu, caminhando sobre nuvens. "Ela me ama! Ela me ama!" Foi uma experiência maravilhosa, que nunca esqueci.

Seguiram-se ainda vinte e dois meses de separação antes de podermos casar, e a nossa correspondência foi volumosa. (Hoje teria sido feita através de chamadas telefônicas.) Tive a sorte de arrumar um negócio nos meus dois últimos anos de escola, que me trouxe uma quantidade surpreendente de dinheiro, o suficiente para poder casar antes de iniciar o curso de pós-graduação.

Nossos pais aprovavam o namoro, mas não aprovavam o casamento. Casar antes de formar-me? Como faria eu para sustentá-la? Onde já se viu uma coisa dessas? Não obstante, nós nos casamos (aos vinte e dois anos de idade) e partimos juntos para o curso de pós-graduação. Quando pensamos nisso agora, chegamos à conclusão de que esta foi uma das mais sábias decisões que tomamos em nossa vida.

Sexualmente, éramos ambos inexperientes, extremamente ingênuos (conquanto nos julgássemos muito sofisticados); durante meses, porém, vivemos envoltos numa jubilosa bruma romântica, pois estávamos a mil e seiscentos quilômetros de distância das nossas famílias (uma grande idéia!), tínhamos encontrado o menor apartamento do mundo em Nova Iorque, que havíamos mobiliado ao nosso gosto, e nos amávamos imensamente.

Porque tínhamos decidido ir juntos para Nova Iorque, pudemos *crescer* juntos. Helen seguiu alguns cursos que eu estava fazendo. Aprendi muita coisa com o seu trabalho artístico. Discutíamos os livros e os espetáculos que conseguíamos quase de graça. Modificamos de maneira incrível nossas atitudes para com a religião, a política e todas as questões do momento. Ela trabalhava meio período, eu tinha um emprego firme de fim de semana, mas mesmo assim ficávamos juntos uma porção de tempo, aprendendo a partilhar idéias, interesses, sentimentos — em todas as áreas, exceto uma.

Tornei-me vagamente cônscio de que, se bem que o nosso relacionamento sexual fosse maravilhoso para mim, não era tão maravilhoso para ela. Percebo, no entanto, que eu mal compreendia o sentido mais profundo das suas frases: "Hoje não!"; "Estou muito cansada"; "Vamos esperar outro dia." Não há dúvida de que a situação poderia ter redundado numa crise.

A essa altura, por mera questão de sorte, surgiu uma oportunidade que, como quase todos os golpes de sorte, também precisou ser agarrada. Em meu curso de pós-graduação fiquei sabendo que um psiquiatra, o Dr. G. V. Hamilton, precisava de mais alguns rapazes casados para completar uma pesquisa que estava fazendo. É

possível que houvesse também alguma referência a pagamento, o que explica por que agarrei tão prontamente a oportunidade. (O estudo, na realidade, era um precursor mais personalizado das pesquisas de Kinsey, e muito bem feito, conquanto nunca se tornasse muito conhecido.) Fui ao escritório do Dr. Hamilton para submeter-me a duas ou três longas entrevistas. Ele me interrogou com tanta calma e tamanha facilidade sobre cada aspecto do meu desenvolvimento e da minha vida sexual que, pouco a pouco, me vi respondendo com calma quase igual. Acabei compreendendo que eu nem sabia se minha mulher já experimentara um orgasmo. Ela parecia, muitas vezes, apreciar as nossas relações e, por isso, eu presumia conhecer a resposta. Mas o que de mais importante aprendi foi que as coisas em nossa vida particular que não admitem discussão são as que podem e devem ser discutidas, fácil e livremente.

Surgiu, então, a pergunta: Poderia eu traduzir tudo isso em minha vida pessoal? Iniciei o processo assustador de falar — falar de verdade — com Helen a respeito das nossas relações sexuais. Era assustador porque cada pergunta e cada resposta nos tornavam, a mim ou a ela, extremamente vulneráveis — ao ataque, à crítica, ao ridículo, à rejeição. Mas nós superamos tudo isso! Cada qual aprendeu a compreender muito mais profundamente os desejos, tabus e satisfações do outro, e as insatisfações em nossa vida sexual. E ao passo que, a princípio, a nova aprendizagem acarretou apenas maior ternura, maior compreensão e maior aprimoramento, pouco a pouco proporcionou, além de orgasmos a ela, um pleno, continuado, satisfatório e rico relacionamento sexual a nós ambos — em que pudemos discutir as novas dificuldades à proporção que iam aparecendo.

Isso foi importantíssimo para nós e poupou-nos sérias desavenças, que poderiam ter-nos separado para sempre. Mas o mais importante de tudo foi havermos compreendido que as coisas que imaginamos não poder, de maneira alguma, revelar ao outro, na verdade podem ser reveladas, e que o problema que supomos não poder partilhar com ninguém, na realidade deve ser partilhado. E conquanto tenhamos, muitas vezes, esquecido esse ensinamento, ele sempre nos voltou em períodos de crise.

Não tentarei, evidentemente, contar todas as nossas experiências matrimoniais. Houve períodos de maior alheamento e períodos de maior intimidade. Tem havido períodos de tensão, dissensões, contrariedades e sofrimento — embora não sejamos do tipo que gosta de brigar — e períodos de muito amor e muita solidariedade. E sempre continuamos a partilhar. Nenhum de nós chegou a envolver-se

de tal modo em sua vida e suas atividades que não encontrasse tempo para partilhar com o outro.

Existe um tipo de comportamento irritante em que ambos temos incorrido ocasionalmente, eu muito mais do que Helen. Quando o marido ou a mulher, numa situação social ou pública, ridiculariza, humilha ou embaraça o outro, quase sempre a título de "brincadeira", os aborrecimentos começam a fermentar. Há de ser um sinal do meu instinto de defesa o fato de não poder lembrar-me de nenhum exemplo específico do meu próprio comportamento nesse sentido, de modo que me valerei do que me proporcionou recentemente outro casal, em minha casa. Estávamos falando em bebidas quando o marido disse, "chistosamente": "Minha mulher, é claro, bebe demais". A esposa enfezou, porque a afirmativa não era verdadeira e, além disso, ela não gostava de ser criticada em público. "Ora, eu estava só brincando!" justificou-se ele. Esse é o tipo de comportamento em que também tenho incorrido, mas Helen me chama sistematicamente a atenção quando voltamos para casa. E acabei encarando essas coisas como o que realmente são — uma agressão covarde. Quando nutro um sentimento negativo qualquer por alguma coisa que ela fez, prefiro interpelá-la ao ficarmos sós, a alfinetá-la "de brincadeira" numa situação social. É uma atitude bem mais corajosa. Da mesma maneira aprendi, logo no princípio do nosso casamento, que o sarcasmo, tão freqüente na vida de minha família, pois vivíamos arremessando farpas verbais uns contra os outros, a feria profundamente e ela não o tolerava. Aprendi muito com ela (e ela comigo).

Um ponto sobre o qual nunca chegamos a um acordo definitivo é saber se há ou não um elemento de posse num bom casamento. Eu digo que não. Ela diz que sim. Cheguei a afeiçoar-me de verdade a outra mulher, uma afeição que, em meu espírito, não excluía Helen, mas se *acrescentava* ao meu amor a ela. Helen, porém, não viu as coisas do mesmo modo e ficou muito perturbada. Não era tanto o ciúme quanto uma profunda raiva de mim, que ela interiorizou, achando que fora "posta de lado" e não prestava mais para nada. Aqui devo sentir-me agradecido porque nossa filha, já adulta, ajudou-a a reconhecer o que realmente sentia e a restabelecer a comunicação entre nós. Quando pudemos novamente partilhar os nossos verdadeiros sentimentos, tornou-se possível uma decisão, e tanto Helen quanto eu continuamos a ser bons amigos da mulher que representara tão grande ameaça para ela. A propósito, cada um de nós, numa série de ocasiões importantes, encontrou grande ajuda em nosso filho ou em nossa filha, e esta experiência é inestimável.

Creio que ambos nos apoiamos em períodos de sofrimento individual. Eu gostaria de dar dois exemplos da solidariedade dela e outro em que sei que ela sentia o meu apoio.

Mencionarei primeiro um período de quase um ano, quando eu já completara quarenta anos, em que não senti absolutamente nenhum desejo sexual — por ninguém. Não se encontrou nenhuma causa médica. Confiando em que os meus impulsos normais voltariam, Helen simplesmente me amparou nessa situação. É muito fácil pensar em possíveis causas psicológicas, mas nenhuma delas se ajusta ao meu caso, que, até hoje, é um mistério para mim. Mas o seu amor tranqüilo e constante me foi importantíssimo e, provavelmente, representou o melhor tratamento que eu poderia ter tido. O certo é que, pouco a pouco, voltei a ser sexualmente normal.

Uma crise mais séria formou-se em torno de um relacionamento terapêutico incrivelmente demorado e mal orientado que tive com uma moça esquizofrênica. A história é muito comprida, mas basta dizer que, em parte por estar eu tão determinado a ajudá-la, cheguei a ponto de não poder separar o meu "eu" do dela. Perdi literalmente o meu "eu", perdi os limites de mim mesmo. De nada valeram os esforços dos colegas para auxiliar-me e eu me persuadi (talvez com alguma razão) de que estava ficando louco.

Certa manhã, depois de passar mais ou menos uma hora no consultório, senti-me tomado de pânico. Voltei para casa e disse a Helen: "Preciso sair daqui! Ir para longe!" Ela, naturalmente, sabia alguma coisa do que eu estava passando, mas a sua resposta foi um bálsamo para a minha alma. "Está bem, vamos agora mesmo", propôs incontinenti. Depois de telefonar a alguns colegas para pedir-lhes que se encarregassem dos meus casos, arrumamos à pressa as nossas malas, tomamos o carro e partimos. Não se haviam passado duas horas. E só regressamos seis semanas mais tarde. Tive os meus altos e baixos e, quando voltei, iniciei um tratamento com um colega, que muito me ajudou. Mas o que faço questão de frisar é que, durante todo o tempo, Helen nunca deixou de acreditar que esse estado de espírito passaria, que eu não estava louco, e mostrou, de todas as maneiras, o quanto me queria. Puxa! Essa é a única forma que tenho de exprimir a minha gratidão. É isso o que quero dizer quando afirmo que ela me apoiou nos momentos críticos. E procurei fazer o mesmo quando a via às voltas com uma ou outra espécie de aflição.

A mãe de Helen sofreu várias crises à medida que ia ficando velha. Essas crises tinham o efeito infeliz (embora comum) de al-

terar-lhe acentuadamente a personalidade. Depois de ter sido uma pessoa cheia de calor humano e bondade, com vigorosos interesses intelectuais, passou a ser uma criatura que vivia criticando os outros, desconfiada de todo o mundo e, às vezes, maldosamente empenhada em magoar os que a rodeavam. Isso era duríssimo para as filhas, mas sobretudo para Helen, a quem feriam terrivelmente os murros psicológicos desferidos pela mãe, da qual sempre fora muito amiga. A vida com a mãe tornou-se impossível e a velha não podia viver sozinha. Surgiu, então, a necessidade de tomar decisões difíceis: tirá-la do apartamento; interná-la numa casa de saúde (as melhores das quais são lugares desolados); e capacitar-se de que ela já não era a pessoa que havia sido. Helen sentia-se terrivelmente culpada pelo que estava fazendo a sua mãe, e esta conservava astúcia suficiente para saber como exacerbar-lhe o sentimento de culpa. Durante seis longos e penosíssimos anos estive ao lado de Helen. Ela não podia deixar de sentir-se ferida, culpada e transtornada nas visitas que fazia à mãe duas vezes por semana. Eu não podia impedir que ela tivesse esses sentimentos, mas fi-la saber que achava as acusações falsas e as decisões corretas, e acreditava que ninguém poderia agir melhor numa situação tão aflitiva e tão complexa. Sei que ela se sentiu fortalecida e amparada pela minha solidariedade. O nosso filho médico também a ajudou muito a compreender a deterioração física e psicológica de sua mãe, mostrando-lhe que era preciso dar o devido desconto às lamúrias da velha.

Quando faço um retrospecto dos muitos anos que vivemos juntos, alguns elementos me parecem importantes, embora, naturalmente, eu não possa ser objetivo.

Viemos da mesma comunidade, com antecedentes e valores semelhantes.

Nós nos completamos. Alguém insinuou que, dentre os muitos tipos de casamento, existem dois nas extremidades opostas de um contínuo. Um deles é o casamento "ajustado", em que os cônjuges provêm às deficiências recíprocas e se engrenam confortavelmente, às vezes com demasiada placidez. O outro é o casamento conflitual, em que o êxito da união depende dos esforços do casal para resolver construtivamente os muitos conflitos que, de outro modo, o destruiriam. O nosso se acha em algum ponto desse contínuo, mas um pouquinho mais próximo do casamento "ajustado". Eu propendo a ser um tímido solitário; Helen é mais natural e confortavelmente sociável. Propendo a perseverar no que estou fazendo; é sempre ela quem propõe: "Por que não fazemos isto ou aquilo?" "Por que não damos um passeio?" Acedo com relutância mas, depois que saímos, o mais aven-

turoso e infantil sou eu, e ela, a mais firme. Tenho sido um terapeuta, interessado pela pesquisa, ela tem sido uma artista e, durante a vida toda, trabalhou no movimento da paternidade planejada. Cada um de nós teve a oportunidade de aprender muita coisa com os campos de interesse do outro. Fomos capazes também de lidar construtivamente com a maioria dos nossos conflitos e diferenças.

Conseqüentemente, cada um de nós sempre teve uma vida e um interesse *separados,* além da nossa vida em comum. De modo que nunca entramos em competição direta. Sempre que chegamos mais perto disso, a situação revelou-se inconfortável. Quando comecei a pintar e fiz um ou dois quadros sofríveis, ela se mostrou apreensiva. Quando a vejo ser mais útil do que eu a uma pessoa qualquer, confesso que exclamo intimamente: "Oh meu Deus! Ela é melhor do que eu!" Mas essas invejas e veleidades de concorrência raras vezes têm sido importantes.

Em outra área nos revelamos surpreendentemente não competitivos: a área do gosto. Desde os primeiros anos do nosso casamento descobrimos que, ao escolher uma peça de mobília, um automóvel, um presente ou mesmo um artigo de vestuário, tendemos a escolher a mesma coisa. Às vezes digo: "Está bem, já me decidi; diga me quando você tiver feito a sua escolha". E quando ela me conta o que escolheu, verifico, com pasmosa freqüência, que as nossas preferências coincidem. Não explico isso. Limito-me a constatá-lo.

Ela foi mãe excelente quando as crianças eram pequenas. Eu me qualificaria apenas de pai razoável nessa ocasião — é curioso, mas naquele tempo eu me preocupava mais com os transtornos que eles me causavam do que em saber se o que estavam fazendo contribuiria para promover-lhes o próprio crescimento. À medida que os nossos dois filhos ficaram mais velhos consegui comunicar-me com eles tão bem e às vezes melhor do que ela.

Isso talvez seja suficiente para indicar algumas das muitas maneiras com que nos completávamos. Mas esses equilíbrios se alteram: onde eu costumava ser o mais bem informado dos dois, recentemente, à medida que foi aumentando a soma de solicitações ao meu tempo, ela se tem mostrado mais bem informada e eu me fio dela para inteirar-me de muita coisa que está acontecendo.

Passamos por períodos de doenças e operações, mas nunca ao mesmo tempo, de modo que cada um de nós pôde assistir o outro durante esses momentos difíceis. De um modo geral, se bem os achaques da velhice de vez em quando nos salteiem, temos vivido, fundamentalmente, em boas condições de saúde.

David Frost deu uma definição do amor na TV mais ou menos parecida com isto: "Há amor quando cada pessoa se preocupa mais com o outro do que consigo mesma". Creio que a descrição se ajusta aos melhores momentos do nosso casamento. Compreendo que ela também pode ser uma desastrosa definição do amor, quando significa que um ou o outro renuncia ao seu eu por consideração pelo outro. Isso não aconteceu conosco.

Creio que a constatação mais profunda que eu poderia fazer acerca do nosso casamento — e não posso explicá-la adequadamente — é que cada um de nós sempre ansiou por que o outro crescesse. Nós crescemos como indivíduos e, nesse processo, crescemos juntos.

Um parágrafo final sobre o nosso estado atual, visto que atingimos os "setenta anos" bíblicos. Partilhamos tanto a nossa existência, os nossos sofrimentos, as nossas lutas e alegrias, que também respondemos à definição do amor de Truman Capote: "Há amor quando não precisamos completar a sentença". No meio de algum acontecimento ou de alguma cena, Helen me pergunta: "Você se lembra quando nós...?" e eu atalho: "Naturalmente". E ambos desatamos a rir, porque sabemos estar pensando na mesma experiência. E conquanto a nossa vida sexual já não seja a mesma dos tempos em que tínhamos vinte ou trinta anos, a nossa proximidade, a nossa intimidade física e as nossas relações sexuais são como que um belo acorde, belo não somente por si mesmo, mas também por seus muitos e muitos sobretons, que o enriquecem sobremodo. Em suma, somos incrivelmente bem sorteados, posto que, em certas ocasiões, tivéssemos de lutar muito para preservar esta sorte.

Para que o leitor não imagine que isso torna tudo cor-de-rosa, devo acrescentar que nossos dois filhos tiveram a sua quota de dificuldades conjugais. De modo que o fato de havermos crescido juntos até chegar a uma união satisfatória para nós não constituiu garantia alguma para nossos filhos.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES FINAIS

Portanto, que é o que concluímos da experiência de Joan, de Jay e Jennifer, de Peg e Bill, de Carl e Helen? Acredito que o leitor terá de formular as suas próprias conclusões.

Procurei mostrar que, seja o que for agora, o casamento, com toda a certeza, será diferente no futuro.

Procurei escolher exemplos que mostram alguns dos elementos capazes de interferir no êxito ou no malogro do casamento; e, da

mesma forma, alguns dos elementos que podem restaurar ou renovar um casamento ou fazê-lo "funcionar".

Espero que tenha ficado claro que o sonho de um casamento "feito no céu" foge totalmente à realidade e que toda união continuada entre um homem e uma mulher precisa ser trabalhada, construída, reconstruída e constantemente revigorada pelo crescimento dos dois cônjuges.

Nos capítulos seguintes veremos muitas outras facetas desse fenômeno masculino-feminino, tão importantes para a vida de quase todas as pessoas.

2

UM CASAL "CASADO-SOLTEIRO"

CONHEÇO UM JOVEM CASAL que se conheceu quando ela tinha dezoito anos e ele, dezenove. Eu não ignorava que tinham vivido juntos vários anos. Fiquei surpreso ao saber que se haviam casado, numa cerimônia perfeitamente convencional — vestido branco para a noiva, *smoking* para o noivo, e tudo o mais. Imaginei que, se quisessem falar abertamente sobre as várias fases da sua ligação, as suas palavras poderiam ser proveitosas para muitos jovens. Uns seis meses depois do casamento, eles se abriram francamente comigo acerca das suas relações passadas e presentes, e eu gostaria de apresentar alguns trechos extensos (porém condensados) das gravações que fiz das nossas conversas. Chamá-los-ei Dick e Gail.

A LIGAÇÃO ANTERIOR

Eles me contaram como se conheceram e, logo depois, surgiu um exemplo divertido de lapso de memória:

DICK — *Bem, lembro-me de achar que gostava muito de Gail. Naquele tempo fiz um pouco mais de força por Gail do que pelas outras pequenas. Creio que essa é a única impressão vigorosa de que posso recordar-me. Se não me engano, durante um longo período de tempo não tivemos quaisquer relações sexuais. Acho que isso foi significativo. Acho que foi provavelmente...*

GAIL — *Uma semana...*

DICK — *Uma semana? Não, foi mais do que isso, Gail...*

GAIL — *Uma semana e dois dias depois que nos conhecemos.*

DICK — *Verdade?*

GAIL — *Sim. Eu não acho que foi tão comprido assim. Você não se lembra da primeira vez...?*

DICK — *Foi ótimo. Foi na praia, mas eu pensava que tivesse levado mais de uma semana.*

O namoro dos dois decorreu tempestuoso, e Gail descreve-o assim:

GAIL — *Bem, eu vi Dick primeiro. Gostei dele primeiro. Vi-o no primeiro dia de escola. Achei-o bonitão, mas achei também que ele era antipático. Usava esses óculos escuros dentro de casa. Descobri mais tarde que ele quebrara os óculos de verdade, e não enxergava sem eles, mas o certo é que dava a impressão de ser muito arrogante. [...] Eu não o suportava. Entretanto, o seu companheiro de quarto me disse que ele, de fato, não era antipático, e nós começamos a encontrar-nos. Gostei dele quase imediatamente, depois de pensar que não passava de um fedelho. Desde o princípio fui muito intensa. A certa altura, creio que ele tanto falou que me convenceu a dar liberdade aos meus sentimentos e a não fazer força para não me apaixonar. Ainda me lembro de ter tomado a minha decisão e dito: "Por que não? Isso não vai machucar ninguém!" E creio que houve, realmente, muitas temporadas difíceis, porque eu estava disposta a levar as coisas muito a sério, mas Dick era diferente, começou a recuar.*

Eu — *Os tempos difíceis vieram de fato, antes que vocês começassem a viver juntos, quando ainda estavam subindo e descendo em seu relacionamento?*

DICK — *Sim, subindo e descendo. Houve um momento em que eu estava ingerindo muita droga. Mas fui para São Francisco nas férias de Natal e ali passei por algumas experiências* horríveis, *e cheguei à conclusão de que não era aquilo que eu queria fazer. E durante todo o tempo em que estive em São Francisco, que provavelmente não passou de dois meses — pareceram séculos — o fato de estar longe de Gail de certo modo reforçou os meus sentimentos. Era mais fácil decidir o que eu sentia por ela quando Gail não estava por perto.*

Comentário: por que deturpamos seletivamente as coisas em nossa memória? Por uma necessidade qualquer. Dick tem agora necessidade de pensar que demorou muito para aceitar deveras essa ligação. Naquela ocasião, provavelmente lhe pareceu que os dois

levaram muito tempo para manter relações sexuais, porque as suas necessidades eram mais fortes que as de Gail, embora mais tarde venhamos a presenciar uma mudança nesse estado de coisas.

A insuficiência das primeiras impressões está bem ilustrada. De posse de alguns indícios, Gail chega à conclusão de que Dick é antipático. Mais tarde, chega à conclusão oposta.

Quase todas as relações têm provavelmente um tipo de desequilíbrio semelhante ao que se verificou entre Dick e Gail. Esta não tarda a descobrir que está pronta para deixar-se envolver intensamente. Dick não está. Envolve-se, depois recua, torna a envolver-se e a recuar (no decorrer da entrevista entrevemos uma razão para o seu comportamento).

Vemos alguns fatores que influem nas opções num relacionamento. Quando Dick se afasta de Gail, passa a enxergá-la de maneira mais significativa, compreende o seu comportamento e torna-se mais positivo em suas atitudes. "A ausência inflama o coração!" É também provável que a sua experiência tão pouco satisfatória com as drogas o levasse a pender para uma ligação pessoal em lugar de procurar satisfação em substâncias químicas.

VIVENDO JUNTOS

Eles falam em mudar-se para Boston e em mudar-se para o mesmo apartamento.

EU — *O fato de viverem juntos melhorou ou piorou alguma coisa?*

GAIL — *Vivendo juntos, não poderíamos largar tudo com a mesma facilidade. Dick não poderia sair, desaparecer e ficar fora um mês inteiro. Ele fez isso antes, quando não morávamos juntos. Mas se o fizesse depois, teria de achar outra pessoa que o alimentasse. E isso me obrigou a falar sobre o assunto um pouco mais, e até hoje continuo falando. Pôs-nos contra a parede, por assim dizer, e a grande mudança, na minha opinião, foi pôr a teoria em prática. Quando a gente está namorando, pode dizer: "Bem, serei assim, ou isso acontecerá quando estivermos vivendo juntos", mas quando passamos a viver juntos as coisas acontecem e não se pode mais teorizar.*

DICK — *Nunca mencionamos o amor em nossas relações. Pelo menos durante três anos. Só nos comprometemos a amar-nos um ao outro no meio do quarto ano, embora eu não saiba por quê.*

Perguntávamos se gostávamos um do outro, e dávamos muita importância a isso, mas com o mesmo cuidado evitávamos a palavra "amor", e a única coisa de que me lembro no tocante à primeira vez em que fizemos menção do amor foi que se tratava de uma espécie de trauma.

GAIL — *Pois eu me lembro de tudo. Creio que estávamos discutindo a nosso respeito. E Dick tentava dizer-me, sem me dizer, que ia deixar-me. Explicando que havia um problema, que o nosso caso já estava ficando velho... e assim por diante. E eu já me dispunha a mudar, para resolver o assunto, quando ele pareceu frustrado, e disse: "Mas eu a amo e realmente gosto de você". Logo depois, saiu. Não consegui compreender. Dizer-me que me amava, sair de casa e me deixar! Isso é uma loucura!" pensei. Para mim, era a coisa mais biruta que eu já tinha ouvido em minha vida. "Será que ele se sente culpado por me magoar e por isso disse que me amava?" imaginei. Pois se estivesse tão apaixonado por mim, não sairia de casa para ir ao encontro de outra pessoa! E ele não me disse, aliás nunca me disse, que tinha outra namorada. Foi isso que me deixou mais chateada, porque ele poderia, ao menos, ter-me contado. E precisei passar pelo vexame de investigar e descobrir, quando me disseram que tinham visto Dick com a tal lourinha. E pensei: "Se for verdade, ele deve estar em casa dela". Fui até lá, encontrei os dois e Dick ficou passado. Eu estava louca da vida e não quis sair. Fiquei sentada, no maior papo furado — e gozei cada minuto que passei ali. Por isso, na realidade, não acreditei.*

EU — *Você quer dizer que não acreditou quando ele disse que a amava? [...]*

GAIL — *Isso mesmo. Mas, não sei por que, acho que, no fundo, eu sabia que voltaríamos juntos.*

DICK — *Depois de pouco tempo, eu já me sentia insatisfeito com essa outra moça, o que é interessante, porque ela, exteriormente, parecia ter tudo. Eu poderia fazer conscientemente uma lista de tudo o que eu queria e que ela possuía, mas isso não bastava. Uma coisa que muito me impressionou foi que ao comparar as duas, aquela não parecia ter vida própria independente. Dava a impressão de estar amarrada à pessoa que estivesse com ela. Quando falávamos com os outros, ela repetia as* minhas *opiniões, e Gail nunca fez isso. Tem opiniões próprias e as defende sempre. E descobri que isso tira realmente um grande fardo das minhas costas num relacionamento. E não preciso andar carregando a estabilidade emocional nem as opiniões de duas pessoas. É o mesmo que sentirmos um fardo retirado*

dos ombros quando não estamos vivendo com a nossa própria imagem e sim com outra pessoa. Nesse ponto compreendi que Gail, para mim, era outro indivíduo de quem eu gostava.

Mais adiante, Dick fala sobre outra questão.

DICK — *Aqui está um problema que ainda nos aflige, creio eu, e isso talvez venha de mim. Eu não... eu não sei como essas coisas aparecem. Mas acho que ainda me atrapalho com o que* devia *ser e o que é. De repente, parece que atinjo um ponto em que Gail se comporta de maneira que considero* intolerável. *Penso que as coisas deviam ser diferentes. E fico furioso. Acredito que a amo porque ela é ela mesma e, todavia por ser ela mesma, existem coisas que me parecem* imutáveis.

GAIL — *Eu, francamente, não posso ficar tão furiosa como Dick. Tenho medo. Tenho medo de que ele me bata, de que me mate, de que faça qualquer coisa assim, e ele fica furioso mesmo, furioso de verdade, e eu morro de medo e não quero fazer nada que possa deixá-lo mais louco ainda.*

Comentário: diante dessas declarações, alguns leitores julgarão Dick e Gail um casal ainda muito imaturo. É possível que esse juízo seja objetivamente verdadeiro, mas nos é de escassa ajuda para compreender-lhes a situação, uma vez que todos nós temos de mudar, pouco a pouco, passando da imaturidade para um comportamento mais amadurecido e as diferenças residem tão-somente no ritmo. Permitam-me enumerar algumas coisas que parecem ser passos lentos, gradativos e difíceis para um relacionamento mais adulto, tais como foram descritos nesta seção.

Eles foram obrigados a enfrentar-se como pessoas e resolver as coisas em lugar de fugir delas.

Foram obrigados a arrostar a dificuldade de comportar-se de maneira diferente numa ligação da vida real.

Tornaram-se, pelo menos parcialmente, cônscios do seu medo profundo de um compromisso verdadeiro que suporia uma frase como "Eu te amo". O fato de dizerem que gostavam um do outro ou até, às vezes, que desgostavam um do outro era muito menos ameaçador.

A confusão real de Dick diante de um compromisso é vigorosamente enfatizada quando ele diz "Eu a amo" no preciso momento em que está saindo para ir procurar outra garota.

Dick, evidentemente, aprendeu muita coisa sobre relações pessoais não intelectuais. Ele agora sabe que, embora a sua nova amiguinha loura satisfaça a um número maior de itens da sua lista intelectual de exigências, não lhe é tão satisfatória quanto Gail. Respeita a independência de ação e pensamento manifestada por Gail.

Ou será isto um grande respeito por Gail? Parte dele, sem dúvida, é o seu medo profundo (e natural) de ser responsável por outra pessoa e do seu desagrado pelo fato de outra pessoa depender dele.

As dificuldades de Dick cercam a palavra "deveria". Gail *deveria* proceder de certo modo e quando ela, positiva e claramente, não procede assim, Dick não se conforma e fica furioso. As suas explosões são tão violentas que infundem pavor em Gail. Mas a diferença entre a sua expectativa do que Gail *deveria* ser e a sua raiva contra o que ela *é* cria conflitos em seu íntimo, pois ele reconhece que a independência dela e o fato de que ela não fará o que ele acha que ela deveria fazer é que a tornam desejável. Tudo isso me parece parte do crescimento, não importando que comece mais cedo ou mais tarde.

AS MUDANÇAS ACARRETADAS PELO CASAMENTO

GAIL — *Quando nos casamos houve uma mudança mais dramática do que quando começamos a viver juntos. Pelos menos para mim.*

EU — *Em que sentido? Por quê?*

GAIL — *Bem, não sei de onde vieram todas as minhas idéias mas, quando me casei, tive a impressão, de repente, de que a minha vida se acabara. Aquilo era o fim. Eu não tinha nada para fazer. Poderia perfeitamente deitar-me e morrer. Não havia lugar nenhum aonde pudesse ir, não havia nada para fazer. Eu deixara de ser uma pessoa. Já não poderia ser uma criatura humana independente, nem fazer o que queria, muito embora, quando pensava no assunto, não soubesse dizer por que haveria uma diferença entre quando estávamos casados e quando estávamos vivendo juntos. [. . .]*

EU — *Você se sentiu muito menos como pessoa depois que se casou?*

GAIL — *Sim. Eu estava realmente deprimida, e ainda agora estou procurando reaprumar-me sozinha. [. . .]*

DICK — *Também não sei de onde vieram as minhas idéias. Quando olhei, estavam lá. Pensei, naturalmente, que eu não gostaria do casamento, que ficaria amarrado, que não poderia ir embora. Minha experiência seria como Gail a descreve. Na realidade, porém, não foi assim. Tenho a impressão de que as coisas estão começando agora, e isto é uma surpresa para mim, uma* verdadeira *surpresa, e não posso explicá-lo. Acho apenas que grande parte da minha atenção para com outras mulheres como possíveis oportunidades se acabou. Já não preciso sair para caçar. Creio que o compromisso tirou uma grande pressão de cima de mim e me deixou mais livre para começar realmente a viver a minha vida.*

EU (para GAIL) — *Quais eram as suas expectativas* antes *de casar?*

GAIL — *Acreditei que eu devia ser muito romântica e pensei que o casamento seria ótimo; depois, em outros momentos, achava que não queria amarrar-me a ninguém, e outras vezes ainda, falando comigo mesma, dizia: "Afinal de contas, não há* diferença *nenhuma entre viver junto e casar — a única coisa que muda é o nome e a sociedade, que nos aceita". E esse tipo de coisas. Mas isso também significa maior estabilidade.*

EU — *Por que foi que você se casou?*

GAIL — *Bem, eu havia insistido com Dick, algumas vezes, para casarmos. Eu dizia que ele nunca se casaria comigo, que eu nunca teria filhos, e tal e coisa, mas a verdade é que eu não falava tão sério como parecia. Nisso, uma noite, fomos à casa de uns amigos e eu me portei muito mal. Estava enfezada naquele dia. Dick ficou fulo da vida e foi ficando cada vez mais furioso. Brigamos durante todo o trajeto da casa deles à nossa casa. E olhe que era um bom pedaço. Já estávamos prontos para deitar-nos e continuávamos discutindo e brigando. Aí, então, Dick me mandou embora. E disse: "Arrume a trouxa e desinfete". Mas eu não queria sair e respondi: "Nada disso. Moro aqui e não sairei daqui. Não quero sair daqui". Dali a um momento, ele falou: "Está bem. Quer dizer que você quer casar?" E eu respondi: "Está bem". Foi quase como se ele dissesse: "Ou nos casamos ou você dá o fora". E eu não queria dar o fora. Por isso concordei. Depois me senti feliz. Era gostoso assumir esse compromisso.*

DICK — *O ar pareceu clarear. Era obviamente a solução de uma crise. O casamento pareceu resolver o que quer que houvesse causado o incidente. É claro que a proposta de casamento, naquela ocasião, firmava um compromisso de um modo ou de outro — ou*

dissolvendo a nossa união ou solidificando-a. Outro fator importante foi que todo o mundo ficou feliz. Percebi logo que isso aliviaria a tensão de nossos pais, dos dois lados, entende? [...] Era uma coisa legal e uma espécie de compromisso público com o que já estava comprometido particularmente, e sempre pensei que isso era o que devia ser. E talvez, em circunstâncias ideais, é isso o que deve ser. Mas alguns aspectos se inverteram.

EU (para GAIL) — *Há outras coisas de que você se lembra em relação à sua vida depois do casamento?*

GAIL — *Descobri que eu também tinha uma porção de idéias engraçadas a respeito do casamento. Uma delas, que não sei de onde me veio, era pensar que a gente não precisa mais estar apaixonada depois que casa. E que eu já não precisava preocupar-me com Dick e poderia não ligar para mais nada e começar a divertir-me. Mas nada disso deu certo. Não posso deixar de ligar para Dick e ainda gosto dele, o que foi outro choque para mim. Quando a gente espera não se preocupar com alguma coisa e se preocupa com ela, acaba tendo um trabalhão.*

Comentário: para mim, esta seção ilustra que, quando uma pessoa introjeta um valor ou um papel social de outros, sem testá-los com a própria experiência, recebe um impacto incrível em sua vida e em seu comportamento. Gail, evidentemente, introjetara — sem ter consciência disso — a idéia de que a esposa é um ninguém, uma pessoa dependente, incapaz de fazer o que quer, sem futuro. Muito naturalmente, quando se sentiu presa a esse papel introjetado — porque, sem dúvida, não lhe fora imposto por Dick — simplesmente achou que a sua vida se acabara. Na parte final desta seção surgiram outras idéias introjetadas, que parecem insólitas. Seria interessante conhecer melhor os antecedentes de Gail, saber como lhe passou pela cabeça a idéia de que depois do casamento o amor é dispensável. Como também a crença de que, depois de casada, a esposa não precisa mais "preocupar-se" com o marido. Ela está dando agora atenção maior à própria experiência e menor a essas introjeções; descobriu, além disso, que gosta de Dick, que ainda não se livrou da necessidade de "preocupar-se" com o marido e que não é fácil manter a união entre eles.

De certo modo, um efeito que essa revelação me causou foi deixar-me realmente muito irritado com o nosso sistema educacional. Ainda que se admitisse a inépcia da maior parte dos ensinamentos e aprendizagens que prevalecem em nossas escolas, até o tipo mais

grosseiro de educação no terreno das relações pessoais teria poupado a Gail algumas dessas experiências. Ela teria aprendido que a vida de uma mulher, mesmo no casamento, é, em grande parte, o que a mulher faz dela. Teria aprendido que o amor faz parte do casamento. Teria descoberto que ninguém se casa para viver num eterno mar de rosas: é preciso lutar, trabalhar e construir para conseguir um relacionamento satisfatório. Parece incrível que ela tenha completado vinte e um anos de idade sem nunca ter tido a *oportunidade* de aprendê-lo.

Depois há a imagem do casamento introjetada por Dick — que o deixaria amarrado e o faria infeliz. Ele também está aprendendo, *por experiência própria,* que não é esse o caso. Sente-se aliviado por não precisar sair "à caça" de uma futura esposa, e isso lhe proporcionou maior grau de liberdade.

Esta seção também contém duas razões para o casamento que torna duvidoso o seu prognóstico. A primeira é casar para agradar aos pais. Conquanto seja verdade que o fato agrada às mães e aos pais, não tem a menor importância para duas pessoas que estão perguntando a si mesmas se podem assumir o compromisso de uma união permanente. A segunda razão poderia ser desastrosamente infundada, a saber, casar para resolver uma crise nas relações entre ambos. Era evidente que eles estavam dizendo um ao outro: "Ou nos casamos ou nos separamos". A razão por que isto me parece uma solução duvidosa é que nem os verdadeiros problemas do casamento nem as questões difíceis do prosseguimento das suas relações foram enfrentados abertamente. Em vez disso, o que aconteceu foi, basicamente, um apelo à mágica — à crença de que a decisão de casar resolveria as coisas, operaria um milagre. A comunicação entre eles era muito limitada.

"UMA DIFERENÇA NO *MODUS OPERANDI*"

GAIL — *Quando ele me diz que preciso mudar ou ser assim ou assado, acredito. Acredito que ele queira que eu seja inteiramente diferente, e então me vejo encalacrada diante de um marido infeliz ou de um eu infeliz. Quero que ele mude também, mas faço as coisas de outro jeito. Não deixo que os motivos de queixa se acumulem para depois explodir. Quando ele faz alguma coisa de que não gosto, geralmente falo na hora. Falo uma vez com você, Dick, e depois amuo.*

Eu (para Dick) — *Como é que ela mostra que está zangada ou infeliz com o que você está fazendo?*

Dick — *Bem, eu o percebo assim que a vejo amuada. Quando ela me fala, é como se o que me diz entrasse por um ouvido e saísse pelo outro, pois nunca consigo lembrar-me do que aconteceu primeiro: a bronca ou o amuo. Para mim, parece que tudo acontece ao mesmo tempo. Não digo que aconteça, mas é como se fosse. [...] Isso, naturalmente, me deixa louco da vida. Não sei por que, talvez seja apenas uma diferença no* modus operandi. *Prefiro acumular, não por algum motivo moral; é que sou assim. E penso, pronto, lá está ela embezerrada outra vez e, como isso vai acontecendo aos pouquinhos, parece-me que ela está sempre assim. Veja bem, eu me esqueço dos momentos em que Gail não está desse jeito. E, por dentro, pergunto a mim mesmo: "Será que tenho de viver com essa tromba?" E creio que isso explica por que lhe peço que mude* (Para Gail). *Do meu ponto de vista, o seu mau humor é como uma parede que não consigo atravessar. Primeiro me diz o que está sentindo e depois amua... Para mim, é um verdadeiro inferno. Sei que minha mãe é meio parecida e sempre tive a mesma dificuldade com ela, e por isso procuro pôr as cartas na mesa, derrubar a parede...*

Comentário: se for observador, o leitor já deve ter percebido que esse é o tipo de relação entre crianças de cinco ou seis anos de idade. Uma pede que a outra se comporte de maneira diferente e faz um carnaval quando não é atendida. A outra emburra. Não admira que se encontre "uma diferença no *modus operandi*". Encontrá-la-íamos em quase todos os relacionamentos. Mas encontrá-la nesse nível significa que existe uma necessidade muito grande de crescimento e comunicação pessoal para construir um sólido relacionamento.

ALGUNS PROBLEMAS NO RELACIONAMENTO

Dick — *O que temos dito se relaciona com o casamento e não com a vida em comum. A vida em comum foi uma transição muito suave. Gail conheceu-me em Boston e nós, imediatamente, nos atiramos à tarefa de tentar existir, embora tivéssemos conflitos e coisas assim [...] Um exemplo, Gail, foi quando você relutou em deixar que eu segurasse a sua mão de vez em quando.*

EU — *Pois isso me deixa curioso. Quando você não queria, Gail, que ele segurasse a sua mão, era porque não gostava do aspecto físico, ou estava apenas transmitindo a ele uma espécie de mensagem temporária, como, por exemplo: "Ainda não vou muito com a sua cara?"*

GAIL — *Bem, foi mais do que isso. Creio que foi a tal história do compromisso. De certo modo, segurar a mão me parecia mais pessoal do que qualquer outra coisa. Mas pessoal ainda do que fazer o amor, entende? Nunca fui capaz de assumir um compromisso sem tentar sair dele assim que ficasse provado que* havia *um compromisso. E essa, provavelmente, é uma das razões por que me sinto tão perturbada por estar casada.*

DICK — *Casar, para mim, ou era uma solução ou não era. [. . .] Prefiro sempre que as coisas se resolvam imediatamente e sem a interferência do tempo, talvez uma simples decisão. [. . .]* (Pausa meditativa) *Pode ser que o casamento só expresse a* intenção *de resolver essas coisas e não seja uma solução real por si mesmo. Isto é, a intenção de dizer que ele valerá a pena se nós dois chegarmos a compreender-nos e vivermos juntos nessa base. É possível que este seja um modo mais realístico de encarar a coisa. Agora me ocorre que eu talvez pudesse viver com essa atitude um pouco melhor. Uma intenção não é nada, é alguma coisa e, no entanto, admite livremente que o que se está procurando não se encontre já, imediatamente, mas seja um produto de algo mais, talvez de trabalho e de tempo. . .*

EU — *Quando vocês olham para o passado, acham que hoje conseguem resolver os problemas do seu relacionamento melhor do que os resolviam no começo, ou é tudo a mesma coisa?*

GAIL — *Bem, eu diria que, em certos sentidos, é muito melhor. Mas. . . em primeiro lugar, creio que levamos algum tempo para reconhecer que os outros são pessoas. Isso precisa entrar na cabeça da gente como aprender a falar, ou coisa parecida. Porque não há razão para pensarmos que os outros são tão humanos quanto nós, a não ser que resolvamos fazê-lo. [. . .] Depois que comecei a ver em Dick outra pessoa, com sentimentos tão válidos quanto os meus, foi realmente mais fácil para mim pensar neles e não o imaginar como um ideal, mas levar em conta a pessoa que ele é.*

Comentário: a esta altura, várias coisas me acodem. Atentemos, por exemplo, para a declaração de Gail de que ficar de mãos dadas representa um compromisso mais pessoal do que fazer o amor. Isso realça o quanto cada um de nós vive em seu próprio mundo

particular de significados perceptivos, os quais para a pessoa são a realidade. O que ela diz pode parecer uma sem-razão para o mundo em geral, mas é a verdade *para ela,* e a única maneira que tenho de compreendê-la e compreender o mundo em que *ela* vive, não aquele que eu habito.

O reconhecimento da sua propensão para livrar-se de todo e qualquer compromisso é significativo. Uma pessoa que teve a sorte de crescer psicologicamente não assumirá um compromisso sem considerar-lhe as conseqüências. É pouco provável que assuma o compromisso para toda a vida, pois sabe que não pode predizer o que fará ou deixará de fazer durante tanto tempo. Mas depois de haver analisado cabalmente determinada situação, está em condições de assumir e cumprir um compromisso realístico. Gail é incapaz de fazer uma coisa dessas. O elemento promissor em tudo isso é que ela tem discernimento suficiente para admitir a própria tendência a fugir de qualquer compromisso e compreende que o casamento a deprimiu porque não existe um meio fácil de escapar dele.

Uma fascinante amostra de discernimento é a constatação, que principiou a despontar no espírito de Dick, de que a solução de um conflito não é uma coisa mágica e instantânea. Ele está principiando a compreender que talvez precise de "trabalho e tempo" para conseguir um relacionamento melhor, uma vida em comum mais harmoniosa. Aqui está um homem de vinte e quatro anos, que estudou matemática, história e literatura inglesa e possui um conhecimento ainda incipiente de relações pessoais. Até que ponto pode chegar a impertinência da nossa educação?

O mesmo comentário se aplica ao fato de Gail haver aprendido que "os outros" são pessoas. Foi para ela um grande feito chegar à conclusão de que "Dick é realmente outra pessoa com sentimentos... tão válidos quanto os meus", mas é trágico que esse conhecimento não tenha surgido aos dez ou doze anos, senão aos vinte e três.

AS PRESSÕES DA SOCIEDADE

DICK — *Posso fazer uma digressãozinha? A respeito dos efeitos do casamento. [...] De um momento para outro compreendi que é preciso pagar um preço por esse aspecto social, por fazer toda a gente feliz. Compreendi o papel que se esperava que eu, como homem, representasse, e dele tenho sido lembrado, em termos muito claros, por sogros, cunhados e por meus pais. [...] Quando Gail e eu vivíamos juntos, éramos parceiros em igualdade de condições*

na luta pela vida e, quando estávamos quebrados, não se incriminava ninguém por isso; mas, quando nos mudamos e fomos morar tão perto dos nossos respectivos parentes afins, a culpa, de uma hora para outra, passou a ser minha *quando não tínhamos dinheiro, e eu era o vagabundo que não procurava trabalho ou não me esforçava o suficiente...*

GAIL — *Sei o que Dick está dizendo. Também se esperavam coisas de mim como se esperavam dele. A gente acaba assumindo um papel, mesmo que não queira, e isso é* horrível! *Para os outros, o marido tem de ser de um jeito, e a mulher de outro, e acho que por isso, em parte, imaginei que minha vida se acabara. [...] É pouco provável que Dick venha a ser algum dia o tipo do marido capaz de sustentar a família e é pouco provável que eu venha a querer ficar em casa bancando a faxineira. E acabei metida num bruto conflito, porque vivo pensando: "Bem,* preciso *ser assim, porque estou casada e porque todos esperam que eu faça isso."*

Qualquer *comentário* é totalmente desnecessário, pois está claríssimo que o comportamento estabelecido pela sociedade para o homem e a mulher, para o marido e a esposa, constitui um fardo pesado para o indivíduo. O fenômeno é aqui particularmente interessante, pois é evidente que eles não impõem esses papéis um ao outro. Estes lhes são impostos pela nossa cultura.

UMA DISCUSSÃO

Eles estavam discutindo as pressões exercidas sobre Dick pelos pais de ambos e sobre Gail pela irmã de Dick, vizinha deles em Boston. O que se segue é um clássico exemplo de briga matrimonial.

DICK — *Mas, por maior que seja a pressão que minha irmã exerce sobre você, você sabe...*

GAIL — *Você não aceita o fato de que eu possa ser pressionada...*

DICK — *Aceito...*

GAIL — *Ou que isso seja intolerável para mim...*

DICK — *Bem, mas você nunca me disse que era. E eu a defendi contra minha irmã...*

GAIL — *Mas não na minha frente.*

DICK — *Defendi, sim, senhora. Como defendi atrás de você. E eu também...*

GAIL — *Pois eu o defendi atrás de você, e foi disso que você se queixou...*

DICK — *Eu lhe perguntei e você disse que não.*

GAIL — *O quê? Que eu o tinha defendido?*

DICK — *É.*

GAIL — *Pois defendi. E muito até.*

DICK — *Isso é novidade para mim.*

GAIL — *Novidade coisa nenhuma. Eu disse a você...*

DICK — *É novidade, sim. De qualquer maneira, se eu não ganhar dinheiro, e não der um jeito na vida, e não encontrar emprego...*

GAIL — *Mas eu também estou tentando achar emprego, Dick. Desejo encontrar emprego tanto quanto desejava antes...*

DICK — *Sim, mas ninguém espera que você faça isso, além de mim. Nisso discordo de você. Creio que a pressão incide sobre mim para que eu arranje um emprego e comece a sustentar a família. Você sabe que o divórcio acontece por causa dessas coisas: "Ele é um péssimo marido", "A única coisa que faz é andar por aí, vadiando, sem fazer nada..."*

EU — *Parece-me, por estas últimas frases, que cada um de vocês está dizendo: "Eu sou mais pressionado do que você". "Não. Eu sou mais pressionada do que* você".

GAIL — *Acho que isso é verdade. É por isso que nunca podemos falar sobre o assunto. Porque acaba sempre assim: "A minha situação é pior do que a sua"; "Não, a* minha *situação é pior do que a* sua". *E pouco importa o que se diz ou deixa de dizer...*

EU — *Há um reparo que eu gostaria de fazer: quando vocês estão tentando dizer um ao outro o que é verdade a respeito do* outro, *a tensão aumenta. Quando você diz que* sente *uma pressão, ninguém pode duvidar disso, porque é você quem a sente. Mas quando diz que as suas pressões são maiores que as de Gail, eu pergunto: quem vai decidir isso? Ela também se sente pressionada, mas de maneira diferente, e não posso senão achar que, quanto mais vocês agirem em função dos próprios* sentimentos, *tanto mais possível será chegar a um entendimento qualquer.*

GAIL — *É por isso que fico tão furiosa com Dick. Quando estamos conversando, ele me diz como me sinto, e quando digo que não, que não me sinto assim, ele não acredita. E eu não tenho modo de falar com ele [...]. Nesse ponto, quando você grita comigo e diz que sou isso, e mais aquilo, e mais não sei o quê, só respondo*

que pode ser, pode ser. Mas talvez haja um pouquinho de verdade no que estou dizendo, Dick, e você não quer ouvir-me.

DICK — *Pois eu acho, Gail, que a minha frustração vem da dificuldade que encontro para conversar com você. Em primeiro lugar, a coisa mais difícil do mundo é arrancar uma resposta sua e, mesmo quando responde, o que você diz não me dá margem para dialogar. Eu gostaria muito de poder sentar-me ao seu lado e dizer: "Estou-me sentindo assim. Como é que você se sente? Diga-me", e depois perguntarmos um ao outro o que podemos fazer para ajudar-nos. Você parece que se antecipa com os seus amuos e, de uma forma ou de outra, existe um obstáculo entre nós.*

EU — *Veja, você agora também está dizendo a ela que tipo de obstáculo é esse. Qualquer coisa que existe nela. Se você pudesse dizer, como disse há pouco: "Tentei realmente prestar atenção ao que você está dizendo, mas é difícil, porque não consigo entender o que você está sentindo", não creio que houvesse nessa frase muita coisa capaz de ferir.*

DICK — *Tem razão. É verdade.*

Comentário: existem vários tipos de discussões estéreis, mas esse é dos mais comuns. A sua característica mais notável, até o ponto em que intervim, é que nenhum dos dois está disposto a atentar para o que diz o outro. Num relacionamento desse tipo, como assinala Gail, "pouco importa o que a gente diz ou deixa de dizer". A incapacidade de se comunicarem é quase completa.

Teria sido interessante interromper a discussão em algum ponto qualquer e pedir a Dick e a Gail, individualmente, que reproduzissem as intenções e os sentimentos expressos pelo outro. É quase certo que não teriam podido fazê-lo. Ao invés disso, cada qual está à espera de uma oportunidade para cortar a fala do interlocutor e alfinetá-lo, de modo que nem as sentenças se completam. Não obstante, as mensagens são simplíssimas. Dick está dizendo: "A pressão exercida sobre mim para que eu sustente a família é maior do que a pressão que minha irmã exerce sobre você". E Gail está dizendo: "Você não acredita que eu possa ser pressionada. Pois eu não o pressiono. Estou tentando encontrar emprego também". Apenas o último enunciado é cooperativo e isento de hostilidade.

Talvez valha a pena analisar as mensagens acima e o próprio diálogo mais detalhadamente. Como começou a discussão? Começou quando Gail disse a Dick, em tom de crítica, qual era a crença ou o sentimento dele ("Você não aceita o fato..."). Esse tipo de declaração, em que o interlocutor tenta dizer ao outro exteriormente

a verdade que julga discernir-lhe no íntimo, e interiormente se sente judicativo, sempre redunda em situações difíceis. Ela diz: "Você não aceita". E Dick responde: "Aceito". Quem poderá julgar quais são as verdadeiras atitudes de Dick? É evidente que só Dick pode responder a isso, e não é provável que ele dê uma resposta sincera quando está sendo atacado. Essa é outra característica desse tipo de intercâmbio — geralmente traz consigo uma acusação, um juízo negativo e, portanto, propende a fornecer uma imagem falseada.

Repare-se agora em como uma ligeira variação do mesmo gênero de resposta produz uma grande diferença. Não estou emocionalmente envolvido na discussão e desejo realmente compreender o que está acontecendo nessa interação, de modo que entro com uma declaração do que, a meu ver, eles estão sentindo. Mas a minha declaração é empática, não é uma acusação; tentativa e não judicante; e expressa um genuíno desejo de compreensão. Isso parece diferir muito pouco do que eles estiveram fazendo, mas a diferença de atitude é profunda. Se um deles, ou ambos, tivesse dito: "Não, não é isso o que estou dizendo", eu teria aceito incontinenti qualquer correção que me fizessem.

Isso altera o tom do diálogo. Quando percebem que alguém *compreende,* mesmo que seja uma terceira pessoa, os dois se sentem mais capazes de pesquisar com maior profundidade e coerência a natureza das suas divergências. Será difícil dizer se a minha segunda resposta, mais ou menos didática, foi de alguma utilidade, mas simplesmente não suportei o espetáculo dos dois discutindo de maneira tão estéril.

Nos dois enunciados seguintes de cada um não é difícil vislumbrar as sementes de nova discussão, ainda que o tom de voz fosse muito menos acusador. Diz Gail: "Você não está disposto a ouvir", quando a única declaração verídica que ela poderia ter feito era: "Acho que você, na realidade, nunca me ouve". Esta última seria uma base de diálogo, mas não de briga. A declaração de Dick é muito mais conciliatória do que antes, mas a sua mensagem essencial é a seguinte: "Nos seus amuos está a barreira que existe entre nós". E aí, mais uma vez, se revela a tentativa de dizer a Gail qualquer coisa a respeito dela mesma.

O RELACIONAMENTO SEXUAL

Eu — *Outra pergunta que eu gostaria de fazer é esta: qual o papel que a satisfação ou a insatisfação sexual têm desempenhado*

em tudo isso? Tem sido uma parte muito satisfatória da vida de vocês ou também tem seus altos e baixos, como os outros aspectos?

DICK — *Tentarei responder. Creio que é importante. Na minha sincera opinião, temos tido muito pouca atividade sexual... não é tão freqüente quanto Gail gostaria que fosse e, de certo modo, há uma frustração, uma ferida, em que nenhum de nós consegue pôr o dedo. Tenho veias varicosas que reclamam e doem de verdade. E um excesso de atividade sexual ou uma atividade muito intensa provocam dor, e a dor me ficou gravada no espírito. No início, quando começamos a fazer o amor, tive alguns casos de... de... impotência — não fui capaz de dar no couro. Mas isso acabou se resolvendo. Não sei o que era. [...] Creio que havia muitas dúvidas e muitos temores diferentes, com certeza temores de homossexualismo, porque eu era um adolescente. Aliás, as próprias drogas talvez tivessem alguma relação com o fato. É difícil dizer, mas o certo é que, depois de algum tempo, essa parte deixou de ser problema.*

GAIL — *Não sei exatamente o que é. Há ocasiões em que não tenho orgasmo, se bem isso agora seja pouco freqüente. Não me satisfaço com muita facilidade e, quando não consigo satisfazer-me, não é por nada que Dick faça ou deixe de fazer. É uma coisa que está em mim, e que ainda não identifiquei. E acontece também, muitas vezes, que tenho medo de engravidar. Por causa de problemas médicos especiais, não posso usar a pílula, nem um dispositivo intra-uterino e, portanto, tenho de apelar para o diafragma, que não é totalmente seguro. Ora, como não quero ter filhos agora, isso é um problema. Talvez exista algum probleminha evasivo, com o qual realmente não consigo atinar. Só sei que não se trata de nada muito simples, como essas coisas que se lêem por aí...*

DICK — *Parece que Gail precisa e deseja maior atividade sexual do que eu. Você não concorda em que, aparentemente, é isso mesmo?* (Ela assente com uma inclinação da cabeça.) *Quando Gail não consegue satisfazer-se, tenho muita pena dela, porque me lembro do tempo em que eu não podia dar no couro e não sinto nenhuma hostilidade contra ela...*

GAIL — *Não gosto de falar nisso a respeito de Dick, mas um par de vezes já tive a impressão de que ele pensa que as mulheres se aproveitam dele sexualmente. Que está sendo explorado, que esperam que ele dê no couro. E isso me faz hesitar um pouco porque, às vezes, se ele pensa assim, não quero aproximar-me, porque não quero que me considere uma mulher má, que está querendo roubar-*

lhe a virtude ou alguma outra coisa. Antigamente eu me sentia magoada quando tomava a iniciativa e ele não respondia, mas isso agora, já não me magoa tanto assim.

DICK — *O que você diz me esclarece algumas coisas. Creio que tem razão nesse ponto.*

EU — *A vida sexual de vocês, evidentemente, não tem sido ideal. Existe essa qualquer coisa esquiva, que não se descobre o que é, mas tudo indica que se trata de um terreno que não provoca brigas entre vocês. Os dois parecem perfeitamente compreensivos e compassivos em relação um ao outro.*

DICK — *Sinto... realmente procuro empatizar. Creio que os problemas sexuais... já os tive e, você sabe, é uma questão de ter... Eu não os desejaria para ninguém.*

EU — *O que poderia ter sido uma questão de "Você quer demais", ou qualquer coisa nesse estilo, não parece capaz de surgir desse tipo de situação.*

GAIL — *Mas surgiu. Uma vez. Lembra-se de quando você ficou furioso comigo e disse que eu era pervertida?*

DICK — *Eu disse?*

GAIL — *Disse, sim, e isso me deixou realmente transtornada.*

Comentário: é fascinante comparar este último diálogo com a discussão anterior, cheia de acusações. Cada qual assume toda a responsabilidade dos próprios sentimentos em sua vida sexual, e nenhum revela a menor tendência para julgar o outro. Embora encontrem dificuldades desconcertantes, mostram-se mutuamente compreensivos diante delas. Dick alude ao seu sofrimento, à impotência anterior e ao vago sentido atual de frustração como sendo, todos eles, elementos existentes em seu íntimo. E Gail tem o cuidado de dizer: "Não é por nada que Dick faça ou deixe de fazer. É uma coisa que está em mim", quando se refere ao seu "problema evasivo".

Observe-se depois que ela volta a dizer como Dick se sente, mas com um resultado muitíssimo diferente. Aqui procura, muito tentativamente, revelar uma compreensão significativa dos sentimentos mais profundos do marido a respeito da exploração sexual de que ele se julga vítima, e Dick não somente se mostra sensível à observação dela como também aprende algumas coisas com ela.

Por que são eles empáticos e comunicativos nesse ponto e tão agressivos em outros? Poderíamos formular uma série de hipóteses mas, francamente, não sei. Entretanto, a diferença de suas atitudes recíprocas na área do sexo modifica-lhes o relacionamento, porém

melhorando-o. Eu quisera apenas que a atitude de compreensão se difundisse por outras áreas.

É interessante pensar na facilidade com que essa porção da vida também poderia transformar-se em campo de batalha. Podemos até entrever os elementos da discussão. Aqui está um diálogo imaginário:

DICK — *Você quer atividade sexual demais.*

GAIL — *Nada disso. Você é que não é muito masculino.*

DICK — *Eu sou masculino. Acontece que você é deformada e pervertida.*

GAIL — *Não sou, você é que é fraco.*
(Et coetera,
et coetera ad infinitum.)

A devastação que teriam produzido ataques dessa natureza é claramente demonstrada pela afirmação de Gail de que *uma* tentativa de Dick de diagnosticá-la e acusá-la sexualmente foi realmente perturbadora. Imagine-se o que teria acontecido ao relacionamento entre ambos se isto fosse uma parte constante da vida deles.

UM BREVE OLHAR PARA O FUTURO

DICK (a GAIL) — *Depois que nos casamos eu a vejo expressar-se de maneiras diferentes. Em lugar de mostrar-se apenas de um jeito, isto é, deprimida, você se mostra hostil ou, quando se sente feliz, é realmente mais feliz, entende? Essas coisas me dão esperanças, embora eu saiba que isso pode tomar qualquer direção, mas sinto-me otimista a seu respeito e a respeito dos seus sentimentos. [. . .]*

GAIL — *A gente acaba cansando, depois de fazer força durante algum tempo para não se sentir deprimida ou para sentir alguma coisa diferente. Isso é muito fatigante. É como exercitar músculos que nunca foram usados.*

Comentário: "Isso pode tomar qualquer direção". É claro que pode! Aqui está um casamento que tem muita coisa contra si e em que somente esforços heróicos, tanto da parte de Dick quanto de Gail, poderão criar um relacionamento permanente. Creio que o peso dos fatores negativos — a incapacidade de se comunicarem na maio-

na das áreas, a imaturidade nos processos de tomada de decisão (as dificuldades no tocante à assunção de compromissos), as expectativas introjetadas do papel do marido e da esposa, as tempestuosas relações que mantiveram até agora — tudo prediria um possível malogro.

Vejo, porém, três elementos positivos, que proporcionam um raio de esperança. Em suas atitudes para com a vida sexual, um dos aspectos mais importantes do casamento, eles são mutuamente compreensivos e ternos. Se pudessem partir daí, isso lhes favoreceria indubitavelmente o casamento.

O segundo elemento promissor reside nas declarações que acabam de ser citadas. Se Gail e Dick exprimem com maior exatidão os respectivos sentimentos *no momento em que estes ocorrem,* a sua franqueza, como diz Dick, pode dar margem ao otimismo. Parte desse elemento está na afirmativa de Gail de que um relacionamento que a si mesmo se enaltece, cheio de ternura, exige um esforço inteligente e concentrado. Na medida em que eles puderem progredir no sentido de uma comunicação significativa dos sentimentos complexos que existem no presente — tanto os ternos e amorosos quanto os hostis e pungentes — estarão aumentando as probabilidades de viver e crescer juntos.

Com o terceiro elemento atinei apenas por acaso. Terminada a entrevista, eles foram à casa de um amigo comum, e este me contou que pareciam quase extáticos com a experiência. Alguém lhes dera atenção e eles achavam ter lucrado muitíssimo com ela. Receio que a primeira coisa que isso demonstra é que muito pouca gente acredita ter sido ouvida alguma vez na vida, pois a entrevista se destinava apenas à coleta de informações e não tinha nenhuma finalidade terapêutica (se bem que, em várias ocasiões, eu não resistisse à tentação de ajudar). Mas mostra também o quanto eles lucrariam com o aconselhamento matrimonial se este fosse gratuito (pois não têm dinheiro), se o conselheiro, receptivo e compreensivo, não quisesse julgá-los — e se eles pudessem ter essa experiência *agora,* antes que o seu relacionamento se deteriore. Receio que a nossa cultura não ofereça esse tipo de serviço, e que apenas uma minoria de conselheiros teria as atitudes que poderiam aproveitar a Dick e a Gail. Só nos resta, portanto, desejar-lhes boa sorte em seu precaríssimo casamento, o qual, por curioso que pareça, talvez tenha menores probabilidades de ser permanente do que a sua descomprometida existência em comum.

3

UM CASAMENTO "MODERNO"

EXISTE UM JOVEM CASAL, Roy e Sylvia, de trinta e poucos anos, que conheci intermitentemente nos últimos dez anos e que, num determinado período, há coisa de sete anos, conheci muito bem. Fiquei assombrado com o que me pareceu ser a tentativa realmente moderna dos dois para fazer de todas as relações pessoais, incluindo o casamento, uma experiência crescente e criativa. Durante esse período, Roy se embeiçou por Emily, a jovem esposa, um tanto infantil, de outro homem, o que perturbou profundamente Sylvia. Mas em lugar de divórcio ou de um amargo ciúme, eles conversaram francamente sobre os seus sentimentos e chegaram a um novo entendimento (que nunca fiquei conhecendo). O marido da "outra mulher" ficou *muito* zangado — com a esposa, e principalmente com Roy. Este chegou a planejar um encontro dos quatro — dos dois casais — em que pudessem conversar sobre os seus sentimentos. Infelizmente, a tentativa de comunicação a quatro nunca se concretizou.

Pelas conversas travadas entre Roy, Sylvia e Emily, todos compreenderam que Roy sentia um profundo carinho por Emily, mas que isso não era motivo para que se desfizessem os dois casamentos. Parecia natural que, às vezes, um homem ou uma mulher amassem profundamente mais de uma pessoa. Pouco tempo depois Roy e Sylvia se mudaram, de modo que não temos uma prova cabal de que esse complexo relacionamento suportaria o teste do tempo.

Creio que o leitor talvez compreenda por que, quando comecei a pensar nas relações entre homens e mulheres, escrevi a Roy e Sylvia, do outro lado do continente, na esperança de que pudessem oferecer-me a contribuição da sua experiência. Eles decidiram escre-

ver me somente sobre as suas relações atuais, mas isso para mim tem muito valor e espero que também tenha para o leitor.

Uma razão por que desejo incluir esse material é que Roy e Sylvia, por volta do terceiro ano do seu casamento, atingiram uma franca participação e uma força de expressão quase desconhecidas. Sei que Roy tivera experiência de *encounter groups* e um ano de psicoterapia com um psicólogo competente e compreensivo. Esses fatores talvez ajudem a explicar a inusitada franqueza do seu relacionamento. Não sei. Nem posso predizer se o matrimônio deles será finalmente "bem sucedido". Mas a verdade é que estão lutando para dar à sua união uma riqueza inconcebível há cinqüenta anos. Estão tentando ser francos, manter-se próximos dos próprios sentimentos, partilhando, aprimorando o relacionamento, em lugar de apenas justificá-lo defensivamente. A meu ver, a extensão em que o partilham é quase inacreditável. O fato é que estão fazendo pioneirismo num novo território do casamento, importantíssimo para todos nós. Não posso dizer se o leitor julgará ideal o relacionamento deles ou se o repelirá, enojado. Creio que ninguém pode deixar de aprender com a experiência desse casal. Daqui por diante, deixarei que falem por si mesmos, intercalando apenas um ou outro comentário.

O RELACIONAMENTO

Aqui estão algumas notas de Roy, escritas amiúde numa espécie de taquigrafia, mas muito reveladoras.

Sempre houve movimento e desenvolvimento em nosso casamento, mas nunca como nos últimos dois anos — a mudança de uma cidadezinha para uma cidade grande, as duas crianças na escola, a libertação das mulheres, a libertação sexual na cultura da juventude — tudo isso teve um impacto profundo. À medida que as crianças foram crescendo, Sylvia começou a procurar a própria identidade. E eu a apoiei, pois desejava um relacionamento estimulante de iguais. Passamos a conversar cada vez mais — estudando os nossos desejos enquanto eu a ouvia e animava a pensar em si mesma e no que ela queria tornar-se. Isso funciona. Agora é ela quem faz o mesmo por mim. É maravilhoso termos alguém que nos ajude a estudar a nossa própria mente.

Usamos palavras para aproximar-nos um do outro. Sabemos que cada qual se esforça por ser absolutamente franco — na realidade, tanto partilhar o que não quero partilhar, porque isso costuma atrapalhar a nossa verdadeira aproximação e o nosso desenvolvimento. Como quando estou zangado ou enciumado ou quando me sinto muito atraído por outra mulher — se eu não lhe contar o que tenho e isso não me sair da cabeça, nós nos sentiremos cada vez mais separados. Vejo que, ao afastar certas coisas, começo a construir um muro — não posso interromper o fluxo de algumas *coisas — sem bloquear* muitas *outras. . .*

Pontos altos e pontos baixos — eles parecem chegar juntos em épocas de mudança em nosso relacionamento. Os tempos baixos são os medos íntimos — medo de ser ridicularizado, medo de ser chamado de impotente, ou de infantil, ou de chato, por ela ou pelos amigos (ligado a imagens de meu pai — do seu medo e da sua insegurança constantes). Esse medo é particularmente forte quando me sinto separado dela — isolado — uma perda de afeição espontânea — e sei que ela está ampliando o seu mundo em contato com outros homens. Tais medos podem ser intensos numa hora, ou num dia, e desaparecer logo depois, quando a barreira se rompe e nós nos aproximamos um do outro — partilhando do meu medo — das suas mínimas nuanças — controlando a realidade — como são, na realidade, os outros relacionamentos dela? Serei excepcional? Como? Os outros são excepcionais? Como? Desvelar todos os escaninhos do meu pensamento — arriscando tudo — tem sido essencial para mim. Sobretudo a partilha e o estudo de todos os meus temores, por mais "infantis" e "imaturos" que eu os considere. Dizendo uma porção de vezes, primeiro para mim mesmo e depois para ela — este sou eu — agora — estes sentimentos talvez nunca mudem. Se você me quiser, precisa querer estes temores. Sou vulnerável. Sinto-me ameaçado pelas suas relações íntimas com outros homens. Eu diria que levei quase um ano para poder exprimir esses medos ao senti-los. A princípio, precisei fazer um esforço consciente, depois de "conversar comigo mesmo", para compartilhá-los — para ser por fora tão vulnerável e assustado quanto me sentia por dentro.

Sylvia inicia as suas notas com uma declaração curta, porém significativa:

Creio que estive esperando poder escrever, "e vivemos felizes para sempre". Isso jamais acontecerá. Aprendi algumas coisas. Levei muito tempo para encontrar as palavras. Para mim, entretanto, foi bom escrever tudo isso.

E aqui está um pouco da qualidade do relacionamento visto através dos olhos de Sylvia num determinado incidente:

Passamos juntos um fim de semana na praia antes de Roy ausentar-se por oito dias. A viagem envolvia uma grande responsabilidade para ele e não foram poucas as suas preocupações nesse fim de semana. Escrevi isto para ele na segunda-feira de manhã, depois que ele partiu:

Sinto falta de você
Penso no nosso fim de semana na praia
havia algumas coisas gostosas
aquele fantástico lugar que visitaremos
algum dia

mas na maior parte das vezes estivemos sós ali
eu estava sozinha
você estava sozinho
e nós estávamos solitários...

Você estava esperando por mim
eu estava esperando por você

e

eu estava esperando sentir vontade de agarrá-lo
e o tempo se escoou
o tempo se escoou...

Agora você se foi
eu poderia tê-lo feito sentir-se forte
eu poderia tê-lo amado
que bela maneira de passar a sua semana

mas eu esperei até sentir vontade
e o tempo se escoou...

O último comentário dela dirigido a ele sobre o poema:

Eu estava com ciúme da sua viagem, do seu emprego estimulante. Queria aparecer em algum lugar, queria um pouco dessa emoção para mim. Poderia procurá-lo, dar para você — zangada como estava? Não.

Você se sentia culpado porque não conseguia tirar da cabeça a idéia da semana seguinte — você não estava realmente livre para ficar comigo. Havia muita responsabilidade pesando sobre os seus ombros. E como é que uma pessoa pode dar para outra quando

está amarrada pelo sentimento de culpa e cheia de ansiedade por uma responsabilidade iminente?

Poderíamos ter falado sobre isso na ocasião, mas não compreendemos, então, o que estava acontecendo. Ainda assim, valia a pena falar sobre o caso mais tarde.

REAÇÕES À LIBERTAÇÃO SEXUAL

Eles estão fazendo experiências com a concessão de plena liberdade sexual um ao outro. Isso causou tensões, o que não é para admirar. Sylvia conta como começou.

Roy e eu estávamos casados havia dez anos — e acreditávamos conhecer-nos. Eu nunca tivera um orgasmo — e pensava que era "assim mesmo". Roy também pensava, mas nunca falamos muito sobre o assunto. Conversávamos sobre tudo, exceto sexo. Então me senti realmente interessada por outro homem e tive vontade de fazer o amor com ele — embora nem sempre sentisse vontade de fazer o amor com Roy. Eu não acreditava que pudesse dizê-lo a Roy. Receava que ele ficasse muito magoado e que, de tudo o que eu dissesse, só ouvisse isto: "Você não me satisfaz". Mas acabamos falando. A princípio foi horrível — ele se sentiu machucado e fraco. E para mim foi penoso — muito penoso — saber que eu era a causadora do seu sofrimento. Mas ele gostou da nova vida que se desenvolvia em mim. Isso deve ser uma boa coisa! Eu a queria para mim e para nós. Ele também. Foi-me importante perceber que eu não era "assim mesmo", e emocionante para Roy ver sua mulher de novas maneiras. Roy disse: "Se você fizer o amor com ele, quero que me conte — precisamos saber onde estamos".

Um belo dia, deixei que isso acontecesse — e contei a ele. Arrisquei-me. Arrisquei-me. Arrisquei-me a nunca me sentir assim com Roy — a sentir-me sempre insatisfeita e a acabar estragando o nosso casamento. Isso teria sido trágico. Roy e eu somos basicamente uma boa coisa — temos dois filhos — gostamos de viver juntos — amamo-nos. Mas, de certo modo, era como se eu tivesse de fazê-lo. Eu precisava trazer à vida essa parte minha — depois de perceber que ela estava ali. Dir-se-ia que, se essa parte, tão íntima, se libertasse, se abrisse, eu poderia partilhá-la com Roy — o homem

mais importante para mim. Isso, agora, acontece. Às vezes, Roy e eu partilhamos nossos corpos como nunca julgamos possível para nós. Eu sempre imaginara que tudo deveria "simplesmente acontecer" entre duas pessoas. Se não acontecesse, eu não me esforçaria para consegui-lo — o esforço não tinha sentido. De mais a mais, eu andava zangada. Porque me esforçaria por ser sexualmente livre com Roy se me sentia sexualmente livre com outra pessoa? A pergunta era pertinente. E compreendi que a resposta seria: "Porque quero estar casada com meu marido — e quero ter isso com ele". Esse foi um momento decisivo.

E aqui estão algumas notas de Roy sobre o mesmo assunto:

Provavelmente a mudança mais difícil para mim foi precisar acostumar-me aos amigos de Sylvia — cotejando-os comigo, receando perdê-la.

Vendo-a fisicamente despertada e afirmada por outro — e eu me achando menos capaz de despertá-la sexualmente. Sentia-me assustado e vulnerável, e ela estava zangada por se ver presa a dois filhos, por ter sido sexualmente reprimida pelos pais, por não ter sido sexualmente libertada por mim, senão esporadicamente. Faz agora um ano e meio que ela exigiu uma nova liberdade e passou a usá-la — e o que ela me disse há uns seis meses de fato procede. Disse que se sentia realmente afirmada por outros homens porque eles não tinham obrigação nenhuma de afirmá-la — tinham a liberdade de querer ou não estar com ela — ao passo que, tendo eu grande interesse em salvar o nosso casamento, era mais difícil acreditar no meu apoio. Descobri que eu também pensava assim. O fato de haver ela travado novas amizades masculinas, de haver descoberto o que apreciava e o que não apreciava nos novos amigos — abriu-lhe os olhos para o que apreciava em mim e ela começou a afirmar-me — a descobrir o que eu tinha de único — e comecei a acreditar nisso, porque se baseava numa experiência verdadeira e numa escolha.

Minhas inibições em relação a outras mulheres — utilizando-as necessitando delas para dar liberdade a Sylvia — para compreender-lhe a necessidade de outras relações ao experimentar eu mesmo o desejo de outras relações. Compreendendo a minha singularidade para ela ao pôr à prova a singularidade dela para mim — através de relações com outras mulheres. Relacionando o meu medo de que ela se destruísse fazendo o amor com outro homem (que é mais

intenso quando não há liberdade no nosso convívio sexual) ao meu medo de que eu viesse a ser destruído por outra mulher e de que isso ameaçasse o nosso casamento.

Não posso permitir que ela alimente sentimentos por outros homens e teste os limites do que podemos manejar — sem que eu me liberte com outras mulheres e teste o significado do nosso casamento, não através de restrições inibidoras, mas escolhendo-a no contexto de uma variedade de relações.

Já não me fazem mossa as suas relações íntimas com outros homens — há um ano essa idéia me deixava maluco. Na realidade, é uma libertação. Já não preciso ser tudo para ela. Posso envolver-me com outras pessoas sem me sentir culpado por ela estar sozinha.

Estou convencido, com efeito, de que nos desenvolveremos a ponto de podermos fazer o amor com outras pessoas sem nos ameaçarmos mutuamente. A chave parece ser a força que temos um com o outro. Quando ela faz o amor com outro homem, minhas reações têm variado desde a extrema ansiedade e a dúvida de mim mesmo até uma raiva passageira. Se pudermos construir uma sólida lembrança dos belos momentos em que fizemos juntos o amor, creio que seremos capazes de lidar com a liberdade sexual fora de casa.

Outro dia eu disse a ela: "Estou tão cansado de me sentir enciumado e ansioso, de imaginar o que você está fazendo hoje com ele, *que só desejo livrar-me desses sentimentos e poder dizer: "Diabo, quando estivermos juntos, ótimo! Construiremos, cresceremos e partilharemos — quando não estivermos, teremos liberdade para deleitar-nos com quem estiver conosco".*

O RELACIONAMENTO SEXUAL

Creio que a natureza e o caráter da sua vida sexual se depreendem de algumas breves notas escritas por eles.

Roy:

Estamos casados há pouco mais de dez anos e o nosso relacionamento sexual está começando a ir muito bem. Sempre fomos mais francos verbalmente do que fisicamente. Viemos ambos de famílias que nunca se sentiram à vontade em matéria de sexo. Temos tido

alguns bons momentos no decorrer desses anos, mas só mesmo aos poucos conseguimos libertar-nos e gozar de fato dos nossos corpos. Ultimamente temos tido fantásticas conversas sobre sexo quando saímos para almoçar — num barzinho mal iluminado — falando de tudo o que sentimos ao fazer o amor na noite anterior — e isso tem sido formidável para nós.

A aproximação por meio de palavras é uma beleza mas as palavras, às vezes, atrapalham. Na outra manhã — fazia algum tempo que não nos excitávamos um ao outro — estávamos conversando quando parei de falar, cheguei-me a ela e olhei dentro dos seus olhos — explorei-lhe o rosto com os meus olhos. Foi difícil a princípio — isso realmente cortou as palavras — não falar, só olhar e tocar. Começamos simplesmente a tocar-nos, sentindo o toque e abrindo-nos de um modo que as palavras jamais o conseguirão.

Estarmos sensualmente próximos — tocando, cheirando, acariciando, olhando, explorando com os olhos e com as mãos, da cabeça aos pés — sem exigir que aconteça alguma coisa — apenas nos acarinhando mutuamente — concordo com Masters e Johnson em que isso é fundamental para a resposta sexual.

A descrição feita por Sylvia da mesma manhã:

Certa manhã Roy não foi trabalhar e nós tomamos café na sala-de-estar. As crianças estavam na escola. Ele olhou dentro dos meus olhos. Não disse nada. Ficou apenas olhando para mim. Foi uma coisa muito poderosa. Uma coisa nova. Isso até me deixou um pouco constrangida — mas eu gostei. Depois ele me tocou a mão com um dedo só e começou a fazer um desenho, levemente. Eu o senti. Era quase como se ele nunca me tivesse tocado antes.

E Sylvia fala ainda mais sobre os fatos novos para ela :

Começamos a ler livros sobre sexo. Lemos o segundo livro de Masters e Johnson e gostamos dele. Cheguei até a comprar Mulher Sensual. *Foi uma coisa diferente que fiz. Não sei quem mais apreciou o livro — se Roy ou se eu — mas ele realmente gostou de que eu o tivesse comprado. Foi um novo dia — uma nova Sylvia — um novo casal. Fomos assistir a um filme erótico e a experiência nos agradou — pudemos desfrutá-la juntos.*

Principiei a falar mais sobre minha família durante a minha infância — especificamente meu pai — e descobri quanta raiva eu tivera daquele velho grisalho e bom por não me haver mostrado o

que significava para mim começar a ser mulher. Meus pais não se sentiam à vontade com a sua sexualidade — não me foi difícil compreendê-lo, e acho que ainda estava com raiva por causa disso. (Compreendo, todavia, que as pessoas só podem ensinar e mostrar alguma coisa que conheçam por experiência própria.)

De qualquer maneira — na noite em que desabafei toda essa raiva aconteceu uma coisa fantástica. Quando Roy e eu estávamos fazendo o amor, ondas começaram a invadir-me o corpo — e não tentei resistir-lhes — pela primeira vez. Abandonei-me — e nunca serei a mesma. Que coisa poderosa! o orgasmo parecia durar para sempre. Eu não tinha controle sobre o que estava acontecendo. Renunciei ao controle e a experiência avassaladora tomou conta do meu corpo. Eu quisera poder deixar que isso acontecesse todos os dias — mas não posso. Creio que levarei algum tempo para incorporar ao que sou essas novas maneiras de ser. Só sei que isso pode acontecer com Roy e comigo — e quero alimentá-lo — quero fazer tudo o que puder para deixar que aconteça.

Aqui está uma nota de Sylvia para Roy sobre um momento difícil:

Estou pensando na ocasião em que você queria fazer o amor e eu não queria — isso, geralmente, é uma Cena Feia. Estou fechada — tensa — e sinto-me péssima. Como poderia eu dar alguma coisa sentindo-me assim? Depois, um dia, entrevi algo novo — eu não sentia vontade de fazer o amor, mas gostava de você — queria fazê-lo sentir-se bem. Acendi algumas velas e pus na vitrola um disco de que ambos gostamos. Eu disse: "vire-se" e dei-lhe uma fantástica esfregadela nas costas — batendo, acariciando, deixando que os meus cabelos compridos se arrastassem sobre as suas costas nuas. Encostei o rosto na sua carne — o nariz, o ouvido, os lábios. Esfreguei os músculos contraídos na base do seu pescoço. Fiz ali um desenho. Que maravilha não deixar que o sentimento de culpa — porque eu estava recusando uma coisa — me gelasse, me deixasse fria, de modo que eu não pudesse dar nada! Parece sensato imaginar que você preferiria uma esfregadela nas costas feita livre e alegremente a fazer o amor com um corpo cuja alma estivesse ausente. — Devo admitir que uma xícara de chá quente (até com mel e limão) nem sempre satisfaz a um homem que quer fazer o amor. Mas acontece, às vezes, uma coisa engraçada quando tenho liberdade de dar o que desejo dar no momento — isso me abre, faz-me sentir

novamente como um ser humano — e quem sabe então o que pode acontecer?

UM "MOMENTO DIFÍCIL"

Roy incluiu, entre as coisas que me mandou, uma nota que escreveu a Sylvia um ano antes do outro material aqui apresentado. Ela indica claramente que um casamento desse tipo nunca é "estável", a não ser como processo contínuo de mudança.

Sinto-me no ponto de quebrar. Estamos ambos forçando — exigindo a satisfação das nossas necessidades. A minha necessidade de ser vulnerável, de aceitar e avaliar esse eu, parece alimentar a sua raiva da impotência — isso, para você, é pura fraqueza. Terá alguma relação com a fraqueza de seu pai, com o que fui no passado? É um desvio erótico.

Poderíamos separar-nos agora e dizer — bem, temos algumas coisas muito boas mas, quando se trata de sensualidade — de sexo — de erotismo — os nossos padrões anteriores, as nossas associações e privações infantis, tudo isso é demais — o melhor é aproveitar o que agora sabemos e começar de novo com outra pessoa.

Ou podemos tentar construir novos significados — novas associações (pode o lar ser erótico? Com os diabos, uma mãe que amamenta pode ser erótica), e encontrar uma terceira pessoa que nos ajude a fazê-lo. Creio que demoraremos muito para fazê-lo nós mesmos.

Mudamos muitas vezes, sexualmente e de outros modos — e, no entanto, num breve colapso, quando se trata de um momento difícil para um de nós ou para ambos, prestamos uma atenção exagerada aos sinais em função do passado — esperamos o pior — prestamos uma atenção exagerada aos sinais. Esperamos o mau passado e, muitas vezes, deixamos de verificar os nossos sinais.

Alguns meses depois Roy expressa alguns dos seus sentimentos num breve poema:

Quando fora do toque amante
    Não me sinto à vontade aqui
minha base está distorcida
    toda ela se foi

ALGUMAS METAS
E ALGUNS PENSAMENTOS PROFUNDOS

Em todo o correr das notas de Roy há expressões significativas que visam ao futuro do relacionamento.

O fato de termos vivido juntos durante dez anos é importante — o bom e o mau no mesmo pacote. As duas expectativas mais restritivas — vendo-nos um ao outro com velhas imagens — imagens de nossos pais — ligando as possibilidades do momento a imagens simplistas do passado — a fantástica e positiva exploração das nossas sutis interdependências — histórias que se entrelaçam — por que fomos atraídos um pelo outro — quais são as partes do corpo do outro de que cada um de nós gosta ou não gosta — em que somos iguais aos nossos pais e em que diferimos deles — um milhão de ricas perguntas que examinamos enquanto tentamos desenvolver-nos, libertar-nos um ao outro e estabelecer um novo relacionamento mútuo — isso não acaba nunca.

A mesmice cada vez maior é tediosa e o tédio se tolera menos. A mudança está-se tornando antes a regra do que a exceção. De fato, fazer continuamente coisas novas juntos é tão estimulante que os velhos padrões se tornam cacetes. Descobrimos, por exemplo, que o fato de mudarmos o tempo e o lugar de estarmos juntos, de encontrar-nos em situações diferentes, acrescenta dimensões às nossas percepções recíprocas — diabo — isso é demasiado abstrato — mudamos a mobília — mudamos o quarto — passamos algum tempo juntos de manhã — almoçamos juntos — o fato é que a uniformidade passa a ser pano de fundo. Se estivermos sempre juntos ao mesmo tempo no mesmo lugar as percepções e reações tenderão a fixar-se.

A falta de mudança e variedade mata o sexo — o tédio não é sensual nem erótico. Nunca mais nos satisfaremos com menos do que um relacionamento vital entre nós, que impregne toda a família. As nossas expectativas estão crescendo.

Parece não haver substitutos para o tempo que passamos juntos — descontraídos — livres para nos definirmos no momento — sem a pressão das agendas de trabalho — para compartilhar dos mesmos acontecimentos, como, por exemplo, a música, um filme, uma dança,

para libertarmos nossos corpos — explorarmos de parte a parte nossos sentimentos, desejos e fantasias.

O desenvolvimento comum, uma visão atraente que partilhamos e que continuamente se expande é essencial à mudança positiva e satisfatória. Uma visão da família que queremos ser, a casa que criamos para nós. Um fluir e refluir de nossos desejos por nós mesmos, individualmente e juntos. Quero que sejamos duas pessoas vitais criando o mundo que desejamos, tirado da experiência, capaz de dizer-nos o que realmente valemos, o que é a afirmação da vida na sociedade — a mútua análise dos nossos valores, necessidades, desejos, individual e conjuntamente — enquanto tentamos representar trechos dessa visão. Quero que sejamos duas pessoas vivas, cada qual com mundos separados, identificados um com o outro e que basicamente se juntam por causa dessa identidade, e não por causa das restrições legais que nos dificultam a separação. Sinto-me realmente afirmado quando sei que ela se sente livre para ser como quiser com qualquer um e ela prefere *ser assim comigo.*

O reverso da medalha é que a identidade exige trabalho. Não posso escolher sempre com quem estar por um sentimento momentâneo, quando a corrente está alta. Nenhuma partilha verdadeira e nenhum verdadeiro sentimento de profundidade emocional vem da simples passagem de um relacionamento para outro — do que nos agrada para o que nos agrada. A profundidade vem do compromisso de trabalhar até o fim inclusive os sentimentos mais penosos — os que desejo evitar.

Sylvia exprime atitudes muito semelhantes, à sua maneira:

A mim me parece que uma parte importante da nossa história é o fato de Roy e eu tentarmos criar uma estrutura dentro da qual nos moveremos, e procurarmos ser sinceros. Confiamos um no outro. Gostamos um do outro e tentamos proporcionar a cada um o que cada um necessita. Queremos deixar que o outro se desenvolva — e, no entanto, somos apenas humanos. Temos limitações. Precisamos dizer-nos quais são essas limitações — ou tentar descobrir *o que são.*

Visto que desejamos continuar casados, que é que podemos fazer em função da liberdade de cada indivíduo para desenvolver-se? Cada qual deve manter-se em contato consigo mesmo e com o outro para que isso funcione.

Ambos, em vários pontos, deixam claro que se trata de um casamento sempre mudável, nunca estático. Sylvia, porém, torna esse caráter sumamente específico, mostrando a importância que eles atribuem a uma existência rica. Na minha opinião, uma afirmativa é clássica: "Afinal de contas, casamos para *viver* juntos, e não porque queríamos pagar contas juntos e consertar juntos torneiras que vazam!" Não admira que o casamento deles ainda dure.

Sylvia continua:

Há uns três anos — quando completei trinta — algumas coisas novas principiaram a acontecer em nosso casamento. Começamos a compreender como é importante *divertir-nos juntos. Roy jogava golfe — eu não — mas ambos decidimos experimentar o tênis. E realmente nos esforçamos — quatro ou cinco dias por semana, durante algum tempo. Eu detestava ser uma principiante aos trinta anos — mas Roy foi paciente e, afinal, valeu a pena. Temos agora, às vezes, uma boa série de bolas baixas, fortes — e isso é ótimo. Sentimo-nos vivos.*

Compramos bicicletas e apetrechos de camping *e começamos realmente a explorar os arredores, ora a família inteira, ora só nós dois. Descobrimos que é importantíssimo passar algum tempo juntos sem as crianças. É ótimo ficar uma manhã em casa — nossos dois filhos estão na escola — e talvez sair para tomar um café reforçado.*

Às vezes, vou à cidade e encontro-me com Roy depois do trabalho para bebermos qualquer coisa. Por que não? E, às vezes, saímos na quarta-feira e ficamos sábado em casa. Ou jantamos tarde, com velas, vinho e uma comida especial que preparo. Às vezes fazemos uma pizza ou experimentamos juntos uma nova receita. Outras, saímos para uma caminhada, à noite — e isso é gostoso. Ou escrevo uma carta a ele — quando estou em casa. Recentemente, um dos nossos melhores momentos ocorreu quando fomos assistir a um filme erótico. Foi delicioso podermos compartilhar dele.

Como gostamos de música, compramos discos e os ouvimos. Música, luz de velas e massagens são ingredientes de uma grande noitada. Gastamos cerca de 5% do nosso orçamento em divertimentos e recreação. Eu costumava achar que era demais — mas quando esse dinheiro nos proporciona pessoas que tomam conta das crianças à noite e experiências que nos ajudam a manter-nos em contato, creio que é bem empregado. De tempos em tempos tenta-

nos reduzir esses gastos — vamos a uma matinée, *comemos numa lanchonete, compramos um pão e um pouco de queijo cheiroso...*

Comentário: quando eu era criança gostava de ler histórias sobre os primeiros homens da fronteira, os caçadores, os exploradores que calçavam mocassinos e se aventuravam ao "ínvio sertão", cruzavam os montes Allegheny, arriscando a vida, enfrentando abertamente o perigo, muito à frente dos cabaneiros que seguiriam depois na sua esteira. Sinto a mesma emoção ao ler as sinceras declarações de Roy e Sylvia sobre o seu casamento. Eles são igualmente pioneiros, que exploram os últimos confins do relacionamento entre o homem e a mulher. Os riscos que assumem são tão reais quanto os riscos assumidos por Daniel Boone. Vivem na incerteza e, às vezes, entre medos e dúvidas. Também têm um alvo, igualmente vago e definido ao mesmo tempo. E assim como o homem da fronteira continua a avançar, tentando desbravar um território desconhecido, assim esses dois exploram a *terra incógnita* que jaz à frente de um casamento moderno. Não sei se os seus esforços os conduzirão ao sucesso — quem o *poderia* saber? — mas eles fazem jus ao meu respeito mais profundo à proporção que abrem novos caminhos através da selva das relações humanas. Romperam muitas normas convencionais sobre "o que deveria ser o casamento", e estão tentando, com genuína dedicação, construir um novo modelo de relacionamento permanente entre o homem e a mulher. Esse novo modelo se baseia num conhecimento próprio cada vez maior, numa partilha completa até dos sentimentos pessoais mais penosos e degradantes, na permissão concedida a cada um para desenvolver-se, juntos ou separadamente, num compromisso real, porém flutuante, numa união mudável, fluente, que não oferece garantia de nada, senão de novas mudanças.

Parece-me sumamente significativo cotejar esse casamento com o de Dick e Gail. Estes últimos são dez anos mais moços e têm seis anos menos de vida em comum. Existe, contudo, certo número de questões que foram enfrentadas nos dois relacionamentos, e as descrições das suas diferentes reações podem revelar-se instrutivas.

DIFICULDADES NAS RELAÇÕES SEXUAIS

Cada casal deparou com alguns problemas no esforço por conseguir um relacionamento sexual satisfatório. Dick, às vezes, se re-

vela impotente. Gail quer maior atividade sexual do que a que ele lhe proporciona, e nem sempre atinge o orgasmo. Ambos sentem que há qualquer coisa vagamente errada na sua experiência sexual. Roy sentiu-se inferior e sexualmente insuficiente, e Sylvia julgou-se incapaz de orgasmo.

Nesse sentido os casais apresentam vários paralelos. Sylvia não pode falar muito sobre a sua incapacidade de chegar a um clímax. Dick menciona escassamente a sua incapacidade ocasional "de dar no couro". A principal diferença é que, agora, Roy e Sylvia estão assumindo o risco de falar, aberta e livremente, de todos os pormenores das suas sensações sexuais — das suas insatisfações e satisfações. Para Dick e Gail esse tipo de comunicação é ainda muito difícil. Em ambos os casamentos, porém, cada esposo procura mostrar-se compreensivo e compassivo para com o outro.

O SEXO COM OUTRO

Tanto Dick, em seu relacionamento com Gail, quanto Sylvia, em seu casamento, desejaram e experimentaram relações sexuais e pessoais com uma terceira pessoa. Mas as suas maneiras de encarar essa experiência, potencialmente, penosa, foram muito diferentes.

Dick menciona algumas reações negativas confusas tocantes às suas relações com Gail, depois diz "Mas eu a amo", e sai de casa para ir viver, durante algumas semanas, com a sua amiguinha loura. Até o ponto em que podemos penetrar-lhe os sentimentos naquela ocasião, uma autêntica expressão deles assumiria, mais ou menos, esta forma: "Sinto uma série de insatisfações em nosso relacionamento. Chego a duvidar que ele dure, embora goste muito de você. E se bem isto possa ser penoso para você (e talvez para mim), tentarei um relacionamento com outra moça para ver se este pode ser melhor."

Sylvia, por outro lado, compartilha abertamente com o marido os seus sentimentos por haver sido despertada pelo outro homem e o seu desejo de manter relações sexuais com ele. Procede, porém, com muito cuidado e muito carinho, pois compreende que as suas expressões poderiam ser facilmente interpretadas como uma acusação: "Sexualmente, você é um fracasso". Só depois de assumir esse grande risco e de compartir dos difíceis sentimentos que se seguem

e que ela se vale da liberdade que Roy temerosamente lhe concedeu e descobre que é mais mulher com o outro homem. Embora emocionante, isso traz consigo a assustadora possibilidade de que ela venha a destruir o seu casamento.

Em ambos os casais o resultado é semelhante — descobrem que o convívio dos primeiros parceiros é muito mais satisfatório, e reconstroem o relacionamento, tendo aprendido muita coisa com o fato de haverem amado outra pessoa. É evidente que não existe nenhuma garantia de que o resultado seja sempre este.

DUAS CONCEPÇÕES DO CASAMENTO

Em parte alguma talvez seja mais nítida a diferença entre os dois casais do que nas suas concepções do casamento. Tentemos resumi-las em duas sentenças: para Dick e Gail, o casamento é uma caixa; para Roy e Sylvia, é um rio que flui.

Deixem-me desenvolver essas idéias. Todas as imagens que Dick e Gail têm do estado conjugal são estáticas; essas imagens mudam, às vezes drasticamente, mas a nova imagem também é estática. Para Gail, o casamento é uma caixa romântica, em que a gente tem filhos e vive feliz para o resto da vida; depois, é um caixão horrivelmente enclausurante, em que se extingue a personalidade do indivíduo; é também uma armadilha em que somos apanhados pelo compromisso; uma estrutura em que somos escravizados e condenados a arrumar a casa e a criar filhos; uma espécie de cercado seguro, dentro do qual uma mulher pode residir, sem precisar gostar do marido nem "preocupar-se com ele"; e, talvez, o que é ainda mais importante, sempre uma forma construída por outros.

Para Dick os recintos são diferentes, mas não deixam de ser um cercado já construído. O casamento é uma sebe densa, que limita a liberdade; uma caixa espaçosa e confortável, que lhe dá maior liberdade do que ele esperava; uma caixa mágica, que resolve as dificuldades do seu relacionamento; uma caixa com paredes que se encolhem, comprimindo-o: "Por que não arranja um emprego?" "Por que não ganha dinheiro?" "Por que não sustenta sua mulher?" Para Dick, as caixas também são construídas por outros.

Apenas muito fugazmente acode ao espírito desses dois que *eles* talvez sejam os construtores da estrutura, e somente através da experiência poderão vislumbrar o futuro do seu relacionamento. Gail parece surpreendida ao dizer: "É um trabalhão". Dick diz, essencialmente: "Talvez o casamento seja apenas uma *intenção* que exige tempo e esforço para se realizar".

Para Roy e Sylvia, durante certo número de anos, o casamento fluiu como parte de uma complexa corrente de experiências. Quando Roy se apaixonou por Emily, a cultura disse claramente: "Você ama outra mulher, portanto não ama sua esposa". Mas ele disse, através do seu comportamento: "Não é isso o que me diz a *minha* experiência. Amo as duas, de maneiras diferentes, e por motivos diferentes. Quero que isto seja uma parte aberta e partilhada da minha vida". E quando Sylvia desejou relações sexuais com outro homem, disse a cultura: "Isso quer dizer que você é uma esposa infiel". Sylvia, porém, resolveu o problema de modo muito diferente, partilhando sentimentos muito difíceis de expressar e que podem ferir. Em relação a outros aspectos do seu casamento, não posso falar por eles separadamente. "Nós" é o único termo que se pode usar. Esquematizando: "Queremos que o nosso relacionamento seja tal que cada um de nós tenha liberdade e estímulo para desenvolver plenamente o seu potencial". "Queremos que o nosso casamento seja uma emocionante exploração de novos caminhos". "Queremos compartilhar tão profundamente que até os nossos sentimentos proibidos, vergonhosos, de ciúme e de raiva, sejam tão cabalmente expressos e aceitos quanto os sentimentos de ternura e amor". "Queremos que as nossas decisões sejam mútuas, baseadas nessa profunda partilha". "Queremos que o nosso casamento seja pleno de surpresas, de novidade, de experiências ricamente mudáveis, e queremos ser imaginativos na criação dessa novidade". "Queremos ser a *complexidade* dos nossos sentimentos, que nem sempre são simples e claros". E, assim, Sylvia pode dizer: "Não quero ter relações sexuais com você agora, mas sinto uma grande ternura por você e vou mostrá-la". E Roy pode dizer: "Sinto-me assustado, em perigo e insuficiente porque você ama outro homem, mas também me sinto ousado e bom dando-lhe essa liberdade".

UM ADENDO FINAL DE ÚLTIMA HORA

Este livro já estava no prelo quando recebi uma carta inesperada de Roy que demonstra, mais claramente do que tudo o que eu possa dizer, que quando se inicia, num indivíduo ou num casamento, o processo de mudança tende a continuar em direções crescentes. Aqui estão os temas principais da sua carta.

MEU CARO CARL,

Em certos sentidos eu quisera estar lhe escrevendo agora sobre mim e sobre o meu casamento, em lugar de tê-lo feito, há quase um ano. Este foi um período em que fiz grandes descobrimentos a meu respeito [...] Adquiri maior confiança em mim e estou menos temeroso. Em primeiro lugar, descobri que eu jamais confiara em minha mente e tampouco acreditara em minhas capacidades. E faltava-me a diversa experiência da vida para que meus pensamentos pudessem aprofundar-se. Recentemente verifiquei, pela primeira vez, que posso sentar-me durante uma semana para pensar e escrever e meus pensamentos se aprimoram, tornam-se mais essenciais, menos superficiais, mais consentâneos com a experiência.

Parte da assunção do risco é autoconfiança. Mas parte é também confiança no que se diz — fundá-lo na experiência e testá-lo com ela.

Sylvia e eu poderíamos escrever mais agora, quando a nossa experiência mudou e se desenvolveu. Não deixamos de mudar como pessoas, mas estamos mais seguros em relação um ao outro. A nossa vida sexual estabilizou-se no sentido de que temos tido bons momentos, que deixaram de ser apenas lembrança para serem também expectativa. Fizemos ainda um considerável serviço de "desprega-mento" das nossas imagens e expectativas recíprocas das dos nossos pais e, desse modo, somos no presente mais capazes de estabelecer contato entre nós.

Estamos aprendendo a lutar pela comunicação e pela autodeterminação sem toda a sobrecarga destrutiva dos juízos paternos.

Tenho a impressão de que a minha vida tem sido um contínuo progredir da preocupação com o que os outros estão pensando de mim para a segurança de sentir-me bem.

Viva o progresso!

ROY

4

O CASAMENTO OUTRORA

ESTE SERÁ UM CAPÍTULO muito curto, cujo objetivo difere completamente do de qualquer outro deste livro. Tenho-o na conta de um interlúdio, mas talvez o leitor o considere uma interrupção. Se ele o perturbar ou entediar, pule-o, pois não estará perdendo nenhuma descrição de casamento moderno. Mas eu gostaria de explicar por que o estou escrevendo.

Verifico que eu — e a maioria das pessoas — tendemos a pensar no presente como se este durasse, tal como está, há séculos. Intelectualmente sabemos que não é assim: sabemos que muitas mudanças ocorreram. Num nível mais profundo, no entanto, sentimos — em quase todos os terrenos — que as coisas sempre foram desse jeito. Faz-se necessária uma sacudidela de vez em quando para ajudar-nos a compreender que não é assim. Daí que a finalidade desta digressãozinha seja colocar o casamento pelo menos numa perspectiva histórica, a fim de mostrar que a mudança não somente ocorre hoje, mas também faz parte da história.

Darei três pequenos exemplos de mudança, o primeiro tirado da política racial, o segundo das leis que regem o casamento e o terceiro da história da família. A seguir, descreverei um pouco mais circunstanciadamente o casamento, não como ele se verificava, há séculos, em algum país distante, mas apenas há algumas décadas em nosso vizinho do sul, o México. É possível que esses poucos exemplos específicos sirvam ao meu escopo muito melhor do que uma visão mundial mais ampla, tediosa em suas abstrações.

Em 1934, o Presidente Franklin Roosevelt mostrou-se favorável a uma lei contra o linchamento, proposta no Congresso. Algumas pessoas se sentiam horrorizadas com os vinte e oito linchamentos (vinte e quatro negros) registrados em 1933. Sua esposa,

Eleanor, instou vigorosamente com ele que apoiasse a lei, que daria, pelo menos, um resquício primitivo e fracionário de justiça aos negros. Ele recusou-se, porque tinha a certeza de que isso significaria o fim das muitas leis de que precisava para reerguer a economia. Dessa maneira, sem o seu apoio, a lei nunca foi votada e os linchamentos, levados a cabo por multidões desatinadas, continuaram sendo possíveis sem qualquer interferência federal (Lash, pp. 515 e seguintes). Agora, em 1972 conquanto ainda existam muita discriminação e muita injustiça, oitocentos negros foram eleitos para cargos públicos nos Estados do Sul, e alguns condados têm governos municipais em que os funcionários negros constituem maioria. Existem xerifes negros e muitos auxiliares negros da justiça. A perfeição ainda está longe, mas a mudança que se operou em menos de cinqüenta anos é quase inacreditável.

Deixem-me, porém, pôr outro exemplo, este mais próximo do nosso interesse pelo casamento. Durante gerações, em Connecticut, uma lei, que proibia o emprego de métodos ou produtos anticoncepcionais, aplicava-se até a pessoas casadas, na intimidade do próprio lar (se bem, nesse sentido, só muito raramente fosse posta em vigor). Essa lei foi abolida há poucos anos, em 1965. Agora, em compensação, o governo federal está destinando uma verba de quase 100 milhões de dólares anuais ao amparo do planejamento familial, à limitação da natalidade e à pesquisa nesses campos. Em muitos Estados é legal proporcionar informações anticoncepcionais a moças menores, sem que para isso seja necessário o consentimento dos pais. Esses atos do governo ignoram até as promulgações do Papa — mas não os desejos da maioria da população católica. Mais uma vez, portanto, grandes mudanças sobrevieram numa década, e não em séculos.

Ou tomemos uma questão que interessa muito de perto ao nosso tema. A maioria das pessoas considera a família conjugal — pai, mãe e vários filhos — como a unidade de toda a civilização, visto que persistiu desde a aurora da história. Ora, nada pode estar mais longe da verdade. Não faz mais de cinqüenta ou sessenta anos que a família conjugal começou a existir, como que à força, em decorrência da mobilidade cada vez maior da população. Antes disso, os parentes, a "família extensa", a vizinhança, o clã, o grupo étnico constituíram outras tantas unidades de carinho e apoio para o indivíduo, como sua mãe e seu pai. A família conjugal é um desenvolvimento *recentíssimo* — e está funcionando cada vez menos bem. Nasceu de mudanças não planejadas e está se desintegrando em

circunstâncias igualmente não planejadas — tudo isso no transcurso de muito menos de um século. Assim sendo, vamos dar uma olhada em outro pedacinho de história.

Permitam-me descrever o casamento em Tepoztlán em 1940. Por que escolhi uma aldeia mexicana de nome arrevesado? Porque ela foi muito bem estudada por eminentes antropólogos, cujos trabalhos nos merecem toda a confiança. Robert Redfield, antropólogo da Universidade de Chicago, viveu em Tepoztlán e estudou-a durante o período de 1926-27. O falecido Oscar Lewis, da Universidade de Illinois, que por muito tempo se dedicou ao estudo da cultura mexicana, reestudou a vida na aldeia de 1943 a 1948 e, novamente, em 1956-57, gastando nisso, ao todo, quase três anos. Na medida em que é típica, a minha aldeia mexicana se parece com Tepoztlán. A descrição que apresento refere-se, de um modo geral, ao período da década de 1940. Entretanto, tendo estado duas vezes em Tepoztlán como visitante, posso atestar, pelo que se vê no mercado, nas ruas e nos lares, que as mudanças não são grandes e custam a chegar.

Tentarei, portanto, escrever sobre o casamento de um modo que permita ao leitor imaginar-se nessa situação e tentar sentir as reações dos indivíduos, homens e mulheres, tão diferentes das que hoje percebe à sua volta ou das que encontra neste livro.

Comecemos com o desposório. A moça se casava, entre quinze e dezessete anos, com um rapaz dois anos mais velho. O namoro havia sido muito discreto, freqüentemente por meio de cartas, escondidas para serem apanhadas pelo interessado ou entregues por um intermediário. Embora todos esperassem um complicado pedido de casamento, o mais provável era que os dois fugissem, vivessem juntos e esperassem que, se os pais de ambos aprovassem, a cerimônia se realizasse na igreja.

A moça jamais recebia da mãe informações sobre menstruação, relações sexuais ou gravidez. Esta confiava em que aquela fosse completamente "inocente" durante todo o decurso da infância e da meninice. Nem as informações das amigas e colegas de escola (quando tinha a sorte de freqüentar uma escola) primavam pela abundância ou pela exatidão.

A jovem esposa conformava-se aos desejos do marido, era passiva, obediente e submissa às suas exigências sexuais. Tentava não demonstrar amor nem afeto, nem mesmo qualquer emoção. Não tinha animação nem calor, mas aceitava, complacente, o domínio do marido. Como para as outras mulheres da aldeia, o ato sexual para ela era

um "abuso do homem". Esforçava-se por administrar bem a casa, usando todas as habilidades aprendidas durante os anos em que trabalhara ao pé da mãe. Tomava conta dos filhos, ia ao mercado — ou mandava uma amiga, quando receava que o marido pudesse ficar desconfiado ao vê-la sair de casa. Pedia licença ao marido antes de fazer qualquer coisa de alguma importância. Posto que a maior parte da renda familial fosse em forma de colheitas, quando havia algum dinheiro em caixa, ela o administrava e tentava poupar, a fim de ter o suficiente para dar ao marido quando este fosse à *cantina* ou a qualquer outro lugar.

Ao casar, renunciava a todas as amigas, pois era possível que estas a induzissem a portar-se mal. Se fosse particularmente infeliz, viveria em casa da família do marido, onde passava a ser, primeiro que tudo, criada da sogra, que lhe transferia muitas das suas obrigações. Forçada a obedecer, a jovem esposa assumia-as, ao passo que a sogra passava a exercer as funções bem menos pesadas de "administradora".

O rapaz casava-se, mais ou menos, aos dezoito anos. Já tinha tido algumas aventuras passageiras antes do casamento. E esperava continuar a tê-las depois de casado. Na verdade, isso era considerado prova de masculinidade. E esperava que a esposa não somente lhe ignorasse as aventuras, como também não se mostrasse curiosa nem enciumada por elas.

Visto que todo o seu adestramento até esse instante consistira em obedecer, sujeitar-se e aprender a trabalhar no campo com o pai, sentia-se, não raro, intimamente inseguro em relação ao papel de domínio completo que dele se esperava. Esperava-se que ele sustentasse a família, mas que fosse também responsável pelo procedimento decoroso da esposa e dos filhos. Era uma soma assustadora de responsabilidades para um rapaz que nunca tivera encargos tão pesados. Daí que, de vez em quando, precisasse tomar uns goles na *cantina* a fim de reunir a coragem suficiente para surrar a mulher por algum mau procedimento verdadeiro ou suspeito ou por algum erro cometido.

Nas relações sexuais, fazia o possível para não excitar a esposa, pois o despertar da sexualidade nela poderia levá-la à infidelidade. Se ela parecesse apaixonada ou sexualmente exigente, ele saberia que tivera o azar de casar com uma moça *loca*. De qualquer maneira tentava mantê-la grávida o maior espaço possível de tempo, pois a infidelidade seria assim menos provável. As proezas sexuais e os galanteios reservava-os às mulheres que pretendia seduzir.

À medida que o casamento continuava, a vida caía no ramerrão de todos os dias. O marido ia cedo para o campo trabalhar, e raro voltava antes do anoitecer. Evitava a intimidade com a esposa e com os filhos, mantendo-se distante a fim de ter a certeza de ser considerado chefe da família. Esperava ser respeitado, obedecido e servido. Só de vez em quando, nos momentos em que estava meio alto e "sem juízo", segurava as crianças no colo, demonstrava-lhes afeição abertamente ou as acariciava.

Por curioso que pareça, o fato de estar tão separado das pessoas que lhe cumpria supostamente controlar muitas vezes lhes dava a liberdade que teoricamente não tinham. Elas podiam fazer coisas — e faziam-nas — à sua revelia. Quando eram descobertas, a esposa via-se em apuros. Esperava-se que obedecesse ao marido e mantivesse os filhos submissos aos desejos dele. Freqüentemente, porém, tentava interceder por eles, a fim de amenizar o castigo. Tornava-se uma espécie de mediadora. Isso amiúde o enfurecia. E como a sua segurança estava associada à manutenção do seu papel autoritário, o marido procurava, não raro, fazer que toda a família tivesse medo dele, das suas surras e das suas cóleras.

Nessa atmosfera, as crianças eram educadas para ser discretas, obedientes e submissas enquanto vivessem sob o teto paterno. Eram muitas vezes severamente castigadas, sobretudo entre os cinco e os doze anos, e mantidas na linha por histórias aterradoras de criaturas que saíam da noite para comer pirralhos mal-comportados.

Crescendo um pouco mais, as crianças passavam a ser úteis. O menino ajudava o pai na lavoura, e o pai se convertia em criterioso mestre de habilidades. Mas na relação entre os dois o pai conservava ainda a sua autoridade e a sua posição de respeito. Em casa, mãe e filha se tornavam mais chegadas, visto que partilhavam de todas as tarefas caseiras. Mas essa proximidade não mudava a pudibundaria existente. Não se respondia a nenhuma pergunta sobre assuntos sexuais: todo esse terreno era tabu.

Padrinhos e parentes ajudavam a aliviar a rudeza do modelo familial. Se bem o seu maior relacionamento fosse com os pais, também proporcionavam segurança aos filhos. O mesmo se poderia dizer dos outros parentes, embora as relações com eles não fossem cultivadas.

Como se poderia esperar de um rígido padrão de expectativas dessa natureza, havia uma quantidade de exceções. Esposas e maridos estabeleciam associações que levavam em alguma conta as individualidades separadas. Em muitas famílias também se chegava a

uma espécie de acordo tácito para evitar o conflito contínuo. Encontrava-se uma espécie de curso médio. O marido não abria mão do seu domínio tradicional, mas procurava não ser ditatorial. A esposa nunca lhe desafiava a autoridade absoluta, mas descobria uma série de maneiras de esquivar-se um pouco dela. E os filhos, naturalmente, encontravam inúmeras formas de enganar os mais velhos sem dar na vista.

Dessarte, sem excessiva dificuldade, podemos imaginar algumas famílias e alguns lares razoavelmente contentes. Comunicativos? De modo nenhum! As mentiras e o logro passaram a ser parte absolutamente necessária da vida de quem desejasse preservar pelo menos um vestígio de individualidade. Felizes? Desconfio que a felicidade seria impossível, mesmo como sonho, a não ser talvez para a mãe que acalentasse, o filhinho recém-nascido, ou durante uma comemoração ocasional. A felicidade, ou o seu equivalente, era reservada para as grandes *fiestas,* as comemorações jocosas, tumultuosas, em que o número de bêbedos aumentava cada vez mais e que reunia toda a aldeia numa curiosa mistura das velhas danças astecas e "pagãs", espetáculos e fogos, com uma capa de elementos "cristãos". Aqui estava a grande oportunidade para divertir-se, mesmo que acabasse em ressaca, no gasto de todo o dinheiro da família e em discussões acrimoniosas sobre o comportamento durante a *fiesta.*

Espero que esta descrição do casamento e da vida familial em Tepoztlán ajude a projetar nova luz sobre as uniões que temos visto e ainda veremos neste livro. Se, por um acaso qualquer, os casais que agora se revelam diante de nós tivessem vivido algumas centenas de quilômetros mais para o sul uns trinta anos atrás, teriam levado essa mesma vida. Com efeito, não precisaríamos sequer atravessar a fronteira para perceber a profundidade e o poder de penetração da mudança em todos os aspectos das relações entre homens e mulheres nos Estados Unidos contemporâneos. O minúsculo esboço de um casamento de aldeia no México pouco difere de um sem-número de casamentos rurais neste país há algumas gerações.

Talvez possamos concluir com o título de um artigo recente, dirigido às mulheres, mas que se aplica igualmente aos homens: "Você percorreu um longo caminho, menina!" Percorremos, com efeito, um longuíssimo caminho, e as uniões que estamos examinando agora se encontram a uma distância muito grande dos casamentos que se realizavam, há trinta anos, no México, ou há pouco mais de sessenta em nossa terra. Estamos agora num território inteiramente novo, e talvez este breve capítulo nos ajude a compreendê-lo, à proporção que insistimos em nosso propósito de tentar per-

suadir pessoas de verdade, pessoas *modernas,* a revelar-se em suas tacteantes tentativas de estabelecer um novo gênero de enlace. Quando, do ponto de vista histórico, chegamos tão longe em tão pouco tempo, alguns tropeções, alguns períodos em que as pessoas se sentem perdidas, e uns poucos becos sem saída não constituem matéria de surpresa.

Podemos tentar resumir tudo isto numa simples sentença: se compreendermos claramente que o casamento de Roy e Sylvia existe apenas trinta anos mais tarde e a mil e seiscentos quilômetros de distância do casamento de Tepoztlán que acabamos de descrever, teremos de reconhecer que a diferença entre eles não é uma diferença de graus, mas uma diferença de anos-luz! Estamos explodindo no espaço desconhecido.

5

TRÊS CASAMENTOS E UMA PESSOA QUE ESTÁ CRESCENDO

Através de vários contatos sociais, vim a saber da existência de um casal com diversos filhos, que vive em outra parte do Estado. Minha mulher e eu ficamos impressionados com o manifesto acordo de sentimentos e humor do casal e com o relacionamento aberto e espontâneo que mantinha entre si e com os filhos. Dava a impressão de ser um casamento genuinamente feliz — coisa que não se encontra com muita freqüência nos dias que correm. Por isso mesmo, fiquei surpreso ao saber, através de uns poucos reparos casuais da parte da esposa, que este era o seu terceiro casamento, e que os dois primeiros não tinham sido felizes.

Quando comecei a escrever os capítulos deste livro, ocorreu-me que, se conseguisse uma entrevista com essa mulher, talvez obtivesse alguns elementos esclarecedores. Uma das razões que me levou a pensar nela foi a impressão que me deu de ser uma pessoa muito franca e sincera, uma espécie de criatura saudavelmente terrena, que talvez estivesse disposta a falar sem reservas das suas experiências.

Quando lhe escrevi, ela respondeu-me que concordava em ser entrevistada, em que a entrevista fosse gravada e em que se aproveitassem trechos da gravação para este livro.

Após a entrevista, enquanto a ouvia, a gravação me pareceu tão cheia de ensinamentos fascinantes — acerca do casamento, das relações em geral, da satisfação sexual, dos elementos que podem mudar uma vida — que simplesmente não pude resumi-la. Achei que ela deveria ser reproduzida na íntegra, alterando-se unicamente os pormenores de identificação. De modo que aqui está o relato, feito por ela, dos seus casamentos. Acredito que valha a pena lê-lo e relê-lo. No fim, comentarei alguns ensinamentos psicológicos que

me propiciou, mas isso não lhe esgota, de maneira alguma, todos os elementos significativos nem as lições que pode proporcionar ao leitor.

Como se verá, falei apenas uma vez. Daí por diante, só se lerá a história de Irene.

EU — *Conte-me o que quiser a respeito dos seus três casamentos, sobretudo dos elementos que, na sua opinião, podem interessar aos jovens e ser de utilidade para eles. Quando tiver dúvidas sobre a conveniência de incluir ou não alguma coisa, use o seguinte critério: se pensar "Puxa! como eu gostaria de ter conhecido uma experiência parecida quando era mais moça", faça o favor de incluí-la. Não estará falando com eles — estará falando consigo mesma.*

E inclua os erros, as boas decisões e as boas coisas que fez, os sentimentos que experimentou em cada situação, e as mudanças que ela pode ter provocado em seu íntimo. Estas são algumas das coisas em que pensei e sobre as quais esperei que pudesse falar-me. Além disso, rabisquei meia dúzia de notas, sobre as quais, se não forem mencionadas no seu relato, lhe farei provavelmente algumas perguntas no fim. (Isso revelou-se desnecessário.)

IRENE — *Pensei nesta entrevista hoje cedo, enquanto estava deitada na banheira.* (Pausa) *Muito bem, comecemos então pela pessoa que eu era e pelas razões que me levaram ao meu primeiro casamento.*

A nossa família, realmente, não se caracterizava pela amizade. Nós nos divertíamos muito, tínhamos uma porção de problemas, mas não éramos muito amigos, não éramos muito reais um com o outro. Pouco sabíamos a esse respeito. Havia um grande conflito entre meu pai e minha mãe e esse conflito, de certo modo, se difundia. Nenhum de nós tratava os outros com grande simpatia. Não dávamos uns aos outros espaço para sermos diferentes, ou mesmo para sermos. *Não vivíamos num lar confortável em que gostássemos de estar e quase todos nós — éramos sete — só almejávamos sair dali. Essa era a verdade. E eu só conhecia uma maneira de fazê-lo: casando. Não havia dinheiro para cursos superiores nem para nada parecido. Depois que saímos do ginásio, fomos trabalhar. Pelo menos, foi essa a minha história. Eu fui. E ansiava por casar, queria casar, constituir família, estabelecer-me e viver feliz para sempre — como acontece nos livros de histórias.*

Creio que o sexo desempenhou um papel importante em tudo isso, até quando eu era muito jovem. Eu não sabia, era ingênua,

mas o sexo foi um fator importante. Nunca se falou em sexo na minha família. Lembro-me de haver dito, uma vez, que uma moça estava grávida e mandaram-me embora da sala por haver empregado essa palavra. Por isso o sexo se tornou uma coisa muito interessante e muito suja.

É provável, ou melhor, é certo que me casei por todos os motivos errados. Principalmente para sair de casa. E não somente não conhecia bem o homem que desposei, como também não sabia quem eu era. Na verdade, portanto, nenhum de nós fez um favor ao outro. Ele tampouco se conhecia e recebera uma educação muito diferente, numa família muito diferente. Sempre fora muito amado e muito protegido, e sempre tivera segurança financeira, que nós não tínhamos. Essas coisas também eram importantes para mim. E eu pensei: "Oba, aqui está um cara que tem dinheiro e uma família formidável..."

Eu tinha vinte e um anos, idade suficiente para entender melhor as coisas mas, na realidade, era como se tivesse catorze em matéria de compreensão do mundo e de mim mesma. Muito ingênua, nunca tivera relações sexuais com ninguém — sempre me sentira, ao mesmo tempo, aterrorizada e fascinada por isso.

Outra coisa a respeito de meu primeiro marido é que ele já fora casado uma vez — este é um fator importante — divorciara-se e tinha uma filha, que não podia ver mais. A menina estava com quatro anos nessa ocasião, e isso, de fato, o arrasara, muito mais do que eu podia supor. A esposa ameaçara matar a filha se ele um dia a visitasse, de modo que ele não pretendia casar com a possibilidade de ter mais filhos.

Eu me sentia completamente alheia à sua situação, ao que ele era e ao que lhe estava acontecendo. O desastre do casamento anterior fora um trauma terrível para ele — parece que amava a esposa e amava a filha. E ela dormia com todos os amigos dele. O marido foi o último a saber e divorciou-se. Mas sofreu muito, sentiu-se logrado, ludibriado e perdeu a confiança nos outros. Supus que isso não se aplicaria a mim, que eu não seria comparada. Eu era diferente. Mas, naturalmente, fui comparada. E ele não confiava em mim. Eu presumira uma confiança que não existia. Ele não queria ter mais filhos, porque não queria perdê-los também. Mas logo engravidei e nós, em realidade, nunca enfrentamos esse fato. Sei que ele se sentiu infelicíssimo com isso, mas nunca procuramos discutir realmente o assunto.

Na verdade, nunca dei atenção ao que ele dizia, nem aos aspectos seus que ele me revelava e que não se enquadrassem numa espécie de estereótipo que eu arranjara para "meu marido", entende? "Meu marido" seria forte, capaz, bom pai, gostaria de crianças, me sustentaria e me satisfaria sexualmente — o tipo do negócio tirado de livros. Ele, naturalmente, acabou se revelando um ser humano e não uma máquina, e não pôde ser o que eu esperava que fosse.

Está certo, eu não tinha nenhuma experiência sexual, isso constituía um grande problema para nós. Ele também era muito inexperiente e, como não tivera problemas com a primeira mulher, imaginou que não os teria comigo; se algum problema surgisse a culpa teria de ser minha. Presumi que deveria ser assim mesmo. Eu nunca tivera um orgasmo. Atribuí a culpa a ele. Achava-o culpado por não me satisfazer sexualmente. Eu desejava sempre a intimidade sexual, mas esta sempre me deixava insatisfeita.

Efetivamente, eu não tinha idéia alguma do que fosse o casamento. Não tinha a menor idéia, e atirei-me a ele como quem participa de uma brincadeira — brincando de casinha. Ah, outro fator importante, que me esqueci de mencionar. Sendo um homem divorciado, minha mãe automaticamente achou que ele não servia, e esse foi um grande fator que me empurrou para os seus braços. Ela gostara dele quando o conhecera, gostara do seu trabalho, da sua idade, da sua aparência, de todas essas coisas, mas assim que soubera do divórcio, ele passara a ser, de repente, imprestável, ordinário, mau, inconveniente, e isso me envenenou. Casar com ele, para mim, era outra espécie de desafio. Jurei por Deus que casaria — e casei, para minha desgraça.

Como eu já disse, tínhamos sérios problemas sexuais, e eu não sabia resolvê-los. Falávamos sobre eles agressivamente, em lugar de discuti-los como gente. Eu sentia vergonha da minha incapacidade de ter um orgasmo. Isso me assustava, pois constituía um sinal, para mim, de que eu não era mulher. Censurei-o enquanto pude. Depois, interiorizei as minhas acusações.

Eu nunca me sentira amada por minha família nem por minha mãe. Nunca recebera amor verdadeiro de ninguém. Minha mãe chegou a dizer-me, quando eu tinha trinta e dois anos: "Nunca a amei e nunca poderei amá-la. Não a compreendo, mas respeito-a". Percebi que ela estava tentando fazer-me uma espécie de cumprimento, mas a minha reação foi trancar-me no banheiro e vomitar, vomitar, vomitar. Foi uma experiência terrivelmente perturbadora para mim

não só constatar que eu sentira *o seu desamor mas* ela mesma *confessar que nunca me amara.*

Eu não me sentia digna de ser amada, senão completamente desamável. E o desajuste sexual entre mim e meu marido apenas servia para validar esses sentimentos. Eu não era digna, eu não seria capaz de experimentar a satisfação sexual. Mas era uma coisa terrivelmente frustrante. Na verdade, deixei que a imperfeição sexual me dominasse e me roesse e utilizei-a como arma contra mim e, naturalmente, contra ele também.

Acontece que meu marido não era um homem muito forte. Artista, um tanto ou quanto efeminado e muito sensível, fora, como eu já disse, muito protegido e sofrera terrivelmente com o primeiro casamento. Mas não levei nada disso em conta. Eu esperava que ele fosse o que não era e nem poderia ser, ainda que o quisesse. Por isso eu o machuquei, fiz tudo o que não devia fazer, procurando realizar a minha *idéia do que deveria ser o casamento. Isso não tinha a menor relação com a tentativa de duas pessoas de viverem juntas, pois eu nem sequer lhe compreendia o significado. E ele... bem, ele começava um projeto qualquer, gastava um dinheiro que não tínhamos, e não terminava coisa alguma. Tentei apoiá-lo, ou pelo menos assim imaginei, como uma boa esposa que apóia o marido: "Meu bem, se é isso o que você quer fazer, por que não o termina?" Sem compreender que ele pertencia ao tipo da pessoa que não termina coisa alguma e para quem essa pressão era insuportável.*

E também não era um cara muito voltado para o sexo. As suas necessidades sexuais, pequenas — um orgasmo ocasional e mais nada — resumiam-se numa simples ejaculação. Poderia até masturbar-se — e tenho a certeza de que isso lhe seria igualmente satisfatório. Não gostava do meu corpo, não gostava de ver-me despida, o que me proporcionava ensejo de puni-lo. Quando as coisas iam mal ou eu estava com muita raiva dele, bastava-me aparecer inteiramente nua para o café da manhã! Ele refugava os seus ovos, nauseado, e saía para o trabalho. Como essa, fiz muitas coisas cruéis. Eu o provocava. Não o ajudei — não o ajudei em nada. Apenas o empurrei cada vez mais para o fundo do seu inferninho particular.

E, no entanto, tudo o que eu fazia a ele me machucava. Agora o compreendo, mas eu tinha tão pouca consciência dos meus sentimentos que, na verdade, nem me dei conta disso na ocasião.

Apresentávamos uma bela imagem do casamento aos nossos amigos, lá fora. As pessoas pensavam: "Puxa, como eles são maravilhosos! Como se dão bem! E que grande vida devem levar!" E era

um jogo — um jogo terrível que jogávamos, e creio que muita gente faz o mesmo. E nós, realmente, conseguíamos enganar a maioria dos amigos, porque eles não queriam saber mais do que isso. A nossa companhia era divertida. A nossa casa, um lugar agradável para visitar mas, assim que as portas se fechavam, começávamos a nossa Virginia Woolf *particular. E, não obstante, éramos duas pessoas agradáveis. Creio que talvez tivéssemos dado conta do recado se eu soubesse então tudo o que sei hoje.*

Os filhos não ajudaram. Eu estava grávida o tempo todo, tive quatro filhos e perdi dois, embora usasse preservativos, e essa era uma responsabilidade com que ele não podia arcar — emocional e financeira ao mesmo tempo. Ele abominava a idéia de que eu estivesse esperando um filho. Não queria filhos. Mas não recebeu nenhuma ajuda minha nesse sentido, porque toda a gente supõe que os maridos devem ser pais, que devem gostar de crianças, e todas essas baboseiras. E o nosso convívio sexual era medonho, e foi ficando cada vez pior.

O casamento durou oito anos e, no seu transcurso, acabei convencida de que havia mesmo qualquer coisa fisicamente errada em mim. Quando digo fisicamente não me refiro a algo que pudesse ser corrigido pela cirurgia, ou coisa parecida — mas quero dizer que, de certo modo, quando nasci, faltava qualquer coisa em mim. Eu estava começando a acreditar que nunca poderia ser amada. E essa idéia me atormentava. Eu tinha muitos amigos mas, de certo modo, me protegia, não deixando que as pessoas se aproximassem demasiado de mim.

Surpreendi-me até tratando com reserva meus próprios filhos. Eu não me sentiria à vontade se eles quisessem de fato segurar-me ou apegar-se profundamente a mim. Não queria saber disso porque tinha a certeza de que, se viesse a amá-los e a ser amada por meus filhos, eles acabariam descobrindo qualquer coisa em mim que não seriam capazes de amar. E eu os perderia. E, portanto, era melhor não os amar do que amá-los e perdê-los. E isso, naturalmente, também não facilitou o meu relacionamento com as crianças, sobretudo quando pequenas.

Toda a atmosfera da casa era igualmente abominável. Imaginei que poderia viver com ela — ser a mártir. Creio que fui a maior de todas as mártires que já viveram. E consegui viver assim durante oito anos, castigando e consolando. Eu o arrasava, depois bancava a mãe dele, depois o criticava por usar-me como sua mãe. Era realmente terrível! E nenhum de nós tinha inteligência suficiente para saber como sair de tudo aquilo. Nenhum de nós, com efeito,

sabia da existência de outro estilo de vida, e continuamos juntos principalmente em virtude das pressões da família e da sociedade. E jogamos até o fim esse jogo idiota, não querendo que ninguém soubesse. Isso era importantíssimo.

Finalmente, como parte do remate sexual de tudo — não sei se isso lhe interessa ou não — mas quero falar-lhe do momento em que me senti mais degradada, mais baixa, em nosso relacionamento. Sempre desejei uma grande atividade sexual, porque nunca me sentia satisfeita. Eu precisava de mais e mais, e nunca tirava nada daquilo, e o acabei deixando quase maluco porque, para começar, isso pouco lhe interessava. E ele, afinal, me acabou confessando que eu era chata e desinteressante e não poderia excitá-lo; mas, se ele tivesse uma aventura com outra mulher, isso talvez estimulasse o nosso relacionamento. E eu concordei! Ele não queria ter nem a responsabilidade de escolher a garota, de modo que precisei fazer isso também. E eu, evidentemente, não poderia castigá-lo por uma coisa que eu mesmo arranjara. Foi algo repugnante, feio, que fizemos. Hoje me lembro disso com certo horror.

Creio que esse foi um momentozinho crítico. De qualquer maneira, olhei bem para mim e para o que estava fazendo a mim mesma. E com que finalidade! Era uma loucura! Eu pensara poder viver com isso, mas não pude.

E a crueldade dele para com meus filhos — quero dizer, meu marido, na verdade, não podia ferir-me, não podia atacar-me, porque eu estava muito bem encouraçada. Mas ele voltou-se contra as crianças, e eu aproveitei esse fato — foi a razão que aleguei para requerer o divórcio: a crueldade dele com as crianças. Pronto. E tive nisso o apoio do mundo inteiro.

Eu me sentia inteiramente justificada com o divórcio. Ele não era o que um marido deve ser. Sentenciei-o, condenei-o e achei que tinha carradas de razões para fazê-lo. Eu era forte e ele era menos forte do que eu. Eu estava certa e ele não passava de um bastardo.

Depois do divórcio imaginei estar em excelente situação. Já não tinha aquele verme agarrado ao meu pescoço, poderia arranjar um emprego e tomar conta de tudo da melhor maneira possível. Mas havia uma porção de surpresas à minha espera. Eu não sabia dirigir, precisei aprender a guiar automóvel. Consegui emprego, um emprego terrivelmente cacete — trabalho de escritório numa fábrica, no turno da noite. Compreendi, de um momento para outro, o que significa estar só. Tinha dois filhos para criar e não estava bem fisicamente, pois ainda convalescia de uma histerectomia. Isso foi outra coisa: ao tomar a decisão de solicitar o divórcio, eu não poderia ter escolhido

momento pior. Achava-me, provavelmente, nas piores condições para tomar sozinha uma decisão importante. Emocional e fisicamente, eu me encontrava muito longe da melhor forma.

Precisei arranjar uma mulher para tomar conta das crianças, que estavam crescendo sem nenhum controle. Meu menino mais velho começava a experimentar graves problemas emocionais por minha causa, por causa do pai, por causa do nosso casamento e de tudo o mais. E eu não sabia como enfrentar tanta coisa ao mesmo tempo. Se eu era, de fato, incapaz de dirigir-me, como lidaria com outras responsabilidades — as crianças, a casa, e o resto?

Creio que, a essa altura, pensei poder manter relações sexuais satisfatórias com qualquer pessoa, e sentia grande necessidade disso. Daí que me visse, durante algum tempo, trocando de camas. Mas, para meu completo assombro, sempre dava na mesma. Pouco importava a pessoa com quem eu dormisse — eu continuava incapaz de gozar. Ia até certo ponto e empacava. E estava tão certa da minha indignidade e da minha incapacidade de ser amada que, por exemplo, nunca deixei que homem nenhum percebesse que eu não gozava. Representava muito bem. A excitação sexual era verdadeira, eu me excitava sexualmente — mas também fingia muito bem estar atingindo o orgasmo, só para ele sentir-se melhor. Eu não passava de um fracasso total. Aquilo já era quase uma obsessão — se eu conseguisse ter um orgasmo, seria uma mulher. Que estupidez! Sei que uma coisa não tem nada com a outra, mas era assim e eu não estava à altura das circunstâncias.

O trabalho foi uma boa coisa. Conheci algumas pessoas e comecei a experimentar, pelo menos, algum sentido de realização, por mais idiota que fosse o serviço. Obtive logo uma promoção, comecei a superintender o trabalho dos outros e me sentia bem. Mas isso me tomava muito tempo.

Tive algumas dificuldadezinhas com os vizinhos. Vivíamos num loteamento novo, tínhamos mudado para lá ao mesmo tempo, e supus que toda aquela gente fosse realmente minha amiga. Mas assim que me divorciei, descobri que já não era bem recebida em casa de ninguém — e isso foi para mim um problema difícil. Eu representava uma ameaça para todas as mulheres, andava atrás de todos os homens — o que absolutamente não era verdade, pois tinha um rigoroso código moral. Uma mulher divorciada está sujeita a toda a espécie de coisas que a gente nem sequer imagina enquanto não se vê em situação semelhante. É como se levássemos tatuadas na testa estas palavras: "Maridos, cuidado!"

Vi-me depois envolvida com um homem para o qual trabalhava, um dos meus patrões. Foi o meu segundo marido. Doze anos mais velho do que eu, já possuía um diploma e estava tentando tirar outro, porque pretendia modificar todo o seu estilo de vida. Voltara à faculdade para estudar psicologia. E empregava tudo o que aprendera em mim, que era, naturalmente, uma presa fácil. "Puxa! como ele é maravilhoso!" Bem apessoado, estável, de fala pausada, delicado (ao que parecia), brilhante, interessava-se por mim, e isso me deixava boquiaberta. Afinal, que tinha eu para despertar o interesse de uma criatura tão fabulosa? E fui tão boba que imaginei ser a causa de tudo isso. Não era. Tratava-se tão-somente de uma atração sexual. E como eu não dava nenhum valor aos meus atrativos sexuais, para mim não poderia ser isso, tinha de ser outra coisa. E, assim, o nosso relacionamento partiu, mais uma vez, de duas suposições diferentes. Limitei-me a supor que devia ser outra coisa além do sexo, e ele supôs que eu soubesse que era o sexo — uma perfeita tolice.

Além disso, ele também era casado, de modo que me assaltavam terríveis sentimentos de culpa por causa do tempo que passávamos juntos. Finalmente, ele se divorciou da esposa e nós nos casamos. Tudo isso parece muito simples, mas foi um processo complicadíssimo. Na realidade, eu não queria saber dele, mas não resisti às atenções que me dispensava. Sentia-me atraída por elas. Eu precisava de alguém que tomasse conta de mim. Precisava desesperadamente disso, muito embora me acreditasse capaz de arranjar-me sozinha. E iludia-me a mim mesma de mil e uma formas, racionalizando a situação, por causa das atenções dele.

Tentei acabar com as nossas relações uma porção de vezes, mas não o consegui. Cheguei até a pedir-lhe: "Meu Deus do céu, por que não vai embora e me deixa em paz?" Mas quanto mais o repelia, mais atraente lhe parecia.

Ele era formidável com as crianças pelo menos aparentemente, e isso era muito importante para mim. Entretanto, jamais conseguiu tapear meus filhos, porque eles me disseram, desde o princípio: "Ele é medonho, mamãe, não queira saber dele". Mas eu, com a superioridade dos meus conhecimentos e dos meus anos, de MÃE, com maiúsculas e tudo, fiz ouvidos moucos ao que me diziam e declarei-lhes, alto e bom som, que era eu *quem tomava as decisões na família e, de qualquer maneira...*

Supus que eu houvesse destruído o seu lar e sentia-me como a última das mulheres. Mas, que diabo!, ele se divorciaria de qualquer maneira. Se não tivesse sido eu, teria sido uma garotinha qualquer

que houvesse aparecido. Acabei por compreendê-lo depois de algum tempo, e já não me sinto tão mal por causa disso.

Naquela época eu não era ninguém. Deixava-me emprenhar pelos ouvidos, qualquer um poderia convencer-me do que quisesse. Eu não sabia quem eu era, a não ser que não era ninguém. E a única coisa de que me lembro e que ainda me perturba realmente é que, antes mesmo de casar com ele, depois do seu divórcio, eu disse a uma grande amiga minha: "O único jeito que terei de livrar-me dele será casar e divorciar-me".

Isso mostra várias coisas. Sentindo que ele não poderia estar interessado em mim e que, mais dia menos dia, descobriria que eu não prestava, embarquei-me nessa aventura com muito cinismo: é isso o que ele quer, não é? Pois bem, ele tem dinheiro, será um pai para as crianças e não precisarei trabalhar. Eu estava muito cansada, fisicamente exausta, e só queria ficar em casa. Outra coisa é que ele parecia gostar de meu filho mais velho, e as crianças, naturalmente, estavam precisando mesmo de um pai. E foi esse um dos seus argumentos para persuadir-me a desposá-lo — que seria um bom pai para John, meu filho mais velho.

Pois bem, nosso casamento durou um ano e foi um desastre. A verdade é que ele não tinha um tostão, não sabia lidar com dinheiro, estava endividado, terrivelmente encalacrado; acabei perdendo quase tudo o que eu tinha pagando as contas dele; perdi o carro — tudo o que eu possuía de algum valor material, e o fato é que eu possuía pouca coisa. Foi terrível! E ele só queria sexo, sexo, sexo. Se isso me proporcionasse alguma satisfação, é bem provável que tudo acabasse dando certo, mas acontece que não me proporcionava nenhuma. E não tardou que ele se transformasse, para mim, apenas num velho sujo. Foi horrível.

Na verdade, a situação de todos melhorou quando isso terminou. É estranho também, porque essa é a parte da minha vida de que menos me lembro. Quando alguém me pergunta: "Há quanto tempo você e Joe estão casados?" - - Joe é o meu marido atual — respondo que estamos casados há seis anos. Ora, meu filho mais velho já fez dezoito, de modo que a pessoa não deixa de perguntar: "Quer dizer que você se divorciou?" E só penso em dois maridos. Nunca me lembro do pobre Ken, ensanduichado no meio dos outros dois. Nunca me lembro mesmo.

De uma forma ou de outra, consegui sobreviver, mas o importante é que, mais uma vez, casei pelos motivos errados: casei para poder largar o trabalho e ficar em casa com meus filhos. Casei para conseguir uma segurança financeira, que não existia, e uma segurança

emocional — o homem era mais velho, parecia muito capaz, mas não era. Era apenas mais uma pessoa como todas as outras que eu conhecia, que trouxe para o casamento os seus problemas e limitações, e eu não tinha mais espaço para nada disso. Mais uma vez enfiei na cabeça a idéia estapafúrdia de que, assim que nos casássemos, a minha *concepção do casamento se realizaria. Naturalmente, não se realizou.*

O casamento era a única coisa que eu realmente desejava e, tendo fracassado duas *vezes, e de forma tão* completa, *fiquei abaladíssima. A essa altura, eu estava absolutamente convencida de que havia em mim qualquer coisa desamável, que eu já não poderia continuar negando. O sofrimento de tentar amar alguém e tentar ser amada era tamanho que eu não teria a coragem de tentar outra vez.*

Decidi trabalhar, criar meus filhos, ficar com eles e fazer todas essas coisas maravilhosas que os mártires fazem. Depois me mataria. Eu já tinha o plano todo arquitetado — assim seria. E isso pôs como que um fim à minha desdita. Eu sabia que, afinal, era o que ia acontecer. Pois eu não estava disposta a sofrer mais trinta anos de terrível solidão.

A solidão me acabaria roendo. Mais a convicção de que havia algo errado em mim e de que eu jamais seria capaz de manter uma ligação por muito tempo — toda ligação seria efêmera. E eu diligenciaria para que as coisas fossem assim. Ninguém jamais tornaria a conhecer-me. E eu não mostraria nada de mim mesma ou, se mostrasse, seria muito pouco. Apenas o estritamente necessário. E aprenderia a viver sem sexo. Aprenderia a resolver os meus problemas. Masturbar-me-ia e depois daria um jeito no sentimento de culpa — faria uma pilha de tudo, poria uma coisa em cima da outra. Sentia-me culpada pelo que fizera a meus filhos, pelo que fizera a dois homens, pelo que fizera a mim mesma, e conhecia dois jeitos de lidar com isso: atribuir a culpa a minha mãe — pobre mamãe — ou atribuí-la à falta que eu tinha de alguma coisa, o que não era minha culpa, ou ainda à escolha de dois homens peculiares, o que também não era minha culpa. De modo que eu levava a metade do tempo seguindo esse caminho e a outra metade me castigando por segui-lo.

Pergunto-me às vezes como meu terceiro marido, que conheci numa festa e com o qual depois conversei em nosso primeiro encontro, conseguiu chegar até mim através de todas essas coisas. Em certo sentido, é uma espécie de milagre.

Passaram-se, mais ou menos, uns três anos entre o primeiro e o segundo casamento, e talvez um ano e meio ou dois entre o segundo e o terceiro. Ora, nesse período, comecei realmente a pôr de lado

as minhas "obrigações", a pôr de lado ou analisar, reconhecer e aceitar alguns sentimentos de culpa, olhando para o passado e compreendendo: "Isso já passou e não posso fazer mais nada para consertá-lo. Acabarei realmente estragando o meu futuro se começar a enredar-me no passado".

Por isso, primeiro que tudo, quis tentar conhecer-me, saber quem sou e que são certas coisas que me fazem proceder como procedo — tentei entrar em contato com alguns dos meus sentimentos, que eram coisas novas para mim. Não imaginava que pudessem interessar a alguém. Eles tinham sido sempre meus — e imagino que fossem algumas das coisas que eu supunha inaceitáveis. Se me sentia com vontade de suicidar-me, ou deprimida, ou desamável, ou se experimentava alguns sentimentos negativos que costumava ter a respeito de mim mesma, não devia deixar que ninguém visse nem soubesse disso. Levei muito tempo para compreender que essas são as coisas a que as pessoas dão valor e pelas quais se interessam. Eu quisera poder lembrar-me claramente de alguns dos processos envolvidos, mas é duro. Não sirvo muito para esse tipo de lembranças. Joe teve nisso uma grande responsabilidade.

Joe entrou em minha vida. É um homem que sempre foi amado, sabe-o e aceita-o sem discutir. Ainda não me refiz do assombro. Ele não ignora que tem valor — o que, aliás, nunca foi posto em dúvida — e, no entanto, foi capaz de olhar para mim, cuja opinião a meu respeito era quase que exatamente oposta, sem se preocupar com isso, sem se sentir alienado por isso, e sem tampouco estimulá-lo. Ele nunca levou a sério a minha "doença", nem os meus sentimentos negativos a respeito de mim mesma. Ouvia-os, aceitava-os e depois, à sua maneira, dizia que eram uma besteira. "Compreendo que se sinta assim, mas não é assim que você é."

E comecei a olhar para mim mesma. Era como se fosse possível que a maneira como ele *me vê estivesse mais próxima do que sou do que a maneira como* eu *me vejo, e comecei a esforçar-me um pouco nesse sentido. Interessante! Descobri que era muito mais fácil para mim degradar-me porque, nesse caso, eu não precisava representar. Não precisava estar à altura de coisa alguma. Eu era desvalida, maltratada, desamável e inaceitável, e* assim *não precisava primar pelo comportamento. Eu tinha uma boa desculpa para não lutar, para não me dar valor, ou para qualquer coisa desse gênero.*

Se a minha história de horror houvesse fascinado Joe, creio que eu teria continuado a vivê-la por mais tempo. Mas ele não se deixou fascinar. Ouviu-a, achou-a tristíssima, porém não quis ouvi-la outra vez, e isso foi meio duro para mim, porque eu usava essa história como

uma espécie de passe — as pessoas deixam-se fascinar por tudo o que é feio e a minha história as assustava. Mas nunca assustei Joe. Eu ficava, às vezes, tão deprimida que, de certo modo, experimentava uma cena de suicídio. No momento, a coisa me parecia extremamente real, mas ele não lhe dava a mínima atenção. Olhava para mim como se aquilo não existisse e só me dizia: "Bem, espero que isso já tenha passado". Ou então: "Se faz questão de chafurdar nessas coisas, é melhor eu sair e voltar quando você se sentir melhor. Posso fazer alguma coisa para ajudá-la? Não quero ouvir essa história outra vez. E se quiser flagelar-se o resto da vida com o passado, o problema é seu. Mas não conte comigo".

Muita coisa que ele me disse parecia cruel mas, na realidade, me libertou. Eu poderia seguir um ou dois caminhos. Ele gostava da pessoa que eu era. Entretanto, não dava um figo podre pela pessoa que eu havia sido. Era, de fato, uma parte de mim, mas apenas uma parte. *Não era toda eu. E quanto mais eu me via através dos olhos dele, tanto melhor me sentia.*

Uma coisa interessante, porém, é que eu não tinha a certeza de querer-me como ele me queria. Não sei se eu realmente queria *ser sadia, pois há muita responsabilidade nisso — uma enorme responsabilidade. Eu já não poderia pensar em ser mártir, morrer dali a dez anos e acabar com toda aquela agonia.*

E muitas vezes eu ficava com raiva dele, porque ainda pensava: Está certo, meu chapa, você gosta mesmo de mim, mas isso é o que você *vê. Eu não o deixo ver esta bolinha preta, podre e feia que é a verdadeira Irene, desamável e inaceitável. E, com efeito, nesse ponto da minha vida, eu me sentia inclinada a tentar — mais uma vez — essa troca de amor, esse dar e receber amor.*

Eu poderia manter o meu status quo, *ter pena de mim mesma, degradar-me, ser uma mártir de meio período e sentir-me segura, porque era um estado que eu já conhecia e sabia que nele poderia sobreviver. Não seria uma grande vida, mas eu estaria viva. Ou poderia tentar, mais uma vez, abrir-me diante dele, mostrar-me e arriscar-me à possibilidade de que a bolinha preta dentro de mim fosse de fato tão feia que ele me deixasse. E era um risco terrível para mim. Pois se eu tornasse a tentar e tornasse a fracassar — e olhe que não estou falando em casamento, estou falando num relacionamento de verdade com outro ser humano — acabaria ficando louca, acabaria* realmente *perdendo o juízo.*

Não valia a pena arriscar. Mas, passado muito tempo, compreendi que, para mim, o maior risco... o maior risco era não me arriscar e nunca saber realmente se poderia ser amada e poderia amar.

Conversei comigo mesma e fiz uma lista de todas as coisas que tinham desandado. Depois comecei a pensar em algumas coisas que talvez estivessem certas. E uma das perguntas que surgiu — você sabe, perguntas feitas de mim para mim — foi esta: "Mas, afinal, que é o que você quer mesmo? Que é o que está procurando?" E a resposta não foi o casamento, nem os seis filhos, nem a vida feliz para sempre. Eu queria aprender a amar alguém, uma pessoa só, ser amada por ela, e mais nada. *Não precisava da casa, não precisava de coisa alguma, apenas de saber como consegui-lo. Como experimentá-lo — dos dois modos.*

E o meu reflexo no espelho respondeu: "Pois então, sua *burra, que é o que você acha que tem agora?" E fiquei ali sentada, pensando: "Bem, é verdade que tenho um homem que estou aprendendo a amar. Se o meu objetivo é amar e ser amada, já o alcancei. Joe me ama, eu o amo, ele ama as crianças. Que é o que eu quero e não tenho?"*

Até aquele momento eu encarara com reservas as nossas relações, porque Joe não dava a impressão de querer casar comigo. O pedaço de papel, a maldita certidão de casamento, mais uma vez, era a minha maneira de medir-lhe o amor, o que não deixa de ser uma estupidez. Ele estava vivendo comigo, eu estava participando da sua vida, ele era maravilhoso com meus filhos, muito real com todos nós. Ele me aceitava como eu era, com todas as minhas cretinices, eu tinha exatamente o que queria, e estava negando tudo isso porque me faltava um pedacinho de papel. Tive o cinismo suficiente para dizer: "Bem, Joe talvez esteja me enganando, e o que temos não é real sem um pedaço de papel". Mas compreendi o quanto estava errada *pensando assim. E uma coisa grande aconteceu comigo, dentro de mim. Depois dessa longa conversa comigo mesma, experimentei uma sensação de paz que nunca experimentara em toda a minha vida.*

É provável que eu tenha chorado, não me lembro, mas isso também não importa. Mas também senti alegria. Duas coisas completamente desconhecidas para mim. Refiro-me ao relacionamento comigo mesma. Eu nunca sentira paz e nunca sentira alegria. Fora essa a primeira vez, e eu o conseguira sozinha. Não precisara de Joe. Não precisara de ninguém para fazer isso por mim ou para mim. Uma experiência íntima, pessoal, maravilhosa. Nunca insistirei demais na importância da conversação com a minha imagem na janela. Foi, de fato, um ponto decisivo.

E quando Joe voltou da viagem, não senti a necessidade de reparti-la com ele, pois não era uma grande coisa que precisasse ser explicada. Era minha, particular, e era saudável, bela, e com ela me

veio uma grande responsabilidade que, dessa vez não me assustou não pensei em suicídio nem em nada parecido.

E, aparentemente, tirei — Joe e eu temos conversado muito sobre isso — aparentemente tirei de cima de Joe todos os tipos de pressão para casar. Eu não disse nada, mas a minha atitude mudou. De repente, do ponto de vista dele, pela primeira vez em minha vida, eu fui toda sua, sexual e totalmente. A paz interior que eu sentia e os bons sentimentos que me envolviam e envolviam a minha íntima alegria eram tão manifestos que se transmitiram a ele. Aparentemente, era o que ele estava esperando. Não foi muito cognitivo o processo por que ele passou, mas eu lhe parecia muito presente, e duas semanas depois estávamos casados, o que foi efetivamente assombroso! De repente, Joe se mostrou absolutamente convencido de que precisávamos — repare que uso o termo no bom sentido — precisávamos casar; de que o que tínhamos procurado estava funcionando. E tinha todas as probabilidades, em nossa opinião, de continuar funcionando cada vez melhor.

E eu não estava certa de querer casar. Era gozado, porque, experimentando coisas boas, eu não queria estragá-las, nem precisava do casamento. Digo-o com a maior convicção. Eu teria visitado os pais dele, meus pais, todas as pessoas que me haviam infundido tanto medo em seu juízo anterior a meu respeito — de repente, senti que poderia visitá-los, sem casamento, com muito orgulho. Mas nós nos casamos.

E tem sido uma maravilha, uma verdadeira maravilha. Uma coisa que muda todos os dias, que muda constantemente. Em realidade não sei se compartilhei dos últimos restos da bolinha preta que trago dentro de mim. Mas já não tenho medo de fazê-lo e isso acontece mais ou menos naturalmente. Não atingi meta alguma, nem o fim de nada, mas estou em vias de atingi-lo. E isso, para mim, é apenas ser, o que não é muito fácil. Muitas vezes me seria menos difícil não repartir algumas coisas que acontecem dentro de mim. E penso: "Oh, meu Deus, isto vai deflagrar aquilo, que, por sua vez, deflagrará aquilo lá, e eu me verei em apuros e o nosso relacionamento estará em dificuldades". Preciso lembrar-me sempre de partilhar o que sou agora, e isso é ser, e este é o processo. E funciona, e é a única coisa que descobri que funciona. E tem-me dado alegria. Às vezes vendo-me ao espelho, penso de fato que sou bonita, e isso é movimento!

Parece uma pena esperar que eu chegue aos quarenta, depois de uma porção de anos horrorosos mas, na realidade, não deploro nada que já me aconteceu. Não me castigo mais. Compreendo tudo, lamento ter feito muitas coisas, como lamento não ter feito muitas outras,

e lamento ter sido o que fui mas, na realidade, não me castigo mais. Estou aprendendo a viver o momento que passa e começando a entender o que isso significa. O nosso convívio sexual é fantástico. Vejo que estou ficando sexualmente corajosa, o que é maravilhoso. Joe me acha linda. Na maior parte das vezes penso que ele deve ser cego, *mas isso também está certo. Tenho um bom relacionamento com meus filhos, e eles também se dão muito bem. A coisa é como uma bola de neve, vai de um para o outro e para os nossos amigos. Joe é sincero, eu sou sincera, nós somos sinceros. Nada de truques, nada de tapeações, e é maravilhoso poder viver — ser exatamente quem sou o tempo todo, ou* quase, *e ver que tudo está certo. Não preciso esconder nada. Não preciso estar imaginando o que os outros querem, nem tentando dar-lhes o que imagino que querem, a fim de conquistar amigos ou... é* ótimo! *Sei que não sou assim vinte e quatro horas por dia, nem muito menos, mas a coisa está se construindo, está aumentando, e é limpa. E sinto-me feliz por estar viva. Não há garantias, mas sinto-me feliz por estar viva.*

E sabe de uma coisa? Descobri que a bolinha preta que existe em mim é o que possuo de mais amável. A parte de mim mesma que eu supunha mais feia é a mais bonita, porque aprendi a compartilhá-la.

OS SIGNIFICADOS QUE ENCONTRO

Todo um livro sobre a dinâmica da personalidade poderia basear-se num estudo da vida de Irene, tal como ela a descreve. Dela se podem tirar ensinamentos sobre o desenvolvimento infantil, as relações entre pais e filhos, o conceito que as pessoas fazem de si mesmas, os elementos dos bons e maus relacionamentos, os fatores que explicam as mudanças pessoais, a partilha de si mesmo, o ajustamento sexual (bom ou mau), a racionalização, e assim por diante. A princípio, pensei em classificar alguns significados que encontro na experiência de Irene sob essas epígrafes. Mas acabei chegando à conclusão de que talvez fosse melhor limitar-me a enumerar alguns ensinamentos que colhi rapidamente, na ordem em que aparecem na entrevista. Dessa maneira, o leitor poderá reexaminar o documento e verificar se concorda ou não comigo, e se ele lhe sugere outros elementos. Portanto, aqui está uma lista parcial.

O efeito das relações familiais destrutivas sobre a criança e sobre o jovem (p. 84).

A influência das primeiras inibições em relação ao sexo (p. 85).

O abismo incrível que ocorre num relacionamento baseado em rígidas expectativas no tocante ao outro, e não na compreensão (p. 85).

O efeito desastroso que pode ter sobre o casamento a incapacidade de lograr um relacionamento sexual satisfatório (p. 86).

A duradoura influência da severa rejeição paterna (p. 86).

Alguns elementos que concorrem para a elaboração de um conceito negativo de si mesmo; a rejeição materna (pp. 86-87); a insuficiência sexual (p. 87); o fracasso em dois relacionamentos (p. 87); a aversão do marido pelo corpo dela (p. 87); etc. Alguns desses elementos ocorrem principalmente em outros, como "Eu nunca a amei". Outros são experimentados: "Nunca tive um orgasmo". Mas quando a pessoa introjeta as percepções negativas de outros e avalia as próprias experiências em função das expectativas alheias ("Nunca tive um orgasmo, por isso não sou mulher"), a concepção de si mesma pode tornar-se, com efeito, muito negativa.

A espiral ascendente de crueldade num relacionamento baseado primeiro em expectativas de comportamento do outro e, segundo, em acusações por não haver conseguido justificar tais expectativas (p. 87).

A tensão provocada pelo esforço por manter em público uma máscara totalmente diversa da realidade privada (pp. 87-88).

O medo de relacionamentos baseado na crença de que no mais profundo do seu ser existe alguma coisa indizivelmente horrorosa, que nunca deve ser revelada aos outros (p. 88).

Como a ausência completa do conhecimento da vida, através da experiência, num relacionamento com outra pessoa, separada, pode destruir um casamento (pp. 88-89).

Os estranhos comportamentos que podem provir gradativamente de uma frustração cada vez maior (como, por exemplo, o de arranjar outra mulher para o marido, p. 89).

A facilidade com que adotamos racionalizações confortadoras: "foi essa a minha razão para o divórcio, ele era cruel com as crianças" (p. 89).

A dificuldade de enfrentar o mundo verdadeiro, dificuldade só percebida depois de experimentada (pp. 89-90).

A delicada complexidade de relações sexuais satisfatórias entre um homem e uma mulher (inúmeras referências, mas especialmente as que se encontram à p. 91).

A necessidade de atenções e de amor, a qual, quando suficientemente forte, desfigura as percepções (p. 91).

O sentimento de culpa por haver destruído lares, que agravou o péssimo conceito que ela fazia de si mesma (p. 91).

A fraqueza que decorre da ausência de uma imagem firmemente estabelecida, positiva, de si mesma — o efeito de se considerar "ninguém" (p. 91).

Um catálogo de motivos dúbios para o casamento: exaustão, disposição para ficar em casa, segurança financeira, segurança emocional, um marido bem parecido, a probabilidade de conseguir um pai para os filhos, a atração sexual (da parte do marido). E também a rebelião contra a mãe, o desejo de ter um lar e de ter filhos (p. 92) e também (p. 93).

A maneira com que suprimimos lembranças desagradáveis (p. 92).

O modo pelo qual a vida pode tornar-se tão insuportável e o modo pelo qual a pessoa pode parecer a si mesma tão medonha que o suicídio e a autodestruição parecem desejáveis (p. 93).

O primeiro alvorecer da sanidade psicológica — a pessoa olha para si mesma (p. 94).

A ambivalência que todos sentimos em relação ao crescimento e à saúde. Estes envolvem riscos e responsabilidades. É muito mais fácil ser mártir ou suicida. (pp. 94-95).

A tensão que se pode eliminar de um relacionamento quando a pessoa está sendo *verdadeira* (pp. 96-97).

A nenhuma importância das expectativas e dos juízos sociais quando o relacionamento é verdadeiro (p. 97).

O significado da vida e dos relacionamentos como *processo* de vida, em lugar de simples séries de expectativas de comportamentos (pp. 97-98), comparado com tudo o que se refere aos dois primeiros casamentos.

O enorme valor — e o enorme perigo — da franqueza num relacionamento (p. 97).

A importância transcendental do conceito que a pessoa faz de si mesma como guia para o seu comportamento. Compare-se o comportamento franco, participante, de uma criatura simpática, sexualmente ajustada, sem sentimentos de culpa e "bonita", intimamente bela (pp. 97-99), com o comportamento de uma criatura desamável, sexualmente desajustada, cheia de temores, sem amor, basicamente defensiva e feia (pp. 91-93). Claro está que muitas influências ajudam a explicar a mudança gradativa de Irene em sua percepção de si mesma, mas só quando ela *de fato,* pouco a pouco, se vê diferente, e tem uma imagem distinta de si mesma, que ela aceita, é que o seu comportamento realmente se modifica.

Estes são alguns dos significados que encontro na experiência de Irene. Parecem pálidos diante da entrevista propriamente dita, mas talvez ajudem o leitor a pensar. Espero que a sua história tenha falado ao leitor de muitas maneiras pessoais, proporcionando-lhe tema para reflexões sobre princípios psicológicos mais amplos.

6

PRETO E BRANCO

HAL É UM HOMEM PRETO que conheci quando participamos ambos de um grande seminário no Meio-Oeste. Fizemos boa camaradagem, e fiquei muito interessado ao saber que ele casara — e depois se divorciara — com uma moça de cor, da qual tivera dois filhos, e que estava prestes a casar com uma mulher branca. Eu também soubera que ele havia passado a infância num gueto urbano. Conseqüentemente, muitos meses depois lhe escrevi perguntando se, enquanto eu fazia uma viagem ao Meio-Oeste, poderia entrevistá-lo a respeito dos seus casamentos e gravar a entrevista. Ele prontamente me respondeu, aquiescendo.

Hal é franzino, de constituição quase frágil. Fala suavemente e tem modos muito corteses. Conseguiu diplomar-se numa das ciências sociais. Agora está lecionando e também organizou uma clínica gratuita para pessoas que necessitam de conselhos e orientação.

Na entrevista, falou com toda a liberdade, mas acredito que não pertença ao tipo de pessoas que revelam muito facilmente os seus sentimentos, de modo que, às vezes, precisamos "ler nas entrelinhas" para apreender o pleno sentido da sua experiência.

Era minha intenção dedicar quase todo este capítulo ao seu novo e recente casamento com a esposa branca, mas cheguei à conclusão de que Hal não pode ser facilmente compreendido sem uma escrupulosa apresentação dos seus insólitos antecedentes e do seu primeiro casamento. Grande parte do material é apresentado em excertos, mas o conteúdo não foi modificado.

AS SUAS RELAÇÕES COM A MÃE

Bem, nasci e cresci em Chicago. Minha mãe trabalhava muito, e tínhamos dinheiro suficiente para eu viver bem. Mas como a nossa fosse uma comunidade segregada, vivíamos entre italianos, negros e alguns poloneses. A maioria, porém, se compunha de negros e lá se viam todos os níveis sócio-econômicos. Havia pessoas paupérrimas e havia também, do outro lado da rua, pessoas ricas. Nunca me faltou nada. Sempre tive tudo o que desejava — quatro bicicletas ao mesmo tempo e, praticamente, uma roupa nova todos os dias em que minha mãe recebia o pagamento. Minha mãe nunca comprou nada para si. Era sempre para mim — uma verdadeira supercompensação.

Creio que os primeiros problemas reais de que me lembro nasceram do fato de eu ter sido sempre muito demonstrativo, muito precisado de carinhos, e a verdade é que nunca os conheci quando criança. Nunca tive ninguém que me amasse e gostasse de mim, mas minha mãe sempre trabalhou para me dar roupas e dinheiro suficiente. Sendo filho único, e não conhecendo meu pai, uma porção de tios e tias como que lhe tomou o lugar.

Não conheci meu pai. Mas nunca fizemos disso um problema, porque eu sempre tinha as coisas de que precisava. Ninguém falava sobre isso, e nunca tive motivos para fazer perguntas a esse respeito. Nunca senti o que certas pessoas subentendem ao dizer: "Bem, você não teve família, não teve pai que o levasse a uma partida de beisebol, e coisas assim". Eu ia com tanta gente que nunca me passou pela cabeça que é preciso ter um pai para ter essas coisas, de modo que isso nunca foi problema para mim. Nunca desejei ter um pai.

Não me lembro de minha mãe lendo para mim ou lendo comigo. Na verdade, creio que só a beijei duas vezes. Tínhamos um relacionamento como de irmãos. Quando eu saía de manhã — eu me levantava e passava minha camisa a ferro, e minha mãe ficava dormindo, porque só voltava do correio às duas da madrugada. Ao chegar, de vez em quando, ela me acordava ou me levava qualquer coisa, que eu comia, e tornava a dormir. Ninguém cozinhava para mim. Eu mesmo cozinhava a minha comida, ou ela me deixava dois dólares para eu comprar qualquer coisa. Assim sendo, só comíamos juntos no fim da semana, quando ela voltava da igreja para casa. Além disso, ela freqüentava uma igreja diferente — era batista e eu, metodista — de modo que nunca fazíamos nada juntos. A única ocasião em que tivemos um relacionamento mais íntimo foi quando ela se casou com meu padrasto.

EU — *O que me espanta é saber que você só se lembra de haver beijado sua mãe duas vezes. Ela não demonstrava afeição de outras maneiras? Não o abraçava, não punha os braços em torno de você? Nada disso?*

HAL — *Não me recordo de ter sido abraçado por minha mãe. Eu a abraço agora, e ponho os braços em torno dela. Sei, porém, que ela sempre se preocupou comigo, porque sempre me dava as coisas de que eu precisava. E era muito severa. Eu não tinha medo dela, mas sabia que, se ela dissesse alguma coisa, falava sério, e me teria dado umas palmadas ou uma surra se eu não lhe obedecesse.* [. . .] *Lembro-me de que, certa vez, minha mãe me escreveu uma carta quando eu estava no ginásio, em que me dizia o quanto se orgulhava de mim, o quanto trabalhara por mim, e todas essas coisas, e o quanto se agradava de ver que eu parecia feliz e estava progredindo na vida. Essa carta foi muito importante para mim — não sei o que aconteceu — mas impressionou-me realmente. Ela demonstrava muito carinho. Mamãe sempre me tratou como a um nenezinho. Carl. Esse foi um problema que tivemos em nosso casamento, no meu primeiro casamento, pois ela me mandava roupas, mesmo depois de casado. E ainda fica muito magoada quando lhe digo, por exemplo, que não vou fazer certa coisa. Ou como no caso da criação dos garotos. Vivo dizendo a ela: "Mamae, não trate as crianças assim. Eu gostaria de tratá-las de outra maneira". Ela então me lembra que me criou. Mas mesmo assim tenho de passar por casa todas as semanas. Se o não fizer, ela fica preocupada e vem saber como estamos.*

OS ANTECEDENTES E A VIZINHANÇA

A atmosfera e o comportamento fora de casa, com efeito, eram muito diferentes dos modos indulgentes e bem comportados dentro de casa.

Comecei a beber quando tinha, mais ou menos, sete anos de idade. Furtava bebidas. Depois, na escola primária, bebíamos o tempo todo. Saíamos e comprávamos garrafas de vinho. Íamos também às mercearias e, como eu era o menor, os outros chutavam a garrafa

de vinho até perto da porta, onde eu a pegava e saía disparado, desaparecendo na primeira esquina. Costumávamos fazer isso e ir beber o vinho sentados no quintal. Depois, antes de irmos a uma festa, mandávamos alguém à vizinhança para comprar meio litro de uísque Hill and Hill. *O fato é que estávamos sempre tomando alguma coisa.*

Os garotos do bairro começavam a tomar drogas desde muito cedo. Na escola primária *já engoliam pílulas e fumavam maconha. E quase todos tomavam heroína desde pequenos. E a prostituição campeava na comunidade.*

Havia também muitas lutas de bandos. Costumávamos ter de pagar taxas de proteção a bandos adolescentes só para poder sair de casa. Se a gente não o fizesse, apanhava pra burro e não podia ir à escola [...] E eu, como era um dos mais velozes da turma e sabia lutar boxe, recebia sempre a incumbência de coletar o dinheiro. Meu companheiro era um sujeito apelidado "João Sério", a pior criatura do nosso bairro. Por isso, a responsabilidade era minha: se o cara dissesse "Não tenho dinheiro", João Sério diria: "Acerte-o, Hall." Eu o acertava, depois pulava para trás e a turma caía em cima dele e tirava-lhe o dinheiro. Eu tinha de fazer isso pois, do contrário, não poderia sair de casa. Para não ser tido por covarde, eu precisava andar com eles. Mas nunca briguei, assim, de engalfinhar-me, com ninguém.

Aprendendo a beber desde cedo e tendo, desde cedo, conhecido narcóticos — quando minha mãe tornou a casar, meu padrasto, que era ministro, disse-lhe que eu era um dissoluto. Porque, no dia do casamento, não compareci à cerimônia. Seriam umas onze horas. Eles não sabiam onde eu estava. Eu havia ido a um lugar qualquer.

Nunca fui criança. Nunca soube o que é ser criança. Aos sete anos já limpava a casa. Uma casa grande, de vinte e dois cômodos. Alugamos toda a parte de cima. E todo o porão era meu. Eu tinha... minha mãe me comprou uma cama para pôr lá embaixo, um equipamento de halterofilismo, um pinball *e uma boa mesa de sinuca. Tive tudo isso quando ainda era garoto.*

Ele conta que gostava de teatro e de representar, ia a concertos, e possuía boa cultura. "... mas quando eu deixava esse tipo de coisas, voltava à comunidade em que vivia e assumia de novo o papel de arruaceiro. Era preciso fazer isso, porque se a gente não o fizesse, seria posto no ostracismo, e ostracismo significava briga todos os dias!"

ESCOLA

Não aprendi nada na escola primária. Lembro-me de que a professora me mandava à venda para fazer as suas compras — ou à cidade para comprar as meias dela, e coisas assim. Sempre fui um menino bonzinho, porque fora treinado por minha mãe para comprar meias e fazer compras. Passava a ferro as minhas camisas, limpava a casa. Eu fazia tudo isso. Sabia arranjar-me. Por isso me achavam bonzinho quando, na verdade, devia estar na escola aprendendo com os outros garotos. E só comecei a aprender alguma coisa depois que entrei para o ginásio. E precisei recomeçar e reaprender tudo o que devia ter aprendido na escola primária.

O PRIMEIRO CASAMENTO

Hal reflete sobre os motivos que o levaram a casar com a primeira esposa:

Creio que o primeiro e o mais importante dos motivos foi este: casei porque me sentia só, pois, criado como filho único, não estabelecera relacionamentos íntimos com os outros, nem tivera muitas namoradas. Fiz o serviço militar depois de passar dois anos na escola secundária, onde conheci minha mulher.

A respeito do nosso relacionamento lembro-me de todos dizerem que ela seria uma boa menina para mim. Era uma criatura muito quieta, que freqüentava a igreja. A sua família não bebia nem fumava, e ela era muito cristã. Mas os nossos estilos de vida divergiam totalmente.

Todos diziam, porém, que ela seria uma boa namorada para mim e, além disso, fui muito animado por um amigo meu — um sujeito que eu respeitava muito — que insistia em que ela me seria uma ótima companheira.

Depois de um período de namoro, Hal ausentou-se para servir na Marinha, e nem sequer escreveu a ela. Entretanto, uma circunstância fortuita deu início à correspondência e, pouco antes de Hal

receber baixa, casaram. Ele tinha vinte e três anos. Eram um casal muito inexperiente, em todos os sentidos, "sem nenhuma experiência da vida".

Eu ainda estava pensando que não era o melhor aluno da escola e achava que o fato de ter uma esposa como ela, capaz de valer-me quando eu fraquejasse, me seria de grande auxílio, pois ela poderia ajudar-me a preparar a tempo os meus trabalhos, e coisas assim. Mas depois de algum tempo descobri que ela não estava disposta a ajudar-me, ou não era capaz de fazê-lo. Por exemplo: quando eu escrevia um trabalho qualquer, pedia-lhe que datilografasse logo em seguida o que eu tinha escrito, porque não gostava de deixar para o último dia. Sempre gostei de entregar com antecedência as minhas tarefas. Pois muitas vezes ela esperava até o dia marcado para a entrega do trabalho, e isso me deixava transtornado, com raiva e nervoso.

No entender de Hal, as grandes diferenças no tipo de antecedentes e no estilo de vida, o fato de que ela não se sentia à vontade com os amigos dele, sobretudo os que ele conhecia em conseqüência das suas atividades profissionais, foram outras tantas razões para se afastarem cada vez mais um do outro. Mas havia outros fatores também.

Creio que uma das coisas que realmente me magoaram foi conseqüência da minha sede de carinho, da minha precisão de amor e de cuidados — embora nunca me passasse pela cabeça que eu não os tivera durante a infância e que tinha necessidade deles. Certa vez, quando me adiantei para beijá-la, ela se afastou de mim. Nunca me esqueci desse gesto. De qualquer maneira, era muito difícil para mim demonstrar afeto. Sempre receei que as pessoas me rejeitassem por causa da minha estatura — eu era baixinho e nunca supus que alguém pudesse gostar mesmo de mim, a não ser pelo meu dinheiro. Como se eu precisasse comprar a amizade dos outros. Depois, quando alguém com quem julguei poder, afinal, estabelecer um relacionamento qualquer se afastou e me repeliu, eu me senti desarvorado.

Completei o curso apesar *da falta de esforço e de interesse de minha mulher. E não posso garantir que houvesse uma espécie de ciúme, ou coisa que o valha, mas o caso é que me fica a impressão de que, quanto mais eu subia, mais ressentida ela ficava. Na verdade, ela nunca expressou nenhum ressentimento, mas traía-se no modo de fazer as coisas. Por exemplo, eu saía para a escola de manhã e, às vezes, quando voltava, à tarde, ainda a encontrava na cama. Como também me lembro de que os colegas costumavam pegar no meu pé*

porque eu precisava lavar minha roupa e limpar a casa aos domingos. E estas foram algumas das coisas que começaram a irritar-me.

Depois de algum tempo, a vida sexual também deixou de ser boa. Efetivamente, não me agradava. E tive vontade de ir embora várias vezes. Lembro-me de que, de uma feita, cheguei a sair para voltar depois... Estive fora durante um dia inteiro. Depois pensei: "Mas esse não é o jeito". Fomos para a cama e choramos, porque tudo era muito triste, e ambos compartilhamos daquele momento. Senti-me melhor, mas acho que, no íntimo, eu sabia que aquilo não duraria.

EU — *Você disse que as relações sexuais foram ficando cada vez menos satisfatórias à medida que o casamento piorou. Mas já tinham sido satisfatórias para você, e especialmente, já tinham sido satisfatórias para ela?*

HAL — *Creio que sim. Várias vezes. Eu lhe perguntava se ela atingira um clímax, se gozara, e ela respondia afirmativamente. Mas outras vezes... lembro-me até das ocasiões em que a surpreendi masturbando-se. De acordo com os meus padrões sexuais, eu me sentia muito melhor de manhã e preferia ter relações de manhã. E ela gostava de tê-las à noite. Às vezes, isso me era possível. Outras, porém, eu me sentia arrebentado, fisicamente exausto. Exausto. Havia dias em que eu trabalhava de dezesseis a dezoito horas e, quando chegava em casa, estava cansado* demais. *Só me apetecia tomar uma lata de cerveja e dormir. Esses tempos foram duros para mim e eu tentava fazê-la compreender. [...] Não me lembro de ter tido muitas experiências sexuais agradáveis com ela. Houve momentos de libertação física, mas sempre tive a preocupação de satisfazer à mulher, sempre me esforcei por isso, por que ela se satisfizesse, e procurava não ser egoísta nessas ocasiões.*

Ele compreendeu que ela preferia ver o marido exercendo atividades comerciais em lugar das suas atividades profissionais. Por isso mesmo, ele se meteu numa série de empreendimentos comerciais ao mesmo tempo, que o deixavam derreado, como ele mesmo disse.

Com todas as suas habilidades e talentos, pensei que ela desejaria, sem dúvida, ajudar-me nessas coisas, mas acabei fazendo tudo sozinho. E ficava fora de casa muito tempo, tentando dirigir os negócios e mantê-los em boa situação, a fim de termos dinheiro bastante para fazer todas as coisas que desejávamos fazer.

A essa altura, eles já tinham dois filhos, de modo que o problema de sustentar a família tornou-se real.

O elemento que finalmente provocou a separação foi muito diferente de tudo o que se mencionou até agora, um elemento cujos sinais admonitórios ele não percebeu.

Minha mulher tinha o hábito de levantar-se tarde da noite e sair de automóvel, para ir até o lago. Quando ela começou a fazer isso, não me senti aborrecido. Percebi que ela precisava sair. Mas fiquei preocupado — ela saía, às vezes, muito tarde — e eu não compreendia aquilo.

Além disso, de vez em quando, ela saía e rumava para a casa dos pais em outra cidade sem que eu o soubesse. Uma vez, ela me deixou. Levei os garotos para passear de automóvel e, quando voltei, não a encontrei. Ficou vários dias fora de casa. Eu não sabia onde ela estava. Telefonei para a casa dos pais e lá a descobri. Zanguei-me e disse-lhe que os garotos tinham adoecido e precisavam dela.

Depois, mais tarde, ela teve um... esgotamento nervoso, suponho que foi isso. Dessa vez fiquei preocupado, porque ela procurou um amigo, e esse amigo me telefonou dizendo que ela estava no sofá com alucinações... gritando que ia morrer e que sentia muito medo. Foi quando ela começou a escrever notas — na máquina de escrever, que descobri depois — incoerentes. Não entendi direito essa história.

Lembro-me de que, às vezes, ela dizia querer falar comigo, mas nunca imaginei que a coisa fosse tão séria e às vezes me parecia não haver muito sobre o que falar. Eu, então, planejava alguns dias voltar para casa, ser muito bom para ela e fazer coisas de que, a meu ver, uma esposa gostaria, como mandar flores e levar presentes. Isso deu certo durante algum tempo, mas parecia haver qualquer coisa em nossa comunicação, não falávamos o suficiente e estávamos sempre à espera de que sobreviesse uma crise.

Finalmente, ela precisou ser hospitalizada, e um grande trauma se associou a isso. Pouco depois que a mulher saiu do hospital e voltou para casa, Hal recebeu uma boa oferta de trabalho em outra cidade e a família mudou-se para lá. A irmã dela veio visitá-los.

Saí para o trabalho naquele dia e, quando voltei à noite para casa, ela se mudara completamente. Toda a mobília, tudo, fora levado embora. Só ficaram uma cama de dobrar, as minhas roupas e o rádio-relógio. Os homens da mudança tinham levado tudo, tudo. O

espetáculo era meio doloroso e meio triste mas, ao mesmo tempo, senti um grande alívio. Porque eu não precisaria tomar a decisão, já que ela a tomara. Mas foi muito maior o meu sofrimento por causa dos garotos do que a minha pena por vê-la assim.

EU — *Você comentou há pouco o que deve ter sido a sensação de medo dela. Quais foram os* seus *sentimentos por ocasião do esgotamento nervoso de sua mulher?*

HAL — *Bem, meus sentimentos foram... eu estava muito magoado. Perguntei a mim mesmo se não teria sido eu a causa do seu esgotamento e qual o papel que eu representara nele. Fiquei meio transtornado por não haver dado a ela um pouco de tempo para ouvi-la, sem saber que a coisa era tão séria. Senti-me mal porque, trabalhando fora, não vi nenhum indício de que ela estava doente. Eu sabia que as enxaquecas a martirizavam o tempo todo. Eu sabia. E sabia que ela estava... bem, que parecia deprimida. De modo que, refletindo em tudo isso, me senti muito mal, ignorando qual havia sido o meu papel na doença dela.*

Mas, a meu ver, o que realmente me ajudou a não me sentir tão responsável pelo estado dela foi o psiquiatra me contar que não me julgava culpado, pois ela era esquizofrênica e provavelmente ficaria assim de qualquer maneira; aquilo era apenas uma dessas coisas que acontecem, de que não me cabia culpa nenhuma. E ele acrescentou que essas coisas já deviam estar nela há muito tempo. O que também me ajudou foram os comentários de alguns membros da família dela, que se confessaram admirados por haver o casamento durado tanto. Eles sempre tinham desconfiado de que houvesse qualquer coisa errada com a irmã, que freqüentemente se trancava no quarto e ali ficava uma semana, sem querer ou sem poder sair. E ela sempre tivera as tais enxaquecas, e coisas assim. Disseram também que ela parecia viver num mundo de fantasia, até quando criança. Essas coisas não me tinham ocorrido e, de certo modo, me ajudaram a sentir-me melhor.

EU — *Ela alguma vez lhe falou sobre as razões por que saiu de casa?*

HAL — *Não. Nunca. Na realidade nunca tocamos no assunto. [...] Era como se ela simplesmente estivesse contente por estar longe e livre das tensões. E creio que eu, de certo modo, me sentia tão feliz com a ausência dela e com a libertação da pressão, que nem me passou pela cabeça perguntar-lhe.*

Depois da separação, ao participar de um seminário, telefonei para os meus garotos a fim de saber como iam passando, e ela me pediu que fosse buscá-los. Por isso pensei que fosse meio... bem,

fiquei chateado ouvindo a mãe dizer: "Venha buscar os meninos. Quero que fique com eles". Mas não dei muita importância ao fato e fui buscar os pequenos, que viveram comigo durante um ano e meio antes que eu tornasse a casar. Isso quer dizer que fui pai e mãe para eles. Eu tinha de preparar o desjejum, passar-lhes a roupa a ferro e, como meu filho mais velho fosse asmático, precisava mantê-lhe o quarto rigorosamente limpo. Ele não podia tomar leite nem comer nada que tivesse chocolate, e tudo isso foi muito cansativo para mim, pois eu continuava freqüentando a escola para tirar o diploma.

Comentário: Os meus comentários sobre o primeiro casamento de Hal são breves, porque as causas da sua desintegração se destacam com extrema clareza. Em primeiro lugar, houve uma falta de verdadeiro conhecimento recíproco antes do casamento — alguns encontros, longo tempo sem nenhuma correspondência durante o primeiro período na Marinha, depois a correspondência, depois o casamento antes que ele saísse da Marinha. Não tiveram, realmente, oportunidade alguma de se conhecerem.

As razões que ele dá para o casamento são a solidão, o fato de ser ela uma moça quieta, religiosa e, talvez a mais importante, os conselhos do seu melhor amigo e de outros. Nenhuma representa uma base muito sólida para união.

Depois, há a ausência quase completa de qualquer partilha verdadeira durante o casamento. Ele *desconfiava* de que ela sentia ciúme dos seus triunfos acadêmicos e outros, mas o casal nunca se aprofundou nisso. Ele *acha* que ela ficou ressentida, mas os ressentimentos nunca foram expressos. Ele deve ter tido reações por ter de lavar a roupa e fazer o serviço de casa, mas nunca as manifestou. Ele não "se aborreceu" quando ela começou a dar os estranhos passeios noturnos, mas ficou "preocupado" quando ela começou a ter alucinações e a mostrar sinais óbvios de perturbação. Só muito mais tarde, no entanto, veio a saber que o estranho comportamento dela tinha uma origem muito distante, pois provinha do mundo fantástico da sua infância. Ele resume tudo isso quando diz: "Parecia haver qualquer coisa em nossa comunicação, não falávamos o suficiente". A altura da barreira que se interpusera entre ambos revela-se no fato de nunca haverem discutido a saída dela de casa, origem da separação definitiva do casal.

Durante o período da separação e do divórcio, Hal trabalhava por tirar o seu diploma e empenhava-se mais e mais em experiências de *encounter groups* e outros grupos. Percebo uma verdadeira diferença

em seu relacionamento com a primeira e a segunda esposa, provavelmente decorrente, em grande parte, desse tipo de experiência e treinamento.

O PERÍODO ENTRE OS CASAMENTOS

Durante o ano e meio que decorreu entre os casamentos, Hal procurou ativamente uma nova companheira.

... concluí... depois da separação e do divórcio... que não fui feito para viver sozinho. Não acho graça nenhuma em ser solteiro. Gosto da vida em família e gosto de estar casado. Eu já estava namorando várias moças quando achei que devia iniciar um processo de eliminação... (rindo-se) *e descobrir quem eu gostaria de levar a sério.*

Ele se viu abarbado com vários problemas. "Um dos problemas que encontrei, Carl, era a extrema insegurança de algumas moças de cor que eu namorava". Percebeu que elas se sentiam contrafeitas diante dos seus amigos, quase todos profissionais liberais, e se julgavam inferiores, embora não o fossem.

Elas, realmente, não tinham motivo algum para sentir-se inseguras diante dos meus amigos. E isso aconteceu não só com as moças que eu conhecia e que exerciam atividades profissionais e semiprofissionais, mas também com todas as moças que eu namorava e com as quais saía. Elas não se sentiam à vontade. Algumas diziam que eu era ambicioso demais, ou queriam que eu passasse mais tempo com elas. Queriam que eu lhes dedicasse todo o meu tempo — que lhes prestasse contas do meu tempo — e não me deixavam respirar. [...] Além disso, descobri que muitas eram tão inseguras *que eu teria de largar o meu trabalho para dirigi-las, e assim não era possível desenvolver o amor nem o entendimento. Algumas não tinham sido capazes de identificar-se com os próprios pais, graças a uma situação de divórcio; ou estavam tentando criar os irmãos e as irmãs ou... havia uma porção de coisas que aconteciam e que não davam azo a um relacionamento bom, cordial, afetuoso. Depois, uma moça, com a*

qual eu teria realmente casado se ela tivesse querido casar comigo na ocasião, não soube tratar meus filhos como devia. Pretendia, por exemplo, discipliná-los antes de mostrar-lhes amor. E eu entendo que não se disciplinam crianças enquanto elas não se souberem amadas também. De modo que tivemos alguns conflitos desse gênero.

Creio que as coisas que me levaram a casar com Becky foram... Conheci-a em Kentucky, onde fui participar de um seminário sobre problemas de integração escolar e... acontece que Becky fazia parte do seminário. Nessa ocasião ela estava casada e procurava divorciar-se do marido. Na realidade, não lhe dei muita atenção, além de observar que era uma das moças mais bonitas do grupo. Mas, de fato, não reparei muito nisso. O que realmente me interessava era liderar o grupo. Como fôssemos a uma festa, ela me perguntou se eu tinha condução, e eu respondi: "Bem, não sei. Acho que não". Ela me ofereceu carona, embora parecesse hesitante, pensando talvez que duas das mulheres de cor também quisessem levar-me e se sentissem contrangidas ou não a vissem com bons olhos se ela me oferecesse condução — já estava começando a apontar uma dessas complicações raciais e culturais. Aceitei, portanto, o convite dela, fomos à festa, dançamos, papeamos e nos divertimos. E assim nos conhecemos. Depois conversamos ao voltar, e ela mencionou alguns problemas que enfrentava por estar separada, e esse tipo de coisas, e a possibilidade de obter o divórcio. Em seguida nos achegamos muito um do outro, nos abraçamos e... Eu ia embora no dia seguinte, sem saber que ela me queria desse jeito, embora nos tivéssemos sentido sexualmente muito atraídos um pelo outro. Voltei para casa e, passado algum tempo, ela me telefonou dizendo: "Aqui é Becky, já se esqueceu de mim?" Eu disse que não, que não me havia esquecido, e ela começou a falar e perguntou-me se eu estava livre e se ela poderia vir visitar-me no verão.

Becky apareceu e passou um fim de semana com ele. Deu-lhe maiores detalhes sobre os seus problemas conjugais de momento, mas Hal confessou: "Eu não queria envolver-me em nenhum processo de divórcio, mas ela me assegurou que isso já tinha acontecido, que o divórcio já ia em meio, que o marido passava fora de casa a metade do tempo, e uma porção de coisas assim. Entramos, então, a corresponder-nos com freqüência".

Durante o fim de semana Becky contou a história de uma boa amiga sua, que se divorciara e decidira tentar uma vida nova. Mas quando se sentira preparada para o casamento, o homem que ela queria já não estava disponível. "E Becky me contou que essa mulher a aconselhara: se você quiser alguma coisa, corra atrás dela."

O CASAMENTO COM BECKY

Depois de se haverem correspondido durante algum tempo, Hal começou a refletir nos sentimentos que ela lhe inspirava.

Havia uma porção de atributos que, depois de algum tempo, comecei a apreciar nela. Becky possuía as qualidades que eu desejava numa mulher. Era muito afetuosa, muito maternal com os garotos, e estes lhe queriam muito bem. Gostei do filho dela e vi como o tratava. Ela, de fato, me completava. O fato de ter sido criada numa fazenda, por exemplo, fazia-a mais voltada para a terra. Encarava as coisas com maior realismo. Trabalhava muito. Gostava de cozinhar. Gostava de tomar conta da casa. Você sabe, todas as coisas que eu gosto que façam para mim e comigo. E revelava uma grande compaixão e uma grande compreensão, não querendo que eu renunciasse a coisa alguma por sua causa. Gostava da vida de que eu gosto, e era agressiva, entende? Dizia: "Está certo, você agora vai seguir o seu programa de doutorado e depois farei o meu curso. No fim, também voltarei à escola para tirar o meu diploma". Ela estava, de fato, propiciando o ambiente intelectual de que eu precisava, além de proporcionar-me afeto e carinho como pessoa.

Achei que, de certo modo, nós nos completávamos. Ela também costura muito. E quando volto para casa, qualquer coisa que eu tenha deixado quebrada ao sair já está consertada. Ela não espera que eu chegue — conserta sozinha o que precisa de conserto. E me explicou que o outro marido se recusava a fazer essas coisas, de modo que ela teve de aprender a fazê-las, e esperava que eu não ficasse aborrecido se ela fizesse o que, na sua opinião, era serviço de homem. Respondi que isso não constituía nenhum problema, e que as pessoas fazem o que sabem fazer melhor.

Casaram-se na presença de amigos negros e brancos. Embora o casamento não tenha sequer um ano de idade, Hal me confidenciou: "Temos sido felicíssimos e não esbarramos em nenhuma séria diferença cultural".

O que me faz muito feliz é a maneira com que ela se relaciona não só com os nossos garotos, mas também com os garotos a que leciona. Passa muito tempo com eles. Vai para casa e certifica-se de que a mãe está sabendo por que o filho ficou retido na escola ou

por que não está indo à aula, e esse tipo de coisas, justamente o que a nossa comunidade não tem tido. Além disso, os nossos dois garotos gostam muito dela. Chamam-na de mãe. Os três chegaram a esse entendimento porque acabaram se conhecendo melhor. E, a meu ver, o que nos ajudou foi o verão em que tiramos quatro semanas de férias. Vivendo juntos com tanta intimidade na barraca, com as crianças, chegamos a conhecer-nos muito bem. Pescamos com os garotos, demos longos passeios, apanhamos morangos e fizemos coisas que eu *também nunca fizera até aquele momento. Foi uma nova experiência para mim. Como, por exemplo, cavar a terra à procura de minhocas para pescar. De modo que estou começando a fazer as coisas que nunca tinha feito. A compra da barraca foi uma tentativa, de minha parte, para sair de casa e ver um pouco mais do mundo. O de que mais gosto nisso, em confronto com meus amigos e suas esposas, é que, no dizer deles, sempre parecemos ter um relacionamento melhor. Conversamos. Quando ela fica perturbada, ajudo-a a desembuchar. O único problema que tivemos durante algum tempo foi o seu garoto não estar conosco. Intentamos agora um processo para ficar com o menino. O ex-marido não faz questão de tê-lo consigo, mas também não quer que ele fique conosco, por causa do casamento inter-racial. E essa tem sido uma das piores provações que ela já enfrentou.*

Sexualmente, ela é muito mais livre do que algumas moças que vivem na cidade. Não tem, por exemplo, preconceitos sexuais. Já viu vacas, e já viu bezerros e potrinhos nascerem. Toda a sua atitude é mais sadia que a da maioria das pessoas. E isso nos ajuda a relacionar-nos melhor, porque ela é mais livre. Não se deixa envolver pelo tipo de coisas tão comuns na cidade, como a questão das roupas, por exemplo. Prefere fazê-las a gastar dinheiro em comprá-las. Assim, quando estamos juntos, partilhamos dos meus antecedentes e da maneira com que respondemos diferentemente às coisas. E acho que isso ajuda. Mas há um detalhe: nós falamos *sobre tudo.*

Outra coisa que eu talvez possa acrescentar é que ela não está tentando fazer-me branco, nem eu estou tentando fazê-la preta. Não impomos nossos valores um ao outro. Limitamo-nos a sabê-lo e reconhecê-lo, e deixamos que tudo siga o seu curso. Quando surge um conflito, enfrentamo-lo na hora, sem tentar dizer: "Você precisa fazer isso do meu jeito", nem "É assim que isso deve ser feito". Entre nós há muito dar e tomar.

EU — *Há uma coisa em que fiquei pensando enquanto você me falava a respeito. Em certo sentido, vocês dois dão muita importância à carreira, não dão?*

HAL — *Damos.*

EU — *Freqüentemente, quando o marido e a esposa dão tanto valor à carreira, a questão de saber quem está progredindo mais depressa ou quem ganha o maior salário pode causar dificuldades. Você tem algum comentário a fazer sobre isso?*

HAL — *Temos conversado sobre o assunto. Queremos, por exemplo, ter alguns filhos e, portanto, teremos um ou dois. Depois que as crianças nascerem, Becky quer voltar a trabalhar, se puder. Mas não dá tanta importância à carreira que* precise *fazer isso. Diz apenas que* gostaria *de fazê-lo, se houver tempo disponível para nós. E eu digo que está bem. Se é isso o que ela quer fazer, ficarei muito contente se o fizer. Não queremos sufocar-nos mutuamente. Não queremos reprimir o crescimento um do outro. Porque é o que acontece, com muita freqüência, num relacionamento matrimonial. De mais a mais, o nosso casamento* me *dá liberdade e dá liberdade a* ela *para que cada um desenvolva a sua vida... para que ambos desenvolvamos nossos próprios interesses e cresçamos. E assim discutimos o assunto, e chegamos à conclusão de que não há inconveniente algum em que ela continue a trabalhar na escola.*

AS DIFICULDADES NUM CASAMENTO INTER-RACIAL

Até esse ponto, Hal mencionara poucas dificuldades oriundas do fato de serem um casal inter-racial. Por isso mesmo ventilei o problema.

EU — *Do seu ponto de vista, ao que parece, o aspecto inter-racial da questão não produziu nenhuma diferença especial. Mas que me diz você da sua vida entre os outros na comunidade? Você tem sido muito ou pouco bombardeado por causa disso, ou o quê?*

HAL — *Bem, às vezes levo uns trancos. Em nossa clínica... temos trabalhadores voluntários. E, primeiro que tudo, alguns ainda não se conformaram com o fato de que ali trabalha um casal inter-*

racial. E parte disso se deve a coisas como... bem algumas mulheres negras ainda acham que os homens negros devem ser delas. E que eu não devo ser parte de Becky. De mais a mais, não acreditavam que ela estivesse, de fato, tão ativamente interessada pela comunidade quanto dizia estar. Ora, em parte, isso é pura inveja e puro ciúme. Chegamos lá. Iniciamos a nossa clínica da comunidade. Não pedimos auxílio a ninguém. Todo o dinheiro saiu dos nossos bolsos. O pessoal está acostumado a ver os outros chegarem, pedirem donativos e angariarem dinheiro. Nós, não. Dissemos que, quando decidíssemos fazê-lo, daríamos início à clínica, sem contar com ninguém.

Depois, algumas pessoas que conheci passaram a admirar-nos, a admirar o nosso jeito. Viram que, no curto período de tempo em que estamos casados, já realizamos um bocado. Como, por exemplo, investir em propriedades, poupar dinheiro e fazer muitas coisas juntos. Trabalhamos no quintal. Becky corta a grama, pinta a casa, faz uma porção de serviços. As outras mulheres, agora, estão tentando mexer-se e fazer mais, porque os maridos lhes dizem: "Por que você não faz o que Becky faz?"

Às vezes, as pessoas ficam olhando. Algumas, na universidade, se escandalizam quando aparecemos, pois não sabem que ela é branca, entende? Na realidade, porém, não tivemos dificuldades. Houve um momento em que pensamos que as crianças poderiam tê-las, mas... até agora não voltaram com nenhum problema para casa. Durante algum tempo, Jerry, meu filho mais moço, não sabia como dizer às pessoas que Becky era sua madrasta. E, certa vez, mortificou-a. Ela o ouviu responder a uma menina, que lhe perguntara: "Aquela é sua mãe?" "Não, é minha babá." E isso, de certo modo, a magoou. Mas os dois agora a chamam de "Mamãe". Porque precisavam de amor, atenções e carinho, e ela lhes dá tudo isso. Você sabe, ela os surra, disciplina, e eles o aceitam. Eu já não os trataria assim. Como ontem, quando Becky precisou bater em Martin; como eu não batesse, ela bateu e, quando tudo acabou, lá estava ele abraçando de novo a sua mamãe.

Outro dia, entrei na classe dela para dizer-lhe que tinha de ir a algum lugar antes de voltar para casa, e um dos garotos da classe, um dos garotos pretos, perguntou: "Dona Becky, esse é seu marido?" E eles começaram a falar — você sabe como as crianças falam — e a maioria pareceu chocada ao descobrir que eu era preto e que ela casara com um homem preto. Há muita dinâmica na comunidade...

OS PARENTES

Outra coisa que notei foi a maneira pela qual os meus parentes começaram a aparecer. Hoje eles gostam de Becky de verdade. Como meu tio, que a chama de sobrinha e diz: "Bem, vamos à casa de minha sobrinha. É a melhor cozinheira do mundo". Eles a tratam com muito carinho e ela passou a ser um membro da família. E penso que se sente meio contrariada porque os parentes dela *não me aceitaram da mesma forma, e sei que existiu um problema.*

Mas a mãe está começando a aparecer. A princípio, opunha-se ao casametno, não o entendia, não queria saber de mim. Agora está dizendo... agora sabe que tudo vai dar certo, está de acordo e feliz. Mas levou tempo para acreditar que as coisas corressem bem. Pode ser até que venha visitar-nos neste verão, e compreende que o nosso casamento tem bases sólidas e que vamos mesmo muito bem. Becky leciona, e eu tenho a clínica e leciono também. E, francamente, não poderia ser melhor.

AS RELAÇÕES NA FAMÍLIA

Eu estava recordando que, quando Becky veio morar conosco, meu... meu filho mais velho... precisava tanto de amor que houve um conflito entre mim e ele pela necessidade de amor, e eu às vezes me zangava por achar que ele estava tomando muito tempo dela quando eu *precisava desse tempo todo. E fomos capazes de discutir o assunto, ou* eu *fui capaz de chegar a uma conclusão. Comecei a ver que ele estava mesmo precisado de amor. Nunca tivera mãe que o amasse e cuidasse dele.* Eu *também não tivera. Por isso era como se* eu *também precisasse de uma mãe. E ela me amou, acarinhou e cuidou de mim, e o mesmo encontrei nos meus filhos, sobretudo no mais velho. Ele necessitava disso tanto quanto eu. O mais moço retraiu-se um pouco, mas também andava sequioso de atenções. Foi quando me acudiu a idéia de que em nosso relacionamento estávamos todos tão famintos de amor e de carinho que precisávamos, de certa forma, fazer as coisas devagar e partilhá-las de um modo diferente. E agora o mais velho já não anseia tanto por atenções. Recebe-as cada vez mais e de maneiras diferentes, pois as recebe de*

mim e de Becky e esse talvez seja o modo melhor. E, desde que nos casamos, acho que ele não teve mais nenhum acesso de asma. Resfolega, liga-se o vaporizador e logo depois ele começa a melhorar. Mas antes tinha sempre essas crises — uma por semana talvez — e eu era obrigado a levá-lo para o hospital, perto da clínica. Por isso me parece que as suas necessidades estão sendo satisfeitas, e creio que todos nós fomos grandemente beneficiados pelo casamento.

Comentário: muitas coisas se destacam, para mim, nesse segundo casamento e nos acontecimentos que o precederam.

Em primeiro lugar, a seletividade de Hal nas avaliações perceptivas de seus namoros e de Becky. Aqui está uma pessoa muito mais amadurecida do que o Hal mais jovem que desposou uma mulher porque o seu melhor amigo achou que ela lhe serviria. Achava-se na difícil situação do homem com dois filhos pequenos e procurou escolher, ao mesmo tempo, uma boa esposa e uma boa mãe, e foi sensivelmente discriminante no processo.

Becky, sem dúvida, merece um comentário. Um dos bons aspectos da crescente libertação das mulheres foi haver ela encontrado o homem que queria e podido ir atrás dele. O fato de ser negro parece não ter feito nenhuma diferença para ela. Mas não se faz necessária muita imaginação para calcular toda a coragem que ela precisou ter, enfrentando a oposição da sociedade, da família dela e da família dele, para sair atrás de um possível marido de cor diferente da sua.

Alguns homens não teriam gostado de ver-se perseguidos. Mas Hal não reagiu assim, e Becky sabia não somente o que ela queria, mas também o de que ele precisava. Ele teve a sorte de encontrar uma mulher disposta a ser sua mãe, de que ele necessitava desesperadamente, e disposta a ser sua esposa, companheira não só das suas atividades mas também dos seus sonhos. Ela é generosa, não faz exigências, e isto é inestimável para todos os membros da família.

Mas Hal aprendeu muita coisa desde o primeiro casamento. O mais importante foi que aprendeu a comunicar-se. Nesse sentido a mudança parece incrível. Ele e Becky discutem as coisas, inclusive assuntos mais espinhosos, como o ciúme que ela sente das mulheres negras que parecem aproximar-se demais do marido. Resolveram, pelo menos por enquanto, as suas possíveis rivalidades educacionais e profissionais. Levaram um mês numa excursão de *camping*,

durante a qual os quatro vieram a conhecer-se de verdade e entre eles se estabeleceu uma íntima comunicação, que passou a fazer parte da vida cotidiana de cada um.

Enquanto ouço a entrevista e leio a transcrição torna-se, com efeito, difícil para mim acreditar que o Hal do primeiro casamento é a mesma pessoa do segundo. Parte dessa mudança deve ser creditada, sem dúvida, a Becky, muito mais extrovertida e comunicativa do que a primeira esposa. Mas o contato de Hal com vários tipos de experiências intensivas de grupo demonstra, de forma concludente, que uma pessoa pode mudar, aprender a comunicar os seus sentimentos e dar atenção — dar, efetivamente, uma atenção perceptiva — aos sentimentos do companheiro ou da companheira.

Um aspecto que ainda não tínhamos encontrado neste livro é a mudança operada por Hal no método de trabalhar para o êxito do casamento. Em sua primeira união ele esperou que o relacionamento bem-parado resultasse da sua disposição de *fazer* coisas — o trabalho de casa, a lavagem de roupa, os empreendimentos comerciais, os triunfos escolares. Acreditando que, se se esforçasse bastante para fazer tudo isso, o casamento melhoraria, não poupou esforços e exauriu-se na tentativa.

No atual casamento ele se dedica, em primeiro lugar, a aprimorar o processo de relacionamento entre ambos, compartilhando dos seus sentimentos, das informações importantes sobre a comunidade, das suas ambições, e tudo se transforma facilmente numa partilha recíproca. O fato de fazer coisas é secundário, decorre do relacionamento e se compõe de esforços *conjuntos*. Eles melhoram o lar, poupam dinheiro, animam-se mutuamente a lograr novos êxitos profissionais, fundam uma clínica gratuita e nela trabalham juntos. Na verdade, como vim a saber por terceiros, estão realizando uma obra notável, proporcionando à sua comunidade a satisfação de todas as necessidades psicológicas, através da clínica.

A meu ver, de certo modo, dois dos sinais mais impressionantes do sadio processo de relacionamento familial são estes: o franco reconhecimento, por parte de Hal, do ciúme que ele tem dos filhos enquanto competem os três pelo amor de Becky, e a sua maneira discernente, amadurecida e cooperativa de lidar com o problema; o pormenor que mais impressiona é o fim dos acessos de asma do menino mais velho, indício manifesto de que ele encontrou um clima familiar em que se pode descontrair num relacionamento carinhoso.

Estou convencido de que isto, em primeiro lugar, é uma união entre duas *pessoas* e só secundariamente um casamento inter-racial. Este último, porém, não pode ser minimizado. Eles estão cercados

de olhares, de expressões escandalizadas, do silêncio e da hostil evitação das mulheres brancas, do ciúme das mulheres negras, de comentários vulgares em acontecimentos esportivos. A profunda suspeita de Hal contra os brancos é natural e está claramente presente. Para as pessoas que convivem com eles, brancas ou negras, cultas ou analfabetas, em situações profissionais ou nas festas da igreja, para a família preta dele e para os parentes brancos dela, Hal e Becky, sem dúvida, são "aberrações". E, no entanto, continuam, o que só é possível graças ao fato de que o seu relacionamento, hoje em dia, é uma fonte de grande segurança para os dois.

Hal resume tudo muito bem ao dizer que qualquer casamento é duro e difícil e que o casamento inter-racial simplesmente acrescenta uma nova safra de dificuldades e problemas. Eu não me arriscaria a fazer previsões, mas admiro a maneira pela qual, até agora, o casal tem enfrentado os obstáculos que surgem não somente entre eles mas também entre eles e as suas várias subculturas. Admiro particularmente o fato de que Hal não está tentando empretecer Becky, nem ela está procurando branquear o marido. Se puderem continuar nessa compreensão e aceitação das suas diferenças, tão reais, assim como das suas forças inusitadamente complementares, o prognóstico, de fato, é favorável.

7

AS COMUNAS COMO EXPERIÊNCIAS DE RELAÇÕES HUMANAS E SEXUAIS

NÃO SE PODE ESCREVER um livro sobre o casamento moderno sem discutir as comunas, que proporcionam amiúde alternativas para o casamento convencional. Escrevo este capítulo, no entanto, com um constrangimento que se funda em vários fatos e reflexões.

1) As duas ou três mil comunas e comunidades intencionais deste país — o número é apenas uma combinação de estimativas — crescem, mudam, acabam e começam sem cessar, com uma rapidez que torna imediatamente obsoleto tudo o que se escrever sobre elas.

2) A variedade das comunas é tão imensa que qualquer enunciado de ordem geral que se possa fazer é simultaneamente verdadeiro para algumas e falso para outras.

3) Vários livros excelentes foram recentemente escritos sobre as comunas, e parece presunção de nossa parte escrever apenas um breve capítulo sobre esses grupos tão diversificados.

4) Mais importante ainda é o fato de que nunca vivi numa comuna e, portanto, careço da básica experiência interior que pude trazer à elaboração de outros capítulos. A fim de contrabalançar essa falha, duas pessoas, Natalie R. Fuchs e Robert J. Willis, me serviram de olhos e ouvidos.

AS RELAÇÕES HUMANAS COMO FOCO

Não farei, naturalmente, tentativa alguma para abarcar todos os aspectos dos grupos comunais. Existe o problema econômico —

como sobreviver. Existe o quê ideológico — o pioneirismo místico, comportamental, selvagem, a ênfase dada à liberdade feminina, a busca de uma consciência mais elevada, de uma revolução sem violência. Existem vários graus de filosofia organizacional, desde o *hippie* mais desenfreado e o anarquismo filosófico até a organização mais rigorosa. Existe grande variedade de problemas relativos à comunidade vizinha, quer viva o grupo numa floresta isolada, quer more no coração de uma grande cidade. Não tocarei em nada disso, conquanto as referências contidas na bibliografia sirvam de ajuda aos que pretenderem aprofundar-se na matéria.

O meu interesse se cingirá, de acordo com a finalidade deste livro, ao estudo das maneiras de enfrentar relacionamentos conjugais, sexuais e outros nos grupos comunais. E o farei de modo que não se possa identificar nenhum indivíduo e nenhum grupo comunal. A maior parte do que escrevi se baseia em entrevistas gravadas, em observações de pessoas que conheço ou nas quais confio, ou ainda em cartas e relatos dos participantes.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE AS COMUNAS

Antes de iniciar a tarefa que me impus, eu gostaria de esclarecer alguns mal-entendidos que talvez subsistam no espírito do leitor.

Em primeiro lugar, as comunas não são pontos de reunião de *hippies,* como esse termo é compreendido pelo público. Representam uma tentativa de viver com um conjunto de valores diferentes dos que existem na comunidade ordinária, o que amiúde se patenteia nos trajos singulares e diferentes. Mas as pessoas mencionadas neste capítulo provêm de grupos formados de gente assim: um antigo engenheiro industrial, um assistente social, um executivo de companhia, um pesquisador científico, um psicologista clínico, um ex-programador de computador, um antigo agente da CIA, um perito em processamento de dados, um carpinteiro, um artista, vários diplomados de Radcliffe, Swarthmore, Harvard e outras escolas superiores. Aqui está uma fração da nossa *intelligentsia,* tentando criar um revolucionário mundo novo no meio do mundo do "estabelecimento". Esse é o prisma por que devem ser encarados.

O segundo comentário que se deve fazer é que a maioria das comunas atuais — embora não todas — propende para certo grau

de filosofia anarquista. Ora, como isto, na opinião da maioria das pessoas, é sinônimo de caos, ilegalidade e terrorismo, cabe aqui uma palavra sobre o seu verdadeiro significado filosófico. Este se apóia na autodeterminação. Supõe a rejeição de todas as formas coativas de controle e autoridade, sejam governamentais, sejam religiosas. Bertrand Russell captou esse espírito quando escreveu, referindo-se a outra pessoa: "Ele pendia para o anarquismo; detestava o sistema, a organização e a uniformidade". Muitos membros de comunas endossariam essas palavras.

Eles se parecem, em inúmeros sentidos, com os primeiros cristãos, descritos nos Atos 2:44-46: "Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade... e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração". Nem todas as comunas abrem mão da propriedade em tão larga escala, mas muitas vão muito longe na partilha comunal, outro sinal de que os seus membros voltaram as costas, definitivamente, à cultura materialística e competitiva em que foram criados.

A melhor das definições breves talvez seja a que encontramos no *Merriam-Webster New International Dictionary* (edição mais antiga): "Em suas formas mais práticas o anarquismo... [tem] por ideal a formação de pequenas comunas autônomas, cujos membros respeitam a independência um do outro, mas que se unem para resistir à agressão. Na melhor das hipóteses bate-se por uma sociedade mais disciplinada pelas boas maneiras do que pela lei, em que cada pessoa produz de acordo com as suas capacidades e recebe de acordo com as suas necessidades". Acredito que inúmeros membros das comunas subscrevessem hoje tudo isso como meta, embora admitissem que ficam freqüentemente muito aquém da meta colimada.

Nesse sentido, as comunas atuais diferem das comunas utópicas do século passado neste país, em que havia geralmente uma ideologia religiosa unificadora, um líder forte e carismático e um grupo de adeptos cujas vidas eram regulamentadas. Num interessante estudo sobre as mais antigas (Kantor, 1970) se constata que certos itens separavam nitidamente as permanentes das transitórias. (É evidente que a permanência não é o único critério pelo qual podem ter sido julgadas.)

A principal diferença entre umas e outras era que as permanentes praticavam o amor livre ou o celibato, ao passo que as transitórias, não. Em outras palavras, nas comunas permanentes o comportamento sexual era claramente decidido pelos membros ou im-

posto a eles. As demais características dessas comunas eram a não remuneração pelo trabalho comunal, o trabalho comunal como rotina diária, as reuniões diárias do grupo, e a comemoração de ocasiões especiais da comunidade. Seria interessante termos tudo isso em mente ao examinarmos as comunas de hoje.

NOVE EXEMPLOS RÁPIDOS

Eu gostaria de apresentar ao leitor um pouco da variedade existente. Tentarei dar uma idéia da grande diversidade dos grupos classificados como comunas descrevendo alguns deles em rápidos parágrafos. Omiti propositadamente os nomes dos grupos de modo que, em lugar de classificá-los de pronto, o leitor se incline a imaginar como seria a vida num grupo assim. Todas são comunas verdadeiras, que existem ou existiram até há muito pouco tempo.

1) Existe uma comuna rural de onze adultos e seis crianças que funciona de maneira muito semelhante a uma família. Realiza-se o trabalho e os objetivos são colimados sem nenhuma organização especial, exatamente como numa família comum. A comuna não é auto-suficiente, de sorte que alguns membros trabalham durante curtos períodos na cidade para ajudar a equilibrar o orçamento. Usam-se também cartões de alimentos. Não há chefe. As crianças são tratadas sem nenhum método, mas têm as vantagens da família extensa. Os adultos são quase todos acasalados, mas não se proíbem as relações sexuais fora dos casais. As dificuldades se resolvem (geralmente) por entendimentos muito francos no seio do grupo ou entre as partes interessadas.

2) Uma "família" comunal se compõe de uns doze homens e mulheres que exercem profissões liberais (e uma criança) e que vivem numa casa da cidade. Estão remodelando a casa para dar a cada pessoa maior intimidade. Todos — com exceção do homem que está remodelando a casa — têm empregos na cidade. Compartilham do trabalho comunal. Os adultos estão acasalados, mas existem experiências fora do acasalamento, com o conhecimento do grupo. Usam-se, não raro, processos de *encounter group* para aliviar tensões. Quase todos já tiveram alguma experiência nesses grupos. Os vizinhos, a princípio desconfiados, tornaram-se muito mais receptivos.

3) Abriu-se uma comuna semi-rural para quem desejasse ingressar nela ou ficar. Os indivíduos poderiam fazer o que bem entendessem em matéria de trabalho, ou não fazer nada. O uso de drogas era grande. Como as condições existenciais e sanitárias se tornassem impossíveis, a comuna foi finalmente fechada como ameaça à saúde pública. A comunidade ficou furiosa.

4) Existe, há oito anos, uma casa de moças e rapazes perto de uma escola superior, cujos moradores são quase todos estudantes. Estipulou-se que os membros procurarão seus companheiros sexuais fora de casa. O trabalho é partilhado, como a cozinha, etc., sem embargo do sexo. Os relacionamentos são semelhantes aos que existem entre irmãos e irmãs. A finalidade é aprender a viver juntos como seres humanos. Por serem estudantes, muita gente entra e sai, mas estabeleceu-se uma grande lealdade entre os moradores. Realizou-se inúmeras comemorações ocasionais ou "rituais", que parecem promover intimidade entre eles.

5) Um grupo urbano está fazendo a experiência do casamento em grupo, com três homens e três mulheres. A casa é dirigida com eficiência. Alguns trabalham na cidade. Todos provêm de ambientes cultos, pois são, na maioria, membros da classe média dominante norte-americana. As atividades sexuais do grupo acarretaram problemas, e eles acabaram elaborando um programa que determina os homens e as mulheres que dormem juntos cada noite. (O fato de dormir nem sempre supõe o comércio sexual.) Há uma noite "livre" por semana. Por uma razão qualquer, as interações pessoais, se bem projetadas para terem um sabor de encontro casual, são amiúde cáusticas e cínicas e visam aos pontos fracos da outra pessoa. Está longe de ser um "casamento" harmonioso.

6) Um grande grupo de comunas relacionadas entre si, com uma história que remonta há mais de quatrocentos anos, é formado de comunidades rurais, que se compõem de cinqüenta a cento e trinta membros cada uma. A regra categórica é a monogamia. O pacifismo arraigou-se como norma de ação durante o passar dos anos. A religião atua como força unificadora. Despreza-se a educação superior. Há dois líderes em cada comuna, o pregador e o chefe do trabalho. Ambos são eleitos. Tenho a certeza de que ficariam escandalizados se se vissem incluídos nesta lista, mas são positivamente comunais, pois fazem juntos as suas refeições e repartem entre si todos os seus bens. Têm casas ou apartamentos separados. Possuem uma crença enraizada em sua permanência, robustecida pelo fato de haverem subsistido, embora fossem expulsos de um país depois do

outro (inclusive dos Estados Unidos por algum tempo) em virtude de se recusarem a servir nas forças armadas.

7) Outra comuna, limpa, ordenada, altamente organizada, totaliza trinta homens e mulheres (e apenas duas crianças). Cada um dos seus membros precisa ganhar certo número de pontos de trabalho por dia. A fim de que *todo* o trabalho seja executado, fazem jus a mais pontos as tarefas que as pessoas tendem a evitar. Alguns membros também trabalham fora, durante períodos de dois meses, mas geralmente não gostam disso. A finalidade deles é construir uma alternativa viável do capitalismo (finalidade que levam muito a sério) e alterar como bem entendem o seu comportamento pessoal. A princípio, três planificadores tomaram todas as decisões importantes mas, pouco a pouco, o grupo vai caminhando para operar por consenso geral. Começou com um número pequeno de indivíduos (dez) com padrões conjugais convencionais. Agora quase todos os membros têm um companheiro de quarto do sexo oposto. Uma preocupação importante do grupo é a liberdade sexual. A boa ordem caracteriza a comuna.

8) Grande número de comunas, quase todas urbanas, espalhadas pelo país, está ligado por três fortes elementos: um líder altamente carismático; sessões freqüentes de grupo, de base ideológica, cujo propósito é atacar as defesas de cada pessoa; e o fato de terem sido todos os membros viciados em entorpecentes. A organização é positivamente hierárquica e as regras são severas. Os membros são promovidos a postos de maior responsabilidade quando, no entender do grupo e dos seus funcionários, fazem jus à promoção.

9) Uma comuna rural, limitada a vinte e cinco membros, acha-se ligada por uma combinação de crenças místicas orientais. À diferença da maioria das comunas, focaliza muito mais o indivíduo do que o grupo. Pratica-se muito a meditação e a contemplação silenciosa, conquanto se realizem, todas as semanas, danças rituais extáticas. O trabalho é dividido entre eles, e cada membro se inscreve para fazer seis "tarefas". Os indivíduos vivem meio afastados um do outro e todos os problemas são resolvidos individualmente. Alguns membros são casados, outros, não. Costumam recorrer a certo número de gurus, mas não dependem de nenhum. Todos os anos importam alguns desses líderes, a fim de absorver-lhes os ensinamentos em sessões de duas semanas.*

---

* Para os que precisam conhecer as fontes destas descrições, aqui estão elas: (1) High Ridge Farm, descrita por Houriet no Livro II; (2) uma co-

PROBLEMAS PESSOAIS

Naturalmente, nenhum grupo de seres humanos vive junto sem que surjam divergências, atritos, ciúmes, raivas e todos os distúrbios emocionais que transtornam a vida em comum. E quando o grupo se compõe de homens e mulheres, tudo isso se agrava. Talvez valha a pena verificar como se resolveram tais problemas em casos específicos, reconhecendo, porém, que não passam disso — são casos específicos, que não se devem generalizar com muita cautela. Começarei com algumas questões que envolvem pessoas, sem focalização especial do sexo.

Um dos problemas enfrentados por muitas comunas é o do número de membros. Qualquer pessoa pode chegar — e ficar? O número de membros é limitado? Em caso afirmativo, em que se funda a limitação? Robert Houriet (Livro IV) descreve a maneira com que uma comuna resolveu esse problema.

Era uma comuna rural, que tirava do solo um magro sustento. Mas o número de visitantes não cessava de aumentar. E eles ficavam. Alguns causavam problemas na comuna, outros criavam problemas com os vizinhos. No entanto, como todos os membros tivessem sido inicialmente visitantes, não havia "veteranos" no grupo para resolver a questão. Aos poucos, à proporção que o grupo aumentava, chegado a cinqüenta, os escassos recursos começaram a esgotar-se, até que o único resultado possível parecia ser o fracasso completo. Havia, contudo, uma facção cujos pontos de vista filosóficos sustentavam que quem quisesse vir seria aceito e poderia ficar.

O caso foi resolvido de maneira dramática. Um homenzarrão, Big David, convocou uma reunião — o que era permitido. Muita gente, visitantes e alguns mais antigos foram praticamente arrancados dos seus quartos para assistir à reunião. Quando esta foi aberta, o homenzarrão falou:

Ouçam, sou um homem desesperado. Há um problema aqui. Gente demais. Este lugar comporta, no máximo, vinte e cinco pessoas. Poucos dentre nós fizemos alguma coisa para construí-lo. Pes-

---

muna na Costa Oriental, visitada por Natalia Fuchs, que forneceu as informações; (3) Morningstar, agora extinta, descrita por Gustaitis, capítulo 8; (4) no Noroeste, visitada por Robert J. Willis, que forneceu as informações; (5) Harrad West, tirada de Houriet, Livro VI; (6) os Huteritas, descritos por Allard; (7) Twin Oaks, calcada em *Walden II* de Skinner, tirada de Houriet, Livro VII; (8) Synanon, talvez melhor descrita por Yablonsky; (9) Lama, tirada de Houriet, Livro VIII.

soas como eu, que chegamos no outono passado, e ajudamos na colheita, não queremos mandar ninguém embora. Esta é a cena que deixamos. Vocês são todos irmãos e irmãs. Mas não podemos viver todos aqui. E vocês têm tanto direito quanto eu. Acontece, porém, que não há comida bastante, nem espaço bastante. Nessas condições, que decidimos? Andei de um lado para outro a vida inteira. Nunca tive um lar. Tenho vivido pelas esquinas, dormindo cada noite num lugar diferente. Este foi o primeiro lugar que desejei chamar de lar. E vejo agora que ele está sendo destruído. Minha velha e eu temos errado pelas estradas e sabemos o que é isso. Vamos ter um filho e não quero precisar sair. Mas a não ser que alguns de vocês vão embora, seremos obrigados a voltar para a estrada. É por isso que sou um homem desesperado. (Houriet, pp. 159-160.)

Depois de muita discussão, a favor e contra, em que muita gente propôs que se diminuísse o número, Big David voltou a falar: *"Quem vai embora?"* Lentamente, para surpresa de todos, umas vinte pessoas se levantaram, deixando outras vinte sentadas. Dali a dois dias, trinta haviam saído, incluindo o anarquista filósofo que queria aceitar todo o mundo. Big David colocou uma tabuleta no portão, em que se lia: "Não se admitem visitantes, exceto a negócios". Dessa maneira singular, a comuna resolveu a questão e voltou a ser um grupo auto-suficiente, conquanto tivesse de alterar a sua filosofia.

Em outra comuna surgiu um problema que envolvia as relações com a comunidade vizinha. Peter estava preocupado com a questão, mas ele expôs as suas preocupações de forma abstrata, empregando frases como estas:

PETER — *"Talvez conviesse entrar em contato com um porta-voz da comunidade convencional"; e ele empregou frases como "antecipando-lhes as objeções", "nomeando uma comissão que abarcasse um espectro da sociedade", etc. [...] A sua escolha de palavras irritou Claudia e Elaine.*

Claudia gritou: "Não é o que você diz, é o modo como o diz que me deixa louca da vida".

Depois Elaine se encarregou de continuar. Dir-se-ia que estivesse descascando uma cebola. "Desde que o conheço tenho a impressão de que você vive tentando esconder coisas de nós... como se fôssemos crianças e você quisesse poupar-nos o desgosto de conhecer as preocupações que pesam sobre os seus ombros. [...]

Isso é uma espécie de paternalismo insidioso, e você é o chefe. Não dormiu no ponto e comprou a terra quando todo o mundo hesitava. Mas agora tenta influenciar-nos só com o tom da sua voz. [. . .] *Elaine fez uma pausa. Silêncio.*

"Continue", disse Peter.

CLAUDIA — *Por que não desabafa e não diz como se sente, em vez de usar todas essas formalidades idiotas? Muito, mas muito raramente mesmo, eu o tenho visto expressar o seu verdadeiro eu. Na outra noite, com o toca-discos, aconteceu. Você estava apaixonado, zangado, frustrado. Mas era você.*

PETER (com suavidade) — *Esta foi uma conversação muito proveitosa.*

CLAUDIA — *Pronto! Aí vem você outra vez. Pelo próprio tom das palavras posso dizer que não são sinceras.*

BILL (que estivera lendo um manual de criação de minhocas) — *Do que é que vocês todos estão falando?*

PETER (finalmente zangado) — *Por que você não desenterra a cabeça da areia? Por que nunca diz nada?*

CLAUDIA *e* ELAINE — *Agora, sim.*

ELAINE (para PETER) — *Desde que o conheço me parece que você está sempre se julgando e julgando os outros. Todas as vezes que fazemos música juntos (ela toca guitarra, ele maneja o gravador) sinto-o criticando.* [. . .] *Isso estraga tudo para mim. Faz-me sentir muito infeliz. Por que não joga fora os relatórios que vive guardando? Tire umas férias da escola e desse seu sujo ar professoral. Um dia entrei na cozinha enquanto você e Claudia conversavam. Não me lembro quando foi nem sobre o que era, mas lembro-me do tom... foi o mesmo que ouvir uma entrevista entre um assistente social e a sua cliente...*

PETER — *Bem... muito obrigado.*

Ele tentou dizer mais alguma coisa, mas Elaine fê-lo calar-se com um beijo e Claudia abraçou-o (Houriet, pp 65-66).

Eis aí um excelente exemplo da espécie de retroação e de expressão decidida de sentimentos verdadeiros que, para muitas comunas, assim como para outros grupos, parece constituir o melhor meio de expor e resolver efervescentes reações pessoais negativas. Poderia tratar-se, naturalmente, de um diálogo tirado de um *encounter group,* com uma diferença apenas: não é uma sessão organizada artificialmente, e os seus membros continuarão a estar juntos dia após

dia. Quando os sentimentos são realmente expressos, como parece ter acontecido aqui, o resultado é a transmutação de sentimentos negativos em sentimentos positivos, igualmente reais, simbolizados neste caso pelo beijo de Elaine e pelo abraço de Claudia.

Nem todos os problemas pessoais envolvem toda a comuna. Muitos não passam de simples atritos, que sempre ocorrem quando as pessoas vivem em íntima relação umas com as outras. Talvez um pequenino exemplo, tirado de outra comuna e extraído de uma entrevista gravada, ilustre o que quero dizer.

SALLY — *Quando eu vivia em meu apartamento, gostava de ligar bem alto o toca-discos ao fazer a limpeza da casa ou qualquer coisa desse gênero. E sou dessas pessoas que gostam de tocar bem alto quando estou fazendo algum trabalho de arte. E no cômodo vizinho está Ned. O quarto dele fica ao lado da minha sala de trabalho e, como ele é escritor, quer silêncio. Por isso, quando toco alto e ele exige que eu diminua o volume, considero a sua exigência uma violação da minha intimidade, porque gosto da música alta. Não é fácil, não. Tudo depende de onde está a cabeça da gente, porque ele e eu podemos resolver tudo muito bem, mas sem convencionar uma regra pela qual só ligaremos o toca-discos em determinados momentos. Em vez disso, digo: "Puxa, é realmente importante para mim ouvir hoje esse troço bem alto". E como sou importante para ele, ele me apóia, ou vice-versa.*

Eles aqui se ajustam simplesmente ao estado de espírito do outro, não em virtude de regras ou princípios, nem em resposta à autoridade, mas numa consideração altamente existencial pelas necessidades recíprocas do momento.

Entretanto, nem todos os problemas se solucionam com a mesma facilidade. Aqui está Sally de novo:

ENTREVISTADOR — *Como é que vocês resolvem coisas como o ciúme?*

SALLY — *Existem diferentes espécies de ciúme. Existe, por exemplo, o ciúme da minha posição central aqui em casa. Embora eu não assuma nenhum papel de liderança, tenho aqui um relacionamento central. É provável que eu me relacione mais intimamente com maior número de pessoas — não por saber fazê-lo melhor do que*

os outros, mas por ser isso mais importante para mim do que para os outros. Alguns gastam mais tempo nessas atividades, resolvendo coisas, falando com as pessoas, ou apreciando *as pessoas. Para mim, essa é a principal atividade. Gosto mais dela que de qualquer outra coisa, ou quase. E sei que os outros se sentem enciumados ou ressentidos com a minha centralidade. E isso é duro, muito duro, para mim porque sinto que não preciso mudar. Mas esse sempre foi um problema em minha vida; não me sinto bem quando há alguém por perto com inveja de mim. Nessa hora, inverto a minha posição e mostro todas as minhas falhas, o que não melhora nada... só piora as coisas. E depois há esse negócio de ter sido líder de grupo. Quando alguém aqui tem um problema, geralmente me procura, para que eu o resolva. E duas pessoas já me perguntaram: "Por que os outros a procuram? Por que estão sempre atrás de Sally? Eu gostaria que me procurassem também". E tudo isso é muito chato para mim.*

Este, evidentemente, é um problema não solucionado, que nem ela nem os outros chegaram a expor ou discutir entre si. Espera-se que venha a ser, um dia, o tema de uma reunião capaz de resolver alguns sentimentos.

Até na casa das estudantes (Nº 4, dos nove exemplos iniciais) surgem naturalmente atritos pessoais. Elas buscaram solucionar os problemas do sexo estatuindo que cada membro procure o seu parceiro sexual fora de casa. Mas isso não impede que todos os outros problemas existam, e a queixa principal é de que os moradores da casa não ficam juntos o tempo suficiente para falar sobre coisas importantes. A comunicação profunda parece ser evitada, e tudo faz crer que reine certo superficialismo na intimidade delas. Não obstante, os membros do grupo são muito leais uns aos outros e fazem declarações como estas: "Boas vibrações em torno da mesa do jantar"; "Eu pude confiar nas pessoas e conhecê-las"; "Isso me ajuda a defender-me em relação ao mundo". E uma mulher acrescenta: "Uso o sexo como complemento para os rapazes de modo sensível".

É interessante notar que, à semelhança de algumas comunas do século passado, essa resolveu o problema sexual estabelecendo uma regra que o exclui da comuna como tema difícil. Talvez por isso temos a impressão de que se trata mais de uma "família feliz" do que de uma comunidade "normal", mas a que faltam talvez a profunda intimidade, a confrontação ou a comunicação.

RELACIONAMENTOS QUE ENVOLVEM PARCEIROS SEXUAIS

Visto que muitas comunas se estão afastando decisivamente das normas da sociedade na área das relações sexuais, não é para admirar que surjam alguns problemas muito perturbadores em relação a parcerias, trincas e outros arranjos, momentâneos ou duradouros.

Poderíamos dar inúmeros exemplos de diferentes indivíduos com diferentes problemas dessa natureza. Entretanto, há tanta coisa na entrevista feita com Lois, membro de um grupo comunal da cidade, que acredito seja mais proveitoso ver diversas facetas dessas questões através dos olhos dela, que as *experimentou* em suas relações. Note-se que, a despeito de todas as suas experiências, ela se considere perfeitamente "normal". Nas páginas seguintes deixarei que Lois fale por si mesma, sem interrompê-la, a não ser para incluir epígrafes, que indicarão os tópicos abordados.

Lois tem, mais ou menos, trinta anos de idade, uma profissão liberal, e procede de um ambiente de classe média. Foi casada, divorciou-se e tem um filho pequeno. Participou de *encounter groups* e dirigiu-os. Fez parte de um grupo comunitário de verão, que serviu de preparação para a sua vida na comuna. Depois do divórcio, viu-se ameaçada por sérios encargos e, embora se sentisse muito chegada a Boris, um homem extremamente afeiçoado a ela, não quis comprometer-se. Mas ingressaram juntos na comuna, onde viveram durante um ano com cerca de quinze pessoas. O entrevistador perguntou-lhe se o ciúme constituíra problema alguma vez, e a sua negativa inicial conduziu a um estudo profundo dos muitos aspectos do relacionamento entre o homem e a mulher e outros tipos de relações comunais.

CIÚME DOS "CASOS" DOS PARCEIROS

LOIS — *Ciúme entre o homem e a mulher? Não creio que isso constitua um problema aqui. Estou tentando pensar... É claro que sinto ciúme quando Boris faz o amor com outra pessoa. Sou realmente perversa nesse sentido, pois quero saber e quero saber* tudo *a respeito, inclusive os detalhes e, de certo modo, isso faz que eu me*

sinta melhor, pelo menos se acabar convencida de que ele me que mais do que a outra e prefere fazer o amor comigo. Quando fico sa bendo, sinto-me mais tranqüila; e é engraçado, ele é exatamente contrário. Mas essas coisas aqui são inteiramente francas.

ENTREVISTADOR — *Faz parte das normas do grupo a franquez quando acontece alguma mudança nas relações entre os homens as mulheres dentro de casa?*

LOIS — *Bem, acontece que pertencemos à classe média. Nã somos* hippies. *Estamos muito mais próximos dos casais monógamos mas que vivem se enganando, dos subúrbios. Há um ou dois meses por exemplo, Boris e eu chegamos à conclusão de que tínhamos sid monógamos durante muito tempo, que isso estava ficando meio des trutivo, que nós estávamos começando a abusar um do outro e sentir-nos amarrados um ao outro, e decidimos pôr fim, pelo me nos provisoriamente, à monogamia das nossas relações. Falamos so bre isso na reunião de grupo. Sobretudo por que ele estava querend distrair-se com algumas garotas, e tencionava procurá-las, encontrá las e divertir-se com elas, embora não fosse essa a minha idéia. Pre firo fazer o amor com uma pessoa mais chegada, de modo que er muito mais provável que eu viesse a fazê-lo aqui dentro de casa, en tende? Por isso falamos sobre o assunto em nossa reunião de grupo e logo surgiu a principal pergunta: "Como é, vai dar a louca em você?" E Enrico disse: "Bem, vou fazer o amor com Lois e é me lhor que sinta o mesmo por mim". Como vê, não foi como se porta se abrisse e todo o mundo se precipitasse e atacasse ao mesm tempo.*

O SOFRIMENTO CAUSADO PELA MUDANÇA DE PARCEIROS

Somos inteiramente normais. Existe uma norma segundo qual a gente pode dormir com quem quiser aqui na casa. De fato não me lembro de ninguém que, pelo menos intelectualmente falan do, não concorde com ela, mas o que me faz rir é as pessoas acharen que isso não lhes trará problemas. Que se pode aceitar intelectual mente uma norma como essa e dizer: "Sim, sim, é isso mesmo o qu fazemos". Todas as vezes surge um problema. Alguém se sente fe

rido, ou ameaçado, ou menos importante. Mas nunca me pareceu que esse tipo de coisa, alguma vez, tivesse produzido um vagabundo ou tivesse separado muito as pessoas.

ENTREVISTADOR — *De um modo ou de outro, vocês têm sempre conseguido resolver essas situações...?*

LOIS — *Sim. De mais a mais, não são tão freqüentes assim. Quase todas as pessoas aqui, quando mantêm uma relação, permanecem nela ou, quando são sozinhas, fazem isso com todo o mundo ou com qualquer um. Não é como se, depois do jantar... Você sabe, creio que, às vezes, as pessoas imaginam que, depois do jantar, passamos os olhos pelos que estão sentados à mesa e dizemos: "Bem, esta noite vou dormir com fulano ou fulana", e vamos correndo para a cama. Não é nada disso.*

A POSSIBILIDADE DE UMA ORGIA

Sempre falamos em planejar uma orgia, entende?, um negócio grande, de grupo. Até agora não o fizemos. Mas vamos fazê-lo, não se impressione. Temos feito coisas parecidas, porém nunca tivemos um grande grupo em que todo o mundo trepa com todo o mundo. Mas vamos tê-lo, porque todos pensam muito nisso e acho que seria gozado. Especialmente para uma moça. Creio que seria realmente formidável — a noite inteira, entende? (abafando uma risada).

AMOR ENTRE MULHERES E CIÚME

Bem, vou contar-lhe uma coisa diferente, que se relaciona com a única vez em que senti ciúme de verdade, desde que moro nesta casa. Uma questão de intimidade. Isso é importante. A gente vai ficando cada vez mais chegada às pessoas e é cada vez mais natural fazer o amor com elas, expressar fisicamente o amor. Senti-o com

mulheres aqui em casa, particularmente com uma — somos muito íntimas — por duas vezes fiz o amor com ela e com outro sujeito — uma vez porque estava meio bêbeda e outra porque realmente queria fazer isso com Boris... Isto é, ele não tinha a menor idéia do que ia acontecer. Mas nós duas decidimos ir juntas para a cama e fomos para a cama de Boris. Essa, provavelmente, foi a mais nova e excitante experiência sexual que já tive aqui, quando senti uma enorme vontade de expressar-me fisicamente em relação a outra mulher. É assombrosa a experiência de acariciar outro corpo igual ao seu. Não é uma sensação violenta, mas me emociona um pouco.

Nessa noite descobri muita coisa. Eu sabia que Jan queria dormir comigo. Tranquei-me no banheiro, pois não conseguia chegar a nenhuma conclusão sobre se isso era ou não seguro *para mim. E assumi um papel muito passivo, de que não gosto de lembrar-me. Foi, de fato, interessante — acabei descobrindo que era como uma relação entre o homem e a mulher. Depois, em outras ocasiões, fui mais agressiva e ela, mais passiva. Uma experiência deveras curiosa, que acaba gerando o ciúme. Como certa vez em que pensei que ela tivesse dormido com outra moça e cheguei a sofrer. Verifiquei depois que ela não o fizera mas, mesmo assim, foi uma sensação engraçada para mim.*

CIÚME DA INTIMIDADE

A outra coisa é Boris. Ele tem algumas idéias interessantes sobre o assunto, como o fato de sentir-se realmente *excitado por isso e apreciar a excitação. Uma espécie de fantasia masturbatória, pois ele não tem ciúme da sexualidade entre mim e Jan, mas da nossa* intimidade, *e disso se ressente. O ciúme tem sido também uma dificuldade nesse sentido, porque ele muitas vezes se enciumou das minhas relações com outra pessoa. É meio possessivo, e fica enciumado pela intimidade dos outros também, quando passo algum tempo com estranhos, em lugar de passar todo o tempo com ele. Mas temos resolvido esses casos muito bem. Muito bem mesmo, na minha opinião.*

MANEIRAS DE LIDAR COM TAIS PROBLEMAS

ENTREVISTADOR — *Vocês resolveram esses problemas entre os os dois, ou no grupo...?*

LOIS — *Bem, prefiro resolvê-los entre nós dois. Aliás, que alguém nesta casa compreenda meu relacionamento com Boris. Duvido mesmo. Tenho a impressão de que os outros não o conhecem direito, e que ele é o tipo da pessoa que está aqui só por minha causa, porque gosta muito de mim. E, tendo concentrado em mim toda a sua atenção e toda a sua energia, não pôde conhecer os outros com a mesma intimidade. Daí que os outros também não tenham podido conhecê-lo direito.*

Creio que as pessoas interpretam muito mal o nosso relacionamento. Brigamos muito, estapeamo-nos, berramos e depois fazemos as pazes, entende? Isso é muito bom para mim, mas não acontece com mais ninguém aqui. Para mim é uma espécie de desabafo, depois do qual me sinto bem e amorosa. Mas acho que, de fato, assusto um pouco os outros. Eles não compreendem essas coisas e não sabem o que está acontecendo em nosso relacionamento. Acho preferível resolvermos nós mesmos os problemas, ou pedir a outro casal ou a pessoas mais chegadas que venham ajudar-nos a resolvê-los.

Não me parece que o grupo, de fato, nos seja muito útil. Acho-o até destrutivo para nós, pois existem pessoas que prefeririam que não houvesse casais firmes aqui. A título de ajudar-nos, fazem o possível para criar desavenças entre nós. Acredito que isso seja verdade, por mais triste que possa parecer. E foi verdade principalmente durante algum tempo, quando outras pessoas me julgavam uma espécie de propriedade sua. Pelo menos duas ou três teriam preferido ver-nos separados, porque se abespinhavam quando Boris me procurava e dizia: "Venha, Lois, quero estar com você agora", e eu me levantava para segui-lo e elas armavam encrencas. Como Robin, que me contava o que Boris tinha dito a Tommy, meu filho. Eu, naturalmente, ficava louca da vida, e brigava com Boris. Às vezes ela tinha razão, e repetia exatamente o que acontecera. Mas não sei por que havia de fazer uma coisa dessas.

A MULHER LIBERTADA

ENTREVISTADOR — *Há... uns... uns três casais na casa?*

LOIS — *Há um casal casado, Robin e Ben, que mudou muito, depois que veio para cá. Foram completamente monógamos durante*

sete anos, desde que se casaram e, na ocasião em que os conheci, há uns três anos, Ben andava querendo meter-se com algumas garotas e Robin sentiu-se terrivelmente ameaçada e transtornada. Quando nos conhecemos, ela teve medo de que Ben se enrabichasse por mim. Não gostou de mim e achou-me horrível... embora eu não tivesse o menor interesse por Ben. Mas isso é apenas um exemplo de como essa história toda a deixou completamente amalucada.

Depois, no verão passado, ele teve mesmo uma aventura, ela ficou agitadíssima e passamos juntas um bocado de tempo nesse dia. É engraçado. Não me senti ameaçada pela situação. Isto é, alguém teve de fazer o mesmo por mim quando Boris andava de amores com outra pessoa. Passei o dia com ela, por assim dizer. Afinal de contas, que pretendia ela? Era como se dispusesse de um espaço vazio em que pudesse pintar um bonito quadro, ou concentrar-se exclusivamente no caso, mostrar-se ressentida e deprimida, e acabar perdendo o que mais queria. Resultado: o casamento deles azedou de uma vez, talvez até mais que o de qualquer outro casal. Robin agora tem casos, namoros e aventuras, e passa muito pouco tempo em casa. Faz essas coisas muito mais que qualquer outra pessoa daqui, inclusive os solteiros. E não sei direito o que penso de tudo isso, mas acho que não é o tipo de relacionamento que eu gostaria de ter — sei *que não é o tipo de relacionamento que eu desejaria. Entretanto, parece que isso, agora, a faz feliz. E eu talvez me sinta ressentida porque ela quase não fica em casa e está sempre na rua. Mas também me preocupo porque Ben pode estar muito só.*

E ainda me sinto inquieta pensando em que não é isso, provavelmente, o que Robin gostaria de fazer. Você sabe, ela talvez ache que deve *fazê-lo, porque esse agora é o novo código social. Mas eu, francamente, não estou convencida. Ela fala muito em ter um filho. São duas coisas diferentes. Uma é andar por aí o tempo todo e outra, estar amarrada a uma criança. São coisas muito diferentes.*

MINHAS REAÇÕES

Existem algumas coisas que me impressionam no relato de Lois. Há, por exemplo, a completa aceitação intelectual da franca experimentação sexual, se bem isso não seja, em muitos casos, amparado

pela aceitação experimental correspondente. Boris e Lois, Ben e Robin, podem querer tentar, durante algum tempo, um tipo de vida polígamo. Os membros descasalados podem experimentar vários relacionamentos numa base temporária ou mais duradoura. Lois e Jan podem procurar um relacionamento homossexual sem nenhum sentimento de culpa. Lois encara até com alegria a possibilidade de uma orgia sexual na casa. Em suma, um dos fatos elementares no tocante a muitas comunas é o serem elas laboratórios experimentais em que — sem sentimento de culpa, sem o conhecimento público fora do grupo, sem nenhum compromisso com qualquer tipo de comportamento — pode ser tentada uma variedade de uniões sexuais. O que, para muita gente, é uma fantástica variedade de experiências sexuais está aqui, viva, na realidade.*

Mas toda essa experimentação tem um preço. Os sentimentos de perda, mágoa, ciúme, autocomiseração, raiva, desejo de revide são experimentados, periodicamente, pelas pessoas nela envolvidas. Por mais "moderno" que seja o ponto de vista da pessoa, ou o seu compromisso intelectual, alguém se fere de um jeito ou de outro, como Lois deixa bem claro, todas as vezes em que há mudança de parceiros. E o ciúme não se relaciona necessária e unicamente com o comportamento sexual, mas também com outras coisas, como a perda da intimidade, como a que Boris experimenta no tocante ao relacionamento entre Lois e Jan, muito embora também lhe pareça excitante.

Mas o laboratório tem igualmente os seus elementos curativos, para aliviar essas mágoas. Lois ajuda Robin em seus momentos de ciúme e de dor, como alguém a ajudara em situação semelhante. E a impressão, colhida das suas palavras e de outras experiências, é que muito freqüentemente essas mágoas são também momentos de crescimento potencial. É impressionante a convicção de Lois de que a experimentação nunca "produziu um vagabundo" nem "separou muito as pessoas". Trata-se, evidentemente, de uma generalização, mas dizer que uma pessoa está sofrendo não é dizer que ela ficou prejudicada para sempre.

---

* Importa notar que, pelo que sei, as relações entre homem e homem são muito menos comuns nas comunas do que entre mulher e mulher. Não consegui obter um relato *íntimo* de uma união dessa natureza, embora saiba que elas existem ocasionalmente como parte da experimentação nas comunas. De certo modo, o homossexualismo masculino parece mais ameaçador a muitas pessoas do que o contato homossexual feminino.

Outro elemento que precisa ser assinalado é que o grupo tanto tem possibilidades construtivas quanto destrutivas. Isto foi mencionado no breve relato anterior do acrimonioso casamento de grupo. Lois torna-o mais específico, acentuando a falta de compreensão, por parte do grupo, do seu tempestuoso mas vital relacionamento com Boris. E, como em todo grupo, há os que são perfeitamente capazes de provocar dissabores fornecendo informações intempestivas, sejam elas exatas ou inexatas.

Como em tantas outras situações, temos aqui o conhecimento que melhoraria tais situações, mas não conseguimos utilizá-lo adequadamente. Uma pessoa disposta a ajudar, se estiver no lugar certo à hora certa, contribuirá para dissipar mágoas, ciúmes e maledicências. Mas nós estamos longe dessa idade de ouro.

Uma nota que me impressiona no relato de Lois é a necessidade vital de conhecer e aceitar os próprios sentimentos e confiar neles. Será Robin, de fato, bem-aventuradamente feliz em sua desregrada vida sexual? Lois não acredita nisso, nem eu. O comportamento dela soa muito como represália, o que, por seu turno, é disfarce para a mágoa. Aqui, mais uma vez, ela precisa de ajuda para descobrir, debaixo das suas defesas, os seus verdadeiros sentimentos. Depois, poderá agir como pessoa integrada e real. Agora, se ela deseja uma assistência dessa natureza, ou virá a encontrá-la, não se sabe.

Outro elemento que parece ressaltar claramente da exposição de Lois e de muitos outros dados é que a maioria das pessoas tem continuada necessidade de um relacionamento seguro. Quando assinala que a experimentação "não é assim tão freqüente", e que as pessoas, quando estão envolvidas num relacionamento, dão valor a ele, Lois está expressando alguma coisa que, a meu ver, é imensa e profundamente verdadeira.

OUTRO EXEMPLO DE RELAÇÕES EXPERIMENTAIS

Sam tem trinta e oito anos, já se divorciou e agora está casado com Rita. Há dois grupos de filhos. O casal mudou-se de um subúrbio para uma comuna urbana porque, como diz Rita:

Eu estava muito isolada. Quando Sam saía para trabalhar, a não ser que tivesse alguma coisa especial para fazer ou algum lugar

para ir, eu me sentia muito isolada, numa casa muito separada das pessoas do outro lado da rua ou dos vizinhos. E aqui todos vivem entrando e saindo — é um mundo por si mesmo.

Mais adiante Rita descreve as relações entre homens e mulheres:

Não achamos que devemos ter relações sexuais com todas as pessoas da casa. Não somos monógamos porque encaramos naturalmente a possibilidade de manter relações com outras pessoas mas, se houvesse gente nesta casa convencida de que é monógama e acreditasse nisso, provavelmente poderia sê-lo...

SAM — *... Essa mulher, outro dia, expressou-o desta maneira, dizendo: " Não estou pensando em entrar para uma comuna com a expectativa de manter relações sexuais com outros moradores da casa mas, se acontecesse alguma coisa nesse gênero, não seria nada mau". E eu não quis animá-la nem desanimá-la...*

Rita e Doug, outro morador da casa, mantêm um relacionamento sexual que não tem sido fácil para Sam. Sente-se atenção no seu relacionamento com Rita.

ENTREVISTADOR — *Como é que vocês lidam com o ciúme e os sentimentos? Ou já conseguiram libertar-se deles...?*

SAM — *Não. Ainda estamos lutando. Numa reunião, certa noite, a presidenta pediu: "Se alguém tem tido relações não monógamas e resolveu o seu problema, faça o favor de contar-nos". E Doug, que mora na casa, interveio: "Alguém já resolveu todos os seus problemas?" De modo que ainda estamos trabalhando. E, do meu ponto de vista, no que se refere a Rita, a Doug e a mim, uma das coisas que facilita tudo é que Doug procura ser meu amigo, assim como amigo de Rita, e nós nos consideramos amigos. E as suas relações com Rita não visam a humilhar-me nem a me pôr de lado, nem a ferir-me, mas têm validade própria. Preciso repeti-lo constantemente a mim mesmo, sobretudo nos momentos em que eles talvez estejam no auge das suas relações e eu me sinto mais ou menos sozinho.*

ENTREVISTADOR — *As suas palavras dão a impressão de que o caso, às vezes, é muito difícil de enfrentar...*

SAM — *E é mesmo. Depois de anos e anos de condicionamento... uma espécie de complexo românticos, a gente aprende que não deve brincar com certas coisas. Mas o reverso da medalha*

é que nunca encontrei ninguém que não perdesse algum tempo fantasiando um relacionamento com uma pessoa que não fosse o marido ou a mulher. Por isso, a meu ver, economizamos muita energia em fantasias desse gênero e resolvemos o assunto em nossas relações reais; além disso, é tudo muito franco, o que me parece mais saudável, melhor do que disfarçar e fingir que não temos ligação com ninguém quando, de fato, a temos. Em certos sentidos, creio que isso melhorou o meu relacionamento com Rita... Ela me parece melhor em todos os sentidos. De mais a mais, a ligação que ela arranjou fora do nosso casamento também ajudou. Ajudou-a a sentir-se mais digna como pessoa e, por curioso que pareça, também me ajudou a considerá-la mais digna.

ENTREVISTADOR — *O que ele disse é verdade?*

RITA — *Não penso assim.*

Rita não explica a contradição entre eles, mas começa a falar sobre alguns aspectos da partilha, o que leva Sam a desenvolver este tópico:

SAM — *Sim. Não gosto muito de andar. Mas Rita gosta, e Doug também. Algumas pessoas gostam de andar. Ótimo. Assim, os que gostam de andar talvez precisem andar um pouco. E os que gostam de ficar sentados não precisam levantar-se.*

ENTREVISTADOR — *O que, naturalmente, alivia a pressão causada pela necessidade de ser tudo para uma pessoa...*

RITA — *É.*

SAM — *É. Mantenho relações com outra mulher que não vive na comuna. Não se trata de um relacionamento excelente, e também não se trata de uma pessoa que eu tenha escolhido com o necessário cuidado, mas acontece que me meti nisso numa ocasião em que me sentia meio solitário depois de começarem as relações entre Rita e Doug. Mas é muito bom. Creio que sinto um pouco de inveja por não me haver ligado a alguém que more nesta casa. Porque é chato pra burro manter relações assim, que são pouco mais que um simples encontro sexual fortuito. Quando passo realmente muito tempo com ela, acho que Rita, seja ou não explícita a respeito, sabe por quê. É fácil passar algum tempo com uma pessoa que se quer bem e que mora na mesma casa, sem precisar sair dos seus cômodos.*

Mais adiante, ao falar nas relações fora da união estabelecida: "A gente se arrisca quando faz uma coisa dessas. Mas também se arrisca quando casa".

Se há algum reparo a ser feito sobre Rita e Doug, Sam e a sua amiguinha que não mora na casa, é apenas este: há sempre um preço que tem de ser pago pela experimentação na formação de relações sexuais fora da união estabelecida. Mas, como Sam acentua sabiamente, há risco também no casamento. E a ligação com outra pessoa liberta ambos os cônjuges da necessidade de tentar ser tudo, isto é, de procurar satisfazer a todas as necessidades do marido ou da mulher.

UMA TRINCA EM FORMAÇÃO

Aqui está um relato sobre uma trinca que ainda anda às apalpadelas, Clyde, Libby e Myra, e que termina numa temporária tríade sexual. A história é contada com grande franqueza por Clyde numa carta confidencial. Agradeço-lhe a permissão para transcrever alguns trechos.

As circunstâncias iniciais foram insólitas, visto que a sua comuna convidara um segundo grupo para passar uma semana em sua casa como visitantes. A partir desse ponto, as passagens transcritas da carta contam o resto da história.

... Aqui está a minha família atual: George — artista, agricultor, metafísica; Libby — esposa legal de George, a mulher de cuja cama partilho, tecelã, jardineira, mãe; Minna — companheira de cama de George, também tecelã, jardineira e, principalmente, padeira; Gregory — meu filho de 10 anos, um menino que gosta de tocar em outras pessoas e de ser tocado por elas; Ruthy — filha de George e Libby, de 9 anos, linda criatura e uma das mais fortes razões que conheço para estar onde estou. E agora entra Myra, muito aberta para novas experiências, quente e extremamente "sensível", bissexual ou que talvez se descrevesse melhor como pansexual.

Estamos vivendo no campo. A neve está espessa. Ruthy chapinhou, saltou e andou como se estivesse cavando um túnel para chegar à caixa do correio. Exceto um ou dois incidentes, todos eram constantemente amparados pelo grupo — seria difícil resistir à sensação de estar sendo amparado — e os indivíduos, inclusive os muitos visitantes, se sentiram aceitos como alguns nunca se tinham sentido em toda a sua vida. Libby e Minna fizeram milagres para dar almoço e jantar a 21 pessoas naquela semana, e a comida estava estupenda!

Myra e eu nos sentimos imediatamente atraídos um para o outro, tendo um pouco daquele "entendimento prévio" que sempre me parece existir quando conheço alguém com quem eu poderia ter uma ligação profunda e significativa. Além disso, havia nela também algo escuro, que atraía a minha escuridão, isto é, o desejo sempre presente de possuir e ser possuído.

Conta Clyde que ele e vários outros saíram para dar uma caminhada e que, "por acaso", ele e Myra ficaram sozinhos. Fizeram o amor, embora não muito satisfatoriamente.

... Quando voltamos, encontrei Libby na estrada, chorando. Senti-me acabrunhado pelo remorso e pelo sentimento de culpa. Precisei contar-lhe, ali mesmo, o que acontecera. Foi um momento duro, muito duro, tornado mais duro ainda pela fluidez e pela força *de todos os sentimentos que flutuavam no ar naquela semana. Ela se sentira muito deprimida, em virtude do excesso de trabalho, por não haver participado das atividades do grupo e por não termos tido tempo suficiente para ficar juntos. Agora, como ela disse, aquilo era a cobertura do seu bolo, e* ela não precisava disso! *Fomos para a cama, conversamos durante algum tempo e adormecemos — de exaustão, creio eu!*

Myra e os outros partiram mas, dali a pouco, Myra voltou para uma visita de vários dias.

... Uns dois dias antes da chegada de Myra, Libby isolou-se. Separou-se de mim e de nós, em todos os sentidos, exceto o físico. Sentia ciúme, possessividade, desconfiança de Myra e odiava-se a si mesma por se achar num estado de desamor. [...] *Mas esse foi um período de extrema clareza para mim, e fiquei ao seu lado, fato que ela reconheceu, até nos momentos do mais profundo isolamento. Eu me sentia calmo, amoroso e completamente com ela.*

Quando Myra chegou, nós três passamos horas juntos. Libby achou que Myra representava uma ameaça muito real à nossa vida aqui e disse não compreender por que eu não ia viver com ela. E mostrou-se tão ambivalente no tocante a essa sugestão que lhe foi difícil ouvir-me declarar que eu não queria sair dali para ir viver com Myra. Segundo ela, Myra não estava interessada em ninguém, exceto em mim, e pretendia separar-nos. Myra objetou dizendo que, pelo que sabia de si mesma, queria conhecer-nos a todos, especialmente Libby, por quem se sentira atraída.

... Nesse ponto nos separamos, porque era a hora do recolhimento. Libby e eu ficamos no jardim, andando e conversando. Myra entrou. Terminada a hora do recolhimento, nós nos dirigimos para casa e Myra veio correndo ao nosso encontro, dizendo: "Vocês têm razão! Descobri que eu queria *separá-los porque não consigo conhecer nenhum dos dois desse jeito". O que era, sem dúvida, verdadeiro, mas uma base de comunicação pessoal entre Myra e mim seria um "erro" para todos nós, pois perturbaria o padrão aparentemente estável de Libby-Clyde, tão sadio e tão benéfico. Só que não é, nem pode ser,* estável.

Naquela noite Libby e eu fomos tarde para a cama, exaustos, mas sem sono. Recomeçamos a falar, e eu disse: "Eu gostaria que Myra estivesse aqui, porque estamos falando de coisas que interessam a todos nós". "Acho que eu também queria", disse Libby. Senti-me derreter por dentro e pedi-lhe que se decidisse. Ela topou e fui acordar Myra. Esta veio e passamos o resto da noite na cama, falando e fazendo o amor. Foram poucos os momentos em que senti que estávamos os três realmente juntos. Descobri que tenho limites definidos quanto à possibilidade de ficar com duas outras pessoas tão íntima e intensamente. Creio que todos reagimos de maneira semelhante. A experiência não foi orgíaca, nem profundamente enriquecedora — nem negativa. Todos aprendemos que o comércio sexual de três pessoas ao mesmo tempo não é uma experiência profundamente satisfatória. Ótimo.

Na tarde seguinte, Myra partiu...

A partida de Myra, naturalmente, não resolveu o problema. Clyde esteve à beira da "fossa", e começou a sentir pena de si mesmo, frustrado e furioso, porque geralmente, quando Libby quer alguma coisa resolvida, ele consegue resolvê-la. Desta vez, porém, não o conseguiu. Depois que a raiva de si mesmo seguiu o próprio curso, foi Libby quem se compadeceu dele e tiveram uma dramática reconciliação. Fim da história — por enquanto! Clyde ainda se carteia com Myra.

ALGUNS ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS

Já fiz alguns comentários sobre o sofrimento e o ciúme provocados por qualquer mudança ou até por qualquer possibilidade de

mudança em uniões estabelecidas, de modo que novos reparos me parecem desnecessários, a não ser talvez para mostrar como isso agitou vigorosamente Libby.

O que me impressiona é a capacidade de ajuda de cada indivíduo. Durante as horas mais negras de Libby, Clyde ficou "completamente com ela", da maneira mais reconfortante, mais restauradora possível. Não a tentou tranqüilizar nem consolar. Limitou-se a ficar intimamente ao lado dela em seu isolamento, em seu ciúme, em seu ódio de si mesma. Pouco importa que ela tenha ou não respondido. O caso é que "reconheceu" o profundo companheirismo dele em seu acantoamento. Sei por experiência própria, como terapeuta, que esta é a atitude mais benéfica que ele poderia ter tido. Onde a aprendeu? Como o soube? Isto apenas confirma a minha crença de que muita gente tem a capacidade intuitiva de ajudar — capacidade que se emparelha com a do mais adestrado terapeuta — e pode exercê-la numa atmosfera em que se sente livre para agir espontaneamente. O mesmo ocorre no fim, quando Libby se mostrou compadecida, compreensiva e coadjuvante. Não pode haver dúvida de que a liberdade da comuna lhes permitiu libertar a pessoa favorecedora que existe dentro deles.

O segundo elemento que vejo nessa situação tem implicações ainda mais profundas. Vimo-lo — e vimos a sua ausência — em outros capítulos. É a tácita determinação de viver abertamente a vida dos próprios sentimentos — de expor o seu verdadeiro eu, as suas verdadeiras atitudes tão completamente quanto possível. Revela-se de muitas maneiras neste incidente. Clyde diz à chorosa Libby que acaba de fazer o amor com Myra. Depois disso, sente-se mais livre, mais franco e mais útil para pensar a ferida dolorosa. Revela-se nas horas que os três passaram juntos, conversando, em que Libby não faz segredo da ameaça que, para ela, representa a presença de Myra. Clyde é franco em relação aos sentimentos que nutre por Myra e ao seu desejo de viver com Libby, e Myra, "pelo que sabia de si mesma", manifesta a sua atração pelos dois, e não o desejo de separá-los.

Uma hora depois, Myra já analisou com maior exatidão os próprios sentimentos. *Quer* separá-los, pelo menos o bastante para poder conhecer cada um mais intimamente. Clyde reconhece com franqueza que o seu relacionamento com Libby é benéfico, mas que *não pode* ser estável.

Finalmente, a franqueza de sentimentos na discussão noturna e a sinceridade na declaração de Clyde de que as relações sexuais

simultâneas dos três não foram muito satisfatórias. Em cada uma dessas situações todos aprendem alguma coisa. Há dor, há angústia, há choque, há surpresa, há carinho, há amor e há desespero. Mas nada disso é final, nem as experiências estão *terminadas*. Fazem parte do *processo* de viver, amar, aprender — com absoluta franqueza.

Tenho-me estendido sobre esse assunto porque, a meu ver, ainda não se reconhece o suficiente que se trata de um estilo quase totalmente novo de vida. A partilha dos bons e maus sentimentos, do sofrimento e do amor, da introspecção para descobrir o que a pessoa está experimentando *de fato* é, literalmente, um novo caminho. Esses jovens não o encontraram nos pais, nas escolas, nos antepassados. Não o encontrariam nas culturas orientais, onde "guardar as aparências" é tão importante. Não o encontrariam igualmente na tradição européia, onde, sobretudo em questões de amor, o engano é a regra.

Não, jovens e outros estão hoje tentando encontrar um estilo autenticamente novo de vida. Para mim, isso é reconfortante e promissor. Entretanto, não sou profeta para afirmar que a nossa cultura seguirá amanhã o mesmo rumo. Só posso dizer que a partilha franca de *todo* o eu de uma pessoa redunda quase sempre, pelo que sei por experiência, em crescimento pessoal. Digo mais: acredito que só muito raramente uma pessoa que conheça essa maneira de viver prefere voltar à fachada, à armadura, à "frente" ilusória que caracteriza a grande maioria das pessoas. Por isso não podemos saber o que o futuro reserva para Clyde, Libby e Myra, a não ser que todos, provavelmente, crescerão como pessoas.

QUE SIGNIFICA A COMUNA PARA AS CRIANÇAS?

Poucas comunas, por enquanto, incluem muitas crianças em idade escolar. Daí que alguns dos seus problemas mais difíceis ainda não tenham surgido.

No que concerne à criança, esta se comporta como normalmente o faz em qualquer lar, divertindo-se às vezes, ferindo-se às vezes, brigando com outras crianças, testando limites. Nas comunas tais experiências têm sabor diferente. Já não existe apenas uma pessoa — a mãe — que resolve todas as "crises", que é importante para

a criança ainda que o não seja para o adulto. Em compensação, existe certo número de mães e pais que ajudam ou propositadamente ignoram tais situações. A criança pode ser ralhada por um deles e temporariamente amimalhada por outro. É verdade que não recebe um tratamento uniforme, mas vive num mundo de adultos reais, a cujas idiossincrasias precisa ajustar-se enquanto procura espaço psicológico para si, para os seus desejos e atividades.

Um aspecto naturalíssimo parecerá surpreendente a inúmeros leitores: as crianças pequenas aceitam prontamente o fato de seus pais poderem, em certas ocasiões, dormir com pessoas diferentes. As crianças aceitam o mundo como ele é, sobretudo se esse mundo for aceitável para os outros que as cercam. Por outro lado, um adolescente que passou a maior parte da vida numa comunidade comum e lhe absorveu as normas, poderá sentir-se muito perturbado ou cheio de conflitos pelo "mau" procedimento dos pais.

Nas comunas rurais, há duas outras coisas que se podem dizer a respeito dos jovens. As crianças têm mais espaço para explorar e brincar livremente, sem os perigos dos acidentes de tráfego, da superabundância de brinquedos ou das intimidações de algum bando organizado. As realidades que têm de enfrentar são, quase sempre, as duras realidades da própria natureza.

Além disso, na comuna rural, a criança tem um lugar na vida do grupo. Assim que adquire a força física necessária — aos cinco ou seis anos de idade — participa das intérminas tarefas da existência do campo. Sente-se *útil,* experiência tão rara que quase não existe na vida da criança suburbana ou urbana da cultura dos nossos dias.

Mas que farão elas no tocante à escola? Já estão sendo realizadas experiências nesse sentido. A profundidade da oposição ao "Estabelecimento" revela-se no fato de que, em certas comunas, não se registram os nascimentos. Daí que essas crianças "não existam" para o Estado. Os pais estão experimentando educar os filhos de maneiras muito diferentes das que se praticam nas escolas públicas.

É possível que uma indicação das tendências nesse sentido seja a seguinte: nos dias em que Haight-Ashbury era sinônimo de "Crianças em Flor" (e não de tráfico de drogas, assassínios, Máfia e coisas desse naipe), ali se fundou uma "escola livre"; hoje, segundo se propala, existem sessenta escolas assim na Área da Baía. Isso representa uma percentagem muito pequena das crianças mas é, inegavelmente, uma grande força.

Esta parece ser uma das muitas provas da verdade da afirmação de um dos antigos habitantes de Haight-Ashbury, que hoje vive

numa comuna: "Posso mudar o mundo mudando-me. Não posso mudar os outros". A instalação de uma "escola livre" foi a maneira que eles encontraram de prover às suas necessidades e às dos filhos. Não foi uma tentativa para produzir impacto sobre o sistema escolar vigente. Entretanto, poucos anos depois, outros começaram a fazer o mesmo. A pessoa que vive os próprios valores produz um impacto. Como disse, há muitos séculos, o filósofo chinês Lao-Tse, "O que se impõe tem a força pequena, manifesta; o que não se impõe tem a grande força, a força secreta". Acredito que muita coisa da vida dos membros das comunas realça a verdade desse antigo dito.

A "FAMÍLIA MANSON"

Se considerarmos as comunas como experiências, é inevitável que muitas falhem. A mais conhecida hoje em dia, sem dúvida, é a que representa o mais pavoroso e horrível fracasso. A "família Manson" recebeu centenas de páginas de sinistra publicidade, ao passo que as demais experiências comunais têm recebido pouca ou nenhuma. Dessa maneira, a imagem pública tende a ser grosseiramente deturpada. Daí a necessidade de alguns comentários.

Não sei, a respeito desse grupo notório, mais do que qualquer leitor de jornal razoavelmente bem informado, de modo que as minhas notas não provêm da experiência direta. Mas eu gostaria de sublinhar alguns fatos óbvios. É curioso que o grupo apresentasse duas características, encontradas por Kantor (1970), que contribuíram para a permanência das comunas no século passado: a existência de um líder carismático — não se pode duvidar disso — e de uma ideologia, por mais pervertida e deturpada que fosse. O comportamento sexual também era regulamentado pelo líder, tendo os membros pouca ou nenhuma escolha nesse sentido. As moças — com ou sem a sua aquiescência — se achavam à disposição de Manson ou de qualquer um dos homens do grupo para contatos sexuais.

Talvez sejam estes alguns dos elementos que explicam a tenacidade e a lealdade pasmosas do grupo durante os longuíssimos processos judiciais. Descobrimos também, para nosso pesar, que um carisma se desenvolveu nas cadeias e prisões e que as mais degradantes instituições inventadas pela nossa sociedade podem conduzir

ao assassínio sem sentido, ao comportamento estapafúrdio ou sadista e incrível à violência. E descobrimos ainda que o uso excessivo das drogas de todos os gêneros pode combinar-se com essa liderança carismática — alguns dizem hipnótica — para embotar a sensibilidade, a delicadeza e os sentimentos sociais mais comuns. Foi, sem dúvida, uma história horrível, pavorosa, e quanto mais detalhes se revelavam, tanto mais hedionda se tornava. Particularmente confrangedor para mim é o fato de — ao contrário do que diziam as notícias — algumas dessas moças crescerem em ambientes zelosos e inteligentes da classe média.

Importa, contudo, que não nos iludamos. Existem milhares de grupos comunais que conquistaram o respeito das suas comunidades. Eles estão fazendo experiências com um novo estilo de vida, mas a sua existência em grupo é caracterizada pelo idealismo — e não por assassínios sadistas, sem sentido. As suas maneiras de proceder podem chocar muita gente acostumada aos estilos tradicionais, mas eles não são anti-sociais, embora sejam contra o "Estabelecimento". É lamentável que o pior dos grupos tenha ocupado as primeiras páginas dos nossos jornais durante semanas a fio.

ALGUMAS COISAS QUE APRENDI

Seja-me permitido rematar este capítulo indicando alguns dos modos por que fui beneficiado. Aprendi muita coisa em meus contatos com os membros futuros, presentes e passados de comunas, e sobretudo com o estudo diligente, necessário à elaboração deste capítulo. Estou convencido de que essas estranhas ramificações da nossa cultura terão grandíssima influência sobre os aspectos econômicos, ecológicos, educacionais, tecnológicos e políticos do nosso tempo e do futuro. Sinto-me tentado a desenvolver essa afirmação, mas não o faço por dois motivos. Em primeiro lugar, por não se coadunar com o propósito deste livro. Em segundo lugar, por acreditar que essas implicações deveriam ser — e estão sendo — decifradas pelos que se acham muito mais intimamente envolvidos nesses fatos e muito mais bem informados do que eu. Mas ainda há um grande número de ensinamentos pessoais que eu gostaria de expor.

O primeiro é que só posso compreender o crescimento das comunas e o interesse por elas, em pleno desenvolvimento, como parte

de uma verdadeira revolução. Aqui, numa cultura profundamente empenhada (e, à primeira vista, com a máxima sinceridade) em aprimorar toda e qualquer tecnologia; aferrada ao materialismo e ao "sucesso"; acreditando na força violenta — militar, policial ou criminal — como solução definitiva de todos os problemas; comprometida com a autoridade dos grandes, dos fortes e influentes sobre os fracos e pequenos; determinada a negar a dignidade humana em tudo, desde as escolas até os sistemas previdenciais; defensora do casamento permanente e da família conjugal; e especialmente apegada à crença de que não podemos errar, promovendo assim enormes "claros de credibilidade" e hipocrisia em toda a parte — está-se verificando uma incruenta revolução.

Aqui estão grupos de pessoas que não recorrem à violência, usam pouquíssimas palavras, não lutam pelo poder, rejeitam por inteiro todos os valores que mencionei, e estão tentando criar uma sociedade totalmente nova no meio da velha. Com poucas exceções, como alguns dos grupos religiosos, não procuram fazer proselitismo nem pretendem "vender-nos" coisa alguma. Pensando bem, abandonaram de todo o sistema político, que reputam corrupto. Não se apresentam como reformadores, nem tencionam beneficiar-nos.

Em compensação, estão tentando fazer alguma coisa muito mais difícil: *viver* uma nova cultura, *ser* um novo conjunto de valores, o que explica o tremendo fascínio exercido sobre os jovens, desenganados de uma sociedade que diz uma coisa e faz outra, inteiramente diferente, e não só diferente senão pavorosamente destrutiva para as pessoas, o ambiente, a dignidade humana, os relacionamentos sinceros. De modo que os jovens se interessam pelos que formaram laboratórios próprios, que fazem experiências de viver humano, em que se cometem muitos, muitos erros, mas em que ocorrem também algumas coisas belas e promissoras.

Afigura-se-me que o movimento comunal tem suas próprias tendências, sobre as quais, apesar da minha experiência e conhecimento limitados, eu gostaria de tecer algumas considerações.

Acredito que exista uma tendência para a inconstância e a mudança. Uma comuna começa e fracassa, ou modifica os seus processos, ou imprime uma estrutura à sua falta de estrutura. Para muitas pessoas mais velhas isso talvez pareça indicação de grande fraqueza, confusão, falta de metas claras. Mas é a fraqueza da árvore nova, não é a fraqueza do tronco morto. Conheço pessoas que deixaram comunas, voltaram à comunidade "normal" ou ingressaram em outra, e tenho a vigorosa impressão de que caminharam para a frente, e

não para trás. Até os que voltam à comunidade usual fazem-no de maneiras inusitadas, continuando a viver os próprios valores. Não são e, a meu ver, não serão os corretores da Bolsa, os executivos das grandes companhias nem os políticos de amanhã. Ou, se chegarem a assumir um desses cargos, dar-lhe-ão uma forma completamente nova.

A tendência, sem dúvida, é para viver em pequenos grupos. Nem as comunas urbanas são uma parte verdadeira da cidade impessoal, da cidade-robô. Nesses pequenos grupos é possível a intimidade, o contato com outros, com a natureza, consigo mesmo, com relacionamentos de todos os tipos, e até com o cosmo.

A tendência — e aqui falo muito tentativamente — parece afastar-se do ativismo radical, da violência, das drogas pesadas. Maconha sim. LSD de vez em quando, mas cada vez mais raramente. "Speed" (mistura de morfina e cocaína) e heroína, não. Esses grupos estão aprendendo a ficar "altos" com a natureza, a meditação, o Zen, a ioga, as celebrações rituais, uma transcendente consciência superior. Estão aprendendo que a vida pode ser rica de muitas maneiras, sem a estimulação das drogas.

POR QUE INGRESSAR NUMA COMUNA?

Por que indivíduos inteligentes, cultos, requintados, tendo à sua frente todas as oportunidades que a nossa sociedade pode oferecer-lhes, ingressam numa comuna? Permitam-me tentar enumerar alguns motivos que, no meu entender, são decisivos.

Um deles é o desejo de escapar à alienação e ao isolamento individual, cada vez maiores, da nossa sociedade. Eles anseiam por fugir da desumanização dos cartões perfurados para um lugar a que possam *pertencer* pessoalmente. A fala de Big David é um exemplo extremo disso. Ambicionam participar de relações profundas e partilhadas, que, como vimos, tanto podem ocorrer em casamentos como em comunas.

Outra razão, sem dúvida, é que as comunas oferecem à pessoa a oportunidade de ser ela mesma de modo total e integrado, oportunidade raríssima na vida moderna. Todos os atributos do indivíduo tendem a ser valorizados. A força física, as habilidades ocupacio-

nais, as aptidões paternas, as idéias intelectuais, os sentimentos e emoções, os interesses ideais, religiosos ou místicos, todos podem ser vividos simultaneamente. A vida é muito menos fracionada. Isso pode acontecer no casamento, como já observamos. Pode ocorrer, em grau limitado, nos *encounter groups*. Mas a comuna é outra maneira — e talvez mais difícil — de tentar chegar à nova expressão da totalidade do eu numa vida unificada.

Uma razão conspícua, muitas vezes, é encontrar sanção para todos os tipos de relações sexuais: no casamento, em uniões de duração variável, em todos os tipos de combinações — entre o homem e a mulher, entre a mulher e a mulher, entre o homem e o homem. Essa experimentação não é livremente possível na comunidade convencional. Na comuna, porém, encontra, quase sempre, uma atmosfera de apoio e pode ser levada a efeito sem sentimento de culpa, embora, como já vimos, acarrete às vezes algum sofrimento.*

Outro motivo que está sendo gradativamente descoberto é que o grupo vivo constitui, consciente ou inconscientemente, uma experiência de filosofia de organização (ou desorganização) social. Libertando-se do círculo vicioso, enseja a oportunidade de se construir um grupo que funciona e onde as coisas são feitas. Assim, da anarquia ao behaviorismo controlado, toda uma safra de novas sociedades está germinando, cada uma diferente da outra, pois o grupo enfrenta problemas de sobrevivência, autoridade, distribuição de trabalho, manejo das diferenças pessoais e o trato com um mundo externo muito diferente.

Isso conduz a outra conclusão: a de que não se trata de uma experiência secreta, senão de uma oportunidade para *aprender*. Aqui está a oportunidade de um desenvolvimento pessoal mudável — oportunidade que nem sempre aparece, mas que ora desponta como uma esperança.

Finalmente, existe grande poder de atração na eliminação dos comportamentos. No princípio do capítulo mencionei os muitos antecedentes e experiências de trabalho de que essas pessoas provêm. Numa comuna, todavia, a pessoa não é essencialmente um indivíduo formado em Radcliffe, nem especialista em computadores, nem psicólogo, nem nada disso. Uma pessoa é uma pessoa. Um homem é um homem. Uma mulher é uma mulher. Existe uma qualidade básica que

---

* A experimentação sexual numa comuna é muitíssimo diferente da de um grupo de *hippies*. Está provado que estes evitam tudo o que se aproxima de um envolvimento profundo ou de ligações mais do que casuais.

obsoleta movimentos como o da libertação das mulheres, visto que cada mulher — e cada homem — pode conseguir para si o nicho pessoal que deseja ter no grupo. (E é curioso observar que as mulheres, muito freqüentemente, optam por funções "femininas".)

Todos esses motivos parecem fascinantes. Não obstante, as pessoas deixam os grupos, as comunas fracassam, ou se tornam destrutivas, ou se desmancham. Por quê?

Acredito que uma das razões principais seja porque elas, na maior parte das vezes, têm refletido pouco sobre as maneiras de enfrentar os conflitos, sofrimentos e mal-entendidos que podem surgir. Vimos também neste capítulo que elas podem excelir numa função curativa, mas isso não acontece necessariamente.

O que acontece amiúde é que elas não conseguem resolver o problema da auto-suficiência. Mas isto foge um pouco ao âmbito deste capítulo.

O ciúme representa, não raro, um problema subestimado, capaz de minar um grupo. Com efeito, às vezes pergunto a mim mesmo se o ciúme não será algo simplesmente condicionado pela cultura ou se tem, de fato, um fundamento biológico básico, como a territorialidade?

Relacionada com isto existe, a meu ver, uma subestimação semelhante da necessidade que todos sentimos de uma relação segura, continuada, com outra pessoa e somente com ela. Embora pareça muito profunda, essa necessidade não tem tido a necessária consideração.

Cheguei à conclusão — pelo material que reuni, pelas leituras que fiz e pelos relatos íntimos do capítulo seguinte — de que é muito mais difícil manter um relacionamento saudável e satisfatório num trio ou num casamento de grupo do que sustentá-lo num casamento entre duas pessoas (como se isso já não fosse suficientemente difícil!). Conseqüentemente, as comunas têm-se desmanchado em virtude da incapacidade de resolver problemas de relacionamento altamente complexos.

Às vezes não se reconhece a grande precisão de intimidade que todo indivíduo sente. Esta pode ser proporcionada numa comuna mas, às vezes, deixa de sê-lo, com resultados muito negativos.

Freqüentemente, no meu entender, não se reconhece que uma filosofia anarquista, por mais bela que possa parecer, só funciona com algum sucesso quando o grupo se compõe de pessoas de elevado grau de maturidade psicológica. Daí que a tentativa de viver

anarquicamente, quando o grupo é composto de indivíduos muito deformados pela família e pela sociedade, pode redundar num estrondoso desastre.

Não se reconhece, às vezes, que todas as ideologias são grandemente modificadas na prática. Dessa maneira, Twin Oaks, modelada segundo as teorias de B. F. Skinner, já não é dirigida por três planejadores, mas quase sempre pelo consenso geral. O ambiente não é mais estabelecido para condicionar certos comportamentos, mas o indivíduo *escolhe* os comportamentos que deseja mudar e *escolhe* as recompensas que têm valor para ele. Tudo isso se parece muito pouco com *Walden II,* a utopia de Skinner.

Dessa maneira, as comunas têm a sua quota plena de problemas e malogros. Mas são malogros com os quais podemos aprender. Elas parecem desempenhar um papel importantíssimo em nossa cultura. Com um custo financeiro ou psicológico mínimo para todos nós, estão realizando experiências de laboratório a fim de determinar o lugar que poderão ter no futuro o casamento, as uniões de todos os tipos, as relações pessoais, a tecnologia e a organização social. Muito provavelmente, a nossa cultura não poderá continuar como está. Os defeitos e rachaduras, as injustiças e hipocrisias são grandes demais. Em que, então, se transformará ela? Com todos os seus erros, privações, fracassos e reagrupamentos, as comunas parecem estar tenteando o caminho.

UMA TRANSIÇÃO

Pensei em fazer do capítulo sobre os grupos comunais o último deste livro. Tenho, porém, a robusta impressão de que um grande número — provavelmente uma vasta maioria — de jovens, conquanto se mostre interessado pelas comunas, vê no casamento a sua meta.

Passaremos agora, portanto, à derradeira descrição de um casamento — um casamento fantástico em sua variedade. Nele encontraremos todas as questões encontradas nas comunas, assim como outras, inteiramente novas. Um casamento que desafia o velho ditado, segundo o qual "Não se pode mudar a natureza humana". Aqui estão duas naturezas que se modificaram de tal maneira que as suas personalidades atuais dificilmente parecerão pertencer ao mesmo universo psicológico a que pertenciam quinze anos antes, quando se casaram. Espero que a história os fascine tanto quanto me fascinou.

8

QUINZE ANOS DE UM CASAMENTO QUE MUDOU RADICALMENTE

A ENTREVISTA COM ERIC E DENISE é a última deste livro, porque inclui todos os elementos problemáticos, alegremente vigorosos, que se poderiam encontrar num relacionamento de três lustros. Casados com vinte e um e dezenove anos respectivamente, eles viviam presos a expectativas; depois de cinco anos Denise teve um "esgotamento nervoso" e o relacionamento entre eles se tornou extremamente frio e desproveitoso; o tratamento ajudou a fazer de Denise uma pessoa, que, pela primeira vez, lutou pela sua união; a maconha transformou Eric: de um intelectual altamente racional, passou a ser um homem que apreciava todo o seu eu — sentimentos e ritmos naturais — e fortaleceu-lhes o enlace; por outro lado, o casamento pareceu chegar, inúmeras vezes, à beira da desintegração; ambos os cônjuges fizeram experiências sexuais fora do matrimônio (e partilharam das respectivas experiências) e, é interessante notá-lo, tornaram-se mais monógamos no decorrer do processo; estão prestes a iniciar uma vida completamente nova em outro país, com as apreensões que se poderiam esperar. A simples exposição dos fatos essenciais da sua experiência já mostra alguma coisa da tremenda variedade que caracterizou um processo matrimonial sumamente enriquecedor de duas pessoas que hoje são altamente independentes.

Eu gostaria de dizer uma palavrinha sobre os meus contatos com o casal. Conheci-o socialmente há dez anos, e teria predito, se me tivessem perguntado, que o casamento deles — que nessa época já era um fracasso — terminaria logo. (Por aí se vê o valor que têm os dons proféticos e diagnosticadores!)

Depois do primeiro contato, encontrei-me algumas vezes com Eric no exercício da minha profissão, e chegamos até a trabalhar juntos, aliás muito agradavelmente, na organização de uma pequena

conferência. Havia muitas sementes de possível dissensão em nosso trabalho, mas ele me pareceu brilhante, sensato, pronto para assumir compromissos viáveis, enfim, um homem com quem dava prazer trabalhar.

Mais recentemente, os nossos contatos têm sido sociais e muito ocasionais, mas fiquei profundamente impressionado com as mudanças que notei tanto em Eric quanto em Denise. Quando os nossos encontros ocorriam com um intervalo de um ano, como acontecia com freqüência, parecia-me que os dois eram pessoas completamente diferentes das que eu tinha visto no ano anterior. Esse processo de mudança surpreendente — para mim — foi o que me levou a escrever-lhes perguntando se estavam dispostos a ser entrevistados. Para minha grande satisfação, eles concordaram, mas confesso que me abismou a riqueza do material que me forneceram de maneira tão espontânea e reveladora.

Em outros capítulos fiz, muitas vezes, um intenso trabalho de montagem — reunindo elementos que deveriam estar reunidos, mas que não me tinham sido apresentados consecutivamente. Interrompi também com freqüência a entrevista para intercalar comentários. No caso de Eric e Denise, entretanto, o material flui com tamanha naturalidade e passa tão prontamente de um aspecto da experiência para outro, que quase não precisei fazer trabalho algum de montagem, a não ser mudar os detalhes capazes de identificá-los. Limitei-me a inserir epígrafes para indicar onde mudam os tópicos e, assim, facilitar ao leitor a tarefa de rememorar e encontrar o material que lhe interessa. Dessarte, sem maiores introduções, ouçamos Eric e Denise falarem por si mesmos. Os meus comentários ficam para o fim.

A MUDANÇA PIONEIRA

ERIC — *Acaba de ocorrer-me, Carl, ao voar hoje para cá, que esta nossa entrevista com você coincide com o décimo quinto aniversário de nosso casamento, que será no mês que vem, num momento em que estamos dissolvendo toda a estrutura da nossa união. Estamos vendendo a nossa casa, todas as nossas propriedades, estamos deixando nossos amigos, nossos empregos, nossas situações profissionais — estamos deixando o país em que casamos e come-*

çando num estilo inteiramente novo, nós dois e as crianças, com alguns objetos essenciais de uso pessoal. Nessas condições, o que me parece ser um dos aspectos cruciais do nosso casamento, e a maneira pela qual se desenvolveu até chegar a este ponto, é o fato de não se haver integrado mais na estrutura de uma área, de propriedades, de amizades de longa data, etc. Ao invés disso, tomamos essa estrutura crescente e vamos agora dissolvê-la para começar algo totalmente novo. Uma completa reviravolta na maneira de relacionar-nos com o mundo que nos cerca.

EU (para DENISE) — *Isso realmente me impressiona, e eu gostaria de conhecer a sua reação ao que ele disse.*

DENISE — *Eu não tinha pensado no assunto desse jeito, mas um dos aspectos assustadores da mudança tem sido o fato de que nós vamos ficar reduzidos à família conjugal mais elementar e depender exclusivamente da nossa interação. Não poderemos ser ajudados por amigos íntimos. Nesse sentido, a nossa aventura tem um quê de pioneirismo. E eu não havia pensado, em relação ao casamento, tão especificamente no quanto ele nos afetou, a nós quatro, como família — pois o que vamos fazer é dar um salto, sem saber direito onde cairemos.*

ERIC — *O nosso casamento nunca foi plácido. Sempre brigamos muito, sempre tivemos muitos conflitos — conflitos intensíssimos — e durante os últimos anos aprendemos a aceitar essas coisas como algo positivo, que promove o nosso crescimento, que, em certo sentido, afugenta o tédio e nos impede de contar cegamente um com o outro — de modo que o conflito, que costumava ser muito agudo, assumiu agora um certo senso de humor. Mas uma das razões por que o assumiu é que sempre soubemos tínhamos muito mais em nossas vidas do que o simples relacionamento conjugal. Isto é, se eu ficasse realmente furioso com Denise, sairia de casa por uma semana e ela faria a mesma coisa — afastar-se-ia de mim por uns dias. Visitaríamos amigos e voltaríamos a nossa atenção para outras coisas.*

Nos últimos dois meses, quando olhávamos para isso dizíamos: "Daqui a dois meses partiremos para o fim do mundo, praticamente — para um lugar onde ficaremos isolados de tudo o que conhecemos — e seremos só nós dois e as crianças". E, então, quando brigamos por alguma coisa, ou Denise procede de um modo que me desagrada, e eu me zango com ela, minha reação imediata é pensar: "Meu Deus, será que eu quero mesmo partir com essa mulher para ir viver nos confins do mundo?"

Em certo sentido, a cidade, a vida urbana, a vida profissional, a teia de amizades aqui proporcionam uma fuga das pressões do casamento. E quando começamos a compreender que não teremos mais esse meio de fuga — pelo menos por algum tempo — que vamos para um lugar onde seremos completamente estranhos, onde não estaremos aculturados, onde há pouca gente, e uma gente muito diversa das pessoas que estamos acostumados a conhecer, temos a impressão de que o casamento se fecha em torno de nós.

Por exemplo. Há duas espécies de brigas, pelo menos entre nós, e desconfio que entre muita gente. Uma delas é aquela em que ficamos realmente amargurados e zangados um com o outro e nos odiamos. E toda a raiva acumulada por uma porção de coisas começa a jorrar. A outra espécie é aquela em que alguma coisa nos torna tão vivos e afirmativos — genuínos, autênticos, que sabemos o que somos, o que desejamos e no que acreditamos — de modo que já não toleramos as fachadas, nem as insinceridades, nem a falta de realização, que se prolongam dia após dia. E dizemos: "Quero isto mesmo e não deixarei por menos".

E é o que está começando a acontecer agora, quando dizemos: "Por Deus, isso tem que dar certo, ou será insuportável para nós". Esta é a nossa última oportunidade — apesar do modo superdramático de constatá-lo — para decidir se temos, de fato, problemas tão grandes que não deveríamos estar vivendo juntos. Porque agora vamos realmente *viver juntos. Não poderemos brincar com o casamento nos próximos dois ou três anos. Estaremos amarrados um ao outro como nunca estivemos no passado. É o que eu digo.*

EU (para DENISE) — *Qual é a sua reação a tudo isso?*

DENISE — *Concordo com ele, embora eu mesma não houvesse pensado nesses termos. Mas isso me soa meio familiar, porque tivemos uma briga recente, e ele me disse algumas dessas coisas. Repito, porém, que eu não havia pensado nesses termos, num tom assim tão final.*

EU — *Explique-se melhor.*

DENISE — *Não pensei nisso como num... como ele disse, a última briga o fez pensar desse jeito. Reagi, mas não o instiguei. Foi ele quem pensou tudo isso. Previ que seria mais duro, mas não me ocorreu que poderia enfraquecer os laços do casamento, mais do que qualquer outra coisa que já nos aconteceu. Essa é a diferença. Não creio que isso tenha mais força para separar-nos do que outra coisa qualquer. Passamos por tantas privações que poderiam ter dissolvido os laços, que esta me parece suave.*

ERIC — *Bem, a razão por que é importante para mim — veja bem, acho que há uma diferença entre você ir para outro país e eu ir para outro país. Você está segura do que quer e está certa de encontrá-lo aonde vamos. Poderá ter o seu pedaço de chão, poderá ser oleira, poderá fazer as coisas naturais que tanto sonhou fazer, e que estão concentradas na família. E sente-se muito bem assim.*

Mas eu vou sair daqui com sentimentos muito diferentes. Sempre encontrei grande parte da emoção e do desafio pessoal do dia-a-dia no convívio dos amigos, excelentes, dos assuntos profissionais, dos alunos, etc. Sempre gostei realmente do meio social em que nos movemos aqui. E não creio que o encontre lá. Durante algum tempo, pelo menos, nós nos sentiremos muito estranhos num novo país. Eu me sentirei muito solitário, tanto intelectual, quanto profissional e socialmente. Quero dizer, não creio que as pessoas que vamos encontrar sejam pessoas com as quais poderei entender-me, francamente. Será um modo muito hesitante, muito difícil de travar amizades, entabular relações, lentamente, através de uma ponte muito ampla. O que significa que me voltarei cada vez mais para o lar — para você e para os garotos — quando precisar de apoio. Penso nessa possibilidade e digo entre mim: "Puxa! É preciso que isso seja bom. Porque se eu vier a sentir-me zangado, frustrado e não realizado em casa, será um inferno". Era o que eu estava dizendo. Não posso voltar-me para mais ninguém, como faço aqui.

TRÊS FASES DO CASAMENTO

Outra idéia me ocorreu enquanto estávamos voando e vou tentar expô-la. Ocorreu-me que o nosso casamento teve três fases distintas.

O PERÍODO DOS "DEVERES" SOCIAIS — *Está muito claro para mim que a primeira parte do nosso casamento foi uma fase em que quase todo o nosso comportamento, a maioria das nossas expectativas, o nosso relacionamento mútuo foram determinados por um conjunto de regras sociais predeterminadas. Isto é, casamos com idéias preconcebidas sobre como devíamos agir e sentir-nos em relação um ao outro, sobre como devíamos proceder sexualmente um com o outro, sobre quantas vezes devíamos fazer o amor. Tínhamos aprendido, não somente de nossos pais, mas de toda a nossa*

cultura, que um garanhão precisa trepar muito, bem como todos os modos aceitos de relacionamento com estranhos. E vivemos dentro dessa estrutura de regras sociais, como numa espécie de padrão conjugal, durante cinco ou seis anos, até que ele desmoronou completamente. Isso foi um desastre para nós. Denise acabou tendo um esgotamento nervoso e eu me acabei sentindo agoniado e desgraçado.

O PERÍODO SENSUAL — *E deliberadamente atiramos fora tudo isso. Quero dizer, chegou um momento em que nos sentimos suficientemente curados dessa crise, em que nos sentamos e muito calmamente dissemos um ao outro: "Essa besteira que nos impingiram como base para o nosso casamento não funciona. Temos de encontrar outra maneira de relacionar-nos". E foi quando conhecemos coisas como* encounter groups; *coisas como drogas — maconha, LSD; coisas como experiências sexuais fora do casamento. Dizendo: "Sejamos acessíveis a quaisquer relações que possam ocorrer, e vamos ver se poderemos integrá-las". E esse foi uma espécie de período sensual em nosso casamento, período em que nos abrimos para o que os nossos sentidos, as nossas percepções nos indicavam como a maneira certa de viver, em oposição ao padrão social.*

VIVENDO SEGUNDO OS RITMOS INTERNOS — *E acho que agora estamos entrando numa fase diferente. O ser sensual é a espécie de coisa de que as pessoas costumam falar quando se referem à percepção sensorial e ao aumento da perceptividade — em que aprendemos a ir mais devagar, a penetrar mais as coisas. Maior sensibilidade. Maior consciência das coisas. Creio que estamos saindo da fase sensual e entrando numa fase que é de fato uma seqüência do nosso comportamento, da maneira com que afeiçoamos nossas vidas, dos ritmos internos, naturais, dos nossos corpos. Isto é, de modo que nós... até coisas como comer. Agora comemos quando temos fome. Não tomamos café, almoçamos e jantamos. Às vezes, não comemos nada; outras, fartamo-nos o dia inteiro. E fazemos o amor mais por necessidade de uma construção sexual ou para satisfazer a um desejo sexual do que pela razão comum: "É noite, estamos sozinhos, vamos trepar" ou então, "Faz três dias que não trepamos, vamos trepar". E o modo com que nos relacionamos com nossos filhos é mais autêntico em termos de organismos, do que está acontecendo dentro de nós. Não sei por que isso aconteceu.*

Bem, é claro que isso aconteceu, em parte, graças à bioenergética e à ioga, mas cada vez nos distanciamos mais da mania de buscar elementos na estrutura social para a nossa estrutura, e já passamos pelo período caótico de abertura de todos os sentidos. Ago-

ra, cada qual busca em seu organismo e no que lhe diz a sua biologia os elementos para estruturar o nosso casamento e o nosso relacionamento. Acho que essa é a verdade. Você não acha, Denise?

DENISE — *Acho que sim.*

O ESGOTAMENTO DE DENISE E A SUA FALTA DE PERSONALIDADE

EU (para DENISE) — *Não sei se você considera válidas as três divisões dele, mas eu gostaria de fazer alguns comentários sobre a primeira parte do seu casamento, quando parece que vocês viviam de acordo com regras.*

DENISE — *O meu esgotamento aconteceu no quinto aniversário do nosso casamento. Até aquela altura vivi, durante boa parte do tempo, numa espécie de nevoeiro ingênuo. Não compreendia que Eric pudesse sentir-se infeliz, nem que o nosso casamento não desse certo, pois eu quase sempre me sentia satisfeita com o* status quo. *Esses primeiros cinco anos já se foram há tanto tempo que é difícil trazê-los de volta, mas ainda me lembro da discrepância entre a reação dele e a minha quando chegou o grande momento — o momento do quinto aniversário — e das conversas que tivemos nesse período. Eu nem sequer imaginara a amargura em que ele vivera. Porque, para mim, a chegada de um filho — Alan nasceu no segundo ano do nosso casamento — satisfez grande parte do meu foco e do ritmo natural do meu dia.*

Mas estou de acordo com a história das normas sociais. Lembro-me de ter lido livros e de haver tentado... esperando que a vida seguisse essas normas. O normal e o comum é o que deviam acontecer. Lembro-me de ter lido Spock antes de ter Alan. Segui religiosamente os seus conselhos. De modo que o esgotamento foi uma divisão para mim; e concordo em que, depois do tratamento e do ingresso na fase seguinte, isso ainda continuou por algum tempo.

EU — *Neste ponto, quero fazer-lhe uma pergunta. Você se sentia realizada e supunha estar vivendo um casamento normal — com dificuldades, é claro, mas razoavelmente satisfeita. Como concilia essa declaração com o fato de ter tido um esgotamento?*

DENISE (depois de uma pausa) — *Eu me julgava mais amadurecida do que realmente era na ocasião. Quanto a isso não há dúvida nenhuma! Quando a gente procura rememorar, não conse-*

gue lembrar-se de toda a sua juvenilidade. *Quando me casei, eu me acreditava muito mais madura e capaz de lidar com os problemas do que efetivamente me revelei nos anos que se seguiram. E isso logo se tornou aparente para mim... Eu não era tão adulta quanto imaginava. E não fui capaz de resolver as crises que apareciam entre nós. Não fizemos nenhum progresso. Entretanto, não consigo recordar o que acontecia quando surgia uma crise de verdade nesses primeiros anos. Não consigo lembrar-me — não consigo recordar como foi. Mas estou certa de que deve ter havido alguma indicação de que estávamos numa entaladela. Porque eu mesma sugeri, no nosso quinto aniversário: "Se você se sente tão infeliz, talvez fosse melhor divorciar-se de mim". E alguma coisa deve ter-me levado a isso, mas não posso...*

ERIC (atalhando) — *Eu disse: "Boa idéia"* (rindo)

DENISE (continuando) — *Mas não foi só o casamento. Foi também a religião, a busca religiosa, e o fato de meus pais não poderem compreendê-la. Foi isso também, além do casamento. Não foi só o casamento.*

ERIC — *Na realidade, creio que o casamento foi uma causa secundária do esgotamento. Para mim, este foi deflagrado pelo problema religioso, e ela focalizou...*

EU — *Você veio de um ambiente muito conservador...*

ERIC — *Fundamentalista. Durante um longo período, Denise se sentiu muito culpada, porque, influenciada por mim, rejeitou a sua crença, sem ter nada que pudesse substituí-la. Não acredito que seja pecado usar batom, e coisas assim. E os pais a interpelavam: "Afinal, em que é que você acredita? Por que vendeu o seu direito de primogenitura? Por uma ninharia? Eric não tem uma filosofia coerente de vida", etc.*

Finalmente ela chegou a um ponto em que começou a ler e a pensar um pouco e a falar com um pouco mais de inteligência sobre a natureza das suas crenças. De sorte que, depois de algum tempo, decidiu: "Agora posso dizer a meus pais, posso chegar a um acordo com eles, porque já tenho uma coisa minha para repartir com eles". É claro que, ao tentar comunicar-se, foi um desastre. Não havia nada.

EU — *Percebo o que você está dizendo sobre o aspecto religioso, mas o que mais me interessou foi a sua observação diante da sugestão de Denise: "Talvez fosse melhor divorciar-se de mim". Aí você respondeu "Boa idéia". Tive a impressão de que atribuía a isso o desmoronamento.*

DENISE — *Tudo aconteceu ao mesmo tempo. A conversa com meus pais e o aniversário ocorreram num espaço de dois ou três dias. Mas eu queria chegar ao ponto em que nós dois concordamos também — que o esgotamento nos salvou o casamento. Porque fez de nós duas pessoas totalmente diversas — foi assombroso. Depois que me recuperei, dir-se-ia que tínhamos, pela primeira vez, a oportunidade de fazer alguma coisa pela nossa união. Antes disso, como eu já disse, não o teríamos conseguido.*

EU — *Quem era você antes disso? Segundo suas próprias palavras, só depois se tornou realmente uma pessoa e surgiu a possibilidade de construir um casamento. Quem era você antes disso?*

DENISE (depois de longa pausa) — *Ninguém me fez jamais essa pergunta. Nunca precisei responder a ela com palavras. Eu era, sem dúvida, uma criação de meus pais. Isso é certo. Eu me compreendia de muitas maneiras, mas de muitas maneiras me... quero dizer, eu não gostava de mim. Embora me achasse uma boa pessoa.*

EU — *Em parte por que se enquadrava no modelo paterno?*

DENISE — *Sim, eu era a menina obediente. Quem era eu?* (Depois de uma pausa, hesitando) *É difícil saber. Eu concordava com o que as pessoas diziam a meu respeito e por isso é difícil para mim responder sob esse aspecto, porque tomei, para minha* identidade *o modelo que* eles *tinham feito para mim. Primeiro meus pais, depois Eric. E quando isso entrou em conflito, cinco anos mais tarde, bem... aconteceu.*

ERIC — *Denise tinha muito pouca identidade, exceto a que as outras pessoas lhe haviam imposto. Os pais lhe impuseram uma, eu lhe impus outra, e as duas conflitavam frontalmente, o que a deixou arrasada. De certo modo, ela teve uma crise de esquizofrenia, vinda de fora. Alguma coisa tinha de aluir.*

O CASAMENTO SALVO POR SUAS CRISES

Você sabe que o nosso casamento, Carl, sempre foi salvo por crises. Se imaginasse as coisas mais destrutivas, mais horríveis, que poderiam acontecer a um casamento, e as enumerasse, garanto que elas aconteceram no nosso e foram os pontos em que tivemos as nossas grandes oportunidades, num nível diferente de união e relacionamento mútuo. E é quase como se as coisas acontecessem nes-

ses períodos de crise, em que ficamos tão vivos, tão ativos, tão desesperados, pelo menos em certo sentido. Durante o resto do tempo tendemos apenas a prosseguir e ajustar-nos.

EU — *Há ocasiões em que é preciso enfrentá-las.*

ERIC — *Quando ela teve o esgotamento — a velha ordem passou. E foi preciso começar tudo de novo. As antigas suposições não funcionaram, de modo que foi necessário encontrar novas. Depois, quando estávamos no período que já mencionei, quando estávamos lidando com outras pessoas, travamos relações com outro casal, e essas relações se converteram num caso tremendamente dramático e difícil, que também concorreu para a formulação dos nossos novos conceitos sobre nós mesmos. E também para o estabelecimento de um novo nível de sinceridade para nós.*

EU — *E um novo tipo de crise.*

ERIC — *Foi, sem dúvida, uma crise. Uma crise que ameaçou dar cabo do nosso casamento. Mas disso resultou um nível de sinceridade em nosso convívio, na partilha das nossas fantasias, temores e sonhos a respeito de outras pessoas — casos de amor e coisas assim — que modificou totalmente a base do nosso relacionamento. E depois houve outras situações de crise.*

DENISE — *Creio que a razão por que as crises trabalharam em nosso favor foi porque* queríamos *realmente*, com força, *que elas trabalhassem — nós nos esforçamos para isso. Agüentamos durante a parte mais dura — não fugimos. Não nos acovardamos. E teria sido facílimo fugir. Como Eric, que me confessou ter-se sentido muito tentado a raspar-se quando tive o esgotamento. E eu também quase me arranquei umas duas vezes, por causa dos outros casos de que ele falou. Para escapar ao sofrimento. Mas quando a gente agüenta no plano da dor* o tempo suficiente, *acaba recebendo a recompensa. Para começar, entretanto, é preciso que haja algo forte pois, do contrário, ninguém resiste. É preciso que haja algo forte entre os dois. E a gente tem de lutar com a mesma força do amor.*

O ELO PROFUNDO — PONTOS DE VISTA DIFERENTES

EU — *O que é que explica, na opinião de vocês, esse tácito compromisso de que parecem estar falando? Quando tudo leva a*

breca à superfície — vocês não suportam mais ou o casamento se enreda numa crise com outro casal? Por que lhes interessa tanto que vocês continuam trabalhando *para isso? Como você mesma diz,* trabalhou *para isso — foi o que me impressionou, a mim, que estou de fora — e por quê?*

DENISE (rindo-se) — *É o carma. Estamos carmicamente ligados um ao outro. Não tenho a menor dúvida a respeito. Se havia alguma coisa capaz de fazer-me acreditar nessas coisas, era isso. Reconheço que a resposta é fácil, mas andei recentemente estudando a reencarnação e cheguei à conclusão de que ela explica muita coisa por que passamos. Devemos muito um ao outro.*

ERIC — *Creio que uma das razões é sociológica e muito simples: como nós dois viemos de famílias fundamentalistas, tendemos a ser o tipo de pessoas comprometidas com as atitudes convencionais. Tanto na infância dela quanto na minha, o divórcio era impensável, totalmente impensável. E nós crescemos com essa idéia. Ora, essas coisas penetram fundo em nosso sistema de valores, de modo que se estabelece uma espécie de compromisso.*

A segunda é que nós nos entendemos sexualmente. E cada um de nós teve suficiente experiência sexual com outras pessoas para saber que isso não é ingenuidade, que existe mesmo uma qualidade especial, autêntica, em nosso relacionamento sexual.

E outra razão, para mim, que tenho tentado explicar, mas que é muito difícil expor com clareza, é que passo muito tempo com pessoas sensacionais — alunos, colegas, etc., e todas me chateiam de vez em quando. Todas, sem exceção. Canso-me de estar com a pessoa e sinto que preferiria estar só. Mas nunca me senti assim em companhia de Denise. Nunca me senti entediado ao seu lado, nos quinze anos que estivemos juntos. Tenho-a odiado, tenho ficado louco da vida com ela, tenho-a achado má e destrutiva... mas nunca me senti chateado *com ela.*

E olhe que não se trata apenas de nunca ter pensado, por exemplo: "Andei realmente entediado no ano passado". Não! Nunca houve um momento em que eu achasse que estaria melhor longe dela, só por me sentir chateado. Momentos houve em que desejei, de fato, estar em outro lugar, mas porque me sentia furioso, ou coisa parecida, nunca por tédio.

Por isso mesmo, a gente começa a juntar as coisas e acaba descobrindo, em algum nível profundo, que existe um elo verdadeiro e forte entre nós. Acontece que também acredito no carma, como

Denise. Estou convencido de que há mistérios em nossas estruturas biológicas a cujo respeito sabemos muito pouco. E estou convencido de que, quando duas pessoas se ligam através dos filhos, a ligação é autêntica. Não se trata de uma abstração, de um conceito social, mas de alguma coisa que realmente acontece às suas biologias. Pois estamos ligados um ao outro através dessa terceira pessoa, que é uma combinação dos nossos genes, da nossa biologia e da nossa produção.

DENISE — *Quer dizer que, na sua opinião, somos hoje diferentes do que éramos quando casamos?*

ERIC — *Muito. E para mim, agora, uma nova razão para estarmos juntos, para qualquer casal com filhos estar junto, é que, na minha opinião, quem rompe uma união em que há filhos de permeio violenta algo terrivelmente profundo.*

De modo que essa foi uma das coisas que... Na última vez em que tivemos uma crise aguda, eu estava pronto para dar o fora, para fugir. Na agonia que senti nessa ocasião, tornou-se mais do que manifesto que eu acreditava firmemente nessa espécie de vínculo e o sentia. Não era uma coisa que eu estivesse disposto a romper pelo que me parecia, num plano consciente, a melhor das razões. Acho que nós dois estamos ficando muito mais místicos, embora sigamos direções diferentes em nosso misticismo. Eu me encaminho para uma espécie de misticismo biológico e Denise se dirige para um misticismo astral.

COMO FOI QUE VOCÊ ADQUIRIU PERSONALIDADE?

EU — *Isto é realmente fascinante. Mas agora eu gostaria de voltar à outra pergunta que tinha em mente.* (Para DENISE): *Você mesma me confessou que era uma espécie de pessoa criada por outras, até o seu colapso. Falou em tratamento. Foi isso que lhe deu a personalidade separada, ou vocês dois a conseguiram juntos? Ou como formou essa personalidade, tão diferente da personalidade inicial?*

DENISE — *Para começar, várias formas de tratamento... bem, essa não é a única resposta, mas é a primeira. Fiz psicoterapia normal durante vários anos, com dois homens diferentes. Seguiu-se um*

ano e meio sem tratamento. Depois fiz bioenergética com o segundo terapeuta, que começara a dedicar-se à bioenergética e acabou fazendo as duas — foram mais seis meses de tratamento. Esse período de seis meses foi o último. Nele me aprofundei muito mais do que nos primeiros dois anos e meio, e assim me tornei completamente eu mesma. Ah, e faço questão de acrescentar, lendo o seu livro. Se não me engano, antes de começar o tratamento com o terapeuta. On Becoming a Person *exerceu profundo efeito sobre mim. Foi a primeira coisa que me fez suspeitar que a resposta estava dentro de mim, e não fora. E que eu podia confiar em mim mesma. Lembro-me de que... Oh, foi simplesmente fantástico o seu efeito sobre o meu espírito. E assim começou a brotar a minha personalidade: lendo o livro e compreendendo que podia confiar numa parte de mim mesma. Depois, a alimentação dessa parte e o seu pleno florescimento foram obra dos anos que se seguiram, mas...*

Está claro que, nesse interim, o casamento também teve o seu valor, mas não posso... eu costumava atribuir a Eric todos os méritos. Neste caso não posso atribuir-lhe nenhum, pois todos são meus. A obra é minha. Comecei o tratamento à revelia dele, umas duas vezes, e contra a sua vontade — e isso fez uma grande diferença. Pois então compreendi que eu era capaz de ficar de pé sozinha e não precisava depender do consentimento dele para fazer alguma coisa. Foi muito importante para mim. *Isso responde à sua pergunta?*

EU — *Bem, se você se lembrar de mais alguma coisa, eu gostaria de ouvi-la, mas isso responde parcialmente à minha pergunta. Direi apenas, à guisa de comentário, que, na minha opinião, a mudança de uma pessoa que realmente não era ninguém, modelada pelos outros, para uma pessoa dotada de personalidade própria é uma das coisas mais fascinantes que se podem ver em qualquer lugar.*

ERIC — *Eu gostaria de fazer um reparo sobre o tratamento de Denise. Tive a impressão de que nos anos em que ela esteve em tratamento com o Dr. G. pela primeira vez... o que eles realmente fizeram foi permitir-lhe enfrentar o mundo, de modo que Denise, em certo sentido, se ajustou ao mundo. As coisas, entende?, já não a assustavam tanto, ela conseguia enfrentá-las. E isso lhe proporcionou algum lazer, que lhe permitiu gozar a vida e encontrar um pouco de felicidade. Começamos a divertir-nos juntos e a fazer coisas juntos para divertir-nos. Até aquele tempo a maior parte da sua energia se concentrara na manutenção de uma estrutura de caráter doentio — não sei de quem é a expressão. A gente utiliza toda a energia que possui para manter essa defesa, e assim por diante.*

Mas a segunda fase do tratamento, quando ela começou a fazer bioenergética e ioga, foi totalmente diversa. Não tinha nada com ajustamento nem com enfrentamento. Era uma forma de deixar crescer algumas forças dentro dela. Você sabe como é, deixar que surja à tona o que já está fermentando no íntimo, ansiando por desenvolver-se. A primeira parte a impediu de ser destruída pelo mundo, e a segunda foi um processo de desenvolvimento. Um ponto decisivo, diferente, quando começou a bioenergética.

O EPISÓDIO DE MARGARET

Mas ainda não falamos no episódio de Margaret, que foi uma parte crucial de tudo o que nos aconteceu.

DENISE — *Foi quando eu disse o meu primeiro não. Eu já havia dito muito sim, mas nunca tinha dito* não. *Isso aconteceu há três anos. Eu ainda não começara a bioenergética. Participara de um seminário sobre o assunto, e você também havia participado de outro. Sabíamos o que era, mas eu não tinha...*

Eric apaixonou-se por essa aluna na escola e o caso já se prolongava por vários meses, sem que eu soubesse. Voltei de uma visita aos pais dele. Os garotos tinham passado ali um mês inteiro. Ele me contou tudo quando cheguei, e aquele me pareceu o caso mais perigoso que ele já tivera — mais do que todos os seus outros relacionamentos com mulheres. E aquilo o estava arrasando de tal maneira que ele precisou... bem, você deveria contar a história. Mas disso proveio...

EU — *Conte-me a sua parte, como lhe pareceu.*

DENISE — *Fiquei tremendamente chocada. Eu não previra nada disso. Por uma razão qualquer eu tinha escondido... veja bem, esse era o segundo ou o primeiro ano em que ele lecionava na escola, fora de casa. Ia de trem, passava três dias na escola e voltava para casa. E eu me sentia muito orgulhosa de que o meu homem tivesse essa espécie de liberdade — de que eu pudesse confiar nele. E assim, quando ele me contou, tive um choque tremendo.*

Olhando agora para trás, creio que foi muita estupidez minha não ter esperado que isso acontecesse, mas uma parte de mim mesma, na verdade, enfiou a cabeça na areia.

EU — *Tenho uma pergunta para fazer porque, evidentemente, não foi o fato das relações com a moça... não foi isso que a deixou chocada. Porque, se a compreendi corretamente, outros casos seme-*

lhantes já tinham acontecido. Foi o haver-se ele afeiçoado profundamente a ela.

DENISE — *É verdade. Mas há outra coisa que eu gostaria de acrescentar... outra razão também foi a surpresa, porque, se não me engano, já fazia dois anos que tínhamos desistido de fazer experiências, e estávamos ficando cada vez mais monógamos... eu, pelo menos, estava. E não me passava pela cabeça que ele não estivesse, pelo menos tanto quanto eu. De modo que esse foi o elemento surpresa. Fazia uns dois anos que não acontecia uma coisa assim. Tínhamos achado dolorosa demais a experimentação, e concluímos que ela não compensava a energia emocional que gastávamos... esse estilo de vida era realmente muito difícil, exigia um esforço muito grande, e nós queríamos descansar um pouco.*

De qualquer maneira, em face da crise, procurei assimilar a idéia de que eu estava diante de um relacionamento tríplice. E fui o mais longe que pude ao concordar com ele. Mas, se bem me lembro, isso não adiantou, porque você se opôs num ponto. Não queria que fosse uma relação tríplice. E eu não poderia admitir que você tivesse duas vidas diferentes, separando a dela da minha. Juntar tudo era uma coisa, mas separar... você estar em dois lugares diferentes, com duas mulheres diferentes — parecia-me intolerável. Por isso eu disse não. Ponto final. *Esse foi o grande não. E nunca me senti tão forte em minha vida.*

ERIC — *Mas esse arranjo era precisamente o que eu queria. Uma coisa muitíssimo atraente para mim. Ter minha família e Denise, e poder estar fora, três dias por semana, durante vários meses por ano. E ter outra mulher que eu amava, que me excitava de maneira completamente diversa, e que se dispunha a aceitar esse tipo de vida. Era uma idéia extremamente sedutora para mim. Tão sedutora que insisti no assunto. Eu dizia entre mim: "É isso o que vou ter, é a minha natureza, é o que quero e que posso ter. Por que não o terei?" E ajuntava: "Há nisso uma excitação, há uma força nesse tipo de vida que aprecio... e que me estimula".*

O "não" de Denise parecia emanar de todas as velhas proibições sociais e de todos os ciúmes; você sabe como a gente se sente quando está nesse tipo de situação; presumo que saiba. E por isso eu disse: "Não abrirei mão da oportunidade de ter esse tipo de excitação e beleza na vida, para viver de acordo com todas as regras chatas que abandonamos há tanto tempo, e ceder à impressão de estar sendo ameaçado", porque... você sabe, eu continuava dizendo a Denise, e acredito que fosse verdade, que, de certas maneiras, o nosso relacionamento nunca fora melhor do que naquele período. E eu disse:

"Ao que é que você faz objeção? Isso não passa de ciúme e de ameaça, e essas emoções são mesquinhas".

E que aconteceu? Denise saltou como um leão, violenta, possessiva, vigorosa, exigente, a reclamar os seus direitos, a proclamar o que queria e o que exigia, e dessas exigências, dessa força que surgiu nela, veio uma espécie de beleza e de poder que ela nunca tivera. Uma personalidade, o que eu sempre... a maldição do nosso casamento. E surgiu a pessoa de Denise, a sua identidade. Mais que um eco, mais que um decalque. E a relação entre nós tornou-se tão vigorosa e tão intensa que acabei esquecendo a outra. Quero dizer, depois de passar três ou quatro dias sem ver Margaret, só com Denise, tive a oportunidade de ir ver Margaret, mas não quis, preferi ficar com Denise, preferi ficar com a minha nova revelação. Foi essa espécie de poder que emergiu da crise, porque Denise se viu encostada na parede. E em vez de desmoronar, como antes, ressurgiu... apareceu com todos os seus "aspectos e atributos" e apresentou-se coberta de glória.

Está visto que você poderia falar em motivações subconscientes e coisas parecidas. Sei que durante muitos anos, depois do esgotamento de Denise, e quando este se repetiu uma e duas vezes, eu costumava ter pesadelos em que Denise parecia prestes a desmantelar-se outra vez, em que ela não era forte... você sabe, em que eu não deveria fazer nada que pudesse ameaçá-la, e me via preso na armadilha da sua doença. Isso foi uma espécie de alavanca, entende? Eu não tinha coragem de procurar outra mulher... pois isso a teria assustado e ela perderia o controle. Eu não me atrevia a ser fraco e irresponsável e dizer: "Não sinto vontade de trabalhar, vou transformar-me num vagabundo", porque Denise não o suportaria. Pode ser que, num plano qualquer, eu estivesse tentando safar-me da armadilha. E aconteceu que, quando tentei safar-me, Denise passou por tudo isso e tornou-se evidente que eu já não precisava ter medo.

DENISE — *Na noite em que eu ia embora — em que fui embora — ele compreendeu que eu estava curada.*

ERIC — *Não foi tão simples assim.*

DENISE (interrompendo-o) — *Eu o teria feito antes.*

ERIC — *Sim, isso foi diferente. Eu estava pronto para sair e para ir viver com Margaret, mas a sua força e a sua beleza, insistindo no que você queria, no que era e no que pretendia de mim, me subjugaram. Foi o que aconteceu. Mas esse é outro exemplo do que quero dizer quando afirmo que todo o crescimento em nosso casamento proveio dos tipos mais horríveis de crises.*

EU — *Parte do que você parece estar me dizendo — antes mesmo do caso de Margaret — é que o seu comportamento, de certo modo, foi controlado pela doença de Denise. E eu gostaria de perguntar-lhe, Denise, você esteve doente mesmo?*

DENISE — *Bem, tenho tido minhas dúvidas sobre se essa é a palavra exata para descrever o que tive. Francamente, não sei responder à sua pergunta. Mas eu queria dizer-lhe uma coisa, Carl. Na última vez — no fim do episódio de Margaret, quando eu me preparava para ir embora — tínhamos bebido muito e procurávamos, amargamente, resolver o problema. Isso foi depois que ele decidiu: "Está bem, você ganhou. Ficarei, desistirei dela". Mas ainda continuávamos no meio da história. E comecei a sentir-me como se estivesse ficando bêbeda nas pontas, insegura acerca do meu ego. Todos os tipos de estranhas sensações. E lembro-me de estar sentada na cadeira de balanço, com o copo na mão, balançando para a frente e para trás, e dizendo a mim mesma: "Puxa vida! tenho aqui uma escolha para fazer. Posso realmente deixar as coisas correrem, alimentar essa 'doença' e causar uma confusão tremenda. Posso* escolher". *Foi a primeira vez em que olhei para trás, para o grande intervalo, e depois para os dois que se lhe seguiram, compreendendo que parte do meu organismo* decidira *fazer isso.*

E havia também o sentimento de poder que me proporcionava a consciência de que tanto poderia fazer uma coisa quanto a outra, e a compreensão de que eu não queria *escolher. E dali a um ou dois dias estava completamente boa. A sensação de bebedeira dissipou-se. Mas foi um grande descobrimento saber que era uma questão de* escolha. *Daí, portanto, que eu tivesse de encarar os meus atos passados de maneira diferente e compreender que causara muito sofrimento, mas também sofrera muito por causa disso. Mas creio que é mais uma fraqueza do organismo — incapaz de reunir forças para suportar o que lhe está acontecendo. Eu era tão completamente uma criatura das circunstâncias, isto é, as pessoas conseguiam impressionar-me com tanta facilidade, que hoje sinto pena de mim mesma ou pena da pessoa que ficou para trás, mas compreendo um pouco melhor por quê.*

ERIC E A "DOENÇA" DE DENISE

EU (para ERIC) — *Eu não tencionava dizer isto antes do fim, mas gostaria sinceramente de ouvir o seu comentário a respeito. A primeira vez que me lembro de tê-los encontrado foi em casa de Pete, na praia. Havia uma festa, e vocês dois estavam lá. Falei com você, Eric, fiquei muito impressionado com a sua pessoa, e muito espantado — quando me despedi eu estava positivamente horrorizado — pela maneira com que se referiu a Denise. Sabendo que eu era um psicologista, você fez questão de revelar-me o diagnóstico que tinham feito dela, já não sei mais qual, dizendo que ela precisava tomar drogas com muita freqüência, e assim por diante. Mas não foi o que você me disse, e sim o modo com que o disse — era como se estivesse falando de um objeto frágilimo, que lhe dava muito que pensar e ao qual precisava dispensar uma cuidadosa atenção. Embora não fosse totalmente destituído de carinho, era terrivelmente objetivo e também pouquíssimo parecido com um* casamento. *Foi essa a impressão que tive. Eu gostaria que você fizesse um comentário a respeito.*

ERIC — *Estou pensando agora naquele período. Eu me sentia, ao mesmo tempo, muito responsável e muito amargo. Não amava Denise como sei hoje o que é amar. Amara-a antes, quando nos casamos, porque ela me excitava e me inflamava e nós tínhamos todas aquelas idéias românticas. Mais tarde, logo depois do esgotamento, eu já não a amava. Quero dizer, ela era um* problema, *e não se ama um problema. Você sabe, não se ama alguém que está constantemente fazendo... ela era um* caso, *alguém que me enchera a vida de ameaças, medo, dificuldades, solidão, todas essas coisas. Eu estava amargurado, com raiva. Não há dúvida alguma sobre isso. Mas eu também tinha uma espécie de integridade básica, que me fazia desejar desesperadamente que tudo fosse diferente. Eu queria que ela ficasse boa, não queria mais ter medo. Isso faz parte do compromisso. Eu tinha, sim, uma espécie de integridade, que nos impediu de separar-nos algumas vezes, e Denise tinha outra, que nos impediu de separar-nos outras vezes... Eu talvez ainda diga qualquer coisa sobre isso. Nos três ou quatro primeiros anos — o esgotamento prolongou-se por quatro anos — e nos outros dois, mais tarde, era como se eu levasse um maldito peso nas costas, quero dizer, como se eu carregasse a casa nas costas, incluindo o medo de precisar viver com crianças pequenas e uma esposa* louca. *Sim, talvez não estivesse no hospício, mas dava no mesmo. Eu conhecia um*

número suficiente de loucos para saber o tipo de inferno em que tudo aquilo poderia virar. E você sabe que fiquei. Não fugi, e confesso que precisei fazer um esforço danado para proceder como devia, e fiz uma porção de burradas e uma porção de coisas boas, até conseguir o tipo certo de ajuda e não me deixar iludir pela idéia de que o tratamento seria mágico e consertaria tudo.

AS CONSEQÜÊNCIAS

Depois, quando se tornou evidente que Denise ficaria boa — houve um momento em que se evidenciou que ela ia sarar — pouco depois da história de Gilbert e Vera, isto é, do casal com que formamos uma espécie de aliança quádrupla durante algum tempo — eu me desmandei. E comecei a beber feito louco, feito louco — todas as noites eu bebia tanto que acabava estuporado e passava os dias numa ressaca miserável. Várias vezes tive acessos — o álcool me permitia tê-los; arrastava-me para baixo da cama, rolava no chão, berrava, chorava, enfiava as unhas no tapete e nas coisas, e recusava-me a fazer o que quer que fosse. Nem trabalho, nem responsabilidade — nada. E Denise agüentou. Assumiu a direção de tudo e assumiu todas as responsabilidades. Foi nesse ponto que se revelou a sua integridade.

DENISE — *Eu gostaria de acrescentar alguma coisa a isso. Nesses dois ou três últimos anos, em que me considero uma pessoa em pleno funcionamento e independentemente completa, fora do relacionamento de Eric comigo, o fato de eu ser a pessoa adulta pela primeira vez permitiu que ele fosse a criança. E o caso é que, nos últimos dois anos, ele foi infantil de muitas maneiras, como nunca teve a oportunidade de sê-lo. Os papéis se inverteram. Tenho bancado a mãe do filho dele, até o momento em que ele se cansa e voltamos ao nosso relacionamento adulto. Mas é a primeira vez em nossas relações — nesses últimos dois ou três anos — que o fato de eu ter sido capaz de ser o adulto permitiu que ele fosse a criança, ou ficasse doente, ou ficasse louco, se quisesse proceder como louco e irresponsável, de modo que ele se libertou desse peso,* para sempre, *creio eu.*

ERIC — *Eu ainda não tinha pensado nisso, Denise. Isto é, já me havia ocorrido que o sucesso na minha carreira me permitia*

ser infantil. Quero dizer, o meu sucesso financeiro me dá essa liberdade — posso brincar, ser irresponsável, desaparecer durante duas semanas para tirar umas férias, se quiser, jogar tênis em lugar de trabalhar. Posso comportar-me como criança de muitas maneiras. Mas nunca pensei em que foi você quem me permitia, ou melhor, quem me deu liberdade para fazer isso pela primeira vez, e é a pura verdade, foi você mesma.

DENISE (rindo-se) — *Ora, se fui,* seu *tolinho!*

ERIC — *Em certos sentidos, você é a mamãe, que governa a casa e me deixa brincar.*

EU — *Talvez seja este um bom ponto para pararmos um pouco.*

OS DOIS — *Feito.*

AMANTES FORA DO CASAMENTO

EU — *A única idéia que me ocorreu durante o intervalo é que um grande número de jovens está fazendo experiências com relações livres do tipo que vocês evidentemente experimentaram — e embora eu não acredite que se trate, no momento, de um assunto que lhes interesse particularmente, sou de opinião que seria muito elucidativo para inúmeros jovens que vocês se dispusessem a falar um pouco dos problemas que tiveram de enfrentar e dos motivos por que desistiram disso.*

DENISE — *A primeira coisa que me veio à mente partilhar foi o que o tornou possível para mim, e um dos aspectos mais importantes dos ingredientes necessários é que as três pessoas se amem reciprocamente. Em outras palavras, quando Eric esteve apaixonado por Pris, ela e eu éramos como irmãs. E esse foi o ingrediente importante para mim — ser capaz de repartir o amor de Eric. Quando se tratava de alguém que representava uma ameaça para mim ou diante da qual eu me sentia inferior, não me era possível tentar — nem sequer imaginar um relacionamento triplo para nós — e o mesmo acontecia com Eric. Ele precisava respeitar e apreciar a pessoa que eu amava antes de poder incluí-la na sua realidade cotidiana. De modo que foi essa a primeira coisa que me veio à cabeça. A lembrança continua muito clara em meu espírito. Ainda acho que a experiência é viável e, no meu entender, é uma ampliação da nossa vivência, ou da nossa consciência da vida, mas creio que* brincamos

demais com isso. Descobrimos que o casamento precisa representar um vínculo bom e forte — e nada pode desandar nele, pelo menos seriamente. Quando nos relacionamos com o outro casal, o vínculo do casamento deles era fraco e tudo deu em droga... pois o outro homem não estava preparado. Creio, porém, que pode ser uma bela experiência. Mas é tão difícil podermos estar seguros das pessoas com que lidamos, quanto mais de nós mesmos! Por isso, se você... há tantos riscos envolvidos nisso que é justo... é um jogo terrível de jogar. Mas acredito — hoje acredito que somos capazes de fazê-lo. Melhor do que antes... não estou falando só de Eric e de mim... não estou falando da nossa vida futura. Falo de um modo geral, a respeito de casamentos.

EU — *Parte do que você está dizendo é que uma pessoa... bem, que as quatro pessoas têm de ser bem adultas para que seja possível uma coisa dessas. Deixem-me apenas esclarecer direito os fatos. As suas observações diziam respeito a esse outro casal, quando você se relacionou com o homem e Eric com a mulher?* (Assentimentos de cabeça) *Muito bem.*

DENISE — *Acho que os quartetos são mais fáceis do que as trincas. Mas também é mais difícil encontrar duas outras pessoas cujo casamento seja tão sólido assim. Em certos sentidos, é mais fácil encontrar uma pessoa sozinha. Nunca chegamos a fazer duas trincas. Isto é, Eric tinha outra mulher e eu tinha outro homem, mas os dois se teriam fundido em nosso casamento — sem que devessem ter necessariamente alguma ligação entre si. Ocasiões houve em que os nossos casos se imbricaram, mas isso, na realidade, nunca deu certo. Concluí que a única coisa que não funcionava em relação à trinca era que a outra pessoa sempre se sentia excluída. E que, se as duas partes tivessem outra pessoa importante fora do casamento ao mesmo tempo, isso facilitaria tudo.*

O SEXO É APENAS BRINCADEIRA — OU NÃO É?

ERIC — *Não sei, você diz achar que as pessoas devem ser realmente amadurecidas para fazer isso — talvez precisem ser realmente imaturas. Conheço algumas, na escola, entre os alunos... Ontem, por exemplo, ouvi falar, com detalhes, sobre uma situação. Há ali uma moça que encontra suas maiores satisfações em orgias. Você*

sabe, dois ou três homens e ela, ou duas ou três mulheres e um homem, e ela anda fazendo proselitismo e dizendo que é assim que se deve aproveitar o sexo. É um modo de uma pessoa libertar-se das suas peias, e assim por diante. Bem, o que quero dizer é que, se considerarmos o sexo como simples brincadeira, *ótimo. Mas para mim e para Denise ele é muito mais do que isso — muito mais que uma diversão e uma fonte de emoções. É uma espécie profunda de comunicação. E na medida em que é uma comunicação profunda, degrada-se ao ser diluído. Creio que essa é a melhor maneira de dizê-lo. Degrada-se ao ser diluído.*

O CIÚME DE ERIC

Deixe-me dizer alguma coisa a respeito das nossas relações fora do casamento. Sempre tive amantes. Nunca senti o que acreditava ser uma grande necessidade de ter amantes. Não andei por aí à procura de mulheres, à cata de aventuras mas, durante os quinze anos do nosso casamento, quase sempre tive uma amante. Geralmente era uma pessoa que eu ficava conhecendo, pela qual me apaixonava e com a qual eu me entendia. Isso não parece ter tido relação alguma com a situação do meu casamento na ocasião. Parece não haver correlação entre uma coisa e outra. Se houver, estará correlacionado com o bom andamento da nossa vida conjugal. Porque esse, geralmente, é o período em que me sinto mais feliz, mais liberado, mais cheio de energia, de amor, de vida, e coisas assim. E os meus casos de amor têm sido, praticamente sem exceção, uma boa experiência para mim. Só em dois casos senti que eles prejudicaram o meu relacionamento com Denise. Só em dois casos achei que eles eram a melhor coisa do mundo, como no de Margaret, de que falamos há pouco.

Mas, que diabo!, não quero que Denise tenha amantes. Isto é, não quero pensar nela fazendo o amor com outro homem. Sempre pensei assim. Refiro-me ao ciúme que eu sentia quando imaginava que ela e Gus ou ela e Ed estavam juntos, e que me deixava alucinado. Passamos por isso há pouco tempo e chegamos a uma espécie de acordo engraçado, em que dissemos, em função de todos os nossos valores, de tudo aquilo em que nós acreditamos, de todos os nossos enfoques racionais do assunto, que o fato de eu ter uma amante

ou de Denise ter um amante, se ela quiser, poderá enriquecer o casamento, acentuar o nosso crescimento, pois não há razão para que isso seja forçosamente destrutivo. No entanto... não somos organismos livres, capazes de escolher independentemente. Há respostas que parecem estar programadas em nossos corpos, e o ciúme é uma delas — o amargo e horrível ciúme. Assim, há uns dois anos, chegamos à seguinte conclusão: se alguma coisa acontecer, se nos apaixonarmos por outra pessoa e o caso apresentar dificuldades, manteremos em segredo as dificuldades. Não diremos, por exemplo, está bem, vamos agora formar uma trinca, ou vamos incorporar mais alguém ao nosso casamento, ou vamos juntar-nos a outro casal. Se Denise conhecer alguém, ou se eu conhecer alguém e o caso se transformar em aventura, nós a manteremos secreta e, se não pudermos fazê-lo, renunciaremos a ela.

EU (*interrompendo*) — *Você quer dizer, secreta em relação a vocês mesmos?*

ERIC — *Exatamente. O que quer dizer, provavelmente, que tais aventuras não deverão acontecer, porque nenhum dos dois sabemos guardar segredos um do outro. De mais a mais, quando a gente diz que o caso terá de ser secreto, está dizendo, automaticamente, que em certas ocasiões precisará mentir ou iludir. E acontece que isso, sim, é destrutivo, de modo que o acordo nos deixa amarrados de pés e mãos. Mas não creio que a solução, como diz Denise, seja denunciá-lo, pois acho que também não daremos conta disso. É engraçado, Carl, mas o controle que Denise e eu exercemos — um controle muito realístico — sobre a nossa fidelidade conjugal, e com o qual temos lutado profundamente, é, na verdade, o único que exercemos um sobre o outro. A maioria dos casais que conheço procura, de fato, controlar-se muito — comportamento social, maneira de vestir, o tipo de trabalho que realiza, o quanto trabalha — mas nós não fazemos isso. Denise pode sair durante semanas a fio, fazendo o que lhe dá na telha, sem nenhuma sugestão ou reação de minha parte no sentido de que deve fazer algo diferente. E ela me trata da mesma forma. Eu posso ser o que quiser, desde o tipo mais louco de profeta pelado a correr pelas praias, até a espécie mais disciplinada de cientista social dando aulas aos meus alunos, que ela aceita. O que eu quiser!*

EU — *Pois creio que uma das coisas que conservaram vivo, realmente vivo até hoje, o meu casamento — muito embora ele tenha tido os seus altos e baixos, como todos os outros — foi não*

sentirmos nenhuma necessidade de controlar-nos. E isso faz uma tremenda diferença. Se eu quiser vagabundear, vagabundeio. E nunca me passaria pela cabeça que Helen pudesse fazer objeções.

O SOFRIMENTO E A POSSESSIVIDADE DE DENISE

EU (voltando-me para DENISE) — *Quero perguntar-lhe uma coisa: seu marido falou muito franca e sinceramente sobre o que sentia quando você tinha casos com outros homens; ora, como é que você se sentia, antes desse último acordo, ao saber que ele tinha um caso com outra pessoa?*

DENISE — *Estou procurando lembrar-me da primeira vez em que descobri. E não consigo.*

EU (atalhando) — *Você ficou sabendo porque ele lhe contou?*

DENISE — *Foi por seu intermédio, sim, que acabei descobrindo. Mas ele só me falou de alguns casos vários anos depois. Descobri toda a embrulhada através do episódio de Margaret, mas até esse momento eu ignorava a existência de muitos deles. Sabia dos mais importantes, porque mexeram com todo o nosso modo de vida. E esses nos ameaçaram o casamento ou o estilo de vida. A primeira impressão que tive — eu estava muito magoada — foi que me haviam tirado alguma coisa que por direito era minha. Mas isso diminuiu. O sofrimento no plano da coragem está lá quando queremos voltar a experimentá-lo, prová-lo, trazê-lo para fora, senti-lo, etc. — mas o que tentei fazer, principalmente quando se tratava de alguém de que eu também gostava... era, por assim dizer, começar tudo de novo, fazendo uma experiência com outro homem, e eu conhecia o que era amar duas pessoas ao mesmo tempo, de maneira totalmente diversa, mas ao mesmo tempo. E assim verifiquei ser possível. E quando o descobri, descobri também que isso não diminuía o amor de Eric por mim. Eu me estava equiparando a ele. Nem diminuía o amor que eu lhe votava, embora amasse Ed. Assim, tentei atribuí-lo ao relacionamento de Eric, sobretudo quando era alguém de quem eu gostava. E isso me ajudava a não dar atenção ao sofrimento e a tentar provar aquilo em que acreditava, a saber, que se pode conviver com mais de uma pessoa ao mesmo tempo e amá-las. O mais difícil de resolver é o aspecto sexual. Porque a inti-*

midade é importante. Nunca fomos os três juntos para a cama. Foi sempre uma relação entre duas pessoas. Daí a dificuldade de Eric para resolvê-la com duas das suas mulheres ao mesmo tempo. E tenho a certeza de que esta é uma das razões por que ele é tão obcecado pelo sexo. Mas eu sempre quis a coisa doméstica. A minha idéia de resolver o problema era trazer a outra mulher para casa. Teria sido ótimo se ela tivesse filho de Eric. Em dois casos me comportei assim — nos de Vera e Pris. Estava disposta a fazê-lo e sentia-me capaz disso. E talvez acabasse fazendo com Margaret também, mas Eric não estava num lugar em que se toleraria uma coisa dessas.

EU — *Eu gostaria de fazer uma pergunta — você foi muito clara em muita coisa, mas não pode definir melhor o gosto e o sabor desse tipo de sofrimento, no instante em que o traz para fora e olha para ele?*

DENISE — *Sinto vergonha, pois acho que é uma conseqüência da possessividade e estou tentando libertar-me dela. Entretanto, provocou uma verdadeira dicotomia dentro de mim porque, como ele diz, um dos meus maiores triunfos foi no caso de Margaret, quando me mostrei mais possessiva e saí tão forte da provação. Daí que uma parte minha ainda esteja tentando resolvê-lo, embora ainda não funcione de modo satisfatório para mim.*

Mas acho que o sofrimento está lá, porque essas coisas são um golpe para o nosso ego. Como se estivessem tirando de nós alguma coisa que por direito nos pertence. Quando conseguimos ultrapassar esse ponto, parece-me que...

EU — *O que é que está sendo tirado?*

DENISE — *Bem, é como um preconceito dos códigos anteriores, segundo o qual o ato sexual entre duas pessoas casadas é sagrado por si mesmo e, partilhado com outrem, perde a santidade original. Ainda não consegui descartar-me disso.*

ERIC — *Não creio que seja um código religioso ou coisa parecida. Quando Denise e eu fazemos o amor — às vezes, apenas trepamos e vamos dormir — quando realmente fazemos o amor, há uma espécie de intimidade, franqueza e ternura totais, e nos fundimos num ser só. De certo modo, não se pode fazer isso com mais de uma pessoa. Com mais de uma pessoa é diferente. Deixa de ser autêntico. Como se a profundeza da união sexual inculcasse que se trata de uma coisa exclusiva entre duas pessoas — não sei por que, mas é assim. É assim para mim. E quando não se trata de uma coisa exclusiva, é diferente, o seu caráter modifica-se.*

DENISE — *Bem, é exatamente o que estou dizendo, e se você... isso* está *modificado. O ato real, os acessórios, tudo. Quando amamos duas pessoas diferentes e mantemos relações sexuais com as duas, e fazemos realmente o amor com elas, na sua opinião tudo se modifica.*

O PARADOXO

ERIC — *É um paradoxo. De um lado, o modo como fizemos o amor na noite passada e tudo o que penso a esse respeito é que estou totalmente comprometido e unificado com você, só quero você, fluímos juntos, eu sou você e você é eu. Quero dizer, esse é o significado do ato sexual. Agora imagine que, esta noite, eu vá a algum lugar e faça o amor com outra mulher e tenha com ela o mesmo tipo de sentimentos. É muito estranho. Quero dizer, parece que não pode ser esse caso. Na realidade, porém, é o caso, pode acontecer. Por isso digo que é um paradoxo. Já experimentei esse tipo de sentimentos com duas mulheres ao mesmo tempo. Você sabe, muito juntos, amando muito as duas. E, no entanto, tenho a impressão de que isso deve estar errado. Ou seja, deve haver alguma coisa que não funciona direito. Mas quero ser mico de circo de cavalinhos se sei o que é.*

DENISE — *Pois eu não tive essa experiência de que ele está falando — o sentimento da união sexual — simultaneamente. Nunca.*

ERIC — *Sim, é uma coisa interessante que talvez deva ser dita, Carl, nesta discussão sobre as nossas relações extraconjugais. Você quantas teve? Quatro ou cinco relações íntimas... que, em sua maioria, não foram boas. Não foram felizes. As minhas, entretanto, foram quase todas boas. As relações que mantive com outras mulheres foram realmente boas. Acaso? Talvez. Não sei. Só sei que, num sentido, essas coisas nos impõem atitudes diferentes. Acho que eu aceitaria perfeitamente a idéia de ter amantes de vez em quando, se desse certo. Mas não o faço porque Denise não a aceita. Por outro lado, eu não poderia admitir que ela o fizesse.*

QUE É POSSESSIVIDADE?

EU — *Um termo que você usou — eu gostaria de saber o que ele significa para você. Que é o que você entende por "possessividade"?*

DENISE — *Quando você possui alguma coisa, tem-na para si. É sua. E sua. Pois bem, possessividade significa que ela é sua.*

EU — *Como uma jóia, talvez, que não podemos controlar mas que, não obstante, é nossa... um objeto de ourivesaria que nos pertence. Ou você se refere à possessividade pensando: é meu, logo posso controlá-lo.*

DENISE — *Bem, durante muito tempo eu quis controlá-lo. Sim, a minha propensão é para isso. É uma das minhas metas é libertar-me dela. Não quero controlar Eric. Pois compreendo que a maior felicidade que posso dar-lhe é a liberdade, e nisso reside a minha singularidade também. Tive a mesma impressão e a mesma reação depois que outras pessoas souberam o que me aconteceu. É que pareço ter a capacidade singular de poder partilhar. Isto é, poder amar a outra mulher. Muitas vezes as outras mulheres — demasiado possessivas — não conseguiam repartir Eric comigo. Não conseguiam colocar-se em minha posição, de modo que não podiam formar uma trinca.*

ERIC (interrompendo) — *Quem?*

DENISE — *Pris. Ela mesma se confessou incapaz.*

ERIC — *Ela queria muito ter um filho, e achava que nisso estariam envolvidos todos os tipos de problemas sociais.*

DENISE — *Mas também houve quem me dissesse: "Se eu estivesse no seu lugar, não poderia fazer o que você está fazendo".*

O LUGAR DAS DROGAS

EU — *Isso é extremamente penetrante e dá muito que pensar. Há outra pergunta que desejo fazer, embora não queira interrompê-los.* (Pausa) *Você mesmo disse que fumou maconha e usou LSD. Acha que isso teve alguma influência especial sobre o seu casamento?*

ERIC — *Você talvez me julgue um iconoclasta, Carl. Creio que a erva e o LSD tiveram um efeito mais profundo sobre o nosso casamento do que tudo aquilo de que falamos até agora. Em parte porque, no princípio, um aspecto do problema do nosso casamento, além dos que já analisamos e que provinham de Denise, era um problema meu, para o qual a erva foi um antídoto eficaz. Eu me sentia entalado. Queria que as coisas fossem feitas do meu jeito. Tinha, como você sabe, uma mentalidade hiperanalítica, hiper-racional, briguenta, polemista — apaixonado pelos processos do intelecto e sensualmente quase morto. Não gozava o meu corpo, não ouvia música, não sabia tocar as coisas nem olhar para elas, e vivia irritado com Denise, porque ela, não sendo analítica, crítica nem avaliadora, era capaz de passar o dia inteiro sem fazer nada senão tocar piano, brincar com as crianças e passear na praia — e eu achava que isso não era vida que se levasse!*

Pois bem, quando comecei a fumar a erva, comecei a dizer: "Oba! Denise sabe coisas que eu nunca soube!" Até que a erva acabou com essa espécie de facilidade hiperanalítica e permitiu que eu me tornasse uma pessoa mais sensorial, como Denise, e comecei a respeitar a sua maneira de ser, como nunca a respeitara. O LSD é uma história diferente. Modificou a minha identidade própria de uma forma realmente complicada e permitiu a construção de novas estruturas. Mas a erva foi importantíssima em nosso casamento — foi um aspecto e uma parte terrivelmente importantes. E, veja bem, Denise nunca mais a fumou. Mas eu fumo muito, em quantidade, quase todos os dias. E isso é bom: Quando fumo, nós, em certos sentidos, nos relacionamos melhor — pois me acontece uma porção de coisas diferentes. Concentro-me muito mais no que está acontecendo no momento — liberta-se o meu aparelho de comunicação como o álcool liberta o de algumas pessoas. Sinto-me muito mais disposto a falar sobre todas as coisas, compartilhando de idéias e de fatos. Sem a erva, propendo a ficar mais quieto. Mais íntimo, mais introvertido. A erva me deixa muito mais comunicativo.

DENISE — *Desde aquele tempo, há sete anos, em que ele tomou LSD e começou a fumar maconha, as suas formas e padrões de comportamento se modificaram. Até quando não está fumando. De modo que já não precisa fumar todos os dias para que o seu bom relacionamento comigo continue.*

ERIC — *Muitos dos meus gostos, que agora são meus o tempo todo, desenvolveram-se a partir da erva. Como a música* rock, *por exemplo — aprendi a apreciá-la com a maconha. Eu nunca... não*

é que eu não a apreciasse, apenas não tomava conhecimento dela, nunca a ouvia. Era estranha para mim. Agora gosto realmente de rock. *E gosto também de uma porção de coisas assim. Creio que a erva, de um lado, foi importante para o período sensorial, de que falei há pouco, como foi importante a bioenergética, de outro.*

EU — *Deixe-me fazer uma pergunta, só para ter a certeza de que o compreendi. Percebo que o LSD é uma história complicada, em que você prefere não tocar, mas parece que ele se relaciona mais com você do que com o casamento, ao passo que a maconha transformou o homem voltado apenas para as coisas do intelecto numa pessoa consciente de todo o seu eu e dos seus relacionamentos.*

ERIC — *Eu talvez possa traçar um paralelo. Visualize, de uma parte, o profeta que escala sozinho a montanha — e lá de cima contempla o mundo e compreende a estrutura do cosmo. E, de outra, visualize o estilo dionisíaco de alguém que aprende a dançar, cantar, comer e fazer o amor. O LSD, para mim, foi mais o topo da montanha, onde a gente exclama: "Oh, agora tenho uma visão diferente do cosmo e de mim mesmo, do que eu significo e do que isto significa". Ao passo que a erva foi mais festiva, mais para o lado do canto e da dança. Um jeito de me livrar de muitas estruturas e padrões, que programavam o meu comportamento, e que me franqueou novas experiências pessoais, intersensoriais.*

DENISE — *Diferente do álcool, que põe abaixo as barreiras e nos deixa desinibidos. O álcool amortece, a erva estimula.* (Pausa)

A MOCIDADE E "DEPOIS DOS TRINTA"

EU — *Isto, sem dúvida, é um desvio, mas quero esta informação: que idade têm você?*

DENISE — *Eu tenho trinta e quatro anos.*

ERIC — *E eu tenho trinta e seis.*

DENISE — *Tínhamos dezenove e meio e vinte e um e meio quando casamos.*

ERIC — *Outro comentário que talvez valha a pena fazer é o seguinte: se me acontecesse conhecer Denise hoje como ela era aos dezenove anos, ou se ela me conhecesse hoje como eu era aos vinte e um anos, nós nos acharíamos, provavelmente, as pessoas mais desenxabidas que se poderiam imaginar! Essa é uma idéia interessante,*

Carl, sobre a qual já falamos muito. Quando as pessoas pensam em casamento, costumam dizer que, casando muito jovens, duas criaturas se acabam afastando uma da outra. Quando se casam mais velhas, já terão sofrido as mudanças maiores, de sorte que possuem uma base melhor para o casamento. O que aconteceu foi que nós dois mudamos de maneiras dramáticas e profundas, mas em direções paralelas. Como vê, este é um jogo inteiramente novo.

EU — *Compreendo-o muito bem, porque minha mulher e eu já falamos muitas vezes sobre o mesmo assunto. Se nós, como somos agora, nos tivéssemos conhecido como éramos aos vinte e dois anos, não nos teríamos amado. Não nos teríamos sequer interessado um pelo outro. Mas tivemos a sorte de crescer juntos. E quando Helen me diz agora certas coisas, observo: "Que pensariam* disso *as pessoas em sua cidade natal?"*

ERIC — *Temos refletido nesse mesmo tipo de coisa, em conexão com o que porei agora entre aspas, isto é, "o esgotamento de Denise". E que se resume nisto: hoje fazemos, todos os dias, vinte coisas que, há dez anos, teriam provocado a nossa internação num hospício. Você sabe, coisas que nos teriam parecido malucas. Agora as aceitamos como parte normal da nossa vida, porque modificamos a nossa definição da vida.*

O CASAMENTO COMO PROCESSO

As pessoas referem-se normalmente ao casamento como a uma instituição, ou pensam que o casamento é uma estrutura. Mas não é; é um processo. *Uma* série de processos *em que nos empenhamos e nunca sabemos para onde nos dirigimos. Creio, porém, que se podem definir esses processos. E se pensarmos no casamento em função de uma série de processos que decidimos pôr em movimento — intimidade física, sexual, provavelmente procriação, partilha da responsabilidade econômica, e assim por diante, pondo de certo modo compromissos em paralelo em função do lugar onde vamos viver, e coisas assim — estes serão processos muito bem definidos. E dizemos: "Está certo, o casamento consiste nesses processos, que nós pomos em movimento. E nisso se resume". Essa atitude difere frontalmente da de quem diz: "É uma instituição", ou então, "É uma estrutura de certo gênero".*

EU — *Já não tenho perguntas para fazer, mas gostaria que vocês falassem um pouco mais.*

ERIC — *Quando falamos sobre o sucesso do nosso casamento — ficamos um tanto loquazes, pois ele é um sucesso e nós somos realmente felizes — mas o caso é que tivemos muita sorte. Tenho trinta e seis anos, certo? Acabei de completar trinta e seis, você completou trinta e quatro. Somos sadios, brilhantes, muito atraentes, muito mais bonitos e sexualmente mais atraentes do que quando tínhamos dezenove e vinte e um anos. Quero dizer, temos muita coisa a nosso favor, e não deveríamos ficar aqui sentados falando sobre as coisas maravilhosas que fizemos para que isto ou aquilo funcionasse. Vivemos realmente em circunstâncias abençoadas de muitas maneiras. É verdade, fizemos uma série de boas opções...*

DENISE (interrompendo-o) — *Está certo, mas a razão pela qual, aos trinta e seis e aos trinta e quatro anos, parecemos o que parecemos e somos o que somos é porque* fizemos *que isso* funcionasse. *Muitas coisas aconteceram porque decidimos fazer com os nossos corpos o que fizemos. E escolhemos o tratamento ou as formas de experiência de crescimento que escolhemos. E podemos, portanto, reivindicar para nós o mérito de tudo isso. Eu sou a favor dessa reivindicação. Poderíamos ter fracassado tantas vezes!*

EU — *Concordo com você, Denise, porque você agora poderia ser uma mulher de rosto contraído e boca apertada, e Eric poderia ser ainda o intelectual que conheci. Mas vocês mudaram enormemente. Aceite o crédito pela mudança. No tocante à aparência, acho que ela, em parte, é obra de vocês. No tocante à saúde, são uns felizardos. Não nego, portanto, que a sorte também desempenhou a sua parte mas, por outro lado, um casamento como o de vocês precisa ser* construído, *não acontece simplesmente, por uma questão de sorte, ou porque vocês são bem parecidos, ou coisa que o valha. Vocês se fizeram bem parecidos.*

A CONCLUSÃO DE ERIC

ERIC — *Há uma coisa que eu queria dizer, Carl — a respeito do nosso casamento. Trata-se de uma avaliação ou de uma análise qualquer. Nós dois somos anticonvencionais em termos sociais e intelectuais, em face do tipo de meio em que operamos. Não pro-*

cedemos de maneiras muito padronizadas. E a razão por que temos a liberdade de ser assim é porque temos muita força em nosso lar. O poder, a força, o refúgio do nosso casamento deram-nos uma espécie de substância para operar, que nos permitiu, a ambos, ser muito independentes em quase todos os termos sociais. E o meu palpite é que isso é muito mais importante do que a maioria das pessoas geralmente pensa. O meu palpite é que, por exemplo, quando vemos um homem muito convencional, muito assustado, muito inseguro quanto à direção que deve tomar e sempre preocupado com o que pensam dele os seus pares — podemos apostar que o seu casamento não é lá essas coisas. Porque, se o fosse, não precisaria ser nada disso. Encontraria a sua substância, a sua identidade e o seu ser em qualquer outro lugar. E essas coisas seriam secundárias, como devem ser.

EU — *Creio que essa idéia raro ou nunca foi expressa, e tenho para mim que ela encerra uma grande verdade — a saber, quando a nossa base de operações é sólida, para empregarmos uma expressão militar, podemos aventurar-nos a todo o gênero de patrulhas doidas ou doidas aventuras. Mas quando não temos essa base sólida, precisamos mover-nos com muita, muita cautela.*

ERIC — *Não me importo de perder o meu emprego. A minha identidade não está embrulhada em minha posição nem em minhas publicações. Está embrulhada em minha esposa e em meus filhos. E isto é muito mais forte do que o resto.*

EU — *E é terrivelmente raro.* (Pausa) *Bem, a conversa foi maravilhosa, pelo menos no que me diz respeito.*

COMENTÁRIOS E LIÇÕES

Alguns comentários finais de Eric são declarações magistrais, que merecem cuidadosa releitura. Esse casamento único passou por várias fases difíceis e, ao atravessá-las, os cônjuges parecem ter adquirido uma sabedoria com que todos nós podemos aprender.

Eu gostaria de expor alguns elementos do seu casamento que mais me impressionaram, embora as reações e o discernimento do leitor possam ser muito diferentes. Cada um dos meus enunciados será acompanhado da epígrafe da seção ou do número das páginas, ou de ambos, de modo que o leitor possa reportar-se ao trecho se quiser ajuizar das minhas reflexões.

Eric e Denise construíram, num grau insólito, o próprio mundo ao redor do seu casamento, em lugar de perguntar ao meio social como deveriam ser e como deveriam proceder. Não estão construindo o seu matrimônio de acordo com as expectativas de uma comunidade, nem sequer de acordo com uma série de amizades antigas. Atentos aos ritmos internos dos próprios organismos, por eles procuram determinar o seu comportamento e o seu relacionamento. Esta é uma forma arrojada de viver (o que eles não deixam de reconhecer plenamente) e muita gente se sentiria demasiado assustada para assumir uma posição assim ou discordaria dela. Eles, porém, percebem que tanto a comunidade quanto as amizades podem ser usadas como escapatória do casamento, e não pretendem utilizar-se dessas escapatórias (A mudança pioneira, pp. 161-164. Vivendo segundo os ritmos internos, pp. 165-166).

Descobriram em sua própria vida as conseqüências desastrosas da tentativa de viver de acordo com as expectativas dos pais e da cultura. Ainda que Denise se sentisse "contente" com o casamento, o lar e um filho durante cinco anos, isso não a impediu de ter um "colapso mental" (O período dos "deveres" sociais, pp. 164-165).

O casamento deles ilustra muito bem o fato de que quase todos os jovens casais iniciam a vida de casados com uma superestima da sua maturidade psicológica e uma subestima das suas qualidades infantis e juvenis. Isso é muito natural. O importante é a *maneira* com que enfrentam o despreparo natural para um relacionamento sério e continuado (p. 167).

O severo conflito que pode ser provocado pelas diferenças de valores, sobretudo valores religiosos, está mais do que claro na vida de Denise. Acresce a isso a genuína impossibilidade de uma comunicação real e franca, quando os pontos de vista religiosos são mantidos rigidamente, como era o caso dos pais dela (pp. 167-168).

A compreensão deles de que as crises lhes salvaram amiúde o casamento representou para mim uma afirmação particularmente notável. Observe-se que nunca foi a crise propriamente dita que salvou o casamento, senão o fato de a utilizarem como oportunidade de crescimento. Consciente ou inconscientemente, o certo é que nesses períodos críticos eles se tornaram mais francos um com o outro, mais diferenciados um do outro, adquiriram maior autonomia como seres humanos distintos, e assim foram capazes de mover-se para novos planos de relacionamento e coexistência. A descrição das duas espécies de lutas em que se empenham mostra as claras diferenças entre uma briga como mera expressão de azedume

e uma briga como oportunidade de progresso (pp. 162-163; O casamento salvo por suas crises, pp. 168-169).

Como em tantos outros casamentos que examinamos, está bem ilustrada a importância crucial, quase desesperada, de tornar-se uma personalidade com um centro interno de avaliação, em que o "acerto" ou o "erro" de uma atitude são determinados pela atenção dada à experiência própria e não ao juízo dos outros. Isso significa, como o diz Denise tão bem, adquirir suficiente confiança na própria personalidade para alimentá-la com amor e fazê-la florescer. Surpreendentemente, ela atingiu o ponto em que conhecia tanto o próprio eu que sabia quando o estava deixando perder-se na confusão, e onde poderia *escolher* entre a sanidade e a "doença" mental (p. 176; Como foi que você adquiriu personalidade? pp. 171-173; Posso decidir ficar doente, p. 176).

Um ponto em que tenho a certeza de que os leitores divergirão entre si aqui está: onde foi que eles adquiriram o *desejo* de resolver cada crise sem desistir nem fugir? Educação religiosa? Condicionamento cultural? Energia natural? Ou o quê?

Para mim, as explicações que deram do seu profundo compromisso mútuo me parecem fracas e amiúde contraditórias. Para Denise, é um carma místico que os liga um ao outro, talvez de uma encarnação anterior. Para Eric, é o produto de uma determinação estreita, mas inveterada (desde a infância) de fazer durar o casamento. Mas ele também acha que o desejo de ambos de resolver as coisas provém de um fantástico relacionamento sexual. Em outro ponto o atribui a um elo biológico meio místico, que surge com o nascimento dos filhos e com a responsabilidade imposta por eles. E mais adiante ainda lembra o fato de que Denise é a única pessoa que nunca o entedia — conquanto, em certas ocasiões, chegue até a enfurecê-lo. Tomadas separadamente ou em conjunto, essas explicações não constituem, no meu entender, uma explanação plenamente satisfatória do fato — claríssimo — que eles *quiseram* que o casamento vingasse, mostrando-se dispostos a suportar conflitos, sofrimentos e discórdias, a fim de permitir que isso se realizasse. (O elo profundo — pontos de vista diferentes, pp. 169-171).

O processo de mudança em seus relacionamentos sexuais e amorosos fora do casamento é fascinante. Denise descobriu que é possível amar dois homens simultaneamente. Não obstante, a sua disposição para aceitar as freqüentes "aventuras" de Eric é inusitada, como inusitado é o seu desejo de ser cordial e afetuosa com a outra mulher, com a qual está (temporariamente) partilhando o seu homem. Mas depois, à medida que foi aumentando a sua indepen-

dência, descobriu que não poderia deixar Eric viver duas vidas separadas, por mais apaixonado que se sentisse, por mais envolvido que estivesse com Margaret e com ela mesma. Aqui, no dizer de Eric, ela se transformou num "leão violento" e, de certo modo, ele encontrou nessa força, na sua capacidade de dizer "NÃO!" e na sua disposição para deixá-lo, se necessário, a espécie de pessoa livre e independente que sempre quisera que ela fosse — não mais uma criatura potencialmente "doente", senão capaz de ser a companheira cabal na vida e no amor, e ele optou por ela, abrindo mão da vida dupla que sobre ele exercera tamanho poder de atração (O episódio de Margaret, pp. 173-175; Amantes fora do casamento, pp. 179-180).

É digno de nota que a tentativa de levar uma vida sexualmente livre com outro casal lhes pareceu um dispêndio tão exagerado de energia psicológica que não valia a pena continuar. Eles ainda acham, pelo menos intelectualmente, que um relacionamento desse tipo — semelhante aos casamentos de grupo de algumas comunas — seria uma esplêndida meta para alcançar, porém dificílima (Amantes fora do casamento, pp. 179-180).

Se bem cada um deles estivesse "plenamente disposto" a permitir que o cônjuge tivesse "um outro", pouco a pouco se verifica que essa disposição é apenas teórica. Eric experimenta uma boa dose de ciúme primitivo ao saber que ela mantém relações sexuais com outro homem. E Denise, embora se envergonhe do que sente, sofre quando ele se envolve sexualmente com outra mulher, sofrimento que a acomete mesmo que tenha estado envolvida com outros homens. Ela sente que o sofrimento não somente lhe tira alguma coisa que lhe pertence, mas também diminui — e emprega uma expressão muito estranha para mulher tão moderna — a santidade do amor sexual de que eles compartem. Eric confirma-o, com uma descrição quase lírica da sua profunda união sexual. Entretanto, vê nisso um paradoxo, porque sabe que pode ter a mesma experiência com outra mulher (O ciúme de Eric, pp. 181-183; O sofrimento e a possessividade de Denise, pp. 183-185, O paradoxo, p. 185).

Nessas circunstâncias, o casal chegou a uma composição um tanto peculiar. Se um deles sentir atração por outra pessoa e desejar vê-la chegar a um clímax num relacionamento sexual, muito bem. Manterá, porém, o assunto em segredo, sem o revelar ao outro, porque a franqueza, nesse caso, provoca demasiado sofrimento. Mas como estão acostumados a um grau surpreendente de franqueza, para eles é muito difícil iludirem-se e tornam-se, por isso mesmo, ainda mais monógamos! (pp. 181-182).

Depois de muita experiência, muitas considerações francas e mútuas e muita reflexão responsável, eles chegaram agora à conclusão de que só existe um controle que devem exercer um sobre o outro: "Não teremos casos de amor com outras pessoas". Das suas declarações se depreende que assim mesmo o controle é muito frouxo, mas é a meta que colimam. Desconfio de que seriam os primeiros a ressalvar que esta é a solução para *eles,* pois não estão tentando dizer a ninguém o que deve fazer. Em todos os outros sentidos concedem-se mutuamente uma liberdade quase absoluta para serem pessoas separadas, para agirem como quiserem, sem tentar impor nenhuma espécie de restrição. Trata-se, evidentemente, de um casamento sem queixas freqüentes e importunas — brigas sim, queixas não. Seja qual for o grau de possessividade existente no casamento, estão-se esforçando por eliminá-la, e não perpetuá-la (p. 184; Que é possessividade? p. 186).

Em parte, sem dúvida, por se haver empenhado tanto em tornar as relações sexuais tão significativas, quer dentro, quer fora do casamento, Eric despreza os pseudo-sofisticados que vêem no convívio sexual apenas um meio de conseguir "emoções". Isso, para ele, é extremamente infantil e a degradação de uma experiência que, bem o sabe, pode ser muito mais (pp. 180-181).

Permitam-me tocar agora em outra seqüência importante das observações deles. Eric descreve pitorescamente a armadilha em que se encontra uma pessoa ao tentar ser diretamente *responsável* pela vida psicológica de outra, com a qual está diretamente envolvida. Não lhe é dado controlar nem deter a "doença mental" de Denise mas, como se sente diretamente responsável, é também controlado por ela. É um "fardo que carrega". Não pode fazer isso nem aquilo porque isso ou aquilo poderiam agravar a situação da mulher. Estaria ela controlando inconscientemente o marido através do seu comportamento? A esse ponto, é claro, não podemos chegar. Muitos pais passam, com os filhos adolescentes, pela mesma espécie de angústia que Eric sofreu. Sentir-se responsável mas não ter o poder nem o controle, que são o acompanhamento natural da responsabilidade, é, de fato, uma situação especialmente engenhada para provocar padecimentos (Eric e a "doença" de Denise, pp. 177-178).

A intensidade da tensão suportada por Eric ao ver-se preso na armadilha pode medir-se — quando ele se inteirou da força independente de Denise — pela extensão do seu desmoronamento. Chegou realmente a ficar meio "pancada" e deixou que Denise assumisse a responsabilidade por ele (p. 178).

A plena medida da realização de Denise como pessoa é que ela pôde ser não apenas a companheira de Eric no mais pleno sentido como também pôde ser sua "mãe" quando ele se sentiu infantil, irresponsável ou "louco" e pôde também deixá-lo voltar ao seu *status* de adulto quando ele quis. Isso está muito longe da primitiva Denise (As conseqüências, pp. 178-179).

Isto pode ser uma observação à parte — mas que faço questão de frisar: "esgotamento mental", "doença mental", "esquizofrenia", etc., a não ser em casos muito especiais, *não são doenças.* As circunstâncias podem ser tão arrasadoras, os conflitos tão grandes, o eu tão ignorado e tão fraco, que o comportamento esquisito, muitas vezes, é a única maneira de enfrentar o mundo das relações pessoais ou de lidar com ele. Mas isso é muito diferente da enfermidade física. A tentativa de Denise para viver como a pessoa manufaturada pelos pais, o conflito entre essa pessoa e a pessoa aceitável para Eric, o seu "esgotamento nervoso", o seu gradativo descobrimento da própria personalidade e a sua transformação numa mulher forte, vigorosa, emocionante, é um clássico exemplo disso ("Posso decidir ficar doente", p. 176).

Seja-me agora permitido focalizar um tópico muito diferente, em que estou longe de ser um entendido. Ficou absolutamente claro para Eric e Denise que o hábito de fumar maconha fez de Eric uma pessoa muito mais total, permitindo-lhe apreciar os aspectos emocionais do estilo de vida de Denise e enriquecer o seu casamento de muitíssimas maneiras. Conheço outras pessoas com histórias semelhantes. O uso do LSD, para Eric, parece ter sido uma experiência potente mas, segundo ele, não teve nenhum grande efeito sobre o casamento. O Eric friamente racional, altamente intelectual, que conheci, transformou-se, por certo, numa pessoa cordial, sensível, completa. Se a maconha, de fato, foi em parte responsável por isso, não há dúvida de que ela ajudou tanto o casamento quanto a pessoa de Eric (O lugar das drogas, pp. 186-188).

Como sinal da enorme modificação e do crescimento operados em seu casamento, é curioso pensar que, no entender dos dois, se qualquer um deles viesse agora a conhecer o outro tal como era aos dezenove e aos vinte e um anos, achá-lo-ia inteiramente destituído de atrativos. Creio que isso deve ser verdade em relação a todo casamento que se desenvolve (A mocidade e "depois dos trinta", pp. 188-189).

No fim, Eric descreve o casamento como um *processo,* e não uma estrutura institucional. Não posso, de maneira alguma, apri-

morar-lhe o enunciado e limito-me, de todo o coração, a sublinhá-lo, dizendo "Amém!" e sugerindo que seja relido.

Penso o mesmo a respeito do seu pronunciamento final. Um casamento que se transforma continuamente pelo desenvolvimento de cada cônjuge é, sem dúvida, uma das maiores fontes de firmeza que um homem pode conhecer. A partir daí, ele se sente seguro para aventurar-se a um comportamento arrojado, inovador, desafiador, tentar livremente mudar o seu mundo, assumir riscos, porque sabe que pode voltar ao relacionamento seguro. A própria firmeza está na mudança e no processo, e não em algo estático. Mas uma substância dela, que não cessa de florescer, é, para mim, o casamento, em seu maior brilho (O casamento como processo, pp. 189-190; A conclusão de Eric, pp. 190-191).

9

INDÍCIOS DE PERMANÊNCIA, DE ENRIQUECIMENTO

FICOU CLARO PARA MIM, ao trabalhar intimamente com os materiais tão espontaneamente fornecidos por Eric e Denise, Dick e Gail, Roy e Sylvia, Irene, Hal e os demais, que algumas uniões "funcionam" — parecem satisfatórias, enriquecedoras, capazes de desenvolvimento e até permanentes. Outras, que envolvem, às vezes, as mesmas pessoas, não funcionam e terminam em infelicidade, separação ou divórcio. E, assim, perguntei a mim mesmo se existem indícios que nos permitem distinguir uma da outra. Poderia eu observar numa determinada união elementos que me dessem alguma esperança de que ela seria significativa para ambas as partes e tenderia a continuar, ou elementos que indicassem um resultado oposto? Eu gostaria de partilhar com o leitor as minhas reflexões sobre o assunto, de modo que ele possa tirar as próprias conclusões, semelhantes ou não às minhas.

DEDICAÇÃO? COMPROMISSO?

O primeiro indício que vislumbro relaciona-se, de certo modo, com os dois termos da epígrafe, muito embora os pontos de interrogação indiquem que não estou satisfeito com nenhum dos dois. Deixem-me mostrar o caminho que segui ao pensar nesse tópico.

"Eu te amo"; "Nós nos amamos". Um sem-número de exemplos neste livro mostra-nos o quanto são fundamentalmente sem sentido essas declarações como garantia de uma união satisfatória

ou duradoura — se bem descrevam perfeitamente as atitudes existentes em algumas relações de natureza transitória. Não que tais declarações sejam destituídas de significado — elas podem ser a verdade absoluta do momento; mas já vimos — na vida de Irene, por exemplo, no capítulo 5 — que mudam com muita facilidade para "Eu *pensei* que te amava".

"Comprometo-me a zelar por você e pelo seu bem-estar"; "Interesso-me mais por você do que por mim". Nobres sentimentos. Mas vimos que redundaram em desastre no casamento de Jennifer e Jay (capítulo 1), e nas esforçadas tentativas de Hal para fazer o que agradaria à primeira esposa (capítulo 6). Por mais bela que seja essa atitude no momento, ela pode conduzir a uma submersão da personalidade que é fatal à união.

"Trabalharemos com afinco pelo nosso casamento". Eis aí também um belo propósito, mas é demasiado vago e supõe alguma coisa demasiado estática. Lobrigamos algo parecido no trecho final da história contada por Dick e Gail (capítulo 2), embora pouco convincente. O que eles estavam dizendo e o que isso amiúde significa é: "Faremos o possível para transformar a caixa em que estamos numa bonita caixa". Isso *não* é suficiente.

"Consideramos sagrada a instituição do casamento, e ela será sagrada para nós"; "Seremos um do outro até que a morte nos separe". Basta um rápido olhar dirigido às estatísticas de separações, divórcios e dissoluções de casamentos para ver que, por mais sincero que seja um casal ao pronunciar esses votos, não poderá cumpri-los se o casamento não for satisfatório. Se o não for, eles se aviltarão, destruirão, ou romperão os vínculos — e, às vezes, farão todas essas coisas. Tenho para mim que o valor do compromisso exterior é pouco mais do que nulo.

"Estamos destinados um ao outro; estamos ligados por laços biológicos profundos através dos nossos filhos; estamos determinados (através do condicionamento da nossa infância) a fazer durar o nosso casamento". Essa múltipla dedicação é expressa com muita eloqüência por Eric e Denise (capítulo 8) e todavia, para falar com toda a sinceridade, duvido que explique a duração do seu casamento. Muitos indivíduos expressaram, com a mesma intensidade, cada uma dessas opiniões, apenas para ver a sua união dissolver-se ou, o que é pior, deixar um legado de amargura e censura, tácita ou explícita.

"Comprometo-me a trabalhar pelo processo do nosso relacionamento, que representa muito para mim". Ora, no meu entender,

estamos chegando um pouco mais perto da essência do significado de uma dedicação. Isso encara a união como um processo continuado, e não um contrato. O trabalho feito visa tanto à satisfação *pessoal* quanto à satisfação mútua. Isso se percebe, com muita clareza, no terceiro casamento de Irene (capítulo 5) em que Joe — tranqüilamente, insistentemente, sem alarde — se devota ao *processo* do seu relacionamento, ainda que Irene se recuse a aceitá-lo, a princípio. Ele nega-se a ouvir as "histórias de horror" dela — relatos do seu trágico passado. Ele focaliza o processo do seu relacionamento atual e, pouco a pouco, ela vem juntar-se a ele, através da maravilhosa conversação consigo mesma à janela. A partir desse ponto se inicia um processo de relacionamento, um relacionamento crescente, muito anterior a qualquer troca de votos ou a qualquer casamento legalizado.

Vemos algo da mesma coisa em Becky, acredito eu (capítulo 6), embora não tenhamos infelizmente as suas percepções pessoais diretas. Ela trabalha no processo do seu relacionamento porque ama e escolheu Hal e, aos poucos, isso o penetra, apesar de todos os obstáculos que ele deve ter visto num casamento entre um negro e uma branca. Mas ela está empenhada em construir esse relacionamento.

Assim, gradativamente, e sobretudo através de um processo de eliminação, cheguei a um pronunciamento que me satisfaz — por enquanto. É uma tentativa para expressar em palavras — palavras demais, receio eu — o verdadeiro significado de um termo como "dedicação" aplicado a uma união. É um pronunciamento que descreve, a meu ver, um dos indícios de permanência e enriquecimento em qualquer relação duradoura. Aqui está ele. Cada uma de suas palavras foi cuidadosamente ponderada e tem importância para mim.

"Nós dois nos comprometemos a cultivar juntos o processo mudável do nosso atual relacionamento, porque esse relacionamento está enriquecendo o nosso amor e a nossa vida e nós queremos que ele cresça."

Isso diz tudo, no meu entender. Qualquer explicação talvez seja ociosa, mas não posso resistir à tentação de expor a minha. O compromisso é individual, mas o trabalho constante, difícil, arriscado — que tentarei descrever mais tarde — é, necessariamente, um trabalho de conjunto. O relacionamento só durará enquanto essa qualidade duradoura existir no presente. Não se faz nenhuma tentativa de vulto para esclarecer dificuldades passadas ou futuras, a não ser que elas infelicitem, no momento, a vida do casal. Encara-se o relacionamento como uma corrente que flui, e não como uma estru-

tura estática que pode ser considerada incontestável. Focaliza-se menos o outro indivíduo ou a própria pessoa — embora eu também tenha de dizer depois mais alguma coisa sobre isso — do que o imediato relacionamento de amor e de vida que existe entre os dois. E assim, ocasionalmente, o compromisso adquire a qualidade transcendental que Buber descreve tão bem, e que talvez sofra abreviada. Mas algumas das suas sentenças têm grande significação para mim. "A palavra essencial *Eu-Tu* só pode ser proferida com todo o ser... Quando se fala *Tu*, o interlocutor não objetiva coisa alguma. [...] Ele toma a sua posição em relação. [...] *Tu* não tem limites. [...] (Num relacionamento *Eu-Tu*) Nenhum engano penetra aqui; aqui está o berço da Vida Real" (Buber, pp. 3,4,7).

Quando se definem a dedicação e o compromisso à maneira que finalmente formulei, acredito que constituam o berço em que pode começar a crescer uma união verdadeira, relacionada.

COMUNICAÇÃO

Que pântano de elementos diversos e contraditórios se contém nesta palavra! Abrange tudo o que se pode imaginar. "Passe a manteiga". Isso é comunicação, e o termo não vai muito além disso em muitos casamentos. "Minha mãe sempre disse que você é um canalha, e é mesmo!" Isso também pode ser qualificado de comunicação, e tais acusações, juízos e avaliações possivelmente prejudicam mais as uniões do que qualquer outro fator que conheço. Ou Sylvia, passando os seus longos cabelos amorosamente pelas costas de Roy, sem dizer uma palavra — também é comunicação; tanto quanto o são os olhares furibundos, ou os olhares de repugnância, ou o recuo da primeira esposa de Hal quando ele fez menção de beijá-la. A comunicação não verbal pode ser realmente muito vigorosa.

De modo que, se dissermos que uma união deve ser comunicativa, na realidade não estaremos dizendo nada. Todos os casamentos são comunicativos, verbalmente ou não, para melhor ou para pior. Não obstante, nessa barafunda de significados encontro um indício de enriquecimento, um indício que aumenta consideravelmente as oportunidades de permanência, de felicidade. Vejamos se consigo destrinçá-lo e esclarecê-lo — talvez por meio de exemplos, negativos e positivos.

Em certo sentido, o compromisso com o processo, que acabei tentando descrever, é básico para a melhor comunicação. Mas a comunicação tem muitos elementos.

O sentimento persistente. Deixem-me pôr um exemplo muito comum. O marido vê-se irritado pela aparência da esposa à mesa do café, suja, num roupão amarrotado, e cheia de encrespadores. Se ele deixar que isso avulte e avulte em si mesmo, explodirá *algumas vezes,* geralmente numa acusação explosiva: "Por que você sempre parece *desmazelada* de manhã?" Mas, se tiver consciência dos seus sentimentos, depois de algumas repetições dessa atitude, poderá expressá-los como coisa sua, íntima: "Sabe, não me agrada o jeito de você apresentar-se todas as manhãs". Isso provocará, por força, uma resposta, e a comunicação subseqüente talvez não seja agradável, mas cada qual aprenderá muita coisa a respeito do outro, *se* cada qual continuar expressando apenas os próprios pensamentos e não acusações. Não se trata de um truque nem de uma técnica, e falhará completamente se for usado como tal. Mas se se basear firmemente na atitude "Quero partilhar-me e quero partilhar meus sentimentos com você, mesmo que não sejam todos positivos", quase que se pode garantir um processo construtivo.

Risco: tal comunicação sempre envolve risco. Você está expondo uma faceta até então desconhecida — e portanto vulnerável — de si mesmo. Quando uma mulher respira fundo, decide arriscar-se e diz ao companheiro "Não sei por que, se isso está em mim ou em você, mas o caso é que encontro muito pouca satisfação em nossas relações sexuais", está fazendo duas coisas. Está pondo em risco todo o relacionamento na tentativa de desenvolvê-lo. Mas também está compartindo de uma parte oculta, assustadora, de si mesma, que pode ser rejeitada, mal interpretada ou vista como acusação — está expondo o relacionamento sem restrições nem condições. Entretanto, um pronunciamento dessa natureza não pode ser contestado, pois só ela sabe se é verdadeiro ou não. E pode converter-se num fato, que olhe de frente para os dois e estimule uma partilha profunda.

Vimos disso exemplos sobre exemplos nos capítulos anteriores. Dick e Gail, que se acusavam mutuamente com tanta facilidade, expressaram os *próprios sentimentos* em relação ao sexo e encontraram o companheiro compreensivo e compassivo (capítulo 2). Irene (capítulo 5) que tentou tão desesperadamente e por tantas maneiras transmitir uma falsa imagem de si mesma, incluindo uma imagem falsa de orgasmo, gradativamente se descontraiu ao comunicar to-

das as maneiras horríveis em que se via, e acabou sendo amada por isso.

Existe um efeito dessa comunicação profundamente vulnerável em que a maioria das pessoas só acredita depois que o experimenta. E é que a partilha dos sentimentos mais profundos que alguém descobre em si mesmo provoca uma partilha semelhante do outro. Quando Peg (capítulo 1) revela tudo o que pode da sua "medonha personalidade" ao marido, ele responde com os seus sentimentos sobre si mesmo, e ela descobre que ele "andara sofrendo o diabo também". Essa participação proporciona enorme quantidade de dados sensíveis, palpitantes, que se podem manejar para melhorar a qualidade do processo de relacionamento.

Uma das grandes vantagens do tipo de comunicação que estou descrevendo é que ela pode ser iniciada por *um* membro do casal. Isto, sem dúvida, demanda coragem, mas é possível.

Aqui está a minha tentativa para expor, com a maior concisão possível, os vários aspectos desse segundo indício intangível de uma união em desenvolvimento. E também não se trata de um enunciado meramente casual.

"Arriscar-me-ei tentando comunicar qualquer sentimento persistente, positivo ou negativo, ao meu companheiro — com a mesma profundidade com que o percebo em mim — como uma parte presente e viva de *mim*. Em seguida, arriscar-me-ei ainda mais tentando compreender, com toda a empatia de que eu for capaz, a sua resposta, seja acusativa e crítica, seja compartilhante e auto-reveladora."

Eu quisera que esse enunciado também pudesse condensar-se, mas o meu espírito organizador insiste em tentar levar em conta todas as situações concebíveis. De qualquer maneira, acredito que o leitor descubra, neste livro e nas vidas que o rodeiam, que, quando existe, mesmo parcialmente, essa complexa qualidade de comunicação participante, aventurosa e receptiva, é grande a probabilidade de um relacionamento libertador, suscetível de desenvolvimento. Isto se patenteia sobretudo no terceiro casamento de Irene, e no de Eric e Denise, mas pode observar-se em todas as uniões que se encaminham para um relacionamento processual e não estático. Quanto menos coisas escondidas houver no relacionamento atual (o que não quer dizer que se deva escavar o passado), tanto maiores serão a mudança e o desenvolvimento. E *um* dos parceiros pode pôr a bola em movimento, posto que, se a comunicação permanecer unilateral, as perspectivas de crescimento serão melancólicas.

A DISSOLUÇÃO DOS PAPÉIS

Um elemento que, segundo vimos, pode desempenhar um papel tanto positivo quanto negativo, conforme a posição assumida em relação a ele, é o das expectativas nascidas da cultura ou da subcultura. A vida pautada pelas expectativas de comportamento parece opor-se sistematicamente ao casamento futuroso, ao casamento em vias de desenvolvimento. Quer falemos da mulher de Tepoztlán, submissa ao marido porque a sua cultura espera que ela seja assim, ou de Joan, que se casou porque todas as suas amigas e seus pais esperavam que ela casasse com Max, ou de Dick e Gail (capítulo 2), que se viram, depois do casamento, bruscamente atirados em caixas novas, que não tinham sido feitas por eles, estamos falando de uma relacionamento *estático* ou em plena decadência.

Assim sendo, nos únicos casamentos que parecem enriquecedores e satisfatórios, as expectativas de comportamento desempenham um papel cada vez menor até que, como no caso de Eric e Denise, praticamente desaparecem. Seguir — mais ou menos cegamente — as expectativas dos pais, da religião, da cultura é levar ao desastre o processo em marcha, diferenciador, de uma união em progresso.

Isso não quer dizer que todas as expectativas sejam "más" por si mesmas. Com efeito, a pessoa pode decidir, depois de amadurecida consideração, assumir uma atitude que seus pais também julgam acertada. Mas isso porque ela *decide* fazê-lo, não porque eles esperam que o faça. E aqui, como é fácil reconhecer, as coisas se tornam enganosas. É por causa dos próprios sentimentos, dos próprios "ritmos naturais" que a pessoa adota essa atitude, ou está-se iludindo a si mesma, dizendo que decidiu adotá-la? Conhecer os próprios sentimentos não é fácil nem simples. É um esforço que dura, às vezes, a vida inteira. Mas na medida em que podemos atentar para o nosso organismo e mover-nos nas direções que "parecem certas" para ele e para nós, desviamo-nos do comportamento orientado pelas expectativas alheias. E nessa medida nos movemos para uma complexidade de união, uma riqueza de vida em conjunto, que é muito menos simples do que viver de acordo com as expectativas dos outros, e muito mais satisfatório. Ao meu parecer, portanto, aqui está outro indício que liga as uniões convenientes. Estas se recusam a ser moldadas por expectativas, por mais compulsivas que possam parecer. "Viveremos de acordo com as nossas opções, com a sensibilidade orgânica mais profunda de que somos capazes, mas não seremos afeiçoados pelos desejos, pelas regras e pelos papéis que os outros insistem em impor-nos".

TORNANDO-SE UMA PERSONALIDADE SEPARADA

Numa união processual, um dos fatores mais importantes que tendem à formação de um relacionamento realmente capaz de desenvolver-se pode parecer paradoxal. E resume-se nisto: quando cada parceiro está progredindo no sentido de afirmar cada vez mais a própria personalidade, a união se torna mais enriquecedora. É quase o mesmo que dizer que quanto mais nos separamos, maiores são as probabilidades de uma união vigorosa. Isso não deve ser tomado inteiramente ao pé da letra, pois é óbvio que pode conduzir também ao fim. Quase todos os exemplos contidos neste livro, porém, fornecem provas disso. Uma união *viva* se compõe de duas pessoas, cada uma das quais possui, respeita e desenvolve a própria individualidade. E em parte alguma isso se acha tão bem ilustrado quanto no caso de Denise e Eric. À proporção que Denise ensaia os seus passos hesitantes no sentido de afastar-se da criatura sem nenhuma importância que tinha sido, modelada pelos pais ou pelo marido, o casamento cresce. À proporção que ela se torna uma personalidade cada vez mais forte e independente, cada um dos seus passos lhes favorece a união. Mas que significa tornar-se uma personalidade? Deixem-me tentar explicá-lo.

O descobrimento de si mesmo: significa primeiro que ele/ela (malditos pronomes!) está sempre tentando aproximar-se cada vez mais dos seus sentimentos íntimos. Move-se no sentido de uma proximidade maior e de uma maior percepção do que quer que esteja experimentando no próprio organismo. Joan (capítulo 1) é um breve e patético exemplo de como aprende — demasiado tarde para o primeiro casamento — que tem sentimentos e pode confiar neles. Todo indivíduo descobre que o que está experimentando intimamente é um variado complexo de reações, que vão desde as mais fantásticas e loucas até às sólidas, socialmente aprovadas.

A aceitação do eu: ele se move no sentido de aceitar toda essa mudável complexidade como parte verdadeira de si mesmo — uma variadíssima colcha de retalhos de que não se sente nem precisa sentir-se envergonhado. Começa sendo dono de *si mesmo* — preciosa propriedade. E quanto mais é dono de si, tanto mais pode *ser* ele mesmo. Tenho visto realizar-se esse processo com maior freqüência na terapêutica ou em *encounter groups* mas poderia perfeitamente ser produzido em nossa educação, se algum dia chegarmos a compreender que ajudar as pessoas a se tornarem *pessoas* é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticas, poliglotas, ou coisa que o valha.

Dessa maneira, se o participante de uma união encarar com aceitação todos os aspectos medonhos, loucos, pavorosos e ternos, belos e competentes de sua personalidade, estar-se-á tornando, cada vez mais, uma pessoa com a qual se pode viver. Irene e Joe (capítulo 5) são exemplos clássicos — e a sua história merece ser relida. Mas estudar o lento progresso de Denise (capítulo 8) ou de Roy e Sylvia (capítulo 3) é aprender como é duro, difícil e prolongado esse processo — um dos elementos que confere a uma união a sua emocinante e imprevisível beleza, assim como o seu sofrimento. Quando duas pessoas únicas vivem juntas íntima e participantemente — que maravilha!

Deixando cair as máscaras: fora quase ocioso dizer que, nesse processo, o indivíduo se afasta das fachadas, das defesas encouraçadas e das simulações. Não é uma criança imatura e assustada, escondida por trás da máscara de uma garota fascinante e sofisticada. Ele talvez pareça ser um exemplo vivo de machismo, de supermasculinidade, de força, mas pode deixar cair o disfarce. Por dentro, não raro, é infantil, dependente, necessitado do colo materno, como, às vezes, ela precisa dos cuidados paternos, tão importantes para uma menininha assustada. Cada qual pode ser temporariamente o que é, sem medo de permanecer fundido nesse molde para sempre. Tenho sugerido amiúde aos outros que devem tratar com bondade, generosidade e desvelo a criança que sempre carregam dentro de si. E se a minha companheira também é capaz de amar o menino que faz parte de mim, tanto melhor, pois isso se tornará duplamente enriquecedor e me permitirá também ser o homem que sei que sou.

Experimentando valores: tudo isso significa que cada um dos participantes da união está desenvolvendo o que me apraz chamar um "centro interno de avaliação". Quero dizer, o valor e o significado de uma experiência, para nós, não são determinados pelo que diz a nossa companheira, ou pelo que os nossos pais decidem, ou pelo que preceitua a nossa igreja, ou pelo que a nossa escola avalia, mas pelo modo como os "sentimos" em nosso nível mais profundo de experiência. Por exemplo, todas as influências externas que mencionei podem dizer que determinada experiência de relação sexual em nosso casamento está certa, é legal, apropriada, e revela amor. Sabemos tudo isso. E, todavia, também podemos saber, no âmago do nosso ser, que isso não passa da utilização de uma pessoa por outra, de uma simulação, de uma fraude, e não contém o verdadeiro amor. Quando temos um centro *interno* de avaliação, é neste segundo tipo de julgamento que confiamos e pelo qual regulamos os comportamentos seguintes. Isso também quer

dizer que não somos governados pelos "deveres" e "obrigações" que todos os aspectos da nossa cultura se mostram tão desejosos de impingir-nos, para substituir os valores que estamos descobrindo por nós mesmos.

Quando uma pessoa está fazendo progressos, em todos os sentidos que descrevi, no sentido de tornar-se uma personalidade própria e separada, passa a ser um companheiro valioso — nunca um escravo ou um dono de escravo, jamais uma sombra ou um eco, nem sempre um líder e nem sempre um seguidor, nem alguém que possa ser considerado como favas contadas e, sem dúvida, como assinala Eric, tampouco um chato.

Crescimento para ambos: finalmente, é tão recompensador ver-se alguém envolvido no processo de converter-se numa personalidade própria que quase inevitavelmente permitirá ao companheiro seguir na mesma direção, estimulando-o e regozijando-se com cada passo que ele der. É *gostoso* crescer junto, duas vidas únicas e entrelaçadas.

Eu acrescentaria que se esse tipo de crescimento ocorrer apenas num dos participantes da união e não for incentivado nem favorecido pelo outro, a distância entre ambos aumentará e se tornará aterradora, e a união, a menos que aconteça algum milagre, irá fatalmente por água abaixo.

"*Talvez*": eu gostaria de tentar expressar este intricado indício de reforço final em termos pessoais, como fiz com os outros. E, mais uma vez, as palavras não foram escolhidas ao acaso.

"Eu talvez possa descobrir mais do que sou realmente em meu íntimo e chegar mais perto disso — sentindo-me, às vezes, encolerizado ou aterrado, às vezes amante e solícito, de vez em quando belo e forte ou desordenado e medonho — sem esconder de mim mesmo esses sentimentos. Eu talvez possa estimar-me como a pessoa ricamente variada que sou. Talvez possa ser espontaneamente mais essa pessoa. Nesse caso, poderei viver de acordo com os meus próprios valores experimentados, conquanto tenha consciência de todos os códigos da sociedade. Nesse caso, poderei ser toda essa complexidade de sentimentos, significados e valores com meu companheiro — suficientemente livre para dar o amor, a raiva e a ternura que existem em mim. É possível, então, que eu venha a ser um participante *real* de uma união, porque estou em vias de ser uma pessoa real. E espero poder incentivar meu companheiro a seguir o seu caminho na direção de uma personalidade única, que eu gostaria imensamente de partilhar".

Eu supunha sinceramente poder descobrir muitos desses "indícios" que ligam as uniões de modo enriquecedor e não limitativo. Mas os quatro que descrevi resumem tudo o que encontrei. Certas coisas são mais notáveis pela ausência do que pela presença. Tome-se, por exemplo, a "mútua satisfação no relacionamento sexual", freqüentemente apresentado como condição *sine qua non* de uma ligação permanente. Não creio, porém, que seja básico por si mesmo — pois pode ser quase seguramente desenvolvido, se os quatro indícios estiverem presentes na união. Por isso omiti grande número dos enunciados descritivos superficiais que se podem fazer com freqüência sobre casamentos "bem sucedidos", porque não explicam como surgiram. Tenho para mim que enumerei quatro dos elementos mais fundamentais, mais causais, mais formadores de processos — compromisso com o processo de relacionamento, o risco da comunicação dos próprios sentimentos, o repúdio da existência pautada pelas expectativas alheias e o descobrimento e a partilha da personalidade própria e separada de cada um.

Não me iludo, porém, imaginando que a minha análise seja correta nem, muito menos, que seja a única análise correta. Espero que o leitor faça a sua.

10

E ENTÃO? QUE FAZEMOS?

INSTITUTO DE
PSICOLOGIA LTDA - ME
RUA ANITA GARIBALDI, 465
MONTSERRAT
PORTO ALEGRE - RS

PERMITA O LEITOR que eu me afaste um pouco do casamento e das suas várias alternativas e encare o problema, por assim dizer, por um novo prisma.

O laboratório experimental é um dos elementos fundamentais da sociedade norte-americana. Médicos que trabalham afincadamente e seus colegas técnicos gastam somas enormes investigando as causas e a cura ou a melhoria de várias falhas do organismo humano, que o impedem de funcionar normalmente. O governo aumenta o seu investimento no estudo do câncer. As companhias farmacêuticas despendem milhões, e o governo lhes acrescenta muitos outros, estudando novas maneiras de controlar a doença através da medicação e investigando malogros e resultados desastrosos de algumas drogas prescritas. Isto acontece porque já não consideramos uma peste ou uma moléstia que se alastra violentamente como prova da ira de Deus, que deve ser aceita em silêncio.

Temos laboratórios espaciais, que se dedicam aos problemas da navegação e da existência no espaço exterior da sondagem de todas as falhas mecânicas ou humanas. Bilhões de dólares não bastam para sustentar esses empreendimentos exploratórios pioneiros, cujo resultado homem algum poderá predizer, pois eles contrariam frontalmente a tradição segundo a qual o homem está preso a este planeta.

Companhias de automóveis construíram laboratórios para estudar cada porção do funcionamento do carro moderno, tentando melhorá-lo, reduzir-lhe os enguiços, torná-lo mais seguro. Com um pouco de estímulo do governo, elas chegam a recolher milhares e milhares de automóveis que *podem* falhar, mesmo que as probabilidades de falha sejam apenas de uma em cem mil. Já estamos muito longe dos gritos irônicos desferidos à passagem do automóvel: "Com-

pre um cavalo!" E chegamos a essa distância mediante experiências livremente feitas em laboratório.

Qualquer indústria moderna é julgada, em parte, pelo vulto do seu investimento em P e em D — pesquisa e desenvolvimento. Hoje se reconhece que uma companhia só triunfará se eliminar os insucessos passados, explorar novas possibilidades e estudar novos materiais para os seus produtos.

É um truísmo que a agricultura, com o seu tremendo índice de progresso na produção de culturas, carnes, aves, etc., não poderia ter chegado aonde chegou sem uma infinidade de laboratórios — governamentais, comerciais, particulares — analisando os fracassos passados e as futuras possibilidades, e sustentada por verbas sem fim.

Não desenvolverei esse ponto. A experimentação é fundamental para todos os nossos progressos técnicos, por mais numerosas que sejam as tradições que ela derruba. Não somente é aceita, mas também financiada e admirada pelo público. As mudanças que acarreta são conhecidas e aprovadas por quase todos. As revoluções industriais — nos serviços sanitários, na agricultura, na indústria, na tecnologia da guerra, na tecnologia espacial — são todas reconhecidas. Sabemos que essas revoluções incruentas provocaram incríveis alterações em nossos estilos de vida.

Mas tornemos agora ao assunto deste livro. O casamento e a família conjugal representam uma instituição combalida, um estilo combalido de vida. Ninguém contestará que ela já foi muitíssimo bem sucedida. Precisamos de laboratórios, experiências, tentativas para evitar a repetição de malogros passados, e para analisar novos enfoques.

Acredito que, neste livro, vemos o vasto laboratório em que esses problemas estão sendo enfrentados pelos nossos jovens. Sem alarde e sem comemorações, pesquisas, experiências, novos tipos de relacionamento, novos gêneros de uniões estão sendo tentados, as pessoas estão aprendendo com os erros e aproveitando com os êxitos. Estão inventando alternativas, novos futuros, para as nossas instituições mais nitidamente decadentes, o casamento e a família conjugal. Significará isso, acaso, que o governo sustenta esses laboratórios com os seus bilhões, e os jovens são altamente respeitados por suas experiências com novos valores e novos padrões? Que essa tranqüila revolução sem violência está sendo vigorosamente apoiada por um público interessado? Que tolice! Toda a gente sabe que a verdade é exatamente o contrário. Temos tanto medo de mudança

nessa área que vemos um inimigo debaixo de cada cama — não, *em* cada cama seria mais exato. Promulgamos leis e decretos para matar esse laboratório incipiente e promissor. Só conseguimos apontar para os seus malogros e estamos tão assustados que nem olhamos para os seus êxitos. Envidamos todos os esforços para suprimir o apoio financeiro a quem quer que tenha a ousadia de tentar introduzir mudanças na instituição do casamento. Retrocedemos — nessa área — à Idade Média, quando o cientista — como Galileu, por exemplo — era processado e condenado por haver feito descobertas, e obrigado a retratar-se. Ainda sustentamos que a tradição, as sanções religiosas e os códigos de moral herdados do passado nunca devem ser quebrantados e ai daquele cujos valores, descobrimentos e maneiras de viver infringem tais sanções.

Já é tempo, na minha opinião, de aqui também começarmos a viver no século XX. Já é tempo de reconhecermos que as tranqüilas experiências, revolucionárias e evolutivas, são um aspecto feliz, e não infeliz, da nossa vida cultural. Podemos, acaso, aceitar o fato de que aqui também a mudança é fundamental e de que estamos desesperadamente necessitados de uma revolução na área das uniões vivas e da vida familial, como a que se verificou na indústria, na agricultura, na aviação, no espaço e em todos os demais aspectos da vida? Podemos respeitar os nossos exploradores? Essa é a grande questão que temos de enfrentar. E se a enfrentássemos, que faríamos?

LIBERDADE PARA FAZER EXPERIÊNCIAS NO TERRENO DAS UNIÕES

Ao examinar a lista de nomes das pessoas que com tanta sinceridade encheram este livro consigo mesmas, fascina-me chegar à conclusão de que a grande maioria, na luta por aprimorar as suas uniões, se empenhou — já no passado, já no presente — em práticas que as leis federais, estaduais ou locais teriam classificado de ilegais. Para chamá-las pelos nomes antigos, "viver em pecado", "cometer adultério", "procedimento libidinoso e lascivo", "fornicação", "homossexualismo", "ingestão de drogas ilegais", e até "prostituição" — tudo isso está presente nestas páginas, embora, em se

tratando de atos praticados por indivíduos interessados em encontrar um modelo melhor de uniões, os nomes antigos sejam ridículos.

Uma coisa que nós, como cultura, talvez pudéssemos fazer para preservar esse valiosíssimo laboratório, essas aventuras pioneiras no espaço dos novos relacionamentos, seria livrá-los da sombra sempre presente da censura moral e do processo criminal.

Se tivéssemos a coragem de dizer "Não interferiremos", já teríamos dado um passo enorme no sentido de enfrentar a realidade. Imaginemos que se promulgasse uma lei pela qual qualquer modelo de união adotado por adultos mutuamente consencientes passasse a ser legal, contanto que não fosse em claro detrimento de terceiro. Isto favoreceria as tentativas honestas, em lugar de favorecer as clandestinas, e permitiria que os laboratórios de uniões operassem franca e honestamente. Seremos, como cultura, capazes de uma atitude assim? Mudança e liberdade, mormente quando levadas a sério, são idéias que produzem calafrios no público norte-americano. Parecemos abominar a lembrança de que somos uma nação afeiçoada por revolucionários, tanto pacíficos quanto violentos. É por isso, talvez, que estamos demasiado assustados para dizer aos membros de uniões de vários gêneros: "Vocês *são* livres; aceitamos a inevitabilidade e as vantagens, concebivelmente grandes, da *mudança*". Mas acredito que se tivéssemos, coletivamente, a coragem de dizer isso, teríamos preparado o palco para uma revolução no âmbito das uniões, uma revolução na área dos relacionamentos.

A EDUCAÇÃO PARA A INTERAÇÃO HUMANA, PARA A COMUNICAÇÃO HUMANA

Um dos elementos que se destacam, na minha opinião, em tantos casamentos descritos neste livro e em outros casamentos que conheci, é a total ignorância dos jovens da maneira de viverem uma interação pessoal, humana — a sua absoluta inexperiência da verdadeira partilha pessoal na comunicação com as pessoas. Chego a pensar, às vezes, que a nossa educação visa sobretudo à educação de indivíduos para viverem em gaiolas isoladas.

Dessa forma, em momentos de preocupada reflexão, pergunto a mim mesmo se seria realmente demasiado pedir ao nosso sistema educacional que incluísse uma nova meta entre as que já foram

definidas tão intelectualmente, tão precisamente. Pergunto a mim mesmo se os nossos educadores estariam dispostos não só a acreditar, mas também a provar por atos, que *um* dos objetivos da educação consiste em ajudar o jovem a viver, como pessoa, com outras pessoas.

Em certos sentidos, isso me parece uma esperança modesta. Não demandaria consideráveis gastos novos, novas verbas, novos professores. Significaria simplesmente uma nova atitude dos professores, uma atmosfera mudada nas salas de aula, uma tendência modificada — talvez o mais difícil de conseguir — dos administradores escolares.

Se todo o pessoal das escolas primárias, secundárias e superiores pudesse simplesmente reconhecer e aceitar o fato de que são pessoas falíveis que lidam com pessoas falíveis, o nosso sistema educacional seria revolucionado da noite para o dia. Se pudessem reconhecer que a interação humana continuará durante toda a sua vida e durante toda a vida dos seus alunos, talvez se dispusessem a incluir uma comunicação verdadeira, franca e partilhada como parte da experiência educativa. Isto seria um enorme primeiro passo, uma preparação inicial para a vida no mundo das pessoas.

Sei, todavia, que até uma sugestão dessa ordem desperta amiúde um medo profundo em professores e administradores. Pois o professor que se torna uma pessoa para os alunos revela-se vulnerável, com estados de espírito, com sentimentos, cometendo erros, ocasionalmente inspirado. Perde a máscara segura, imutável, infalível, que é a propriedade mais apreciada de quase todo professor (veja Dillon, *Personal Teaching,* 1971, onde o leitor encontrará um relato pessoal das suas tacteantes tentativas para deixar cair esse tipo de máscara).

Mas eu e outros, sobretudo em anos recentes, temos escrito sobre as possibilidades humanas nas escolas e não pretendo repetir-me. Portanto, se o leitor estiver interessado, leia Rogers, 1969, Lyon, 1970, Leonard, 1968, Herndon, 1968, e muitos, muitos outros, que encontrará mencionados nesses livros.

Em lugar disso, deixem-me voltar a uma sugestão, que ainda não encontrei em parte alguma. Quando um grupo sério de pais deseja iniciar um "laboratório de aprendizagem" para os filhos, por que não se lhes dá um atestado para que possam levar a cabo as experiências? O tempo seria limitado a cinco anos, se isso satisfizesse aos burocratas mas, de outro modo, excetuando-se tão-só as razoáveis precauções sanitárias, poderíamos liberar esses pais de todas as leis estaduais que impõem restrições a currículos, requisitos, no-

tas — tudo o que estropia e aprisiona. Como poderia alguém opor-se a isso? Há apenas duas razões: se não acreditarmos que os pais desejam o melhor para os filhos, não o faremos; se, como burocratas, tivermos receio de que, com o tempo, isso venha a pôr em perigo os nossos empregos e toda a complicada estrutura da diplomação dos professores, manuais necessários e a estrutura dos educadores entrincheirados e do seu sistema, não o aprovaremos. Mas estaríamos perdendo uma inestimável oportunidade de diversidade, influências humanizadoras e exploração de novos caminhos. As crianças aprendem apesar de nós, como o demonstram muitos estudos, e os pais seguramente aprenderiam numa experiência dessas. Espero que não tenhamos medo do desenvolvimento emocional, nem da expressão sincera dos sentimentos, nem da aprendizagem refletida que podem ocorrer nesses laboratórios.

A EDUCAÇÃO PARA A UNIÃO

Faz-se um barulhão, hoje em dia, em torno da educação sexual nas escolas e, sem dúvida, se isso for feito deverá sê-lo em discussões livres e sinceras por pessoas reais.

Mas até mais básica, para o meu espírito, é a necessidade de aprender a participar de uma união. Um indivíduo consegue hoje um diploma de curso superior sem nunca ter aprendido a comunicar-se, a resolver conflitos, a saber o que fazer com a raiva e outros sentimentos negativos. Ele ou ela talvez ignorem completamente que todo homem, em parte, é feminino, dependente, infantil; e toda mulher, em parte, é forte, independente, amadurecida — e vice-versa.

Não se pode ler este livro sem compreender que, se bem o casamento moderno seja um tremendo laboratório, os seus membros, muitas vezes, estão inteiramente despreparados para participar de uma união. Quanto sofrimento, quantos remorsos, quantos fracassos poderiam ter sido evitados se tivesse havido, pelo menos, algum aprendizado rudimentar antes de ingressarem na união!

O leitor talvez volte a perguntar: "Como se pode conseguir isso?" e torno a achar que uma cultura que parece estar fazendo progressos até no trato do *smog* (nevoeiro enfumaçado), poderia, sem dúvida, fazer *alguma coisa* para levantar a bruma que cerca as uniões

incipientes. Muita coisa se conseguiria se, por exemplo, *encounter groups* para professores e alunos, dirigidos pelo tipo de pessoas que não acarretam danos psicológicos (e agora sabemos algumas coisas a esse respeito) fizessem parte do processo de aprendizagem. A comunicação de sentimentos reais, positivos e negativos; a resolução de conflitos e antagonismos; o caminho para uma personalidade capaz de aceitar-se a si mesma — tudo isso pode ser ao menos parcialmente conseguido (Rogers, 1970). E se se desenvolvessem os meios para fazer um trabalho complementar inteligente e adequado, as vantagens logradas poderiam ser preservadas.

Mas refiro-me a isso como a um caminho — deve haver muitos mais. A dança criativa talvez ajudasse; a cooperação na criatividade artística e literária deveria ser estimulada. Creio que é fundamental que a aprendizagem seja experiencial — a educação "do pescoço para cima" *não* bastará a uma união viva, mudável e crescente.

CASAIS E FAMÍLIAS COMO RECURSO

Mas não é apenas o nosso sistema educacional que poderia educar para a união. Existem vários recursos que envolvem a própria família.

O mais emocionante, porque mais diretamente relacionado com o problema, é o grupo dirigido para jovens que vão "juntar-se", que estão pensando em casar ou em viver juntos, ou que estão noivos. Aqui, como já tive ocasião de constatar em minha experiência, a oportunidade é muito grande. Se um grupo dessa natureza for organizado por uma pessoa que não queira ser juiz nem dificultar as coisas, os jovens poderão examinar abertamente as diferentes expectativas em relação uns aos outros e à união, os seus propósitos e desejos conflitantes, as suas forças independentes e o seu apoio interdependente. Isso envolve comunicação num nível profundo, e pode impedir futuras dificuldades. (Veja Rogers, 1970, sobre um quadro geral dos grupos e seus resultados.)

Lembro-me de um jovem casal num grupo que dirigi, e dos resultados da sua interação mais franca. Ele achava que ela era consideravelmente inferior a ele — o que foi como que um choque para ela — e cada qual descobriu que tinha expectativas muito diferentes em relação ao casamento. Eles gostavam um do outro há

muito tempo, fazia algum tempo que viviam juntos e, não obstante, nenhum dos dois confidenciara ao outro muita coisa íntima. Naquela ocasião me pareceu que a partilha dos seus sentimentos altamente divergentes não poderia deixar de ter um resultado positivo. Ou chegariam à conclusão de que não tinham sido feitos um para o outro, ou continuariam a enfrentar juntos e abertamente esses problemas. As cartas, o convite de casamento e os cartões de Natal que me chegaram nos últimos anos indicam que a segunda alternativa prevaleceu.

Assim sendo, lidar diretamente com jovens que estão pensando em formar uma união, em grupos que lhes permitam ser francos, é um processo importante de construir relações mais duradouras.

Em seguida, a difusão cada vez maior de grupos de casais, em que o enfoque e a facilitação seriam semelhantes à que descrevi, tem sido de grande auxílio para muitos. Em se tratando de um relacionamento muito conturbado e incompatível, a experiência num grupo dessa natureza pode conduzir a uma separação ou ao divórcio mas, ao mesmo tempo, ajuda a grande maioria a realizar uma partilha mais pessoal, maior disposição para exprimir diferenças e resolvê-las, maior reconhecimento do seu afeto e da sua força recíproca.

Outra abordagem através da família é o início de reuniões de grupos familiais, realizadas regularmente, em que cada qual tem o direito de expressar plenamente as suas queixas, as suas mágoas e os seus bons sentimentos em relação aos outros membros da família. É evidente que um pai, pelo menos, precisa ser capaz de receber, compreender e aceitar esses sentimentos para que tenha bom êxito a tentativa. Mas onde for possível manter uma atmosfera de aceitação, não somente os pais se inteiram — muitas vezes pela primeira vez — dos sentimentos mais profundos dos filhos em relação a eles e em relação um ao outro, como também os filhos se inteiram dos sentimentos paternos. E ainda pela primeira vez, os filhos reconhecem freqüentemente que os pais são humanos — com falhas e estados d'alma, sentimentos de amor e de crítica — e não simples "adultos", isto é, seres que os jovens não conseguem compreender.

Numa das séries de *cassettes* enumeradas na bibliografia, uma mãe conta os acontecimentos extremamente emocionantes que ocorreram ao se iniciarem, pela primeira vez, as sessões familiais, começando com silêncios constrangidos e risadinhas nervosas, mas que acabaram revelando, pouco a pouco, sentimentos totalmente desconhecidos da parte do filho mais velho. Ela narra também alguns modos, divertidos e imprevisíveis, com que a família, trabalhando

como unidade solucionadora de problemas nessas reuniões, resolveu algumas questões que eram fontes de muita irritação para um ou mais membros da família. (Veja Rogers, *Cassettes* sobre ajustamento pessoal, capítulo 7.)

Todos esses esforços desenvolvidos no círculo familiar, na minha opinião, ensinam a pais e filhos o que significa ser humano com outra pessoa.

Permitam-me agora voltar para uma área inteiramente diversa em que, ao meu parecer, poderíamos dar alguns passos mais positivos. Este é o dilema dos filhos de pais divorciados. A maneira com que os tratamos atualmente é formalista e medieval. Na maioria das vezes consiste em dividir a criança pelo meio e dar uma parte a um pai e outra a outro. Entretanto, em nenhuma outra ocasião de suas vidas terão essas crianças maior necessidade de amor e de carinho. Elas precisam ser tratadas como pessoas e respeitadas como pessoas.

Como se poderia fazer isso? Estaremos dizendo, acaso, que uma cultura capaz, através dos seus laboratórios, de arrancar-nos do chão e projetar-nos no espaço, recua diante desse problema? Deveria haver dúzias de tentativas diferentes, desde as versões aperfeiçoadas dos *kibbutzim* até soluções ainda não sonhadas. Não é imaginação que nos falta, evidentemente, senão falta de vontade e incapacidade de acreditar que o desenvolvimento de uma criança realmente separada, expressiva, criativa, merece um enorme esforço de imaginação, de financiamento, de seres humanos que são humanos uns com os outros.

UMA OBSERVAÇÃO FINAL

Este capítulo tem apenas uma finalidade: fazer que as pessoas pensem na maneira de mudar — e até revolucionar — uma porção da sua cultura à beira da falência — o casamento e todas as suas ramificações e alternativas.

Quero acrescentar que o conceito de uniões — com ou sem casamento — como vasto e promissor laboratório me foi imposto pelo que aprendi com esses casais. Não comecei com essa idéia. Procurei escolher pessoas razoavelmente representativas. Elas não me pareceram — nem me parecem — casais ou pessoas fora do comum, exceto pela sua surpreendente disposição para contar a sua

vida tal como é. Somente pouco a pouco vi que há aqui uma enorme experiência que se processa à nossa volta. Qual será a nossa atitude diante dela?

Quanto a mim, só posso dizer que a minha experiência com essas pessoas me levou a um sentimento ainda mais profundo de confiança em sua capacidade de encontrar soluções evolutivas, curativas, para os problemas da vida em comum — se lhes dermos a necessária oportunidade. Elas representam um rico recurso para o nosso país e sobretudo para o seu futuro, se pudermos persuadir-nos a aceitar a revolução seriamente significativa que está acontecendo no terreno das uniões e confiar nela.

UMA BIBLIOGRAFIA ANOTADA PARA FUTURAS PESQUISAS

ESTE LIVRO LIMITOU-SE a ventilar tópicos de um âmbito muito extenso: variedades de casamento e divórcio; dificuldades sexuais; espécies diferentes de relacionamentos conjugais; problemas de comunicações; o futuro do casamento; alguns problemas da educação dos filhos. Muitos leitores hão de querer aprofundar-se em terrenos específicos. Por esse motivo pedi à minha amiga, extremamente lida, a Drª Alice Elliott, que preparasse a seguinte bibliografia anotada, à qual acrescentei alguns títulos. Acredito que dessa lista (e das breves descrições, cuidadosamente escritas) o leitor possa escolher não somente os tópicos que gostaria de continuar versando mas também o nível de "leveza" ou de "peso" da sua leitura. Duvido que encontre muitas respostas, mas o seu pensamento será, sem dúvida, enriquecido.

Diz a Drª Elliott: "... São tantas as facetas do casamento que decidi recomendar uns poucos livros em cada uma das várias categorias, que incluem perspectivas históricas, sexo, educação sexual, amor, comunicação, "jogos", divórcio, vida comunal, humor, poesia, sátira, estudos sobre o casamento e o sexo, educação de filhos, esterilidade, consciência de si mesmo, possibilidades futuras e outros tópicos. Aos livros, acrescentei filmes e *cassettes* gravadas, relacionadas com esses tópicos".

LIVROS

Abbott, Elisabeth. *The Fifteen Joys of Marriage.* Nova Iorque, The Orion Press, 1959.

Sátira medieval (ilustrada a cores) que acautela o jovem contra os "sofrimentos e o tormento" da vida de casado e encarece as alegrias do celibato.

Allard, William A. "The Hutterites — Plain People of the West", in *National Geographic, 138,* 98-125, jul. 1970.
Um bom resumo do grupo de comunas de vida mais longa que existe, conhecidas pelo seu pacifismo. Algumas das suas características exercerão vigoroso fascínio sobre os jovens, e outras pessoas poderão repudiá-las, mas o fato de haverem durado tanto tempo nos dá que pensar.

Armour, Richard. *A Short History of Sex.* Nova Iorque, McGraw-Hill, 1970.
Armour é um mestre da sátira. Leia este livro e ria-se do princípio ao fim da história do sexo, desde Adão e Eva, passando pelo Relatório Kinsey, até chegar ao cinema, à televisão e à Pílula.

Augsburger, David W. *Cherishable: Love and Marriage.* Nova Iorque, Pyramid Books, 1971.
Livro excelente, sobretudo para os jovens. Livro que desafiará qualquer um a examinar o que significa estar casado, ser homem, ser mulher, comunicar-se, ser pai, apreciar as atividades sexuais, tornar criativos os conflitos e ser fiel.

Bach, George R. & Deutsch, Ronald M. *Pairing.* Nova Iorque, Avon Books, 1970.
Este é um livro sobre a arte de comunicar-se e estabelecer contato com os outros. Uma nova concepção da palavra "intimidade". Os autores vêem-na como elemento essencial à sobrevivência emocional. Novas percepções, provocativas e práticas, do que é indispensável ao estabelecimento de relações humanas cordiais.

Bartell, Gilbert D. *Group Sex.* Nova Iorque, Peter H. Wyden, 1971.
Antropologista da Northern Illinois University, o autor passou três anos fazendo um estudo pioneiro dos swingers, *isto é,* hippies. *O número de pessoas nos Estados Unidos envolvidas nesse "sexo de grupo" foi calculado em 5 milhões. Ajudado pela esposa, o autor estudou mais de 280* "swingers *da classe média" sem participar de tais atividades. As motivações básicas dos* swingers *são muito complexas, mas parece haver uma esperança implícita em que eles podem aprimorar os seus casamentos. Uma triste história a respeito de pessoas que não sabem estabelecer relações humanas cordiais e talvez o triste*

resultado da importância que os meios de comunicação de massa atribuíram ao sexo.

Beauvoir, Simone de. *The Second Sex,* traduzido para o inglês por H. M. Parshley. Nova Iorque, *The Modern Library,* 1968.
The Patriarchal Times *afirma que essa famosa mulher francesa acredita que a vida em nossa cultura ocidental obriga as mulheres a assumir um lugar secundário na sociedade. Isto se faz pela tradição social e pela educação, controladas pelos homens. Enquanto tais condições não se alterarem, a mulher não poderá ocupar o lugar que lhe cabe por direito na sociedade com um sentido de dignidade humana e é relegada à dependência e à subserviência. Livro que se lê e compreende com facilidade. Trata-se de um clássico no seu campo.*

Bernard, Jessie. *The Sex Game.* Englewood Cliffs, N. J. Prentice Hall, 1968.
Livro notável sobre a comunicação entre os sexos. Cônscia das diferenças biológicas e emocionais entre os sexos, Jessie Bernard escreveu um estudo penetrante, bem documentado. A obra é de leitura fácil e altamente interessante. Excelente bibliografia.

Berne, Eric. *Games People Play.* Nova Iorque, Grove Press, 1964.
Como indica o título, as pessoas estão sempre brincando em seus relacionamentos pessoais. Trinta e seis jogos são analisados em sete categorias, que incluem jogos conjugais e jogos sexuais. Superficial às vezes, mas amiúde provocador.

Bertocci, Peter A. *Sex, Love and the Person.* Nova Iorque, Sheed & Ward, 1967.
Bertocci sublinha as relações recíprocas entre o sexo, o amor e a pessoa. Livro excelente sobre os prós e os contras da atividade sexual pré-conjugal, e as suas implicações para um casamento feliz.

Bird, Joseph, & Bird, Lois. *Marriage Is for Grownups.* Garden City, Nova Iorque, Image Books, 1971.
Análise dos problemas e diretrizes comuns do casamento, que ajudará o leitor a conseguir um relacionamento mais significativo no casamento. Os dois autores são conselheiros matrimoniais que suscitam questões mas não oferecem necessariamente as respostas. O primeiro capítulo, intitulado "Com que, então, você tem um problema", expõe-lhes as suposições. Nos capítulos seguintes, eles discutem "os principais pontos dos problemas". A comunicação é enfatizada.

Blake, Robert R. & Mouton, Jane S. *The Marriage Grid.* Nova Iorque, McGraw-Hill, 1971.

Ambos os autores são psicologistas que trabalham numa firma de ciência experimental denominada Scientific Methods Incorporated. *Livro sobre exames pessoais. Se o leitor estiver interessado em aperfeiçoar o seu casamento, procure usar essa grade, que o ajudará a compreender os próprios sentimentos e comportamento com a finalidade de realizar o seu potencial e o seu relacionamento conjugal. Livro interessantíssimo, que se lê com facilidade. Excelente bibliografia.*

Bossard, James H., & Boll, Eleanor S. *Why Marriages Go Wrong.* Nova Iorque, The Ronald Press, 1958.

Acreditam os autores que muitos dos nossos valores sociais e crenças atuais tendam a dificultar a consecução da felicidade no casamento. Os navegadores encontrarão cartas dos recifes e bancos, indispensáveis a uma viagem segura. O livro proporciona uma carta semelhante para os que não são casados.

Breasted, Mary. *Oh! Sex Education!* Nova Iorque, Praeger Publishers, 1970.

A autora fez uma investigação detalhada dos prós e contras do ensino da educação sexual nas escolas nos dias que correm. Ela não se sente feliz com a conclusão a que chegou: nenhum dos lados está sendo sincero com os jovens. No entanto, ela aprendeu a compreender tanto os prós quanto os contras. O leitor os compreenderá também lendo esse livro interessante e atualizado sobre o dilema da educação sexual em nossa sociedade.

Buber, Martin. *I and Thou,* tradução para o inglês de R. G. Smith Edimburgo: T. & T. Clark, 1937; Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1958.

Este livro fascinará alguns leitores e será repudiado por outros. Trata-se, essencialmente, de um grande poema em prosa, escrito com algo da profunda grandeza da King James Version. Dirige-se também, finalmente, ao eterno Tu, *o "integralmente outro... o integralmente Mesmo, o integralmente Presente", que os homens têm, amiúde, denominado Deus. É um livro que faz pensar, escrito por um homem de grande sabedoria.*

Capon, Robert F. *Bed and Board: Plain Talk About Marriage.* Nova Iorque, Simon & Schuster, 1965.

Padre da Igreja Episcopal, marido, pai de seis filhos, o autor escreve com espírito e prazer sobre o casamento. Que é realmente o casamento? Se a cama e a mesa — o amor e a alimentação — representam os seus alicerces, os seus sacramentos,

que mais estará envolvido nele? Diz o teólogo Reinhold Niebuhr que o autor arrebatou o assunto não só dos engenheiros de ajustamento, mas também dos sexologistas preocupados com a técnica e dos moralistas sentimentais.

Carden, Maren L. *Oneida: Utopian Community to Modern Corporation.* Baltimore, Md., The Johns Hopkins Press, 1969.

A história de uma das sociedades comunais mais bem sucedidas que se fundaram na América por volta de 1800. Este livro é o resultado de muita pesquisa de materiais colhidos na fonte.

Chapman, A. H. *Sexual Maneuvers and Stratagems.* Nova Iorque, G. P. Putnam's Sons, 1969.

Como o indica o título, as artimanhas sexuais são discutidas em profundidade, principalmente através de históricos de casos. Interessante, esclarecedor, elucidativo e humorístico.

Chesser, Eustace. *Is Chastity Outmoded?* Londres, The Windmill Press, 1960.

O Dr. Chesser, conhecido psiquiatra e autor prolífico, tem escrito sobre amor, sexo e casamento. O material apareceu, pela primeira vez, como um capítulo de um livrinho intitulado Getting Married, *publicado pela British Medical Association. Causou tamanho furor que, depois de vendidos duzentos mil exemplares e tomada a decisão de suspender as vendas, os dois organizadores do livro (o Dr. Chesser e o Dr. Winifred de Kok) demitiram-se da BMA. Este livro, extensão daquele capítulo, é um trabalho excelente, realizado por um competente escritor, que permitirá ao leitor compreender o processo de mudança de atitudes de uma geração para outra.*

—— *Love and the Married Woman.* Nova Iorque, G. P. Pulnam's Sons, 1969.

Outro livro de valor escrito pelo mesmo autor. Cônscio da importância do sexo no casamento, ele nos mostra que o conhecimento por si só não basta e que o amor não pode ser feito de acordo com regras preestabelecidas. Esse livro abrange as relações desde a lua-de-mel até a menopausa, e afirma o Dr. Chesser que, lido como o deve ser, o livro dará ao leitor uma compreensão mais profunda da sua natureza sexual.

—— *Un married Love.* Nova Iorque, David McKay Company, 1965.

O título descreve muito bem o assunto tratado. Um livro enternecido, cujo autor acentua a responsabilidade moral de um ser humano em relação a outro.

Ciardi, John. *I Marry You.* Nova Brunswick, N.J., Rutgers University Press, 1958.
Um belo livro de poesias sobre o amor entre um homem e uma mulher, começando com o amor inicial, através de todos os anos da vida de casados, com as suas realidades e vicissitudes e a morte inevitável.

Constantine, L., & Constantine, Joan.
Este casal está fazendo um estudo, que se acha em pleno desenvolvimento, de casamentos de grupo e do que ele denomina "relações multilaterais". Parte do seu trabalho inicial já foi publicada, mas as conclusões mais ricas ainda estão por aparecer — algumas delas no Journal of Sex Research. *Podem ser encontrados no seguinte endereço: Mohegan Road, 23, Acton, Mass. 01720.*

Cuber, John F., e Harroff, Peggy. *The Significant Americans.* Nova Iorque, Appleton-Century-Crofts, 1965.
Estudo íntimo de casais norte-americanos inteligentes e das vidas conjugais e extraconjugais que levam. Estabeleceu um precedente na época em que foi publicado. Uma das principais conclusões dos autores é que quase todos os arranjos conjugais concebíveis funcionam — em alguns casos.

Daniels, Anna K. *It's Never Too Late to Love.* Nova Iorque, Pyramid Books, 1956.
Famosa ginecologista dá sábios conselhos em linguagem leiga. Ilustrado pelos históricos de casos tratados por ela, este livro se ocupa essencialmente das mulheres e dos seus problemas especiais. Recomenda-se aos que desejam conseguir uma vida sexual e emocional mais satisfatória.

De Vinck, Jose, & Catoir, John T. *The Challenge of Love: Practical Advice on Freedom of Conscience and Happiness in Marriage.* Nova Iorque, Hawthorn Books, 1969.
Este livro visa a ajudar os "católicos que pensam" a encontrar a felicidade e o êxito no casamento. (Conselhos práticos para casados.)

Dillon, J. T. *Personal Teaching.* Columbus, Ohio: Charles E. Merrill, 1971.
Um relato inteiramente humano e pessoal, feito por um professor de escola secundária, que conta as suas tentativas, muitas vezes desajeitadas e tacteantes, de combinar uma autêntica afeição pessoal pelos alunos com a habilidade profissional. Que

ele descreve como "colocar no ensino a pessoa que somos e incentivar os alunos a colocarem no aprendizado as pessoas que são". O estilo é fácil e humorístico, mas as lutas são reais. A sua leitura aproveitaria a professores de todos os níveis, e os estudantes, secundários ou não, talvez se sintam animados ao saber que alguns *professores não dão provas, insistem em que os próprios alunos dêem notas aos seus trabalhos, não exigem freqüência, e discorrem sobre tópicos do agrado dos alunos.*

Donelson, Kenneth, & Donelson, Irene. *Married Today, Single Tomorrow.* Garden City, Nova Iorque, Doubleday & Co., 1969.
Este livro útil expõe vários aspectos da dissolução emocional e legal do casamento, e tem proveitosas sugestões para a reconstrução de uma nova vida.

Duvall, Evelyn M. *Love and the Facts of Life.* Nova Iorque, Association Press, 1968.
Destinado a jovens adolescentes, este livro procura responder a todas as perguntas básicas, ao mesmo tempo que leva em conta a preocupação dos moços pelo significado mais profundo dos relacionamentos entre um rapaz e uma moça, e do casamento.

Ellis, Albert E. *Sex Without Guilt.* Nova Iorque, Hillman Periodicals, 1959.
Livro baseado em pesquisas e no material colhido na clínica particular de psicoterapia e aconselhamento matrimonial do autor. O Dr. Ellis é um escritor fecundo sobre assuntos do sexo. Nenhuma outra publicação, além do Independent, *daria à estampa este material quando foi originalmente escrito, em virtude da sua natureza controvertida.*

Ellis, Havelock. *Psychology of Sex.* Nova Iorque, The New American Library, 1960.
O copyright *deste livro é de 1933, e a obra se encontra agora na sétima edição. Trata-se de um clássico no campo do sexo e do casamento. A sua leitura é menos fácil que a de outros. Se o leitor, contudo, estiver interessado numa perspectiva histórica de crenças e atitudes, há de querer lê-lo.*

Emrich, Duncan, organizador. *The Folklore of Weddings and Marriages.* Nova Iorque, American Heritage Press, 1970.
Costumes e tradições matrimoniais, compilados por um especialista em folclore, constituem leitura interessante e divertida.

Fast, Julius. *The Incompatibility of Men and Women, and How to Overcome It.* Nova Iorque, M. Evans & Co., 1971.

Quais são as causas da luta entre os sexos? Depois de entrevistar leigos e profissionais, o autor nos aparece com algumas perspectivas muito agradáveis de ler do que significa ser homem ou mulher nesta cultura.

Francoeur, Robert T. *Utopian Motherhood: New Trends in Human Reproduction.* Garden City, Nova Iorque, Doubleday & Co., 1970.

Estamos no limiar de uma época em que seremos capazes de controlar os processos de reprodução humana, de modo que o homem poderá modelar a própria evolução. Se o leitor espera estar vivo em 1984, leia este livro e evite o "choque do futuro". Científico, mas não demasiado técnico, a sua leitura é muito interessante. Excelente bibliografia.

Friedan, Betty. *The Feminine Mystique.* Nova Iorque, Dell Publishing Company, 1964.

Na época da sua publicação, este livro foi chamado "O best seller *mais controvertido do ano". Betty Friedan assinala as discrepâncias existentes entre a realidade e os níveis de expectativa de conformismo das mulheres norte-americanas. Em sua investigação, ela descobriu que muitas mulheres reagem esquizofrenicamente à mística da nossa cultura em relação a elas. O leitor poderá gostar deste livro ou considerá-lo superficial.*

Fromm, Erich. *The Art of Loving.* Nova Iorque, Harper & Row, 1956.

Embora escrito há muito tempo, este é um livro fundamental para se compreender exatamente o que o título sugere — a arte *de amar.*

Fromme, Allan. *The Ability To Love.* Nova Iorque, Pocket Books, 1971.

Que é amor? Há milhares de anos o homem vem tentando responder a esta pergunta. Neste livro, o autor examina os inúmeros aspectos do amor, desde "Que é?" até "Amor sazonado". Não se lê de uma assentada, mas voltamos sempre a ele, à cata de respostas que nos fazem pensar. E o nosso esforço é bem recompensado.

Futurist, abril de 1970, *iv,* 2.

Contém uma seção especial de dezoito páginas com magníficos artigos condensados sobre o futuro do casamento e da família.

o que se pode esperar do casamento de grupo e da vida em comum sem casamento, todos da autoria de escritores competentes. Estimulante e controvertido. (Futurist *é publicado pela World Future Society, caixa postal nº 19.285, 20th Street Station. Washington, D.C. 20036.)*

Geddes, Donald P., organizador. *An Analysis of the Kinsey Reports on Sexual Behavior in the Human Male and Female.* Nova Iorque, New American Library, 1959.

O título deste livro engloba convenientemente o seu conteúdo. Dezesseis autoridades em sociologia, educação, medicina, jornalismo, etc., analisam o significado desses relatórios para o leitor e para as gerações futuras.

Cordon, Thomas. *Parent Effectiveness Training.* O programa "no-lose" para a educação das crianças. Nova Iorque, Peter H. Wyden, 1970.

O casamento supõe freqüentemente a educação dos filhos. Ainda não se escreveram livros em número suficiente sobre a comunicação e os métodos eficazes de viver com os filhos e de amá-los. Neste, todavia, encontrará o leitor uma infinidade de idéias excelentes para os seus futuros filhos. Poderá até ajudá-lo agora a comunicar-se com seus pais.

Gustaitis, Rasa. *Turning On.* Nova Iorque, The Macmillan Company, 1969.

Relato pessoal de visitas a muitos "centros de desenvolvimento", encounter groups, *maratonas (incluindo uma cujos participantes se apresentavam nus) e histórias de algumas comunas. O capítulo 8 descreve a fase atual, de deterioração, de Morningstar Ranch, comuna completamente oposta a todos os valores da nossa atual sociedade, inclusive as normas higiênicas e sanitárias.*

Hall, Elizabeth, & Potecte, Robert. "A Conversation With Robert H. Rimmer", *Psychology Today,* janeiro de 1972, *5,* 8.
Rimmer, naturalmente, é famoso por haver escrito The Harrad Experiment, Proposition 31 *e* The Rebellion of Yale Marratt. *O primeiro livro descreve uma escola superior inventada pelo autor, onde os companheiros de quarto são escolhidos pela administração — um rapaz e uma moça em cada quarto — e as suas histórias subseqüentes.* Proposition 31 *advoga o casamento de grupo.* Yale Marrat *trata, entre outras coisas, de uma trinca que "funciona". Essa entrevista atualiza Rimmer, abrangendo trin-*

cas duradouras, casamentos de grupo, a aprovação, pela igreja, de várias alternativas, e alguns problemas e possibilidades dos vários arranjos. Para as pessoas não familiarizadas com a sua obra, este trabalho serve como apresentação do homem e do seu pensamento.

Halloway, M. *Heavens on Earth: Utopian Communities in America, 1680-1880,* 2ª edição. Nova Iorque, Dover Books, 1966.
Boa bibliografia. Para os que desejam estudar as primeiras tentativas comunais, sobretudo Oneida, este é um livro muito útil.

Hathorn, Raban, Genne, William H., & Brill, Mordecai, organizadores. *Marriage: An Interfaith Guide for All Couples.* Nova Iorque, The Association Press, 1970.
O casamento é um contrato, mas é também encarado pelos prismas mais diversos, como vocação, aliança e sacramento por grupos religiosos. Este livro único, organizado por um monge beneditino, um ministro protestante e um rabino, é de grande valor para casais de qualquer uma dessas crenças.

Hedgepeth, William, & Stock, Dennis. *The Alternative.* Londres: Collier Books, 1970.
Trazendo por subtítulo Communal Life in New America *(a vida comunal na Nova América), escrito de maneira interessante e lindamente ilustrado, o livro focaliza a "nova geração" e a sua participação em comunas, sobretudo rurais.*

Herndon, James. *The Way It Spozed to Be.* Nova Iorque, Simon & Schuster, 1968.
A vida dos guetos nas escolas da Área da Baía de São Francisco. Os problemas e frustrações dos alunos e professores ao tentarem modificar as maneiras que lhes parecem erradas.

Houriet, Robert. *Getting Back Together.* Nova Iorque, Coward-McCann & Geoghehan 1971.
Livro fascinante, escrito por um homem que viveu *em muitas comunas diferentes, durante períodos mais longos ou mais curtos, visitou outras e está agora tentando iniciar uma comuna própria. Pela primeira vez, os problemas e alegrias da vida comunal se apresentam num relato escrito na primeira pessoa. Aqui também se acha representada a série dos tipos de vida em grupo que passam por "comunas"*

Howard, Jane. *Please Touch.* Nova Iorque, McGraw-Hill, 1970. Subtítulo: *A Guided Tour of the Human Potential Movement.*

As experiências da Srta. Howard ajudarão o leitor a compreender o número cada vez maior de pessoas que têm consciência de que o não poderem expressar-se e não chegarem a saber o que realmente estão sentindo pode afetá-las, afetar-lhes o casamento, as relações pessoais e a sociedade em geral.

Hunt Morton M. *The Affair.* Nova Iorque, New American Library-Signet, 1971.

Os "casos" são uma forma de lidar com as dificuldades conjugais. Este livro é um estudo interessante dessas "viagens" extramatrimoniais. Compilação, feita sem a intenção de julgar, de uma grande variedade de tentativas para satisfazer necessidades pessoais. O fator mais significativo que o autor encontrou em sua pesquisa foi o "grau de envolvimento". Ele convida o leitor a pôr de lado todo e qualquer juízo e a examinar esse fenômeno da nossa sociedade. Livro baseado em pesquisas bem feitas e escrito de maneira interessante. Excelente bibliografia.

——*The World of the Formerly Married.* Nova Iorque, McGraw-Hill, 1966.

Este livro único focaliza os "costumes, problemas e experiências de pessoas que habitam uma subcultura semi-secreta..." Os separados e divorciados são virtualmente obrigados a deixar a vida social e familiar convencional. Como se adaptam ao novo estado, como travam novas amizades, como encontram novos companheiros? As respostas são interessantes e variadas.

Huxley, Aldous. *Island.* Nova Iorque, Harper and Row, 1962.

A Ilha *é a história da vida ideal na Ilha fictícia de Pala, tal como é vista por um jornalista inglês. Os insulanos praticam a hipnose, a eugenia e empregam métodos interessantes de educação dos filhos, além de utilizar a arte da percepção. Este livro é tão vigoroso quanto* Admirável Mundo Novo, *com muitas possibilidades de soluções para os problemas do mundo de hoje. O sistema de valores de* A Ilha *merece ser examinado.*

Ibsen, Henrik. *A Doll's House,* tradução para o inglês de Peter Watts. Baltimore, Md., Penguin Books, 1965.

Há cem anos, ao concluir-se a peça de Ibsen, Casa de Bonecas, *Nora batia uma porta. O conceito de uma mulher que tinha um dever para consigo mesma, como tinha para com o marido e para com os filhos, era tão surpreendente para o público quanto a batida da porta. Esta é a história das ilusões*

frustradas de Nora e do imenso papel que a ausência de comunicação desempenhou em seu casamento.

Kantor, Rosabeth M. "Communes", *Psychology Today,* julho de 1970, *4,* 53.
Boa análise dos muitos motivos e razões diferentes para a vida comunal. A autora mostra-se particularmente interessada por tudo o que favorece a permanência e inclui fatos extraídos do seu estudo anterior das comunidades utópicas do século passado.

Kaufman, Sherwin A. *New Hope for the Childless Couple.* Nova Iorque, Simon & Schuster, 1970.
Todos os aspectos de esterilidade são discutidos por esse especialista médico.

Klock, Frank. *Apes and Husbands.* Alhambra, Calif., Borden Publishing Company, 1970.
Um olhar emocionante e bem documentado dirigido ao homem desde os primitivos registros dos relacionamentos domésticos até agora. O autor está planejando escrever outro livro sobre o seu "assunto favorito — as mulheres". Depois de ler Apes and Husbands, *o leitor aguardará com interesse a publicação do seguinte. Uma perspectiva histórica que o elucidará, mas que também o fará maravilhar-se do progresso do homem.*

Landis, Judson T., & Landis, Mary G. *Building a Successful Marriage.* Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1968.
Esta é a quinta edição do livro, usado com freqüência como texto oficialmente adotado em aulas de "vida familiar" porque abrange de maneira completa os aspectos das relações em cada fase do ciclo vital — namoro, casamento, paternidade e os anos subseqüentes. Engloba também a administração do dinheiro, os problemas jurídicos, a adoção, o seguro, etc.

Larson, Cloyte M., organizador. *Marriage Across the Color Lines.* Chicago, III., Johnson Publishing Company, 1965
Baseado em resumos e históricos de casos, o livro é uma avaliação de casamentos inter-raciais, especialmente entre brancos e negros, e das dificuldades, tensões e forças das uniões dessa natureza.

Lash, Joseph P. *Eleanor and Franklin.* Nova Iorque, W. W. Norton, 1971.
História reveladora, que conta mais uma vez o processo pelo qual Eleanor Roosevelt se transformou, de um verdadeiro "pa-

tinho feio", numa das mulheres mais famosas do mundo. Recorrendo muito aos seus escritos e documentos pessoais, narra-lhe o relacionamento e as dificuldades com o glorioso marido, e as suas tentativas para influenciá-lo — às vezes com êxito, às vezes não. Consegue focalizar os dois, sendo o mundo político e o mundo do tempo da guerra simples panos de fundo. Como registro de um desenvolvimento é insuperável. Leitura muito amena.

Lederer, William J., & Jackson, Don D. *Mirages of Marriage*. Nova Iorque, W. W. Norton, 1968.
Está o casamento, nos Estados Unidos de hoje, ancorado em anacronismos? Os autores acham que sim, mas é gostoso encontrar um livro com prescrições e sugestões sobre como fazer vingar um casamento. Discute suposições falsas, técnicas para avaliar um enlace, técnicas de comunicação para melhorá-lo e os prós e contras do aconselhamento matrimonial. Leitura fácil, excelente. Magnífica bibliografia.

Leonard, George B. *Education and Ecstasy*. Nova Iorque, Delacorte Press, 1968.
Se o leitor estiver interessado numa opinião sobre o que se pode fazer no terreno da educação, há de querer ler este livro, cheio de idéias revolucionárias para os alunos e o currículo.

Lewis, C. S. *The Four Loves*. Londres, Collins, Fontana Books, 1960.
Um tratado filosófico sobre a afeição, a amizade, Eros e a caridade e sobre a maneira com que cada um se funde no outro. Ateu durante muitos anos, esse distinto humanista de Oxford tornou-se um dos mais influentes humanistas cristãos. Este livrinho bem merece ser lido.

Lewis, Oscar. *Tepoztlán: Village in Mexico*. Nova Iorque, Holt, Rinehart & Winston, 1960.
Este livrinho (apenas 104 páginas) é uma condensação dos dois estudos levados a efeito pelo autor em 1943-48 e em 1956-57. Proporciona uma boa imagem global da vida na aldeia, mas os capítulos sobre a família e o ciclo vital, desde a gravidez e o casamento até a velhice e a morte, serão provavelmente os mais interessantes.

Liswood, Rebecca. *First Aid for the Happy Marriage*. Nova Iorque, Pocket Books, 1971.

Descreve-se este livro como "um livro que se destina exatamente às pessoas que julgam precisar menos dele". Abrange todos os aspectos do casamento e constitui excelente obra de consulta.

Loomis, Mildred J. *Go Ahead and Live.* Nova Iorque, Philosophical Library, 1965.
Quando e como um jovem casal deixará o círculo vicioso e se juntará à Revolução Verde? Ron e Laura Baker não ingressaram numa comuna, porém numa comunidade onde puderam ter seu próprio pedaço de terra, conservar o seu casamento sem qualquer experimentação sexual de grupo, cultivar grande parte dos seus alimentos e educar seus filhos.

Lyon, Harold C., Jr. *Learning to Feel: Feeling to Learn.* Columbus, Ohio, Charles E. Merrill, 1971.
Toda uma série de métodos vitais pelos quais o professor de uma classe pode fazer do aprendizado uma viagem emocionante de descobrimentos. A sua filosofia desenvolveu-se a partir de uma carreira variadíssima e o seu relato não mede as palavras, não poupa detalhes e dá nome aos bois. É uma leitura proveitosa para quem se interesse pela educação do homem em sua totalidade — que sente, pensa e aprende nas duas áreas.

Mindley, Carol. *The Divorced Mother.* Nova Iorque, McGraw-Hill. 1969.
Esse "guia para o reajustamento", escrito por uma mãe de dois filhos, fornece as informações, sugestões e ajuda de que precisa toda divorciada em potencial que tenha filhos.

O'Neill, Nena, & O'Neill, George. *Open Marriage.* Filadélfia, Pa.. Lippincott, 1971.
Acreditam os O'Neills que o casamento deve e pode enriquecer a vida e abri-la. O resultado será o desenvolvimento e a renovação, mas é preciso que estes se baseiem num relacionamento sincero e comunicativo, em expectativas realísticas e na consciência da importância da personalidade.

Packard, Vance. *The Sexual Wilderness. The Contemporary Upheaval in Male-Female Relationships.* Nova Iorque, David McKay Company, 1968.
Muito conhecido pelas suas análises sociais, o autor passou quatro anos realizando pesquisas em grande parte do mundo ocidental, conferenciou com mais de trezentos especialistas — médicos, sociólogos, psicologistas, etc. — e submeteu mais de duas

mil respostas a um questionário seu à análise de um grupo de cientistas sociais de uma universidade. O livro revela como são "caóticos e conflitantes" as crenças geralmente aceitas e o comportamento geral adotado com respeito ao relacionamento entre o homem e a mulher. A última parte do livro propõe novos códigos sexuais e conjugais. Quer concordemos ou não com as suas idéias, a leitura do livro é estimulante.

Perls, Frederick S. *Gestalt Therapy Verbatim.* Lafayette, Cal., The Real People Press, 1969.

Afirma o Dr. Perls que "Sofrer a própria morte e renascer não é fácil". Cristo disse: "Deveis nascer de novo". A tarefa de tornar-se alguém verdadeiramente humano é ilustrada neste livro, que narra as relações pessoais do Dr. Perls com aqueles cujos sofrimentos vêm historiados nos Seminários do Sonho, incluídos no livro.

——*In and Out of the Garbage Pail.* Lafayette, Cal., The Real People Press, 1969.

A autobiografia do finado Dr. Perls. Relato autêntico da luta de um indivíduo pela auto-realização. Delicioso, sincero e profundo. Para responder à pergunta "Quem sou eu?" é vital que a pessoa tenha consciência da própria personalidade nas relações pessoais. O livro em tela ajudará o leitor nesse processo.

Rogers, Carl R., *Carl Rogers On Encounter Groups.* Nova Iorque, Harper & Row, 1970.

Podemos aprender muita coisa sobre comunicação bem como sobre os encounter groups *com este livro, que discute o processo, o adestramento e as funções do facilitador, e as muitas mudanças pessoais e de relacionamento que emergem da experiência. De acordo com Philip Slater, o notável sociólogo: "Finalmente... se escreveu um livro de verdade sobre os* encounter groups. *Claro, lúcido, simples, evocativo..."*

—— *Freedom to Learn.* Columbus, Ohio, Charles E. Merril, 1969. *O tema deste livro é a liberdade e a confiança. Embora o livro se dirija às mudanças que precisam ser introduzidas na educação, o seu enfoque da aprendizagem, da avaliação e da confiança em todas as relações pessoais ajudará o leitor na procura de relacionamentos duradouros e de uma intensificada consciência de si mesmo.*

————. "Interpersonal Relationships: USA 2000", *Journal of Applied Behavioral Science,* 1968, *4,* 3: 265-280.

Esse artigo suscita primeiro a questão da rapidez com que o homem pode adaptar-se ao ritmo sempre crescente da mudança. A seguir, projeta as possibilidades positivas e negativas na aglomeração urbana, na comunicação pessoal, nas relações entre o homem e a mulher e entre os pais e os filhos, na educação, na indústria, na religião, nos grupos minoritários, no início do século vindouro.

——*On Becoming a Person.* Boston, Houghton Mifflin, 1961; edição em brochura da Sentry Edition, também publicada por Houghton Mifflin, 1970.
Conquanto apenas um capítulo se refira diretamente ao casamento e à vida familiar, o livro abunda em material relacionado com o descobrimento de si mesmo, e nos modos com que podemos aprender a comunicar-nos.

Saxton, Lloyd. *The Individual, Marriage, and the Family.* Belmont, Cal., Wadsworth Publishing Co., 2ª edição, 1972.
Livro excelente em todos os sentidos. Abarrotado de fatos, escrito de forma interessante. Abrange tudo, desde o namoro até os meios específicos de prevenção da gravidez; desde os aspectos fisiológicos do sexo e do orgasmo até o conflito conjugal e o divórcio. A autoria é de um experimentado conselheiro matrimonial, que também dá cursos sobre o casamento e a família a estudantes.

Shedd, Charlie W. *Letter to Philip* (sobre como tratar uma mulher) Garden City, Nova Iorque, Doubleday & Co., 1968.
Escrito a pedido do filho, este é um maravilhoso livro de conselhos cujo autor, um ministro, acredita que na família se encontra a chave do futuro da nossa sociedade. Outro livro encantador é Letters to Karen, *escrito a instâncias da filha antes do seu casamento. Os jovens amam esses livros. Os pais descobrirão que o Reverendo Shedd disse muitas coisas que eles gostariam de dizer a seus filhos.*

Shostrom, Everett, & Kavanaugh, James. *Between Man and Woman. The Dynamics of Intersexual Relationships.* Los Angeles, Cal., Nash Publishing Co., 1971.
Os autores analisam a "representação de papéis" que ocorre no que denominam o "Carrossel do Casamento". Acentuam que o desenvolvimento pessoal é penoso, mas que pode verificar-se no relacionamento conjugal entre um homem e uma mulher se estes compreenderem que é possível estabelecer um "relaciona-

mento rítmico". O livro mostra como acabar com as brincadeiras e a representação de papéis e descobrir o verdadeiro sentido da intimidade no casamento. Às vezes acadêmico, às vezes muito pessoal, é um tanto irregular, mas útil.

SIECUS (Conselho de Informação e Educação Sexual dos Estados Unidos), organizadores. *Sexuality and Man,* introdução pela Drª Mary S. Calderone. Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1970.

Em linguagem despojada de termos técnicos e juízos críticos, este livro elucida uma ampla série de tópicos e é extremamente proveitoso para os pais e para os que trabalham com crianças e jovens. Os três últimos capítulos discutem a educação sexual, a ciência e a maneira com que os valores morais podem ser examinados, determinados ou avaliados. O apêndice oferece inúmeros recursos para os programas de educação sexual, incluindo uma lista de filmes disponíveis.

Smith, Gerald W. *Me and You and Us.* Nova Iorque, Peter H. Wyden, 1971.

Este livro agradará principalmente aos que gostam de manuais de instruções e conselhos práticos. Contém quarenta e sete exercícios utilizados pelo autor com casais em Esalen e alhures. Num deles, muito revelador, o casal planeja fazer qualquer coisa em conjunto — como passar uma tarde de domingo, por exemplo. Na sua opinião, isso revela a maneira por que o casal lida com o poder, quem assume a direção, e pode até mostrar a natureza do seu relacionamento sexual, bem como a qualidade da sua comunicação. Esta última é um assunto essencial do livro.

Tenenbaum, Samuel A. *A Psychologist Looks at Marriage.* Nova Iorque, A. S. Barnes & Co., 1968.

Acredita o Dr. Tenenbaum que, num bom casamento, os indivíduos dão um ao outro a coragem para viver e para ser. A maturidade e a capacidade de amor e sacrifício são essenciais, e este livro, que se lê com facilidade, ajudará o leitor a atingir essas metas. Um bom capítulo sobre comunicação.

Thorp, Roderick, & Blake, Robert. *Wives: An Investigation.* Filadélfia, Pa., Lippincott, 1971.

Um estudo único de esposas, ricas e pobres, cultas e incultas, cuja idade vai desde os vinte e quatro até os cinqüenta e dois anos,

que revelam as próprias lutas para fazer vingar o casamento. A sua leitura aproveitará aos homens que quiserem saber como se avêm essas esposas, bem como às mulheres que abrigam em segredo os temores, frustrações e solidão existentes em muitos casamentos.

Toffler, Alvin. *Future Shock.* Nova Iorque, Random House, 1970.
A mudança é inevitável. Como é que ela o afeta? Será você esmagado à medida que as mudanças se sucederem, cada vez mais rápidas? Como influirão elas nos seus padrões de amor, amizade, casamento, etc.? E, finalmente, como influirão no seu poder de decisão racional e na sua saúde? O autor desacredita uma série de chavões ao sondar o futuro para ajudar-nos agora.

Van de Velde, Theodor H. *Ideal Marriage. Its Physiology and Technique.* Nova Iorque, Random House, 1965.
Escrito por um ginecologista holandês internacionalmente famoso, traduzido para muitas línguas, entusiasticamente recebido tanto pela classe médica quanto pelo público leigo, este livro, o primeiro de uma trilogia, visa a aumentar as forças de atração mútua no casamento. Muito mais que um manual de conselhos práticos, inclui deliciosas citações e referências literárias e a própria filosofia do autor. Teve inúmeras impressões desde a sua primeira publicação, há uns quarenta anos, e tornou-se um clássico. A edição de 1965 foi revista para incluir informações sobre prevenção da gravidez, fecundidade, etc.

Viorst, Judith. *It's Hard to Be Hip Over Thirty and Other Tragedies of Married Life.* Nova Iorque, New American Library, 1968.
Deliciosa poesia humorística. Os problemas domésticos são metidos a riso com grande discernimento.

Williams, Mary McGee. *Marriage for Beginners.* Nova Iorque, The Macmillan Company, 1967.
Escrito para jovens casais de noivos, o livro se divide em três partes — O seu Amor, A sua Vida, O seu Lar — e é um manual completo e sensato. Quer discuta a preparação para o casamento, o modo de lidar com os inevitáveis e variados problemas, quer explique a maneira mais eficiente de limpar a casa, a autora é afetuosa e útil.

Wyse, Lois. *I Love You Better Now.* Cleveland, Ohio, Garrett Press, 1970.

A *autora de* Love Poems for the Very Married *e* Are You Sure You Love Me? *entre outros, escreveu mais um livro encantador de poemas sobre o amor e o casamento.*

Yablonsky, Lewis. *The Tunnel Back*: *Synanon.* Nova Iorque, The Macmillan Company, 1965; e também numa edição em brochura, Pelican.

Possivelmente o melhor relato de todo o movimento de Synanon para lidar com os casos graves de toxicomania. Iniciado na frente de uma loja por Check Biedrich, seu líder, transformou-se numa vasta empresa com muitas casas, criando o "Synanon" para tratar dos problemas que surgem entre os toxicômanos. Apresenta alto coeficiente de êxito quando *a pessoa fica.*

CASSETES

Cada uma delas constitui uma série de *cassettes,* que se podem encontrar na Instructional Dynamics, Inc., 166 East Superior Street, Chicago, Illinois, 606u. Os preços variam de acordo com o número de *cassettes* de cada série.

Bach, George R. *How to Fight Fair*: *Understanding Aggression.*

O Dr. George Bach mostra como todos nós podemos lidar criativamente com os desconcertantes problemas da raiva e da violência humanas. Advoga a liberação da agressão que muitos de nós receamos exprimir.

Rogers, Carl R. *How to Use Encounter Group Concepts.*

O Dr. Rogers fala sobre o processo, a prática e os métodos utilizados nos encounter groups, *às vezes dialogando com outras pessoas. Discute o que realmente acontece num* encounter group, *a significação social desses grupos, os sinais de perigo e o adestramento dos facilitadores. Muito informativo.*

—— *Personal adjustment.*

O Dr. Rogers fala direta e intimamente, como o faria numa conversa entre duas pessoas. Discute a importância de sermos a pessoa que somos. A série visa a aumentar a compreensão de nós mesmos e a capacidade de sermos.

Whitaker, Carl. *What's New in Husband-Wife Counseling?*

O Dr. Whitaker discute a psicologia e a mecânica do casamento desde os tempos em que se fazia a corte até o tempo em que as crianças crescidas estão prontas para sair de casa. Explica o que está envolvido em tudo isso, a fim de assegurar um duradouro elo físico e emocional no casamento.

A Doll's House.

Este filme da grande peça de Ibsen, escrita há quase um século, mostra o papel que a ausência de comunicação representa num casamento. Distribuído através da Encyclopaedia Britannica Educational Corporation.

Because That's My Way.

Um grupo que contém um agente de narcóticos, jovens toxicômanos e não toxicômanos — negros e brancos — e um traficante de tóxicos condenado pela justiça. Facilitado pelos Drs. Carl Rogers e Anthony Rose. Filme colorido, de sessenta minutos, produzido por W. H. McGaw e a Estação WQED, Pittsburgh, Pa. Fornecido pela Great Plains Instructional Television Library, da Universidade de Nebraska, Lincoln, Nebraska. O filme indica como indivíduos hostis podem construir relacionamentos.

Games people play: The practice; Games people play: The theory.

Uma série de entrevistas com Eric Berne, autor do livro Games People Play. *Em duas partes de trinta minutos cada uma. Consegue-se por intermédio do NET Film Service A. V. Center, Universidade de Indiana, Bloomington, Indiana 47401.*

Journey into Self

Experiência com um encounter group, *em que Carl Rogers e Richard Farson se apresentam como facilitadores. O filme, que venceu o Prêmio da Academia, foi produzido por W. H. McGaw. Fornecido pelo Wester Behavioral Sciences Institute, 1150 Silverado, La Jolla, Califórnia 92037.*

Mother Love

Um filme de vinte e seis minutos acerca dos estudos do Dr. Harry Harlow sobre macacos e a importância da comunicação táctil (CBS, Nova Iorque).

Self-Actualization

O Dr. Abraham H. Maslow enfatiza e ilustra os aspectos da auto-realização que sublinhou em seus escritos. Sessenta minutos. Colorido. Pode ser solicitado à Psychological Films, Inc., 205 West 20th Street, Santa Ana, Califórnia.

Sessions In Gestalt Therapy.

O Dr. Frederick Perls ilustra e discute os seus métodos de comunicação e percepção. Media-Psych. Corp., Caixa Postal 7.707, San Diego, Califórnia 92107.

Some Personal Learnings About Interpersonal Relationships.

Uma conferência filmada do Dr. Carl Rogers. 16 mm preto e branco, 33 minutos. O título do filme indica o tema da conferência. Desenvolvido pelo Dr. Charles K. Ferguson, UCLA, distribuído pelo Extension Media Center da Universidade da Califórnia, Berkeley, Califórnia 94720.

Three Approaches to Psichotherapy.

Os Drs. Carl R. Rogers, Fritz Perls e Albert Ellis entrevistam sucessivamente a mesma mulher, Gloria, durante o dia, utilizando enfoques muito diferentes de um relacionamento proveitoso. Os problemas de Gloria giram em torno do relacionamento entre o homem e a mulher e entre mãe e filhos, assim como da compreensão de si mesma. Cada entrevista dura 45 minutos. Os pedidos devem ser endereçados à Psychological Films, Inc., 205 West 20th Street, Santa Ana, Califórnia.

Este livro
foi confeccionado nas oficinas da
SEDEGRA S.A. — GRÁFICOS E EDITORES,
na Rua Matipó, 101/115, Rio, GB, para a
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA,
na Rua Marquês de Olinda, 12 (Botafogo), Rio,
em outubro de 1974, ano do

SÉTIMO CENTENÁRIO DA MORTE DE
Santo Tomás de Aquino (* 1225 † 1274)

—SEXTO CENTENÁRIO DA MORTE DE
Francesco Petrarca (* 20-7-1304 † 19-7-1374)

—TRICENTENÁRIO DA MORTE DE
John Milton (* 9-12-1608 † 8-11-1674)

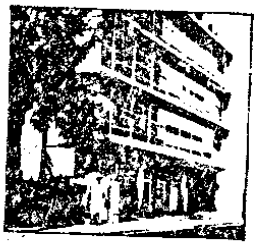
—BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
Hipólito José da Costa (* 13-8-1774 † 11-9-1823)

—SESQUICENTENÁRIO DO JURAMENTO
DA PRIMEIRA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA
(Constituição Política do Império do Brasil, 25-3-1824)
E DA MORTE DE
Antônio de Morais Silva (* 1-8-1755 † 11-4-1824)

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE
Raul Pederneiras (* 15-8-1874 † 11-5-1953)

—CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE
Vicente de Carvalho (* 5-4-1866 † 22-4-1924)

e 43º da fundação desta Casa.



GB: Rua Marquês de Olinda, 12, RIO DE JANEIRO
SP: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO
MG: Rua dos Caetés, 186 — Edifício Itatiaia, BELO HORIZONTE
PE: Praça do Carmo, 40 — Edifício Leila, RECIFE
RS: Rua dos Andradas, 717, PORTO ALEGRE
DF: CLS-108, Bloco D, Rua da Igrejinha, BRASÍLIA
BA: Rua Gustavo dos Santos, 10, SALVADOR
PR: Rua Dr. Murici, 650, CURITIBA

Outros Lançamentos

O QUE É PSICOLOGIA
Richard H. Henneman

PSICOLOGIA DOS PROCESSOS SIMBÓLICOS
S. Glucksberg

PSICOLOGIA DA PERCEPÇÃO
R.H. Day

EMOÇÕES
José M.R. Delgado

PIAGET: MODELO E ESTRUTURA
Zélia Ramozzi Chiarottino

PRIVAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA
Maria Helena Souza Patto

PSICOLOGIA DOS SUPERDOTADOS
Rachel Lea Rosenberg

MOTIVAÇÃO HUMANA
Arrigo Leonardo Angelini

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO HUMANO
Ellen P. Reese

PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE
Robert W. Lundin

TERAPIA DOS DISTÚRBIOS DA PERSONALIDADE
Jules Masserman

LINGUAGEM CORPORAL
Julius Fast

COMPORTAMENTO ÍNTIMO
Desmond Morris

CRIANÇAS SÃO OS MELHORES PSICÓLOGOS
A.H. Chapman

FENÔMENOS PSICOSSOMÁTICOS
Howard R. e Martha E. Lewis

PARA ONDE VAI A EDUCAÇÃO?
Jean Piaget

ESCOLA NO FUTURO
Lauro de Oliveira Lima

Autor: ROGERS, Carl R.

Título: Novos Temas do Amor

Nº Cham. | Nº Reg. 150.1 RC 10

Data da Devolução

19/05/06			
16/06/06			
25-09-10			

LHOR AMIGO
ANALISTAS)
Berkowitz

COMER

ES

SÃO

E

TODOS

Autor: _____

_____

Título: _____

_____

Nº de Registro: _____

Impressos GLOBO Padronizados 60 0173 3307-1 - CNPJ 92.724.053/0004-16 -Cachoeirinha-RS - Indústria Brasileira